

AMOR SEM ESCALAS

WALTER KIRN

LIVRO QUE DEU
ORIGEM AO FILME DE
JASON REITMAN,
DIRETOR DE *JUNO*



"O ESTILO DE KIRN É BRILHANTE E METÁLICO, IGUAL À
RELUZENTE CARCAÇA DE UM AVIÃO A JATO. MAS, FELIZMENTE,
A MENSAGEM POR TRÁS DE TUDO TEM OS PÉS NO CHÃO."
- JOHN GALLAGHER, CHICAGO TRIBUNE



walter kirn



amor sem escalas

Tradução de Gabriel Zide Neto



Walter Kirn

Amor sem escalas

Ryan Bingham é um consultor que tem a tarefa de demitir funcionários para cortar gastos das empresas.

Viaja de um lugar a outro a trabalho, e vê a chance de acumular um milhão em milhas aéreas antes de ser demitido do emprego,
e fica obcecado com a ideia.

Título: *Amor sem escalas* — 1ª Ed. (2010)

Título original: *Up in the air*

ISBN: 9788501082596

Literatura norte-americana

Ano de edição: 2010

Copyright: 2001

Autor: Walter Kirn

Tradução: Gabriel Zide Neto

352 páginas

ISBN-10: 8501082597

ISBN-13: 9788501082596

Editora: Record 1ª Edição (18 janeiro 2010)

livros de walter kirn

Thumbsucker

My Hard Bargain

She Needed Me

*para Maggie, Maisie e a criança por vir.
com agradecimentos a todos de minha família e
em memória do pai David Parker*

*Estes são os dias que devem te acontecer:
Não acumularás o que se chama riquezas,
Espalharás com mão pródiga tudo aquilo que ganhares ou
alcançares,
Mal chegas à cidade a qual foste destinado, mal te acomodas
satisfatoriamente e já és chamado por um irresistível apelo a partir,
Receberás sorrisos irônicos e escárnios dos que permanecem para
trás,
Responderás aos acenos de amor que recebes somente com ardentes
beijos de despedida,
Não permitirás a retenção dos que esticam suas mãos estendidas
em tua direção.*

WALT WHITMAN
“Canção da estrada aberta”, 11ª estrofe

Coloque sua própria máscara de oxigênio antes de ajudar os outros.

NORTHWEST AIRLINES
Aviso de bordo

itinerários de Ryan M. Bingham

(8/9/ a 13/9)

ITINERÁRIO 1

DOMINGO, 8 DE SET SAN ANTONIO/KANSAS CITY/DENVER

Viagem #1 Great West Airlines Voo 3881

Partida San Antonio 6:50

Chegada Kansas City 8:40

Transporte Maestro Rent-A-Car

(Tam. Médio)*

Viagem #2 Great West Airlines Voo 3465

Partida Kansas City 17:55

Chegada Denver 19:25

Transporte Local

Hotel Homestead Airport Inn

& Conference Center

3670 Tower Rd.

(Suíte Business Advantage)

SEGUNDA, 9 DE SET DENVER/RENO

Viagem Great West Airlines Voo 3204

Partida Denver 9:55

Layover Elko, NV

Chegada Reno 12:20

Transporte Maestro Rent-A-Car

(Tam. Med., Premium Import)

ITINERÁRIO 2

TERÇA, 10 DE SET RENO/ONTARIO, CA/DALLAS

Viagem #1 Great West Airlines Voo 3278

Partida Reno 7:35

Chegada Ontario, CA 9:05

Transporte Maestro Rent-A-Car
(Mid-Size, Premium Import)

Hotel Homestead Suites
4576 Citrus Blvd.
(Ultra Single)

Viagem #2 Desert Air Airlines Voo 5468
Partida Ontario, CA 20:25
Layover Tucson
Chegada Dallas-Fort Worth 23:40

Transporte Local

Hotel Homestead Airport Inn
739 Commerce Rd.
(Suíte Business Advantage)

QUARTA, 11 DE SET DALLAS/SEATTLE

Viagem Great West Airlines Voo 3835
Partida Dallas-Fort Worth 13:10
Chegada Denver 14:10
Partida Denver Voo 3950 14:55
Chegada Seattle 15:40

Transporte Local

Hotel Homestead By-the-Bay
356 4th St.
(Suíte Chairman)

ITINERÁRIO 3

QUINTA, 12 DE SET SEATTLE/LAS VEGAS

Viagem Great West Airlines Voo 3454

Partida Seattle 7:40

Chegada Las Vegas 10:50

Transporte Maestro Rent-A-Car
(Compacto)

Hotel Cinema Grand Hotel & Casino

555 Las Vegas Blvd.

(Suíte Bel-Air Elite Expanded)

SEXTA, 13 DE SET LAS VEGAS/OMAHA/MINNEAPOLIS

Viagem #1 Great West Airlines Voo 3115

Partida Las Vegas 11:25

Chegada Denver 12:50

Partida Denver Voo 3860 13:30

Chegada Omaha 14:40

Transporte Maestro Rent-A-Car
(Grd., Premium Import)

Viagem #2 Great West Airlines Voo 3010

Partida Omaha 18:05

Chegada Minneapolis-St. Paul 19:20 P.M.

Hotel Sem reserva

um



Para me conhecer, você precisa andar de avião comigo. Sente aí. Estou no corredor e você na janela — encurralado. Você abre seu livro barato, o grande *thriller* de tribunal que saiu há seis meses, convicto de que tudo o que mais deseja é ficar sozinho, mas eu sei que é o contrário: você precisa conversar. O elegante comissário de bordo traz nossas bebidas: leite semidesnatado com uma pedra de gelo para mim e um Wild Turkey para você. Lá fora está molhado, as pistas, escuras e esburacadas.

É fim de tarde. A cabine da primeira classe se enche de outros executivos que ligam seus laptops e abrem grandes planilhas de cálculos ou aproveitam os últimos momentos antes da decolagem para fazer ligações pelo celular para esposas e clientes. As vozes são vivas, mas rasas, não usam o diafragma, as frases reduzidas ao mínimo para economizar a bateria, e, quando desligam, eles olham para a janela, suspiram e ajustam o relógio do fuso horário da Zona Central dos Estados Unidos para o das Montanhas, uma hora antes. Para alguns, isso significa um dia mais longo; para outros, quer dizer jantar antes de ter fome. Um sujeito abaixa a cortina da janela e aninha a cabeça entre dois travesseiros ínfimos, enquanto outro abre a mala, olha lá dentro depois fecha os olhos e coça o queixo, exausto.

Temporariamente, porém, seu trabalho já terminou. A semana inteira você batalhou, entretendo importantes clientes em potencial em franquias de frutos do mar e dirigindo um Dodge Intrepid alugado por ruas estranhas que nada tinham a ver com as marcações no seu mapa. Você deu o melhor de si e, pelo menos uma vez na vida, o melhor de si foi suficiente para aplacar um chefe que teme perder o próprio emprego. Você guardou a gravata na mala de mão, desabotoou o colarinho e afrouxou o cinto um furo ou dois — para poder respirar. Porque respirar pode ser um luxo de vez em quando.

— Esse livro é aquele dos assassinatos por causa de uma fraude fiscal? Dizem que as tramas dele não são mais o que costumavam ser.

Você empaca antes de responder, tentando me desestimular. Para você, eu sou do tipo que fala sem parar. Um transtorno. Você ainda está se recuperando do último chato, no voo Los Angeles-Portland, cujo neto acabou de entrar na Stanford Law School. Garoto brilhante e também ótimo atleta, começou seu primeiro negócio ainda adolescente, informatizando o serviço de fraldas do município, embora o que realmente contribuiu para sua admissão em Stanford tenha sido seu trabalho de caridade: o garoto tem um fraco por imigrantes sem-teto, o que provavelmente descreve a todos nós da Costa Oeste — embora alguns estejam em situação pior que outros. Nós temos sorte.

— Estou na página 11 — você diz. — A trama ainda está se formando.

— Já chegou ao quarto lugar do *New York Times*.

— Eu não leio o *New York Times*.

— Você mora em Denver? Está voltando para casa?

— Estou tentando.

— Nem me fale. Um atraso atrás do outro.

— O tempo está ruim num dos aeroportos de conexão.

— Eles sempre dizem isso.

— Acho que, hoje em dia, não nos consideram muito.
— Melhor nem falar nisso. Notícia interessante aquela dos Broncos que saiu ontem.
— Futebol profissional é uma farsa.
— Não posso discordar.
— Milionários e criminosos. Esses atletas me dão nojo. Mas de hóquei, eu gosto. Hóquei, eu não odeio.
— É a influência canadense — digo. — Desinfla o materialismo.
— Hein?
— Uso termos difíceis quando estou cansado. Pedantismo de professor. Desculpe. Eu também curto hóquei.

Foi tanta insistência que o átomo se dividiu. Você relaxa. Nós continuamos conversando, no começo assuntos impessoais, mas depois que percebemos tudo o que temos em comum — a mesma posição política: moderada, o mesmo gosto para carros alugados, a mesma sensação de que o setor de serviços americanos precisa melhorar logo ou vai entrar em crise — surge certa proximidade, uma solidariedade amistosa. Você me recomenda um hotel em Tulsa; eu dou a dica de um restaurante em Fort Worth que serve uma ótima costela. O avião corta uma nuvem, dá um solavanco e estremece. Nada como uma turbulência para ajudar a fortalecer uma amizade. Mais um pouco e você já está me falando da sua família. Sua filha, uma ginasta ainda na escola. Sua querida esposa. Ela voltou a trabalhar e você não tem certeza se gosta disso, embora o emprego seja de apenas meio expediente e talvez não dure. Outra coisa de que você não gosta é viajar. O pessoal azedo das companhias aéreas. As trocas de bagagem. Os colchões macios demais nos hotéis, que acabam com sua coluna. Você espera conseguir um bom dinheiro que lhe permita largar tudo e se dedicar ao seu grande hobby: restaurar lanchas antigas. É na água que você se sente mais feliz. No lago.

Agora é minha vez. Faço um relatório completo. Sou solteiro, mas sempre de olho em alguém — nunca se sabe, vai que a mulher sentada na poltrona 3B é minha alma gêmea.

Já fui casado, tinha esperança de formar uma família, mas convivia com ela mais por telefonemas, de diferentes fusos horários. Cresci em Minnesota, no campo; meu pai era dono de uma frota de caminhões de gás propano e se elegeu deputado estadual duas vezes pelos democratas, pressionando por um planejamento agrícola destinado ao fracasso enquanto deixava seu negócio afundar. Meus pais se separaram quando eu ainda estava na faculdade, um lugar hippie na Costa Leste — imagine uma creche gerida por Ph.Ds —, e quando voltei para casa não havia mais ninguém para me receber, a não ser advogados, leiloeiros e acusações — algumas verdadeiras, mas poucas importantes. Meu primeiro emprego foi na indústria de informática. Eu vendia memória, um produto perfeito, já que nunca ninguém tem memória o suficiente e todo mundo tem medo de que o concorrente tenha mais. Agora trabalho como consultor administrativo, com parte do meu tempo dedicado a TEE (Treinamento de Eficiência para Executivos) e uma ênfase — infinitamente maior, infelizmente — em ATC (Aconselhamento para Transição de Carreira), que é uma maneira elegante de chamar a atividade de treinar as pessoas para verem a perda do emprego como uma oportunidade para o crescimento pessoal e espiritual. Foi um trabalho em que caí porque não tive força para dizer não e que aprendi a tolerar porque precisava, e de repente eu não conseguia ficar nem mais uma hora nele. Minha carta de demissão está na mesa de um homem que em breve vai chegar de uma longa viagem, estava pescando. O que vou fazer depois que ele ler, não sei. Minha curiosidade está sendo atiçada por uma empresa chamada MythTech; eles fizeram umas sondagens. Tenho outros carvões na brasa, mas nenhum ainda pegou fogo. Até meu superior voltar de Belize, continuo trabalhando em Denver para a ISM — Integrated

Strategic Management. Já ouviu falar da Arthur Andersen? Da Deloitte & Touche? Nós somos parecidos com eles, embora mais diversificados. “O Negócio dos Negócios”, é como chamamos. Um dia, isso também me deixou impressionado.

Com o tempo passando e a comida chegando (você tenta o frango à florentina, eu fico com o filé e nenhum de nós chega perto daquela sobremesa cheia de creme), a intimidade que surge entre nós chega a dar medo. Eu gostaria de pensar que ela apareceu natural e mutuamente, e não porque forcei a barra. Às vezes, eu forço. Trocamos cartões e os enfiamos nas carteiras, então pedimos mais uma bebida e continuamos conversando, chegando enfim ao ponto que eu conheço melhor, o assunto sobre o qual sou capaz de falar a noite inteira.

Quer saber ao lado de quem você está sentado? Vou lhe contar.



Os aviões e os aeroportos são os lugares onde me sinto mais em casa. Tudo o que gente como você mais detesta neles — o ar seco e reciclado, cheio de vírus; os salgadinhos que parecem salpicados com petróleo quente; a luz artificial capaz de exaurir a aura de alguém — acabou se tornando para mim, no decorrer dos anos, ternos e familiares.

Adoro as salas VIP do Compass Club nos terminais, especialmente a sala principal, em Denver, que tem uma máquina de suco e sofás de camurça escuros e uma janela panorâmica que vai do chão até o teto, mostrando os aviões taxiando na pista. Adoro os restaurantes e quiosques perto dos portões, cheios de minipizzas de massa integral e donuts para os apreciadores. Curto até os apart-hotéis construídos perto das pistas que dão acesso ao aeroporto — às

vezes são o mais próximo que eu chego das cidades que meu emprego exige que eu visite. Dou preferência aos quartos do tipo quitinete com mesas de reunião, e um dia ofereci um banquete de Natal num deles, servindo presunto defumado e uma torta de batata-doce para uma dúzia de porteiros e arrumadeiras. Eles se revezaram para jantar comigo durante os intervalos, um ou dois de cada vez, de maneira que pude conhecê-los realmente bem, embora a maioria não falasse inglês. Tenho talento para isso. Se não tivéssemos nos entrosado tão bem, se tudo o que nós tivéssemos falado um com o outro não fosse mais que “Essa poltrona é minha” ou “Já terminou sua *Business Week*? ou simplesmente “Com licença”, eu ainda assim diria que somos grandes amigos e esperaria que, se algum dia voltássemos a nos encontrar aqui em cima, não tivéssemos que começar tudo do zero, como dois engravatados. Em outubro passado, por duas vezes me sentei na mesma fileira, em rotas diferentes, da Miss Estados Unidos de 1989, aquela que virou *hostess* em Washington e aparentemente trabalha sem parar pelo direito a voto. Pessoalmente, ela é pequena e mal passa de um metro e meio de altura. Eu a ajudei a guardar a bagagem no compartimento de cima.

Mas você já sabe um pouco dessas coisas. Você também viaja de avião. Só que, aparentemente, ainda não foi fisgado; ainda não estuda isso.

Ei, talvez você seja um cara normal.

Os amigos ocasionais não são meus únicos amigos, mas são os melhores. Porque eles conhecem essa vida — muito melhor que minha família. Nós somos uma família telefônica, ligada por fios, trocando notícias aos pedaços e indo direto ao que é mais importante. Não nos encontramos muito, e quando isso acontece surge uma sensação de imaterialidade, como se somente metade de nossas moléculas estivesse presente. Triste? Na verdade, não. Nós somos muito ocupados. E eu não estou sozinho. Se tivesse que

escolher entre conhecer pouco um monte de gente e conhecer tudo sobre poucas pessoas, acho que optaria pela alternativa mais ampla.

Estou tranquilo. Me sinto em casa aqui. Andar de avião não é um inconveniente para mim como é para meus colegas da ISM que metem o pé na estrada para provar o quanto são leais à empresa — que por sinal adora esse tipo de prova e, segundo dizem, premia a atitude vez ou outra. Mas nunca ambicionei ter um escritório na sede mundial da companhia, perto de casa, da lareira e do céu, com uma mesa com vista para as Montanhas Rochosas e acesso à academia do nono andar. Imagino que eu seja uma espécie de mutação, uma nova espécie, e embora tenha um apartamento para armazenar minhas coisas — a propósito, fechei o apartamento há umas duas semanas e transferi tudo para um depósito cujo aluguel ainda tenho que pagar e talvez nem pague —, eu moro em outro lugar, nas margens das minhas trajetórias.

Chamo minha casa de O Mundo Aéreo: o cenário, o lugar, o estilo. Meus jornais são o *USA Today* e o *Wall Street Journal*. As grandes telas Panasonic nas salas VIP transmitem todas as notícias de que eu preciso saber, com ênfase nos mercados e no tempo. Os livros que eu leio — e você também — são os *best sellers* ou os quase *best sellers* cujos temas principais são, de longe, espionagem, grandes jogadas financeiras e a bondade das pessoas comuns nas cidades pequenas. No Mundo Aéreo, descobri que as paixões e os entusiasmos da sociedade que nos cerca são concentrados e reduzidos a um palavrorio fútil. Quando uma nova celebridade é talhada nos cinemas ou nos campos de beisebol, é aqui que a coisa explode — nas grandes fileiras de revistas que formam uma espécie de bolsa de valores para reputações públicas e rostinhos bonitos. Acredito que aqui é possível, como em nenhum outro lugar, pensar em mim como parte de uma comunidade que precifica os títulos de longo prazo e determina a largura das gravatas. O Mundo Aéreo é um país dentro de um país, com língua, arquitetura, humor e até

moeda próprios — a economia simbólica das milhas aéreas, que passei a valorizar mais que aos próprios dólares. Ela não é corroída pela inflação, não paga imposto; é a forma mais pura de propriedade privada.

Foi durante uma escala no Compass Club em Dallas, com as costas afundadas num sofá mole e o sal áspero de uma margarita secando em meus lábios, que contei a uma amiga, pela primeira vez, sobre o meu SMT, meu Sistema de Milhagem Total.

— É muito simples — eu disse, enquanto minha mão subia pela perna dela (a mulher era mais velha que eu e recém-separada; uma publicitária de Los Angeles que alegava que sua equipe havia elaborado o conceito por trás dos cartões de crédito de afinidade). — Eu não gasto um tostão, se puder, a não ser que isso ajude a aumentar minhas milhas. Não estou falando só de carros e hotéis, internet e serviços de ligações interurbanas, mas até carnes por encomenda, clubes de CDs e floristas por telefone. Faço minhas compras dependendo das milhas que paguem e jogo um fornecedor contra o outro até conseguir a melhor oferta. Até a minha corretora da bolsa paga milhas como dividendos.

— E qual é o seu total?

Eu sorri, mas não falei. Minha vida é um livro aberto em quase tudo, mas acho que mereço ter meus segredinhos.

— E para quê você está economizando? Para uma grande viagem de férias?

— Não costumo tirar férias. Só estou acumulando. Eu gostaria de doar uma parte para a caridade, para um desses grupos que transportam meninos doentes de avião até um hospital.

— Eu não sabia que isso era possível. Que bonitinho — ela disse. Então me beijou, rápido, de leve, mas com sentimento, uma rápida passadinha com a ponta da língua que prometia que mais estaria por vir se nos encontrássemos de novo, o que ainda não aconteceu. Se acontecer, lamento, mas talvez tenha que dispensá-la. Ela já era

velha demais para mim naquela época, três anos atrás, e as executivas de agências de propaganda depois que começam a envelhecer, tendem a fazê-lo com mais rapidez que o restante de nós.

Não me lembro por que contei essa história. Nada de que me orgulhe muito. Mas o fato é que eu não estava em boa forma naqueles dias. Tinha acabado de sair de umas férias de sete semanas que a ISM insistiu que eu tirasse, por razões de saúde. Passei esse tempo fazendo cursos na universidade, esperando enriquecer uma vida interior dilapidada por anos de passar conversa nos desempregados. Meus patrões bancaram o preço dos cursos: um seminário de redação criativa que gerou um pequeno rascunho nostálgico que escrevi sobre como era distribuir gás propano com meu pai correndo a 100 km/h e uma cadeira chamada Música Country como Literatura. O professor de música, um nova-iorquino exilado, com um chapéu Stetson preto com fita de pele de cobra e uma gravata estilo caubói cujo pingente era um escorpião cor de âmbar, acreditava que as grandes letras da música country compartilhavam um tema em comum: a migração do campo para a cidade, a desilusão com a loucura urbana e o desejo melancólico de voltar para casa. A ideia valia para dezenas de exemplos e continuou comigo quando voltei a trabalhar, piorando meu humor e meu estupor mental, que eram o que a ISM queria que eu consertasse. Eu via minhas viagens como uma balada chorosa, cheia de nomes de lugares que rimam e ruas de neon e luzes de avião que desaparecem e rostos de mulher esfumaçados. Muitos versos velhos e melosos, mas alguns novos também. A torre de controle do Aeroporto Internacional de Denver na neblina. O barulho dos aspiradores de pó nos corredores, dizendo aos hóspedes que eles dormiram além da hora do *check-out*. Os braços arrepiados de uma administradora sênior abraçando um urso de pelúcia que dei a ela, enquanto esperávamos dois seguranças — o fim da picada: um vigiando o

outro — terminarem de descarregar os arquivos, as gavetas e a memória do computador dela num carrinho cinza cujos rangidos ecoavam até o hall dos elevadores, onde um terceiro guarda apertava o botão de “abrir porta” do elevador.

Eu saí dessa — ou quase. Dei um basta nessa música. Mas para isso houve um preço. Porque eu raramente vejo os médicos em seus consultórios, só em trânsito, e acidentalmente, minhas aflições são meio vagas e desnorteadas. Pressão alta? Sem sombra de dúvida. Colesterol? Tenho certeza de que está na área limítrofe, se já não passou dela.

Uma vez, entre Denver e a cidade de Oklahoma, cochilei ao lado de um especialista em pulmões que, quando acordei, disse que eu sofria de apneia — uma tendência a parar de respirar enquanto se está inconsciente. O médico recomendou uma máquina que insere oxigênio pelas narinas enquanto se está dormindo para aumentar o grau de oxigenação do sangue. Não segui o conselho. Minha pressão vive baixando em todos os voos — não consigo sentir os dedos dos pés se não ficar mexendo e ainda assim isso só funciona na primeira hora de voo —, portanto é melhor fazer algumas mudanças, e rápido.

Mas... estou falando demais. Estou dominando a conversa. Você está interessado, ou está ouvindo só por educação? Quer outro uísque? Vou pedir outro leite. Sei que ninguém mais acredita que isso ajuda no tratamento de úlceras, mas venho do meio rural e aprecio o gosto.

De qualquer maneira, é melhor eu parar por aqui — já vamos descer. Você está me conhecendo no meio da minha turnê de despedida, com somente mais seis dias e oito cidades para visitar. É um itinerário desgastante, mas é rotina, misturando negócios com prazer e com obrigações familiares. Há pessoas que eu preciso ver e algumas que não conheço, mas que talvez valha a pena conhecer. Preciso me manter flexível, disciplinado e alerta e, embora isso não

seja fácil, existe uma recompensa. A cada ano viajo mais que no anterior e, no final dessa semana, se a situação permitir, vou ultrapassar uma marca crucial que, uma vez alcançada, juro que vou parar, relaxar e reconsiderar tudo.

Um milhão de milhas de viagem. Um milhão.

— Isso é uma obsessão — você diz. Porque você se preocupa comigo, não porque eu o esteja incomodando, espero. — É só um número. Não significa muito.

— O pi também é um número — comento.

— Mesmo assim, ainda é uma obsessão.

Os motores começam a desacelerar e lá vem Denver.

— É um limite. Preciso de limites na minha vida.

Eles abrem as portas e os cintos começam a ser desafivelados. Talvez eu chegue a vê-lo de novo, embora isso seja improvável. Na próxima segunda, meu chefe vai voltar de sua caça aos marlins e a primeira coisa que vai fazer depois de olhar seu e-mail será cancelar minha conta de viagens corporativas, da qual, de qualquer maneira, ele sempre me acusou de abusar. Preciso do meu milhão antes disso, e por conta dele.

Hora de descer do avião. Enquanto saímos pelo corredor em direção ao que quer que esteja nos esperando, como duas bolas de bingo colocadas de volta no globo, uma pequena fita cassete cai do meu casaco e você a vê antes de eu perceber e se abaixa para pegá-la. É o último favor que você vai me fazer e isso se dá em câmera lenta, um pequeno sacramento.

— Obrigado — eu digo.

— Boa estada para você.

— Para você também.

— Vou tentar.

Você já foi. É do tipo que anda rápido. Foi ver a família. Espero que eu não tenha atrapalhado sua leitura. Não quis estragar tudo

contando a história, mas li o livro, quando saiu a primeira edição em capa dura. Não tem trama.

dois



Apressado, correndo, atrasado por um serviço despertador ineficiente, pulo da van para a calçada sem bagagem para despachar — levo apenas minha pasta e uma bolsa de mão —, atravesso o terminal, sorrio para a funcionária, mostro meu cartão Compass Class e carteira de motorista, respondo que sim, minha bagagem sempre esteve em minha posse e que não, não deixei que estranhos a manuseassem, então pego meu cartão de embarque, que recebe um upgrade, minha passagem, atravesso mais uma vez o terminal em direção ao controle de segurança, esvazio meus bolsos — dinheiro, chaves, celular, comprimidos para dormir, lapiseira, parece que não termina nunca —, passo minhas bolsas pelo aparelho de raios X, endireito a coluna e cruzo o detector de metais.

O alarme dispara. Bato em meus bolsos, não encontro nada e passo outra vez.

O alarme volta a tocar.

— Desse lado, senhor.

Uma funcionária faz uma verificação com um detector manual. Às vezes juro que consigo sentir as ondas magnéticas passarem por mim — pulsos de radiação que me invadem e iluminam meus cromossomos e mexem com o líquido em minha medula. Algum dia haverá uma ação popular contra isso e pretendo assistir a ela em

pleno tribunal, bem no meio da seção para cadeiras de rodas com meu frasquinho de soro portátil na veia.

— Estou limpo — digo. — Seu equipamento deve estar com a sensibilidade alta demais. — Mas então, perto de meus joelhos, o bastão começa a apitar.

— Suas botas?

— São novas.

— Devem ter alguma armação de aço.

Dou um gemido enquanto ela volta a passar o bastão, exibindo-se para alguns turistas atrás de mim. Perdi o embalo exatamente na hora menos recomendável, segunda-feira de manhã, quando qualquer derrapada tem o efeito de uma bola de neve. As botas foram uma compra idiota. Pura vaidade. E tudo culpa do vendedor de calçados, o homem era uma fera, zombando de minhas credenciais de cidadão do Oeste depois que falei que era de Minnesota. Em vez de comprar as botas, devia ter dito a ele que não existe gente do Oeste, apenas pessoas do Leste que imigraram para a região, e que isso também vale para a maioria das tribos indígenas — é só ler os livros de história.

O problema é que as botas vão acionar os alarmes em todos os locais de controle nos próximos cinco dias, desperdiçando minutos preciosos e detonando minha margem de erro. Sim, sempre dou um espaço para imprevistos e sempre posso tentar recuperar o tempo perdido — cancelar um jantar, diminuir as horas de sono —, mas a melhor solução seria comprar sapatos novos.

Pego a escada rolante até o trenzinho que vai me levar ao módulo B. O homem que vai no degrau da frente me cumprimenta com a cabeça e depois a joga para trás, falando sem parar num celular *hand free*, cujo microfone deve estar preso à lapela. O cara parece um esquizoide, como que brigando com o ar, sacudindo os braços e cerrando os punhos.

— Como posso culpá-lo? Fizeram uma oferta grande. Além do mais, ele sai muito caro para nosso plano de saúde. Alguma merda na próstata.

Já vi esse babaca antes, voando para Boise, quando ele sentou do outro lado do corredor e começou a reclamar com a comissária de bordo sobre a comida. Ele exigia uma entrada vegetariana sem ter pedido com antecedência, e então disparou uma enxurrada de palavras de baixo calão quando ela não conseguiu encontrar esse tipo de comida na cozinha. Ultimamente, esses palhaços andam por todo lado, multiplicam-se, e quanto mais alto o preço da passagem, mais alto eles humilham os outros. A classe econômica é uma beleza em comparação com a primeira.

Pela janela do trenzinho em movimento, vejo a exposição de arte deste mês: hélices presas às paredes do túnel. Centenas de hélices. Elas balançam e giram quando os trens ganham velocidade ao passar por elas. Quanto o artista ganhou para fazer isso? Quem pagou? É para coisas desse tipo que vão as exorbitantes tarifas aeroportuárias?

A obra-prima do mês passado era uma fileira de máscaras com olhos e bocas cada vez mais abertos, que pareciam se abrir enquanto o trem passava, com o clímax sendo um berro, um grito de horror. Dizem que é arte. Sempre me sinto humilhado. Existe alguma coisa presunçosa em tudo isso. Arrogante. Fria. A comissão de obras públicas adora — faz com que eles aliviem a consciência, creio, por contratar seus sobrinhos e abrir no vapor as propostas fechadas. Atrás de todo jardim de esculturas há um grande crime.

O trenzinho diminui a velocidade e descarrega os passageiros em direção a mais uma escada rolante lotada, que nos leva a uma praça de alimentação com cheiro de *pretzels* macios e biscoitos duros. Não há tempo para meu tradicional café da manhã de frozen yogurt com pêssego em fatias, por isso desço pela esteira que vai me levar ao portão, agressivamente driblando os retardatários. Gente que deixa a

esteira carregá-los quando podem dobrar a velocidade andando nisso para mim é um espanto! Mas cada um na sua. Nitidamente, todo o objetivo da tecnologia é otimizar o fluxo de tráfego, e não permitir que crianças e gente lerda fiquem atrapalhando. O pior caso é o dos missionários mórmons sitiados por amigos e parentes cheios de câmeras nas mãos. Os meninos parecem cansados, pálidos e horrorizados; estão a caminho da Ásia, eu diria, ou da América do Sul, a cabeça cheia de histórias de ladrões de passaportes e chefões da droga. Dizem que essa é a religião que mais cresce no mundo, tudo graças a um exército de adolescentes da região Oeste que vão de porta em porta e batem perna pelo mundo em ternos da J.C. Penney.

Acho impressionante, mas não lhes desejo sorte. Essa igreja é uma força em Denver. É opressiva. Metade da batalha de se trabalhar para a ISM, cuja diretoria inclui um apóstolo mórmon, é se esquivar dos avanços dos redimidos. Todo mês sou convidado para mais um jantarzinho, mais um baile para “solteiros interessados”. Mesmo que a ISM atendesse ao meu pedido de não fazer mais ATC e só me concentrar em TEE, eu provavelmente ainda estaria procurando outra empresa para trabalhar.

A MythTech me quer. Pelo menos espero que sim, porque quero trabalhar com eles. Eles não revelaram abertamente seu interesse em mim, mas tenho minhas fontes e sou capaz de ler os sinais. Mês passado, uma ligação anônima para minha secretária pediu o original do livro que estou terminando e passou um número de FedEx que investiguei por uma agência nacional de detetives. O número pertencia a um escritório de advocacia de Lincoln, Nebraska, cujo único sócio original ainda vivo é pai do fundador da MythTech.

Meu sonho é trabalhar com *branding*, um emprego simpático que envolveria menos viagens e poderia ser feito em casa, pela internet. Incentivar os desempregados a “surfear na onda das mudanças” e

“fazer contatos intensamente” para alcançar um novo emprego, ao mesmo tempo em que noto sua expressão de pânico e seus olhos lacrimejantes da cabeceira de uma mesa de acrílico cheia de sanduíches de queijo e sucos de fruta enlatados, continuará sendo o trabalho de alguém, e isso eu não posso mudar, mas a MythTech não trabalha com esses esquemas falsos para tentar fazer alguém se sentir bem. Que eu saiba, são pessoas que pensam para a frente. São otimistas.

Minimizar a chance de ser processado por quem foi demitido é muito ultrapassado para eles. Não é uma empresa grande, apenas uma boutique, mas tem grandes planos, pelo que dizem, e o espírito para isso.

Infelizmente, eles não podem ser seduzidos nem apressados. Eles observam você. Avaliam você. Se fizerem uma proposta, você assina na hora, não tenta barganhar uma assistência médica e odontológica. São ex-agentes do Serviço Exterior, ex-policiais de Los Angeles, ex-esquiadores vagabundos, ex-seminaristas, ex-viciados. São parte do poder estabelecido e parte da subversão. Não usam papel timbrado, só um papel branco com a letra ômega no leve alto-relevo do cabeçalho. Não têm marca nem site — apenas o endereço de uma rua. Em Omaha, em nenhum outro lugar, mas em plena Omaha, cuja localização se encaixa maravilhosamente em meu itinerário. Na quinta tenho uma reunião em Las Vegas e, no sábado, um casamento em Minnesota — o terceiro de minha irmãzinha e o maior de todos até agora.

Estarei na MythTech na sexta e a ISM vai pagar. Ainda não está marcado, mas se eu estiver certo de que eles andaram me farejando e checando referências, uma passadinha rápida na Sioux Street, 1860, só para conhecer, já que eu estava de passagem pela cidade, já ouvi falar muito de vocês, pode funcionar. Perguntarei pelo velho Lucius Spack, o número 2, que era da Andersen Consulting e trabalhava na Bolsa de Chicago. Spack é o sujeito — embora a mídia tenha

silenciado e o governo nunca vá confirmar uma coisa dessas — que basicamente reergueu a NASA, internamente e em matéria de relações públicas, depois da explosão da Challenger. É um herói. Estive com ele a uma mesa de jantar com cinco pessoas numa confraternização do setor, em Santa Cruz. Já ouvi dizer que é viciado em analgésicos, mas também tenho meus problemas.

E se ele gostar de mim? Talvez, mas só talvez, uma passadinha na sala de Adam Sarrazin, 31 anos, que largou o MIT, um careca, sem hobbies declarados, provavelmente gay ou celibatário (apesar de ser casado com a herdeira de uma rede de *pet shops* que banca seus projetos desde que ele tinha 17 anos) e conhecido no mundo da pesquisa de mercado de ponta simplesmente como “o Menino”.

Só mais cinco dias. Só mais 9.800 milhas. Mesmo se não acontecer nada de mais em Omaha, alguma coisa grande vai acontecer quando eu sair de Omaha em direção às cidades gêmeas de Minneapolis e St. Paul na sexta-feira à noite. Esse é o trecho mágico. Já calculei tudo. A matemática foi bem complexa e sujeita a ajustes, mas Omaha-Minneapolis é o trecho.

O corredor me deixa bem abaixo de uns monitores. Vejo que o 3204 para Reno, via Elko, está previsto para decolar com cinquenta minutos de atraso. Não foi o que me disseram há uma hora, quando liguei do meu quarto para a companhia aérea. Simplesmente não dá mais para confiar na Great West, ela mente até para seus clientes mais fiéis, e se ela não monopolizasse o Internacional de Denver, eu estaria acumulando minhas milhas na Delta, embora na Delta isso não signifique tanto. Eles voam para outros continentes e a Great West ainda não — só uma rota ou duas para o Canadá —, e a Delta é muito antiga, enquanto a Great West é novinha, e a Delta tem vários milionários, enquanto a Great West, desde a fusão e a troca de nome, tem exatamente nove.

E eu serei o décimo.

Houve uma época, há não muito tempo, que eu via a Great West como uma parceira e uma aliada, mas agora me sinto traído. O foco da minha raiva é Soren Morse, o playboy e alpinista que é o CEO da empresa, um bico-doce do mundo dos refrigerantes, que foi contratado para levar na conversa os reguladores federais e competir com a Desert Air, uma *start-up* sem frescuras, cujos Boeings antigos parecem as vans de uma penitenciária, mas pelo menos aterrissam na hora marcada. Tradicionalmente, um dos prêmios ao se atingir os seis zeros é um almoço particular com este sexólatra, e pretendo encher os ouvidos dele. Mal posso esperar. Por muitos anos, ele nadou cortando centímetros do espaço entre as cadeiras, intimidando-me com histórias de tempestades entre Denver e o litoral e despejando ar frio sobre as refeições quentes — tudo isso enquanto dizia ao país, na propaganda da empresa ou nos talk shows políticos mais elitistas, que, na Great West, “estamos levando os Estados Unidos a um nível mais alto!”. Os boatos nas cabines da primeira classe são de que ele acabou de lançar uma campanha de bastidores para ser o próximo presidente da liga de beisebol e que tem uma nova namorada — a jovem esposa do chefe do Comitê para a Recuperação do Centro. Vou citar o nome dela durante a sobremesa e olhar a cara dele.

No entanto, o que eu preciso exatamente agora não é vingança, mas um café forte e preto para cauterizar a garganta. Ontem à noite fumei pela primeira vez desde a faculdade e voltei a culpar as botas de caubói. Eu estava na cama quando tornei a colocá-las, perguntando-me se apertavam demais meus dedos; o súbito ganho de altura mudou meu astral e me levou a desligar o programa de finanças a que eu assistia na TV a cabo, vestir um paletó e minhas calças cáqui mais limpas e dar um pulinho lá embaixo para um último drinque no saguão. Eu já sabia que não ia conseguir dormir direito mesmo; minha cabeça estava na MythTech. Eles metem medo de tão bons que são, e uma parte do trabalho mais sério que eles

estão fazendo sobre “resistência não duradoura do consumidor aos preços” me assusta. Se você estiver de frente para a prateleira de produtos de beleza no ano que vem comprando seu primeiro frasco de xampu de 30 dólares e o frasco só tiver 175 ml e ainda por cima você for homem, a culpa é de Omaha. A culpa é do Menino.

No bar, me encontrei com Danny Sorenson, um vendedor da Heston's, a empresa de anéis de formatura; vi-o pela última vez num voo de início da manhã entre Des Moines e Madison. Trinta anos mais velho que eu, olhos arregalados e ainda agitado por seu segundo ataque cardíaco, Danny passou o voo inteiro num monólogo sobre a importância dos legumes na alimentação. Quando o vi de novo ontem à noite, ele engolia nozes e amêndoas diversas e vibrava com um jogo do Giants na televisão do bar. Anunciou que tinha engordado ainda mais e que não pretendia sobreviver ao próximo infarto. Então me ofereceu um cigarro mentolado, que eu aceitei. Não sei o que me moveu, embora eu seja obrigado a saber. Talvez a MythTech tenha ganho a conta dos cigarros Kool e feito uma propaganda subliminar no placar dos Giants.

— Esse time me dá dor de estômago — comentou Danny. — Eles arremessam bem, mas não têm uma equipe para ir até o fim.

Assenti, batendo o cigarro no cinzeiro.

— É muito triste, realmente.

— Pensei que você torcesse pelos Rockies. Afinal, você é de Denver.

Dei de ombros e traguei um pouco da fumaça mentolada. A verdade é que eu torço para os times de beisebol dependendo de onde eu esteja no momento e com quem eu esteja sentado. Há três anos, na pós-temporada da NBA, comecei a noite torcendo pelo Chicago Bulls na minicervejaria do aeroporto O'Hare e terminei assobiando pelos Timberwolves no Marriott de Minneapolis. Eu sigo a multidão, confesso, mas por que não? Não é a aprovação das pessoas que estou querendo, é a energia.

— E como vão os negócios? — pergunta Danny.

— Quiescentes. E os seus? — Quiescente foi uma “palavra focal” apresentada por minhas fitas cassetes de Vocabulário Competitivo.

Há alguns anos, meses depois do meu divórcio e uma semana após eu parar de tentar vender “soluções de armazenamento” para hospitais rurais do Oeste, foi um seminário itinerante de autoaperfeiçoamento — uma produção de Sandy Pinter — que me tirou do abismo para onde eu havia escorregado. Sempre tento aprender alguma coisa nova desde então. As Cem Maiores Ideias do Mundo Resumidas. O Curso de Negociação, de P. Chester Prine. Minha meta é falar pelo menos três palavras novas por dia. Pode ser uma luta quando falo pela primeira vez — elas soam como se estivessem entre colchetes ou entre aspas —, mas depois vêm com naturalidade. O único problema é que o mundo está se tornando cada vez mais visual, por isso preciso estar sempre me explicando. A premissa por trás do Vocabulário Competitivo é que um bom vocabulário é uma vantagem no mundo dos negócios, mas não tenho tanta certeza.

— Estamos trabalhando para abrir no Japão. Está tudo bem. Eles são muito sentimentais com as escolas por lá. Um contraste e tanto em relação ao que acontece nos Estados Unidos.

— Interessante — digo. Estou sempre interessado. Sou especialista em boatos e informações confidenciais e pago um preço em meu portfólio: uma mistura de dicas esotéricas de longo prazo sussurradas para mim durante uísques com soda nos aviões. Esqueço o que perdi quando encontro um vencedor, o que me disseram que é um sinal de vício em jogo. Na verdade, simplesmente não me importo muito com dinheiro. Sempre tivemos o suficiente enquanto eu estava crescendo e então, um dia, quando meu pai faliu, já não tínhamos mais o bastante. Pouca coisa mudou. A casa e o carro já estavam quitados, nós nunca comíamos fora e sempre comprávamos nas maiores liquidações tudo a não ser os principais

aparelhos elétricos, que meu pai sabia consertar. Organizamos alguns bazares em casa e isso foi tudo. Em Minnesota é assim, longe das cidades grandes.

Os moradores de uma cidadezinha chegam a um certo nível de despesas e quase todo mundo gira em torno dessa média, de modo que ninguém se sente mal se a sorte mudar para pior.

— É a mentalidade dos freelancers — diz Danny. — Os americanos de hoje acham que não devem a ninguém. Todo mundo nasceu do nada, se criou. Os anéis de formatura dependem de existir nostalgia e gratidão. Vivo dizendo a mim mesmo que um dia as coisas vão mudar, mas talvez não mudem. Nem tudo volta ao que era antes.

— Isso vai mudar. Eu vi as pesquisas.

— Atualize-me.

Jogo uma amêndoa salgada na boca, evitando os molares esquerdos na hora de morder. Semana passada, mastigando pipoca doce no aeroporto de Los Angeles, perdi uma obturação de ouro que ainda não foi refeita. É muito difícil manter uma relação forte com um bom dentista no Mundo Aéreo.

— Você já ouviu falar de “ligações”? As ligações são parte da formação de uma identidade. A vontade de se ligar. De se unir a forças maiores. O contrário é a vontade de ser você mesmo. As pesquisas mostram que as pessoas estão sentindo um desequilíbrio nesse ponto, quer dizer, as pessoas de renda mais alta. Elas estão cansadas de fazer tudo sozinhas e isso ajuda a prever certas mudanças de comportamento. Veja as igrejas católicas ortodoxas. Estão passando por um boom.

— Tem gente que estuda esse tipo de coisa?

— Vá em frente, pode fazer graça. É tudo mágica.

— Não. — Danny belisca a pele no pescoço, uma dessas verificações involuntárias de gordura que os homens fazem quando sabem que estão desmoronando. — Ouvimos esse mesmo tipo de

coisa nos treinamentos de venda. É verdade. Eu só não consigo acreditar no nível a que isso chegou.

— Você nem faz ideia.

— Eu sei. Isso me assusta.

Peguei mais um cigarro que não queria. Um apetite estranho estava me dominando, mas a noite já estava muito avançada para tentar descobrir a fonte.

— Acho que é tarde demais para ficar abalado. Posso ser sincero?

— Dois caras num bar que provavelmente nunca mais vão se falar porque um deles vai ter um derrame ou um infarto ao subir as escadas para o quarto daqui a pouco. Pode ser sincero.

— As decisões que tomamos... Não tenho muita certeza se somos nós mesmos que tomamos. Acho que alguém decifrou como funcionamos.

— Duvido, Ryan.

— Vou dar um exemplo. No Natal do ano passado, saiu uma nova boneca que foi um sucesso. Bebê Dodói. Sei que o nome é idiota. Carinha de rato, feinha e murchinha.

Umas roupinhas muito ruins. As crianças até que gostaram. Mas os pais adoraram. Por quê? A resposta é fácil. Os pais são hipocondríacos, têm horror a vírus e bactérias.

Estão tendo crianças mais tarde na vida, já aos 40 anos, e isso faz com que eles sejam superprotetores. Hipervigilantes. Essa boneca os ajuda a descarregar a tensão interna.

— E alguém descobriu tudo isso antes?

— Gloria Leo. Eu a conheço pessoalmente. Trabalha para a Ford & Farmer, em San Francisco.

— Então, por que ninguém pode fazer isso pelos anéis de formatura?

— Se você levar uma vida saudável, aposto que seu dia ainda vai chegar.

— Muitas razões para viver estão aparecendo esta noite.

Os Giants perderam. O *barman* mudou de canal, depois desapareceu nos fundos levando o controle remoto. Ficamos assistindo a um desses programas de debates, do qual geralmente participa um historiador de Princeton afirmando que, embora tenhamos feito progressos no problema X, ainda não está na hora de ficarmos complacentes ou baixarmos a guarda. O assunto dessa noite foi bioengenharia.

Um dos debatedores declarou que o papel do macho na reprodução em breve se tornará dispensável, graças à tecnologia, sobre o que Danny grunhiu: — Já não era sem tempo.

Eu podia muito bem estar sentado com meu pai. Ele se mudou para um apartamento depois do divórcio e montou um *cockpit* em volta da televisão, se empanturrando de lasanha semipronta e fumando charutos White Owls até a ponta de plástico. Ele era um progressista cujo presidente favorito foi Ronald Reagan, um defensor dos gastos do governo, que não pagava tudo o que devia ao Imposto de Renda, e que morreu acreditando num complô que existiria há cem anos para acabar com os fazendeiros e os pequenos empresários. Esse esquema remontava a 1918, ele dizia, e aparentemente iria atingir seu objetivo antes do prazo.

Danny largou a bebida e cambaleou para cima, abandonando-me sozinho na companhia de um cara, a três cadeiras de mim, que me parecia conhecido por conta do meu trabalho de ATC. Meu maior medo quando viajo é topar com alguém com quem eu tenha falado de “trabalho independente” e “desenvolvimento profissional autodirecionado”. Se uma pessoa dessas me desse um tapa, eu não reclamaria. Eu cairia de joelhos e abaixaria minha cabeça de pecador. Felizmente, eu estava errado sobre este cara. Ele era um piloto da Great West que uma vez me cumprimentou no desembarque.

— Como estão as negociações contratuais? — arrisquei.

— Paradas.

— Uma bebida?

— Só uma Coca. Vou pilotar amanhã. Droga, vamos colocar um pouquinho de rum.

— Espero que vocês não estejam planejando nenhuma greve.

— Talvez em outubro. Por mais uns vinte dias você está seguro.

— Mais uma razão para estar com tudo encerrado na sexta-feira.

— Estar com o que encerrado?

Eu lhe contei. Não pareceu impressionado.

E agora, dez horas depois, estou pagando um preço alto pela minha noite de conversas alcoolizadas e despropositadas. Aperto um botão na parede e as portas de vidro fosco do Compass Club se abrem, revelando uma mesa levemente sinuosa e uma recepcionista vestida com as cores da companhia, amarelo e vermelho. Conheço esta mulher, mãe de dois adolescentes que tomam remédio e não parecem ter problemas — o tipo de garotos que trocam Ritalina por cartuchos de games e garrafas de cerveja de alto teor alcoólico. Linda era comissária de bordo da Great West até se ferir num incidente envolvendo uma perda repentina do controle da cauda do avião. Ela fez um acordo polpudo com a companhia e logo perdeu metade ao se divorciar de um imprestável que ela sustentou por todo o curso de quiropraxia. Agora, seus filhos confusos são toda a razão de sua existência, e de vez em quando eu os visito para ajudar nos deveres da escola ou lanço a bola de futebol para eles. O mais velho, Dale, um garoto de 15 anos desajeitado que gosta de quadrinhos de terror e meninas mais velhas, me faz lembrar de mim mesmo na idade dele. Linda acredita firmemente que meu trabalho de consultor empresarial me qualifica para ajudá-lo, mas ela está errada.

— O que está pegando em Reno? — pergunto.

Ela abaixa a voz:

— Um vazamento de combustível, pelo que ouvi falar. Estimo um atraso de mais noventa minutos.

— Dale e Paul estão bem?

— Voltamos a fazer dieta. Estamos tentando de novo aquela extremamente alta em proteínas.

— Pensei que fosse uma canoa furada.

— Meio furada. Olhando para trás, percebi uma pequena melhora.

— Boa sorte com a retomada. — Mais uma palavra focal. Elas sempre parecem deslocadas, mas talvez seja a maneira como eu as utilizo.

— O que você disse?

— Espero que dessa vez a dieta funcione.

— Agora me diga: você conseguiu aquela casa que estava afim?

Considero essa a melhor maneira de explicar que, tecnicamente, neste momento não tenho onde morar. O negócio da casa não chegou sequer à etapa da oferta. Ser proprietário pode não ser parte da minha constituição. Meus pais pertenciam ao culto da grama e do jardim — o casamento deles era um *ménage à trois* envolvendo os dois e um gramado frontal macio, de grama de Kentucky endurecida pela seca —, por isso sei a quantidade de trabalho que a jardinagem exige. Mas não tenho tempo e, sinceramente, não nutro essa paixão. A grama verde está perdendo a batalha na região Oeste, que quer voltar às salvas e opúncias e assim está procurando assegurar um posto avançado na planície. Sinto certo desdém por Denver, seus shoppings e estacionamento, seus montes de piscinas azuis suburbanas, suas fileiras de tanques de óleo que mais parecem discos de hóquei, suas rodovias — e a ideia de procurar abrigo em toda essa bagunça me parece uma piada.

— A casa parecia cheia de problemas.

Linda apoia o queixo nas mãos.

— Lamento ouvir isso. Você daria um ótimo vizinho. Seria bom ter você no mesmo CEP que o meu.

Um CEP é exatamente aquilo que eu preferia que não existisse. É pelo CEP que eles encontram você, que rastreiam você. Começam

com oito Algarismos e terminam com um perfil, que inclui os filmes a que você provavelmente vai assistir e os tipos de pizza que você prefere. Não sou paranoico, mas sou filho do meu pai e muito do fascínio que sinto pelo marketing deriva do meu medo de não ser o garoto que é feito de bobo pelos mais velhos. Sim, é claro que hoje vivemos numa democracia e, sim, na maioria das vezes, somos nós que tomamos nossas decisões, mas há pessoas muito ambiciosas que gostariam de mudar isso e algumas que chegam a alardear que já conseguiram. Sou igual ao cara que encontrei num voo saindo de Memphis, que me contou que havia entrado para a polícia porque uma vez havia morado perto de uma casa usada pelo tráfico de drogas e viu com que dedicação os tiras vigiavam o lugar. E concluiu que ele só encontraria a verdadeira privacidade dentro de um carro da polícia.

Linda passa o dedo pela gola do uniforme.

— Você vai estar livre amanhã? Estarei sozinha em casa. Paul está em Utah, num acampamento arqueológico, e Dale está na Califórnia, com o pai.

— Os dois estão se entendendo agora?

— Ordem do juiz. Posso preparar comida tailandesa para você. Uma coisa picante.

— Tenho uma viagem longa pela frente. Só vou estar de volta em... não sei bem quando.

Ela me lança um olhar de desprezo e decepção que deveria parecer engraçado, mas acaba parecendo afetado. Eu a tratei mal, pior que a maioria. Há dois meses ela me convenceu a ir para a cama com ela e então teve uma performance longa e exibida que me pareceu ensaiada e até pesquisada. O encontro me deixou com sede, querendo beber água gelada, e me lembrou muito de quando comecei a namorar Lori, a mulher a quem eu deveria chamar de ex mas não consigo — nós não éramos assim tão próximos.

Ela também era uma tigresa, conhecia todos os truques. Aqui e ali eu a pegava no meio de uma posição forçada demais e então via que não era o apetite que a guiava, mas alguma ideia, alguma teoria erótica esquisita. Talvez ela tivesse visto numa revista, ou talvez numa aula de psicologia na faculdade. No entanto, a pressão que suas ideias jogavam nos encontros era demais, e mesmo antes de nos casarmos já nos víamos imaginando ter um filho, talvez como uma maneira de simplificar nossas transas. Quando, dois anos mais tarde, Lori continuava sem engravidar (duvido que algum dia eu consiga me recuperar da desilusão de todos aqueles testes de farmácia dando negativo; os caderninhos de instruções que chegavam a estalar, os pálidos sinais cor-de-rosa dando negativo), passamos a nos dedicar ao esqui e ao *mountain biking*, fazendo o papel do casal que gosta de atividades ao ar livre. Perdemos peso, aumentamos nossa força e nossa garra e saíamos como se fôssemos dois estranhos. Um filho? A essa altura, já éramos quase do mesmo sexo — dois meninos de corpos atrofiados, brutos e intocáveis.

Foi aí que mudei de vida e comecei a viajar de avião — primeiro, dois dias por semana, depois três e quatro, disseminando o evangelho das demissões bem-sucedidas, de Bakersfield até Bismarck. Uma noite, depois de vinte dias seguidos fora de casa, fui do aeroporto para nosso apartamento tipo casa e encontrei na porta de entrada uma pilha de jornais enrolados desde o dia do meu embarque.

— É melhor eu ir em frente. Preciso fazer algumas ligações — digo. — Se você encontrar alguma casa promissora, passe a dica para mim.

— Que tipo de casa você está procurando?

— Uma que seja barata de se manter.

— Dê uma passadinha para jantar comigo.

— Logo logo.

— Estamos com saudade, Ryan.

O clube está vazio para uma manhã de dia útil. Os cadernos dos jornais estão dobrados e arrumados, as almofadas das poltronas estão fofas e sem amassados. Aparentemente, deve ter havido alguma contração no ciclo de negócios. Ou talvez sejam acontecimentos biológicos — uma epidemia de gripe, que se alastra violentamente pelo país, combinada com dias sem sol —, mas sei que nem todas as semanas são iguais. Há altos e baixos.

A máquina de café espresso gira e borbulha ao meu toque, enchendo a xícara exatamente até a borda. O inventor merece os parabéns por tamanha perfeição de funcionamento.

As pessoas não são suficientemente gratas a estes aparelhos. Esses assistentes mudos atendem todas as nossas necessidades, mas em vez de parar e reconhecer a utilidade deles, simplesmente pulamos para o próximo item, emitimos mais uma ordem. Eu me pergunto se está surgindo algum desequilíbrio aqui, um buraco cármico entre os seres humanos e suas ferramentas. Não vai se passar muito tempo até as máquinas serem capazes de pensar e, como descendentes de escravos, elas não vão ficar felizes. Compartilhei essa ideia com um especialista em TI, num voo que saía de Austin. Ele não descartou a possibilidade. Me falou de um ramo chamado Tecnoética, que cuida da questão de pensar se os computadores têm direitos.

Para mim, a questão é se vamos ter algum.

Num telefone público, numa das estações de trabalho entre os banheiros e os armários de bagagem, ponho em ordem as ligações que preciso fazer esta manhã. Usar eficientemente o tempo que passamos em terra é crucial — aproveitar ao máximo os minutos dentro dos minutos. Disco o número do meu cartão de crédito (cinco milhas só aqui; esse tipo de contabilidade invisível permeia todos os meus pensamentos), depois um número de código de área de Seattle e o telefone da editora Advanta. Estou ligando para um homem com quem só estive uma vez, mas que eu acredito que possa fazer uma

diferença na minha vida. Nós dois acreditamos no futuro de A garagem, a “fábula motivacional” que escrevi sobre um inventor que trabalha em sua oficina, sozinho e sem ser interrompido, enquanto no mundo lá fora suas inovações tecnológicas dão origem a um império comercial que ele nunca vê. O livro não é muito grande — umas cem páginas, mais ou menos —, mas agora essa é a tendência, sabedoria em formato de bolso. Existem pessoas nesse ramo que ganharam milhões de dólares com livros como esse, e se eu ganhar metade disso estarei muito bem aos 40 anos e poderei passar os próximos dez usando minhas milhas em viagens de fim de semana a Manhattan, se ainda estiver solteiro, ou em viagens de ida e volta à Disneylândia, se já tiver família.

— Morris Dwight, por favor — digo para a secretária. Dwight tem a mesma idade que eu, mas com um ar de elegância, como se tivesse sido criado no exterior, em grandes hotéis. Ele passa alguma coisa no cabelo que tem cheiro de lã e manda recados para mim com tinta marrom num papel cor de creme escuro e complementa a assinatura com pequenos desenhos de gaivotas e peixinhos pulando, esse tipo de coisa. Seu último livro de negócios, *Você perdeu, agora dê a volta por cima!*, está na lista do *Wall Street Journal* desde a primavera passada, mas foi um de seus títulos fracassados que me atraiu na Advanta: *Mudando de horizonte: a história de uma virada em pleno voo*, do próprio Soren Morse. Vender mais que Morse, que não deve ser muito difícil, me traria uma satisfação primitiva, mas duradoura.

— O Sr. Dwight está em reunião, senhor. Anotarei seu telefone.

— Posso deixar um recado na caixa postal?

Ela desliga. Ligo outra vez e recebo sinal de ocupado, o que acaba com meu otimismo matinal. Tento uma última vez e ele responde.

— Meu amigo.

Digo que gostaria de trocar o drinque que havíamos marcado por um jantar mais informal, mas Dwight não é mais o sujeito simpático e extrovertido da sala VIP de Portland.

Ele parece estressado — posso ouvi-lo digitando alguma coisa enquanto falamos e organizando os papéis em sua mesa. Quarta-feira é impossível, ele me diz, devido a “um compromisso de caridade que apareceu na última hora”. Ele sugere um café da manhã bem cedo na quinta.

Faço alguns cálculos mentais com a ajuda do meu assistente digital HandStar, um aparelho sem fio que uso para mandar e-mails e acompanhar minhas milhas. Minha agenda para esta semana deixa pouco espaço para improvisações: é um jogo de xadrez tridimensional e meticuloso. Esta tarde e noite estarei em Reno, para uma sessão de treinamento com um velho cliente cuja empresa está a caminho da falência. Amanhã, vou para o sul da Califórnia me reunir com Sandor Pinter, um emérito consultor, para quem vou tentar vender um estimulante projeto freelance que pode fazer meu nome entre meus colegas e me garantir alguma renda, se a MythTech e A garagem não derem certo.

Quarta-feira de manhã devo ir a Dallas para planejar uma estratégia de demissões na consolidação de um plano de saúde, mas o voo não é da Great West, o que faz com que ele seja inútil, por isso já deixei uma mensagem cancelando e reservei um voo para Seattle, um pouco mais cedo, que agora vejo que vai ser igualmente inútil. Na quinta, devo me dirigir a Las Vegas para a GoalQuest XX, uma reunião anual de amigos e colegas na qual farei uma palestra sobre ATC e finalmente descarregarei minha consciência pesada, contando tudo sobre nossa desagradável especialidade. Na sexta de manhã, parto para Omaha e, mais tarde no mesmo dia — de maneira triunfal, espero, depois de uma reunião muito franca com o Menino —, vou tomar um avião para Minneapolis e atingir a marca de 1 milhão de milhas sobrevoando Iowa. Quando minha mãe e minhas

irmãs vierem me encontrar no portão, desejo estar bêbado e continuar assim por todo o casamento. Bêbado e livre, com um bilhete em aberto para uma viagem de ida e volta até Saturno, se assim eu desejar, e um pouco de crédito na conta para mandar algumas criancinhas doentes e seus pais para o hospital Johns Hopkins ou a clínica Mayo.

Como Dwight se atreve a mudar um plano como esse? Se eu adiar um pouco minha chegada à GoalQuest XX, posso estar disponível para o café da manhã, e, mesmo assim, só se for breve, mas vou perder o único voo que a Great West tem de manhã para Las Vegas e terei que me afundar na Desert Air ou na Sun South, perdendo um bônus de mil milhas pela conexão que não vou conseguir recuperar, independentemente da rota que eu pegar para Omaha. A resposta é tomar um café da manhã muito cedo e no próprio aeroporto.

— Você ainda está na linha?

Faço minha proposta a Dwight: 7 da manhã, na praça de alimentação do SeaTac.

— O aeroporto?

— Desculpe, mas estou muito apertado. Uma correria.

— Posso ligar mais tarde para confirmar? Digamos hoje à noite?

Há uma chance de eu estar no Arizona na quarta e talvez até na quinta. Ou mais que isso.

— Você acabou de me dizer que na quarta tem alguma coisa de caridade.

— Minha vida é fluida. Podemos nos encontrar às 8?

— Não pode ser depois das 7. E tem que ser no aeroporto.

A linha fica muda. E depois:

— Já está terminando?

— Mandei 75 por cento para você ontem à noite, pelo correio, através da entrega de dois dias. Estou terminando de preencher as lacunas e aparar as arestas.

- Às 7, então. Mas ligue na terça para confirmar.
- Também posso dar um pulo no Arizona. Minha quarta-feira é flexível. Você vai estar em Phoenix, não é?
- Phoenix e talvez em Utah, à noite. Ou em outro lugar.
- Qual é o seu problema?
- Escritores que precisam de mim por toda parte. Bloqueios. Colapsos nervosos. Grandes fraudes fiscais. Preciso segurar a mão de muita gente. E também tem o golfe. Agora mesmo estou em La Jolla, num torneio profissional. Minha secretária transferiu a ligação.
- Estou ouvindo um teclado.
- É um programa de simulação de trajetórias que tenho no laptop. Estou numa mesa do lado de fora da lojinha, desenhando minha estratégia.
- Vou confirmar — digo.

Minha expectativa é de que o próximo telefonema seja mais fácil. A aposta é mais baixa. Kara, minha irmã mais velha, que atua como relações públicas da família, mora ao sul de Salt Lake City num subúrbio que parece ter sido espremido de um tubo, com centros de recreação para crianças e ruas em curva separados por ciclovias.

Ela dirige um Saab que está mais limpo do que quando ela fez o *leasing* e trabalha em tempo integral como voluntária em programas de alfabetização e abrigos para mulheres agredidas. É o marido dela que faz com que tudo isso seja possível, um criador de softwares cheio do dinheiro mais rápido já gerado por nossa economia.

Ele fica com o maior prazer na retaguarda da vida de Kara, sem pedir nada e oferecendo tudo. São pessoas graciosas e generosas, que estão aqui para ajudar, que parecem ter feito algum tipo de pacto com o Criador para espalhar seu bálsamo em troca de uma sanidade perfeita. Rezo para que nenhuma tragédia real ocorra algum dia com eles. Seria uma quebra de contrato cósmico, equivocada e pecaminosa.

O negócio que tenho a tratar com ela hoje se refere ao casamento de sábado, quando Julie, minha irmã caçula, tentará camuflar mais uma vez seus muitos vícios e sua dependência patológica em geral, por tempo suficiente para formalizar uma ligação com um homem que não tem a menor ideia do que vai encontrar pela frente. Kara trabalhou anos para armar esse casamento. Escolheu o noivo, um cara que ela namorou no ensino médio e que vende tratores New Holland na nossa cidade natal, capitalizando sua fama juvenil como um temível criminoso que volta a assombrar a cidade.

Aparentemente, o objetivo de Kara é uma viagem de volta ao passado: um casamento que vai aproximar nossos pais e assegurar o futuro da nossa família em seu município de origem. Até a casa que Julie pensa que escolheu (na verdade, foi Kara quem restringiu o número de opções, passando instruções secretas para o corretor) poderia se passar pela nossa casa. O mesmo alpendre, os mesmos quartos, o mesmo labirinto de coisas acrescentadas por um faz-tudo em declínio.

— Onde está você? — Kara me atende. É sempre a primeira pergunta dela, e a mais tola.

— Retido no aeroporto de Denver.

— Alguém viu você em Salt Lake na sexta. Tem certeza de que não está aqui?

Essa, na verdade, é uma pergunta engraçada. Mais de uma vez já cheguei numa cidade, passei algumas horas nela, peguei outro avião e alguns dias mais tarde nem me lembrava de que tinha estado lá. No entanto, costumo me lembrar de Salt Lake. Aquele templo. As leis arcaicas sobre álcool e seus velhos lépidos.

— Certeza absoluta.

— Foi Wendy Jance quem viu você. No centro. Naquele restaurante que serve um fígado de que você gosta.

— Como anda Wendy?

— Como se você desse a mínima. Não faça esse jogo. Ela está do mesmo jeito que quando você parou de ligar para ela: brilhante, atraente, um pouquinho perdida e furiosa.

Acho que está na hora de eu me explicar sobre as mulheres.

Existem muitas. Acho que isso se deve à minha aparência. É horrível dizer isso, mas sou um homem elegante, com boas proporções, mas com *finesse*. Os velhos alfaiates me adoram.

Dizem que eu os faço lembrar-se dos homens de quarenta anos atrás, magros mas vigorosos na cintura, com ombros largos e pernas longas. De muitas maneiras, tenho o mesmo corpo do meu pai, que nunca fez ginástica ou dieta conscientemente, e mesmo assim se manteve em forma até a idade avançada, quando ficou grosseiro e desconfiado.

As mulheres dos fazendeiros na rota de distribuição do gás eram todas suas admiradoras, agradando-o com biscoitos e bebidas geladas, enquanto eu esperava, tímido e observador, no caminhão, impressionado, mesmo naquela época, com seu paciente galanteio rural. No enterro dele, sentindo-se livres pelo fato de ele ter morrido solteiro, as senhoras choraram abundante e sinceramente, seus olhos apagando anos daqueles velhos rostos. Minha mãe também chorou, mas principalmente para não ficar para trás, creio. A opinião pública achava que ela o havia traído. Ela se casara de novo. Ele, não. Ela enriquecera. Ele morreu endividado. Foi apenas na parte física que meu pai saiu em vantagem. Enquanto ela se apagou e perdeu toda a elasticidade — tornando-se uma daquelas mulheres que precisam de maquiagem não para realçar seus traços, mas para criá-los —, meu pai continuou mantendo o cabelo, os músculos e os olhos azuis esverdeados até os retoques finais, pelo organizador do enterro.

Mas meus genes só respondem em parte por todas as mulheres. O simples fato de estar disponível também influencia. Eu estou lá no meio delas, todo dia, comendo uma salada de espinafre na mesa ao lado, mudando a hora do voo de volta na mesma fila. Veja o caso de

Wendy. Eu a conheci na recepção do Homestead Suites de Fort Worth.

O computador do hotel havia engolido a reserva dela, um congresso da Legião Americana estava acontecendo na cidade, e ela se via diante da perspectiva de passar a noite sem ter um quarto quando entrei em cena com meu Cartão de Hóspede Premier-Ultra.

O gerente se desdobrou. Wendy ganhou seu quarto. Nada mais justo que ela me fizesse companhia num filé no Conestoga Grill, no próprio hotel, onde a maestria com que lidei com a limitada carta de vinhos a deixou louca. Logo estávamos falando abobrinhas. A abobrinha dela: cosméticos. O furor dos testes nos animais. O mercado asiático. “Orgânico” x “natural”. Eu conhecia o assunto. O fato de ela morar a apenas duas casas da minha irmã nem foi mencionado — pelo menos não até depois, enquanto víamos um filme no *pay per view* enrolados num lençol de poliéster úmido, nossas roupas e papéis espalhados pelo quarto como os destroços de um tornado passando por um *camping*. Nossa posição de despedida, inconscientemente bolada depois de ver Tom Cruise destruir uma rede de bioterroristas, foi o de dois orgiastas (palavra focal) blasés ensinando uma lição aos protestantes fervorosos.

Alguns dias mais tarde, Kara ligou para meu celular e disse que uma amiga dela viu minha foto num álbum de família e perguntou se eu ia sempre a Utah. Sutil. Entrando nesse jogo, viajei a Utah duas vezes naquele mês, vi Wendy nas duas, mas decidi recuar quando ela me empurrou um maço de poemas sobre como ela se debatia em relação a sua fé mórmon.

Ela não me disse que era mórmon. E isso quebrou o encanto. Essa gente acha que, numa vida futura, elas vão comandar suas próprias estrelas e seus próprios planetas como Deus comanda o nosso. Lori, depois de me abandonar, também virou mórmon, mudando de minissaias para vestidos compridos e casando-se com um executivo

do ramo imobiliário que a engravidou dois meses depois do casamento.

Meu caso com Wendy não foi típico. Geralmente há mais romance, um crescendo mais lento. Eu miro alguém, ou alguém olha para mim, na mesa de um bufê ou numa sala de reunião. Mais tarde nos encontramos no mesmo avião e trocamos algumas palavras na fila do corredor, dizendo um ao outro em que hotel estamos. Às 19 horas, depois de sairmos de banhos escaldantes, em robes de algodão fresquinhos da lavanderia, o cabelo ainda molhado do xampu de cortesia, o telefone toca num dos quartos. Segue-se um jantar em que comparamos nossas agendas até descobrirmos que estaremos em San Jose na quinta — ou que poderemos estar, se assim desejarmos. Na noite seguinte, de hotéis diferentes, voltamos a nos falar. Para mim, nenhuma sensação é mais inebriante do que estar deitado sozinho numa cama, num quarto estranho, numa cidade estranha, falando com uma pessoa que mal conheço, que também está desorientada e sozinha. A voz dela se torna a minha realidade. Na falta de outros pontos de apoio, eu me agarro a ela. E ela se agarra à minha voz. Tudo o que temos é um ao outro. Na quinta, ao estacionarmos nossos Sables alugados na frente de um restaurante que nenhum de nós dois conhece, mas do qual já lemos boas recomendações na revista de bordo da Great West, a Horizons, uma sensação de destino nos une. Até a sobremesa.

A sorte é um cupido aleatório. De vez em quando ela me faz sentar perto de mulheres das quais eu nem sonharia em me aproximar sozinho. Em outras ocasiões, me aparece com uma Wendy, superficialmente muito aceitável mas com algum defeito sério. E eu temo que, em alguns momentos, ela tenha me oferecido a própria perfeição.

- Quando você vai estar em Seattle? — pergunta Kara.
- Chego na quarta.
- À noite?

— No meio da tarde. Mas talvez eu precise ir para o Arizona, em vez de Seattle.

— Aqui vão suas instruções, está ouvindo? Vá direto para o Pike Street Market (ele fecha às 18 horas) e peça 5 quilos de salmão real defumado. Mande para a mamãe com entrega para o dia seguinte, mas não deixe de inspecionar antes. Veja se a carne está vermelha e firme.

— Não dá para fazer isso pelo telefone?

— Não, você tem que ver. Para ter certeza de que o peixe serve.

— Mas no fim de semana não vai mais estar fresco.

— É defumado. Ele aguenta. Não falhe comigo. Não vá fazer igual a Santa Fé.

Isso dói. Santa Fé foi um acidente e a culpa não foi minha. Mamãe visitou uma galeria lá durante uma de suas viagens de Winnebago com seu atual marido, o Maravilhoso.

(Assim chamado porque é baixinho, quase não fala e não tem uma personalidade que se possa divisar.) Ela se apaixonou por um bracelete da tribo zuni e o descreveu para Julie, que falou com Kara, que pediu para que eu, em minha viagem seguinte ao Novo México, o comprasse como um presente da família inteira para seu aniversário de 65 anos. Fiz o que pude, mas, devido a uma confusão de erros de descrição, o que minha mãe acabou ganhando foi um bracelete hopi, do tamanho errado e do preço alto demais e, como ela contou ao Maravilhoso (que então contou a Kara, provando que ele não é tão maravilhoso assim), “totalmente horroroso”.

— Não é justo — digo.

— Bem, esta é sua chance de se redimir.

— Não é justo.

— Tem mais uma coisinha. É Tammy Jansen, a dama de honra de Julie. Ela agora mora em St. Louis. O carro dela está consertando, então ela vai ter que vir de avião, só que ela não pode pagar a passagem. Ida e volta por 1.200 dólares! Detesto essas companhias.

— Tudo bem. Nós dois vamos doar 600.

— Já ofereci. Mas quando ela tentou reservar, disseram que não tinham mais lugar.

Já sei o que vem por aí. Fique firme, digo a mim mesmo. Não ceda. Você tem uma política sobre a qual já falou muitas vezes, e agora vai precisar repetir mais uma vez, para que fique registrado.

— Talvez você pudesse ceder algumas milhas.

Eu amo minha irmã. Só que, infelizmente, ela é uma ignorante. Ela não anda de avião regularmente, por isso não sabe o que já passei. Por anos a fio, a Great West foi minha chefe e meu sargento, ditando para onde eu ia e se eu iria, decidindo o que eu ia comer e se eu iria comer. Minhas milhas são minha única chance de me vingar, de tirar alguma satisfação de tanta humilhação.

— Vamos ter que arranjar outro jeito — digo.

— Isso é ridículo, Ryan. É muito triste.

— Como está mamãe? Você falou com ela?

— Ligue para ela este ano, está bem? Ela pensa que você virou fumaça, que desapareceu.

— Aqueles dois vão de um lado para o outro mais do que eu.

— Seja honesto: você esteve em Salt Lake na semana passada? — ela pergunta. — Talvez você tenha uma namorada lá. Estou preocupada. E se você estiver levando uma vida dupla despudoradamente? E se estiver numa encrenca e precisando de ajuda? Você é muito sozinho, do jeito que vive.

— Sozinho? Eu vivo cercado de gente — afirmo.

— Estamos nos desviando do assunto.

— Foi você que começou.

— Digamos que eu esteja preocupada. Agora, voltando. Tammy precisa vir até aqui, do Missouri.

Resolver o problema não é o objetivo da minha irmã. Ela rejeita todo tipo de proposta razoável — uma passagem pela Amtrak (“Tammy vomita dentro de um trem”); alugar um carro (“A viagem

é muito longa e vai deixá-la exausta”) —, e insiste em testar minha resistência em lhe dar algo que não custou nada para mim — ou é isso que ela pensa. Ela chama minha lei de milhagens de “esse defeito idiota que você tem”, e embora esteja gritando por dentro, não tento me explicar. Os limites que traçamos nos fazem ser o que somos, exatamente porque são inegociáveis, e inclusive, em algum nível, indefensáveis. Sally não usa tecidos sintéticos. Ela é assim. Billy não toca em ovo. E ele é assim. Pedir desculpas por aquilo que é imperativo para você, aquilo que Sandy Pinter chama de “Ligações de Base”, significa pedir desculpas por sua própria existência.

A conversa termina.

— As milhas são minhas.

Desligo o telefone. Preciso pegar um avião.

três



Não conheço nenhum prazer mais confiável que o de consumir uma grande marca norte-americana tendo por trás o cenário que aparece na propaganda. Dirigir uma picape da Ford por estradas de terra escura. Rodopiar com uma Coca-Cola na praia de Malibu. Viajar pela Great West atravessando a região central do Colorado. É uma sensação de relaxamento e de ordem semelhante, acho, à que os antigos egípcios sentiam ao observar os planetas se alinharem sobre as pirâmides. Você está no lugar certo, correndo com todas as forças certas, e se o vento uivar amanhã, ele que uive.

Abaixo de mim, pela janela oval fosca, posso ver dois lagos alpinos brilhando num tom químico de azul muito pouco natural, a cor das piscinas dentro dos reatores nucleares. Montanhas encimadas por antenas de rádio se erguem ao sul e a oeste. Aspen está logo ali, com pistas que varam como raias de boliche entre os pinheiros, os tetos de metal das hospedarias e das residências de inverno enviando luzes como num código Morse, refletindo o sol da manhã. É um belo dia no Mundo Aéreo. Ligo meu gravador e curto alguns minutos do Vocabulário Competitivo pelos fones de ouvido.

Estamos com o avião a meia carga, se muito — os descontos da Desert Air andam roubando passageiros. É mais que uma guerra de preços, é uma ópera, um duelo. O jovem Soren Morse, com suas bajulações de escola de segunda linha, contra o major Buck Garrett,

ás da aviação na Guerra da Coreia. O marqueteiro contra o aviador. Triste. Triste porque Garrett, a sisuda lenda nacional, não tem a menor chance. Ele faz seus próprios comerciais para economizar dinheiro e acaba parecendo ridículo. Pior que isso, ele se recusa a instituir um programa de bônus. Garrett acredita que passagens baratas se vendem sozinhas, e é verdade, mas para um tipo de cliente apenas: aposentados que viajam, se muito, uma vez por ano.

De pé em sua poltrona, algumas filas atrás de mim, um bebê brinca de esconde-esconde comigo. O envolvimento secreto que as crianças têm com os estranhos pelas costas dos pais. Eu aceno, ele se esconde. “Termo de compromisso: compromisso ou obrigação assumida diante de um tribunal.” Estudo a parte de trás da cabeça dos outros passageiros. Uma espiral de cabelos grisalhos pintados, como Dairy Queen, com uma presilha de platina em formato de cobra. Uma careca lustrosa com uma cicatriz no centro e pintas na cicatriz.

São as pessoas que nunca vou conhecer aquelas que mais me intrigam.

“Sedicioso: propenso a estimular revoltas.”

Sorrio para mim. Tudo se liga aqui em cima. Do outro lado do corredor, um famoso empresário, analista de valores mobiliários que tem seu próprio programa de televisão e uma fundação para jovens urbanos problemáticos, caiu no sono com um Sprite na mão direita e a luz da lâmpada de cima se projetando bem em cima de sua boca aberta.

Lá dentro, a quantidade de ouro é surpreendente, uma imagem selvagem que tenho o privilégio de contemplar. A comissária de bordo também dá uma espiadinha — e sorrimos juntos. Essa boca move mercados e olhe só para ela: é uma mina de ouro!

As celebridades, por sua vez, sempre parecem perdidas num avião. Há cinco anos, eu me vi cercado por um grupo de rock que eu idolatrava quando era garoto. Dois deles se sentaram sozinhos em

suas fileiras e outros dois estavam com as namoradas. Os cabelos, que eram uma marca registrada do grupo — ondulados pretos e maltratados, como se fossem palha —, pareciam um exagero naquele cenário neutro. O baterista, que diziam ser um quebrador de quartos de hotel e que teria trocado todo o seu sangue numa clínica exclusiva de Genebra, manuseava um videogame portátil. O cantor, que era a estrela, estava sentado quieto e olhava para a frente como se estivesse enguiçado e esperando pelo conserto. Sua fama parecia pedir uma classe além da primeira, e eu não pude deixar de ter uma opinião menor sobre ele por estar, de alguma maneira, dividindo uma cabine com gente como eu.

Os atletas profissionais são os que mais chamam a atenção. No momento em que foram descobertos na adolescência, o mundo parou para eles. Apenas coma e fique em forma.

Eles ganham refeições especiais, com carnes gordas e grandes saladas preparadas pelos chefes, e se quiserem mais sal chamam o treinador, que fala com uma comissária de bordo, que por sua vez vai buscar. Os jogadores discutem suas contusões, seus carros, investimentos em boates e em concessionárias de carros. É uma existência cansativa, pelo que posso ver, dedicada a conservar energia. Pais empurram crianças tímidas para cumprimentá-los, e o atleta as atende com um mínimo de esforço, às vezes sem sequer girar a portentosa cabeça. Tanta inércia, tanta quietude. Sinto inveja.

Esse é o lugar para se ver os Estados Unidos, não lá embaixo, onde o show praticamente já terminou. Depois da faculdade, atravessei o país com uma namorada, enchendo uma caminhonete Subaru com cerveja e sacos de dormir e jogando uma moeda para ver qual estrada pegaríamos naquele dia. A garota tinha educação, filha de dois professores que consultaram colegas dos campi sobre a criação dela. Nada de televisão. Uma lista de leitura em várias línguas. Ela adorava minigolfe, as barracas de fazendeiros à beira da estrada, os olhares pervertidos de homens mais velhos em seus

aventais engordurados. Ela foi lendo *On the Road*: Pé na estrada enquanto eu dirigia, chegava a declamar o livro. Eu sabia que estava sendo usado — era seu guia nativo — e que ela me abandonaria tão logo eu comesse a viagem de volta para o sítio de seus pais em Nantucket, mas eu queria mostrar a ela algo que ela nunca vira.

Mas falhei. Não havia nada. Aqueles Estados Unidos tinham acabado. Filmes demais transformaram os desertos em cenários. As *coffee shops* 24 horas serviam ovos sem colesterol. E por toda parte, do empoeirado estado de Nebraska até os pântanos da Louisiana, as pessoas já estavam à nossa espera, os peregrinos da estrada. Elas vendiam camisas da Rota 66 e aceitavam cartão de crédito. As que pediam carona não contavam histórias, só dormiam, e os postos de gasolina eram de autosserviço, não tinham funcionários rudes, sem dentes e cheios de graxa. Em Kansas, minha namorada jogou fora o livro num quiosque da Dunkin'Donuts que ficava numa parada para caminhões e ligou para o pai, pedindo uma passagem para casa. Hoje ela é socióloga, formada pela Penn State, criando os filhos da mesma maneira como foi criada, e duvido que nesses 15 anos ela tenha pensado sequer duas vezes sobre nossa viagem. E nem teria por quê. Os verdadeiros Estados Unidos tinham decolado e nós passamos o verão dando voltas numa ruína. Aliás, nem isso. A cópia de uma ruína.

O conselheiro de ações da TV acorda e assoa o nariz, depois dá uma olhada na toalha de mão oferecida pela companhia para ver se não expectorou uma pepita de ouro.

Tiro meus fones de ouvido e abro o catálogo de vendas AirMall que está na bolsa da poltrona e verifico se há algum presente de casamento. A AirMall garante a entrega no dia seguinte para compras feitas a bordo, por telefone próprio, e mostra alguns produtos diferentes, que não são encontrados nas lojas: canetas prateadas para usar no espaço, cuja tinta flui de baixo para cima,

despertadores que mostram as horas jogando um facho de luz no teto, tábuas de alongamento para dor nas costas.

Às vezes, eu me deixo levar por essas maravilhas e peço para encaminhá-las ao meu hotel, para que eu tenha alguma coisa me esperando com meu nome lá. Tenho um fraco por máquinas de ruídos leves que simulam cachoeiras ou ondas batendo na praia. Nesses últimos tempos, não consigo dormir sem esses artifícios. O que tenho agora está programado para “tempestade de verão” e eu mal posso esperar para ligá-lo esta noite.

Restrinjo minhas opções a um robô cortador de grama, que consegue seguir uma grade de fios sob a terra (Julie, a disléxica, não vai entender as instruções e vai fazer a coisa disparar para o outro lado da rua), e à opção mais segura, um “sistema” de bagagem de seis peças, feita de náilon reforçado com partes de Kevlar embutidas.

Não é um conjunto que eu compraria para mim — que viajo com pouca bagagem e prefiro couro, por seu calor, e porque as marcas de arranhões e de desgaste marcam minhas viagens como se fossem fósseis —, mas, para Julie e Keith, que fazem uma viagem por ano à Flórida e que fizeram uma excursão guiada à Terra Santa que minha mãe e o Maravilhoso lhe deram em vez de uma lua de mel agnóstica, essas malas devem servir. Bastante espaço para a farmácia pessoal de Julie e totalmente à prova de manchas, se ela vomitar em cima.

O estado da garota já passou de delicado. Ela me dá medo.

Embora Kara nunca vá me perdoar se eu fizer isso, o fato é que eu devo a Keith um briefing esta semana, o histórico completo, começando com o falso concurso de modelos, quando Julie tinha 15 anos. Como outras garotas da região que caíram nessa farsa, ela parou de comer. Começou a correr. Vivía tomando laxantes. Quando os promotores acabaram com as taxas de inscrição, ela e outras idiotas continuaram com a dieta. Começaram a roubar lojas, formaram um clubinho. A escola mandou chamar assistentes sociais em St. Paul. Houve uma busca de drogas e uma tentativa de suicídio.

Com o tempo, alguma coisa endireitou essas meninas. Elas pularam fora dessa vida, se formaram e aprenderam a ter um pouco de bom senso.

Menos minha irmãzinha. Foi tanta tristeza. Um casamento na adolescência, um divórcio na adolescência. Um ano na escola de massagem. As dietas da moda e os comprimidos.

O segundo marido, racista, que foi para a penitenciária de Sandstone por falsificar títulos de poupança numa copiadora colorida. E só nos últimos dois anos uma espécie de paz para Julie, um novo objetivo, reabilitando animais feridos na fazenda de socorro da Sociedade Protetora dos Animais. Hoje ela até tem um diploma, de técnica em veterinária — e embora ainda seja bem magra, seus olhos vão para onde ela os dirige, o que já acho um progresso.

E agora este casamento, com este tal de Keith. Não dou dois anos para ela voltar a dar entrada num hospital.

— Com licença.

O especialista em ações me olha.

— É só uma pergunta, meu senhor. Sei quem o senhor é e sei que não devia perguntar...

— Não tem problema. Eu já me acostumei.

— Se o senhor fosse comprar só uma ação amanhã, uma blue chip, de presente, para o longo prazo, para alguém que não sabe tomar conta da própria vida... que ação seria?

— Essa pessoa é menor de idade?

— De certa maneira. Tem 31 anos.

— Mas é burra?

— Num nível bem alto.

— Do sexo feminino, eu diria?

— Extremamente feminina.

— Muito bem. — O especialista passa a língua pela boca de ouro. Ele está pensando, está me levando a sério. Deus o abençoe. Existe

bondade no Mundo Aéreo. Eu topo com ela o tempo todo.

— Eu recomendaria a General Electric, mas não posso. Os investimentos que eles fazem no setor de mídia são, para mim, uma ofensa moral. Um investimento de longo prazo deve deixar o proprietário numa boa situação. Sou minoria ao dizer isso, mas que assim seja. Poucas pessoas sabem disso, mas entre meus clientes está a Igreja Luterana Americana. E por isso meu padrão tem que ser de alto nível.

Isso me inspira. De verdade. O homem é um monstro. E pensar que, neste momento, tenho ele só para mim.

— Vou lhe dizer a mesma coisa que falei para os bispos luteranos: encha seu carrinho de Chase Manhattan até a ação chegar a 60. Chase é tudo. Uma casa construída na rocha.



A única escala do voo é em Elko, e, conhecendo Elko, ninguém vai entrar nem sair do avião. Uma cidade curiosa — restaurantes bascos em cada esquina, alguns pequenos cassinos, quilômetros de *campings* com trailers e uma loja na rua principal que vende calcinhas doces para prostitutas. Uma vez passei uma noite lá com um bilionário, o 104º da lista da *Forbes* dos quatrocentos americanos mais ricos. Fui contratado para fazer o *downsizing* da empresa de brinquedos da família. O cara estava comprando um rancho como hobby e estava ansioso para entrar num bordel, mas não queria ir sozinho. Ele me deixou segurando a carteira, para não dar problema, e eu me vi olhando o que tinha lá dentro enquanto ele se divertia. Achava que a carteira de um bilionário poderia me ensinar alguma coisa. Lá dentro, encontrei uma carteira de motorista com a data vencida, cuja foto me convenceu de que ele fizera plástica. E também

um cartão de crédito. Branco. Não um cartão de platina, mas branco. Quando penso em Elko, penso naquele cartão branco, do que ele era capaz de comprar. Estados inteiros. O próprio deserto. Depois que o bilionário terminou de traçar a garota, voltamos ao jatinho dele, que tinha duas cabines para dormir. Pela divisória, pude ouvi-lo se masturbando, seduzindo a si mesmo numa voz feminina que ele mesmo fazia e que parecia de um desses discos de cantoras estridentes.

Tudo aquilo que você não quer, eu me lembro de ter pensado naquela noite, é aparecer nos sonhos de um cara desses. Tenho medo de bilionários, embora não pelas mesmas razões do meu pai. Se o objetivo deles fosse apenas dominar o mundo, todos estaríamos mais seguros; os problemas começam quando eles começam a mexer com as pessoas.

Volto a ligar minha fita, e logo desligo. Palavras demais num só dia me deixam confuso. A comissária de bordo se aproxima. Tenho certeza de que a conheço.

— Senhor?

— Você é Denise, da linha Chicago-Los Angeles.

— Mudei de rota na semana passada. — Ela abaixa o volume da voz: — Estamos tendo dificuldades com um passageiro. Aquele homem com camisa de golfe — ela aponta — ao lado daquela senhora...

— Sim?

— Ele está bêbado e a incomodando. Sei que o senhor está feliz com esse lugar vazio...

— Absolutamente. Pode mandá-la para cá. Eu tiro minhas coisas.

— Ela vai até Reno.

— Mande-a para cá.

Formo uma primeira impressão mais rápido que a maioria das pessoas. A noção de espaço da mulher é complicada; cada movimento parece ser uma escolha exata entre duas alternativas,

uma completamente certa, a outra completamente errada. Ela faz uma pausa e nessa pausa avalia uma decisão, erguendo-se um pouco da poltrona, depois se erguendo toda, girando os ombros e depois a nuca, cada gesto preciso e destacado, como se fosse um inseto. Chega a exercer certa atração o jeito como ela começa e para, mas também deixa passar uma ambiguidade dolorosa, como se algum dia ela tivesse sofrido um acidente paralisante e precisado fazer fisioterapia para reeducar os músculos. Eu mesmo já passei por um acidente desses, embora não seja eu quem deva julgar o mal que ele causou.

Em vez de deixá-la passar para pegar a janela, pulo para o outro lugar, com a pasta no colo. Depois de se ver encurralada pelo bêbado, a mulher vai querer uma porta de saída bem aberta.

- Aquele cara... é um cafajeste — ela diz.
- Hoje eles estão por toda parte.
- Acho que sou eu que os atraio. Devo mandar algum sinal.
- É só uma questão de sorte. É o computador que escolhe nossos lugares.

E aqui estamos nós. Já está tudo decidido: em que tom de voz vamos conversar, a distância a que vamos nos sentar e até que ponto vamos mergulhar na história um do outro. Negociações como essa acontecem rapidamente, terminam antes mesmo de você notar que elas sequer começaram, e tudo que segue entre dois estranhos não passa de uma extensão desse contrato instantâneo. Já havíamos encontrado um inimigo comum, o bêbado, e decidido que éramos seres superiores, mas posso apostar que não vai passar disso. Nossos vetores já foram fixados: sempre em frente, paralelos, mas fadados a nunca se tocar ou se cruzar. Para haver romance, é preciso que haja conflito, uma rota de colisão, mas fomos condenados à empatia e à concordância.

Ela não é para mim. A lista está ficando cada vez menor. Nós vamos brincar e contar piadas, vamos descobrir algumas afinidades

esquisitas, mas entre nós já acabou e eu estou até aliviado.

— Não deviam ter dado bebida a ele. Ele já entrou fedendo — ela reclama. — Pensei que a FAA [*Federal Aviation Administration*] tivesse um regulamento sobre isso.

— Esses regulamentos só são aplicados na classe econômica e na executiva. Bem-vinda à selva.

— Meu nome é Alex — ela diz.

— Ryan.

Acho que Alex é algum tipo de artista, embora não daquelas empertigadas de que não gosto. Ela é contratada. Ela aprendeu a se vender. Seus óculos feios dizem tudo: armação escura e grossa, quase deselegante, tem uma qualidade irônica, de brechó, que quer demonstrar independência e ecletismo. Antes do ATC, quando eu ainda trabalhava com marketing, eu convivia com designers de vez em quando; para eles, os acessórios eram tudo. Eles podiam usar uma sacola de aniagem como calça, desde que encontrassem um cinto maneira para segurá-la.

— Você vai a Reno em busca de emoções?

Ela franze a testa.

— Emoções?

— O cassino — digo. Posso ver que Alex não joga, mas sinto que ela se vê como uma pessoa de espírito livre. Vai se sentir lisonjeada de eu tê-la tomado por jogadora.

— Não, mas adoraria aprender. Gosto das mesas de dados. Toda aquela conversa, aquela gente falando sem parar. Estou viajando a trabalho. Sou coordenadora de eventos.

— Casamentos?

— E também convenções e caridades. Ambientes de imitação instantâneos são minha especialidade.

Contemplo duas respostas a esse comentário, que, graças ao Vocabulário Competitivo, eu entendi. Um: posso adverti-la a não menosprezar o próprio trabalho. Parece algo adulto e espirituoso,

sim, mas se passar do ponto, você é que passa a ser a piada. Dois: eu rio. Deixo-a zombar de si mesma até ela ficar realmente deprimida, então entro com minha conversa mole e conselhos sábios baseados em meu trabalho com executivos dispensáveis que minimizaram o valor de seu trabalho até que um dia os perderam, começaram a chorar de desespero ou dirigiram até o rio e engoliram cem comprimidos. Eu diria que a idade dela deve ser uns 28 anos, a hora em que as mulheres provam do sucesso pela primeira vez e percebem que foram enganadas. Um momento crucial — é quando a dor se instala. Às vezes, isso leva a um casamento e a uma família. Às vezes, instila a dedicação a uma causa. Os homens também atingem esse ponto, é claro, mas raramente isso resulta em grandes mudanças. Foi assim que aconteceu comigo quando eu me aproximava dos 30 anos, quando cheguei à conclusão de que o ATC não era um trabalho temporário. Pesei as alternativas, convenci-me de que não havia outra e aqui estou eu — sobrevivendo de amêndoas secas e correndo atrás de milhas.

Rio com ela. Acabe consigo mesma, vá em frente.

— Estou fazendo um trabalho de caridade para uma senadora interina. Esposa daquele cara que morreu fazendo esqui aquático.

— Nielsen.

— Viuvez com um propósito. Esse é o meu tema. O esquema de cor vai ser ouro e cinza. A comida? Estou pensando em costelas do melhor tipo. Todo aquele sangue.

Sacrifício e renovação. Martírio.

— Trabalho muito complicado.

— Na verdade, é o básico.

Essa declaração me ofende; é sutilmente desrespeitosa. Alex ainda não sabe com que eu trabalho, mas duvido que ela pense que eu seja um neurocirurgião ou alguém cujo trabalho seja mais complexo que o dela. Por isso, se ela for só uma merdinha, uma baranga sem inspiração, então eu sou o quê, este cara com uma pasta

padrão, vestindo um blazer leve azul marinho e meias sintéticas que não têm cheiro?

— O que é tão básico assim?

— É tão classe média.

— E o que há de errado com isso? — pergunto.

Ela toca os óculos, pondo-os mais acima no nariz ossudo. Seu rosto é elegante, anguloso, distinto, produto de gerações de casamentos prudentes por parte de pessoas que trabalharam duro e deixaram as frescuras de lado só para dar vida a uma boêmia.

A atitude dela lembra meu tempo de faculdade. Meu pai nunca devia ter me mandado para a DeWitt. Foi o nome que o deixou impressionado, os folhetos muito benfeitos, a aura de uma visão de mundo ampla e humanista. A verdade é que o lugar era um paraíso para idiotas mimados — hippies do litoral que viviam ouvindo reggae, cursavam a faculdade para aumentar o desprezo que sentiam por gente como eu, criada no meio do trigo entre os dois oceanos, por mães que encapavam os sofás de plástico, na verdade sofás-camas, Meu companheiro de quarto, um garoto dos subúrbios de Washington, D.C., fumava drogas num cachimbo indígena talhado à mão, descontava cheques mensais do seu *trust* que me faziam engolir em seco e ouvia world music num aparelho de som de última geração que custava mais do que um dos caminhões-tanques do meu pai. Ele se intitulava um feminista, entre todas as coisas, e me inscreveu num “círculo de autocrítica”. Nos reuníamos num dormitório que era um verdadeiro antro de consumo de ópio, as janelas tapadas com batiques indianos que me obrigavam a fazer uso de um despertador para acordar para as aulas, e, quando chegou minha vez de confessar meus preconceitos, falei que não tinha nenhum. Meu companheiro de quarto me expulsou. Inventei uma “concentração independente” em Cultura Comercial Comparada — a coisa mais careta que um garoto podia fazer lá —, comprei um Timex bonito e reluzente e comecei a usá-lo.

— Lamento saber que você se sente assim — digo. — Se o seu trabalho não está à sua altura, você devia mudar de profissão. — Talvez, afinal de contas, vá surgir algum conflito.

Alex tira, de algum lugar, um pequeno inalador e enche os pulmões de esteroides. A cor dela muda. E não necessariamente para melhor.

— Já mudei. Os eventos são minha segunda opção. Não é o trabalho, são os clientes que me cansam. Essa senadora, por exemplo. Uma idiota que gosta de exercitar seu poder. Ela me mandou os esboços dos arranjos de flores com um monte de X grandes, com o recado: “Mais fúnebre, por favor.” Pode acreditar numa coisa dessas? O pobre marido tem a cabeça decepada por uma lancha e ela vê isso como uma oportunidade de angariar fundos.

— Democrata?

— Isso mesmo. Eu devia mudar de partido.

— Os dois são corruptos.

— Duas máquinas de tirar o poder das pessoas.

Agora ela está falando a minha língua. Talvez tenha lido Sandy Pinter, ou tenha lido sobre ele. Talvez existam outras camadas nesta Alex.

— E o que você faz? — ela pergunta.

Deixo de fora meu trabalho de ATC e falo mais dos treinamentos, que são menos frequentes, utilizando minha tarefa em Reno para ilustrar. É uma apresentação padronizada: a história de Art Krusk. Um capitão aposentado do Exército, que sobreviveu a um câncer, abre um modesto bufê de comida mexicana, com mariachis e receitas caseiras da mulher. Ele amplia a operação com dinheiro de empréstimos, ficando apenas um pouco acima do ponto de afundar, almejando atingir um mercado em crescimento: jovens famílias trabalhadoras. Cria um plano de remuneração generoso para manter os melhores empregados, mas exagera e acaba gerando amplo grau de ressentimento quando diminui as recompensas. Surge um ato de

sabotagem: a suspeita de contaminação de carne moída temperada com fezes humanas. O resultante surto de infecção bacteriana deixa dezenas de pessoas doentes e mancha o nome de Krusk. Entre minhas recomendações: um campeonato esportivo interno para levantar o moral dos funcionários e o patrocínio de “bolsas” médicas para as crianças locais que estiverem precisando.

Um lanche é servido: sanduíches de *bagel* com peru ou presunto, alface e molho de maionese. Alex faz perguntas, e boas, sobre o caso Krusk, analisando os detalhes da Reconstrução da Marca — uma expressão que ela efetivamente utiliza. Ela está na minha, franzindo a testa e assentindo, resumindo. Isso põe suas feições em ordem e dá vida aos seus olhos.

Quando termino, Alex me conta tudo sobre si. Ela vem de uma cidade em Wyoming, tão pequena quanto a minha, cujo maior acontecimento foi o dia em que um deputado local multou Robert Redford por excesso de velocidade. Na minha cidade, aconteceu coisa melhor. Lá em Polk Center, tínhamos um médico, amigo do meu pai na loja dos Shriners, especialista em implantes de silicone ultragrandes, de segurança questionável. Um dia ele fez uma cirurgia nos peitos da amante de um presidente. Ficamos sabendo porque a Western Union da cidade trouxe um telegrama de melhoras enviado pela Casa Branca. O funcionário fez uma cópia e colocou nos arquivos do museu da história municipal, aonde meu pai me levou para ver quando eu era adolescente, explicando que era importante que os jovens vissem mais do que a mera atitude de santos dos seus líderes.

- Um pai sábio — comenta Alex.
- Sinto muita falta dele.
- Há quanto tempo ele morreu?
- Seis anos.

Sinto a bebida subir pelo estômago e me refreio. As lembranças que tenho da minha juventude feliz confundem as pessoas: elas não

sabem se estou me gabando, se estou brincando ou se sou maluco. Para mim, é um problema, um peso curioso: minha infância de ouro à la Mark Twain, de cachorros-quentes na Feira do Estado e viagens de furgão ao parque de Yellowstone. Tão pouca sombra e tanta luz, tão variada. A radiância outonal dos vagões ao pôr do sol, levando embora os grãos do município de Lewis; o brilho do sol do verão no para-lama da minha Schwinn. E meu pai, a aparente fonte de tanta luz, vestindo botas Red Wing e sobretudo Carhartt, quando caminhava de manhã até seu caminhão amarelo e acordava a cidade para mais um dia de trabalho. As entregas dele abasteciam os fornos do município e esquentavam os banhos que as pessoas tomavam de manhã. Ele aquecia o mundo.

Mas quem quer ouvir uma coisa dessas? Ninguém. Já tentei. Tentei até no seminário de redação criativa. Uma garota da minha idade falou “Não conte. Mostre”. Mas não adianta.

Alex tirou a fatia de peru do *bagel* dela, dobrou-a em duas, depois novamente em duas, enrolou tudo numa alface e mordeu. Admiro a vontade dela de pegar o que lhe foi dado e aprimorar. É uma característica de quem viaja muito, e pergunto o quanto ela viaja. Os números são medianos: 60 mil milhas em 12 meses, todas domésticas, na Delta e na United Airlines. Seu hotel preferido é o Courtyard Marriott, embora ela concorde que o Homestead Suites ofereça o mesmo valor e uma comida melhor.

Ela abre a carteira e de lá cai uma sanfona de bolsinhos de vinil mostrando seus cartões VIP.

- Você está satisfeita com a Avis?
- Estou.
- Eles são sovinas com as milhas. Gosto mais do Maestro.
- O Maestro fica muito tempo com os carros. Se um carro tem mais de 32 mil quilômetros, fico nervosa.
- E aquela empresa nova, Colonial, não é ruim.

— O *check-out* deles demora. Gosto de estacionar o carro e ir embora. Uma pergunta: você já viajou com um animal de estimação?

— Não tenho animais de estimação e, se tivesse, não os levaria num avião. O controle de atmosfera no bagageiro é meio deficiente.

O rosto de Alex se mostra preocupado.

— Eu trouxe meu gatinho novo comigo. Não podia deixá-lo em casa. É um abissínio.

— Tenho certeza de que ele está bem. Você deu algum calmante a ele?

— Um comprimido. É a prescrição para uma pessoa. Será que a dose para um animal é diferente?

Descemos em Elko passando por camadas de lençóis de fumaça. As Sierras estão pegando fogo neste verão, de Tahoe para o sul, e o sol, que acabou de se inclinar para o oeste, joga um brilho cor-de-rosa em minha janela. É uma má notícia para Alex. Reno fica ainda mais perto do fogo, embora ela me diga que fumaça não a incomoda, só produtos químicos. Ela costumava pensar que suas alergias eram emocionais, produtos de tensões infantis, mas agora ela põe a culpa nos solventes, nas colas e nas tintas de cabelo. Ela gostaria de ficar dentro do avião para recuperar o fôlego, por isso pergunta se eu poderia ver como está seu gatinho com o pessoal de terra.

— Você quer alguma coisa do terminal? Um chocolate MilkyWay?

— Não, preciso emagrecer. Não posso me arriscar.

— Compreendo.

— Tento diminuir o carboidrato quando estou viajando.

— Afeta a digestão, sem dúvida. Atitude inteligente. Comigo é óleo e gordura. Meu cabelo cai.

— Tome comprimidos de cromo.

— Já tomei. Já tentei de tudo.

Um funcionário de terra, vestido esportivamente com bermuda e boné e aparentemente contente, pela primeira vez, com seu contrato

coletivo de trabalho, empurra uma escada móvel para a saída. Tem mais gente em trânsito do que chegando. É a sensação de visitar uma ilha, de entrar, breve e suavemente, na contramão de um cenário que não tem nada a ver com você, do qual você não pretende participar e de onde você não deseja nada. É muito difícil passar por uma situação totalmente neutra na vida, e é assim que Elko me parece quando saio do avião: tranquila e irrelevante. Uma miragem.

Na pista, vejo um engradado de animal sendo descarregado — para dar água ao ocupante, imagino. Chego mais perto, mas o carregador de bagagem me manda sair. É uma área restrita.

— O gato está bem? — grito.

O carregador não responde, muito barulho das turbinas, mas alguma coisa no rosto dele me deixa preocupado quando o vejo se abaixar, destravar o engradado e meter o braço lá dentro. Ele manda outro funcionário, que dirige um carrinho de bagagens, parar, e juntos eles olham o gato pela grade.

O segundo homem se levanta e vem até onde estou.

— É seu?

— De uma amiga. Ele está bem?

— Ele foi dopado?

— Só um comprimido.

— Está mole demais. Cuide para dar bastante água a ele assim que chegar a Reno.

Atravesso o terminal de concreto, saudando um ou dois funcionários da Great West de cujos rostos me lembro de viagens anteriores. Ao revezar o pessoal, que aparece vez por outra em cidades diferentes, a companhia cria uma sensação em viajantes como eu de estar sempre correndo no mesmo lugar. É reconfortante.

Vou até a lojinha. De acordo com meu HandStar, Art Krusk tem duas filhas, de 5 e 9 anos. Dou uma olhada nas prateleiras procurando uma lembrancinha e escolho duas estatuetas de cavaleiros selvagens. Meninas não adoram cavalos? É claro que

adoram. Minhas irmãs tinham uma verdadeira obsessão por cavalos até a adolescência, quando minha mãe as proibiu de montarem para estimular seu interesse pelos garotos. E elas a odiaram por isso. Minha mãe era científica — tinha dado aula para alunos do terceiro ano antes de se casar com meu pai. Acreditava em estágios de desenvolvimento. De acordo com o sistema dela, apoiado em aniversários estratégicos, os ursinhos de pelúcia desapareciam aos 8 anos, substituídos por clarinetas ou aulas de natação. Éramos batizados aos 10 anos, crismados aos 12 e ganhávamos uma assinatura da Newsweek aos 14. Por que ela escolheu a Newsweek, eu não sei.

A senhora que cuida da lojinha, uma velha garota horrorosa, com nicotina nos dedos e olhos vermelhos de uma noite no cassino, passa meu cartão de crédito pela máquina.

Posso afirmar que ela preferiria que eu pagasse em dinheiro, para poder separar uns trocados para jogar nas máquinas.

— Negado — ela diz.

— É impossível.

Ela dá de ombros.

— Quer tentar outro?

Não quero. Esse cartão é o único que me dá milhas e ainda me permite concorrer a um Audi.

— Tente outra vez. Vai funcionar.

Como meus pagamentos são frequentes, deve ter havido um erro. Mas talvez meus pagamentos não sejam frequentes. Tento me lembrar. A última leva de correio mandada para meu antigo endereço tinha sinais de que alguém andara mexendo. Dois envelopes abertos. Será que era a conta de um cartão de crédito? Não me lembro. Mandei repassarem tudo para meu escritório na ISM — acho —, mas até sexta-feira passada nada havia chegado.

— Mais uma vez negado — diz a mulher. Ela devolve o cartão, como se ele estivesse coberto de micróbios.

Pago em dinheiro, abrindo mão de 33 milhas. Pior que isso, esqueci meu celular no avião, de modo que não posso ligar para o telefone de atendimento ao consumidor até que o rapaz no orelhão ao lado da máquina de refrigerante termine sua interminável conversa sobre uma *mountain bike* perdida.

Faço cara de quem implora.

— O que foi? — sussurra o homem.

— É uma emergência.

— Para mim também.

Elko não é o meu lugar. Nunca me dei bem aqui.

Alex parece perturbada quando volto, os lábios presos com tanta força no inalador que os ossos do queixo estão saltando para fora. Faço um gesto para ela continuar sentada e passo em frente a ela, olhando meu celular, que não vou ter tempo de usar, já que o labirinto da empresa de cartão de crédito vai me segurar por pelo menos 15 minutos.

— Como está meu menininho? Estão cuidando bem dele?

— Estão, mas ele está meio mole.

— Você o viu?

— Vi — minto.

Alex não parece ficar mais tranquila. Ela enfia o inalador na bolsa da poltrona e aperta bem seu cinto de segurança. Posso perceber agora que essa é uma mulher que encontrou seu caminho na vida usando uma mistura de assertividade moderna e fragilidade vitoriana.

Decolamos em direção à fumaça. Agora eu também estou meio sobressaltado. Excetuando-se um estreito corredor civil que segue mais ou menos a 1-80 em direção à Califórnia, os céus do centro de Nevada são território da Força Aérea, um grande campo de batalha simulado para os jatos mais novos, alguns tão secretos e ágeis que quem vê os confunde com objetos extraterrestres. Uma vez achei ter visto um: uma flecha de prata subindo como um saca-rolhas em

direção ao Sol. Antenas de radar enchem o alto das montanhas, monitorando os jogos de guerra, bombardeios e combates aéreos. O espaço aéreo norte-americano tem sua própria geografia e essa é terra de ninguém, cercada por um fio de navalha virtual. Se nosso avião cair aqui, talvez nem contem a nossos parentes.

Alex folheia uma edição da *Cosmopolitan*, que parece abaixo do nível dela, embora eu faça a mesma coisa: leio coisas abaixo do meu nível intelectual enquanto estou no avião.

Talvez ela esteja tentando não pensar no gato, para quem acho que ela sabe que deu uma dose de calmante forte demais. Imagino o bichinho em estado de coma no bagageiro, cercado por isopores de trutas congeladas, caixas de suéteres de encomenda e raquetes de tênis. Um avião é uma van cuja carga inclui seres humanos, mas não temos nada de especial, somos apenas toneladas de peso, menos lucrativas, se fizermos as contas, que o correio de primeira classe.

Pego lápis e papel e tento trabalhar, afinando meu plano para a virada empresarial de Art Krusk. Não posso dizer que estou otimista com as perspectivas dele. Curar a ferida da lembrança pública dos tacos envenenados não deve ser muito difícil, mas reabilitar Art como administrador não vai ser fácil. O cara está amargurado e estraçalhado. Dizem que ele tem ligações com o submundo de Reno e que ofereceu uma recompensa pela cabeça do sabotador desconhecido. Espero que não. Quebrar o braço de um boy não vai trazer sua clientela de volta.

Art pode até fracassar, mas é meu único cliente de treinamento, meu único alívio das dores do ATC. Talvez o melhor que eu possa fazer é ajudá-lo a fracassar. Existem dois tipos de consultores: os contadores e especialistas em gestão, que cuidam do corpo do paciente, e aqueles que tratam da mente e do espírito, que veem a empresa como um ser vivo animado por conflitos e desejos. Empresas sentem, pensam e sonham e, frequentemente, quando elas morrem, como o negócio de gás propano do meu pai morreu, elas

morrem de solidão. As empresas podem precisar de competição para prosperar, como disse Sandy Pinter num de seus livros, mas também precisam de amor e compreensão.

Alex sai para usar o banheiro, deixando-me sozinho para tomar algumas decisões. Todo voo é uma peça em três atos — decolagem, cruzeiro e descida; passado, presente e futuro —, o que significa que está na hora de me preparar para a maneira como vamos nos separar, em que termos e com que expectativa. Ela já sabe que vou ficar no Homestead Suites e eu sei que ela vai ficar no Harra's on the Strip, supervisionando seu evento de caridade, que começa às 20 horas. Talvez ela tenha um namorado local e talvez pense que eu é que tenho. E ela bem que poderia ter razão. Anita é a crupiê do jogo de pôquer aberto no Circus Circus, uma jovem de 29 anos formada pela Sarah Lawrence, que se mudou para o Oeste com o Departamento de Parques como bióloga de rios mas se apaixonou pelas pessoas do lugar. Nós nos conhecemos, castamente, há um mês, e fomos à apresentação de uma trupe irlandesa de dança no Silver Legacy, mas não pretendo procurá-la de novo. Anita tem opiniões muito feias sobre os asiáticos que frequentam sua mesa e, apesar de no início ter rido de sua intolerância, mais tarde me odiei por isso. Ela é uma dessas mulheres que assumem posições de direita como o substituto de um revólver ou de uma lata de spray de pimenta — em autodefesa, como um aviso aos chatos e perseguidores. É uma armadura cansativa.

E que toma muito tempo. A família Kennedy é isso, o Banco Mundial é aquilo.

Na verdade, também não tenho muito tempo para Alex, isto é, partindo-se do princípio de que nós tenhamos algum futuro, o que eu duvido. Não, o desafio para nós vai ser nos separarmos sem marcar qualquer tipo de encontro para esta noite. Vamos precisar usar a aterrissagem para nos separarmos e restringir qualquer

curiosidade que tenhamos demonstrado. Para confirmar a nós mesmos que nós funcionamos melhor separados.

Está na hora de encher o saco um do outro, se possível.

— Estarei na Califórnia amanhã — digo, quando ela volta, com as bochechas rosadas e cheiro de lenços perfumados. — Você sabia que, nessas revistas de restaurantes que você lê, ela já aparece rivalizando com Nova York? Acho que estão erradas.

— Como assim?

— Só acho que estão erradas. Para onde você vai, depois de Reno?

— De volta para casa, em Salt Lake City. Acabei de me mudar para lá.

— Você é mórmon?

— Não, mas eles estão tentando. Gosto de gente batendo à minha porta.

— Eles usam cuecas que dizem ser à prova de balas. Juro por Deus. Eles vão lhe contar histórias de balas que elas pararam.

— Essa eu ainda não ouvi.

— Basta namorar um mórmon.

— Eu achava que eles não namoravam.

— Eles namoram muito. E já têm uma aliança engatilhada logo na primeira noite.

Eu paro. Isso tudo está ficando muito interessante, muito pessoal.

— Tem certeza de que foi o meu gato que você viu, e não o de outro passageiro? Ouvi dizer que eles perdem os animais. Os bichos das pessoas vão parar na Grécia.

— Como se chamava aquele filme, A incrível jornada? Aquele em que uma família se muda para uma nova cidade e o cachorro anda 1.500 quilômetros para encontrá-los?

Acho que ele luta com um urso pelo caminho.

— Existe mais de um filme assim. Já formam um gênero.

— Conheço essa palavra, mas nunca consigo falar. Acho que bate uma ansiedade na hora de pronunciar.

— Eu sei. Também sou assim com “cigarillo”. É um um dobrado?

— Por mim...

— Mesmo assim, acho que não está certo.

— Uma hora dessas, dou uma olhada.

Está funcionando: mal olhamos um para o outro e já aparecem os prédios de Reno. Mais dez minutos. A única ameaça é o nosso orgulho; o meu dói um pouquinho. Nosso trato — o que estabeleci para nós dois — é que deveríamos nos afastar relutante e suavemente, e não nos separarmos totalmente. Será que não dá para mudar isso? Afinal de contas, isso aqui é Reno, uma cidade onde toda economia se baseia em erros de julgamento e malfadados desencontros. Será que não poderíamos pelo menos mostrar um pouco da tensão amarga de termos ficado tão prudentes com nossos corpos?

Não, porque agora o bêbado voltou a entrar em ação, incomodando a comissária de bordo por ter lhe dado um basta. Ele atira uma pedra de gelo nela, rosna, grunhe, seu rosto mais parecendo uma máscara de palhaço vermelha. Alex estremece. Se ela viaja tanto, já deveria estar acostumada a isso — esses rompantes de raiva autojustificada —, mas ela se encolhe como um coelhinho. Será minha chance de passar um braço paternal em volta dela? É exatamente o que eu penso em fazer, quando o copiloto aparece, cinematograficamente elegante em seu uniforme e fazendo o papel de um homem tão capaz que qualquer movimento de proteção de minha parte pareceria uma imitação barata. Ele ameaça o bêbado de prendê-lo assim que pousarmos.

Levanta o braço. O bêbado gagueja, estrila e finalmente fica em silêncio. O copiloto manda o homem pegar o cubo de gelo e fica parado ali, de pé com as mãos na cintura, enquanto o bêbado se abaixa.

Esse pequeno drama fez com que nos fechássemos em nossas conchas. Alex volta a pegar o inalador. Ela parece cansada. Está pronta para pegar seu gatinho, chamar um táxi e se enroscar na cama ao som das *Headline News* da CNN. Vai pedir uma salada pelo serviço de quarto e comer com as cortinas fechadas, e depois pegar um Snickers do frigobar. Vai colocar seus tampões de ouvido, uma máscara para bloquear a claridade e se deitar de roupa para um cochilo sem sonhos.

Não demora nada e já estamos de pé, na porta do avião, saindo dali como bebês numa creche segurando em cordas enfeitadas. Desço um degrau atrás dela. Hora de dizer adeus.

- Boa sorte com a senadora bruxa.
- Vou precisar.
- E quanto ao *check-out* da Colonial, eles agilizaram. Talvez valha a pena dar outra chance a eles.
- Vou fazer isso.

Para onde elas se dirigem, depois que vão embora? A última vez que a vejo, ela está diante da esteira de bagagens, ajeitando o cabelo e esperando o engradado de animais. Vou ficar surpreso se o bichinho tiver chegado vivo, e percebo que o que fiz foi suprimir minha raiva de Alex por ter posto em risco a saúde dele só para ajudá-la na solidão. Essa função era minha, seu companheiro de viagem, mas ela me rejeitou. E eu a rejeitei. Esquecemos que no Mundo Aéreo tudo o que temos é o outro.

quatro



Eu costumava tentar ser interessante. Essa fase passou. Agora procuro ser agradável e pontual.

Mas isso vai ser impossível hoje. Atrás do balcão da locadora de automóveis, um estagiário burro se esforça para colocar a chave num chaveiro e dobrar meu contrato de um jeito que caiba no envelope. A julgar pela idade, ele deveria estar na faculdade, mas em vez disso já está fracassando em seu primeiro emprego. Depois de passar meu cartão de crédito — ainda bloqueado; tenho que usar o AmEx da ISM, que não me dá milhas —, ele consegue deixá-lo cair e pisar em cima dele, arranhando e estragando a fita magnética. A desculpa patética do garoto é que suas mãos estão engorduradas; ele acabou de comer uma caixa de palitos de frango grelhado. Digo que é melhor ele repensar suas metas, e ele age como se eu tivesse feito um elogio, me agradecendo e me dando um mapa.

- Desculpe, mas qual é o seu trabalho?
- Meu trabalho? É preencher os contratos de aluguel de carro.
- Não, não é. Seu trabalho é fornecer um serviço que atenda a uma necessidade.

Ele fica me olhando.

- Agora diga qual é a minha necessidade — peço.
- Um Nissan de quatro portas.

— Na verdade, o que eu quero, o meu desejo mais básico, é conseguir chegar a uma reunião de trabalho do outro lado da cidade pontualmente, confortavelmente e em segurança. O Nissan é apenas um meio para um fim. É só um detalhe. Tente pensar menos em tarefas isoladas e mais sobre o processo como um todo. Pode acreditar que vai lhe ajudar muito.

— Quer dizer que o senhor é milionário?

— Não. Eu preciso ser rico para dar um conselho desses?

— Para eu ouvir, sim — ele responde.

O carro, um modelo novo que eu nunca dirigi, tem cheiro de desodorante industrial com aroma de frutas muito pior que qualquer odor que ele esteja tentando encobrir.

Os espelhos apontam em direções contraditórias, como se o motorista anterior fosse esquizofrênico. O rádio está sintonizado numa estação de rock cristão. Rock cristão é um vício particular meu; é tão bem produzido quanto rock de verdade, porém mais melódico, com letras que rimam e mais fácil de ouvir. Os artistas têm talento de verdade e são mais dedicados. Depois que a polícia tirou seu segundo marido de circulação, Julie passou um verão renascendo e trabalhou numa lojinha de artigos religiosos de St. Paul, cujo gerente tocava numa banda que se chamava Precious Blood (Sangue Precioso). Fomos a um dos shows, um espetáculo de raios laser, fumaça e roupas coloridas. Durante o bis, a banda soltou pombas brancas e depois Julie e mais umas pessoas invadiram o palco e caíram de joelhos diante de uma cruz de neon ao lado da bateria. Fiquei abalado de ver uma necessidade tão grande dentro dela, essa sede toda.

Aumento o rádio, remanejo os espelhos e vou até a guarita do estacionamento, sacudindo os papéis da locadora. O velho guarda acena e levanta a cancela de listras vermelhas. Passo por cima do quebra-molas e vou embora.

No caminho para a casa de Art, onde ele insiste em me encontrar, dito algumas linhas que vão ser o prefácio de A garagem para o microcomputador em meu queixo.

Por muitos anos, a mensagem foi sempre a mesma. É crescer ou morrer. Mas será que isso é necessariamente verdade? Muitas vezes, crescer só por crescer leva ao caos: uma expansão insustentável de capital, aquisições mal planejadas, um ambiente de trabalho estressante. Com A garagem, proponho uma fórmula nova e ousada para substituir a mera busca do lucro: “Plenitude Suficiente”. Isso quer dizer que o bastante realmente pode ser o bastante. Será uma heresia? Não para os que estudam o corpo humano, que sabem que uma saúde excelente não é alcançada por um consumo e uma atividade cada vez maiores, mas funcionando dentro de certos parâmetros de dieta e de exercício, trabalho e lazer. E assim também deve ser a empresa, cujo objetivo maior não deve ser números cada vez maiores, mas a criação e a gestão da abundância. Continue lendo e você descobrirá, em A garagem: as quatro atitudes plenas, as seis falsas missões...

De onde surgiram essas palavras, não faço a menor ideia. Como o resto do livro, que escrevi ao longo de dez meses, ditando duas horas antes de dormir numa sucessão de suítes de hotel idênticas, cujas plantas e brindes padronizados me permitiram trabalhar sem distrações e sem pensar, o prefácio parece uma dádiva, um sonho sendo transcrito. Qual é o valor que isso tem, eu não sei. Às vezes, temo que o livro seja apenas o transbordar de um cérebro tão encharcado de termos técnicos que ele só esteja jogando o excesso pelo ladrão. Eu só me permiti relê-lo uma vez, e algumas de suas ideias me pareceram estranhas, sem ligação com a maneira como realmente funciono. É possível ser mais sábio no papel que na vida real? Espero que sim.

As instruções de Art Krusk me levam pelas montanhas até o meio da fumaça com cheiro de pneu queimado. Sei que Art se

mudou para um campo de golfe recentemente, mas é difícil imaginar campos verdes no meio dessas terras marrons. De onde vem a água? É um pecado. Estou convencido de que a cultura do golfe, da qual tive amplas oportunidades de participar, tira seu fascínio do desperdício, do suntuoso desequilíbrio entre suas vastas necessidades — hectares de terra, trabalho, máquinas, fertilizantes — e o que dá em troca, que é igual a nada. Muito triste. Nas poucas vezes em que joguei golfe, saí de lá me sentindo um glutão ecológico.

Chego a uma porteira manejada por uma velha tão descascada pelo sol que sua pele parece a asa de um morcego, com tecido cinza e despigmentado e veias finas. Digo meu nome e ela consulta a prancheta.

— Art mandou você subir. A casa está aberta. Ele precisou sair.

— E quando volta?

— Ele saiu há uma hora. Não sei. Tente dirigir devagar e tome cuidado com os carrinhos de golfe. Muitos dos moradores ouvirão você chegar.

O condomínio ainda não foi terminado, com montes de areia junto de ruas finas e becos sem saída. Com tantas ruelas e saídas que não dão em lugar algum, o incorporador esgotou os nomes normais para batizar as ruas. Viro à esquerda na Lassie Drive e faço uma curva à direita na Paul Newman Avenue. As casas (com prestações “a partir de 250 dólares”, segundo o cartaz) imitam vários estilos, sendo o mais popular um tipo de rancho grego que mistura telhados de azulejos chatos com colunas reforçadas.

A casa de Art é um dos modelos mais caprichados, com um gramado recém-plantado onde ainda se vê o desenho das placas de grama e um chafariz de mármore falso com dois cupidos dançando. Para alguém que está na enrascada em que ele se encontra, isso chega a ser um acinte. As lanchonetes dele mandaram metade de

Nevada para o pronto-socorro e o homem constrói um castelo típico de um mafioso moderno.

Sinto-me tentado a deixar um bilhete debochado e voltar para o aeroporto. Abandonar Art à própria sorte me daria horas preciosas numa agenda mais que apertada. Eu poderia comprar um dicionário e dar uma incrementada em A garagem. Eu poderia ir a uma academia e definir meus músculos flácidos. A ISM entenderia — Art é cliente pequeno e sempre atrasa os pagamentos —, mas tenho que considerar as sondagens da MythTech. Se for verdade que eles estão me investigando de longe, então meu comportamento esta semana precisa ser nada menos que impecável. E além disso, eu gosto do Art. Ele é meio rude, mas batalhador.

Do meu celular, telefono para o pessoal do cartão de crédito e dou uma volta por trás da casa em direção à piscina, um lago azul de forma livre com uma ilha artificial e duas bolas de golfe perdidas no fundo, parecendo dois comprimidos de antiácido que não se dissolveram. Minha chamada é transferida de um computador para outro e então atende uma pessoa que mais parece uma máquina.

— Onde o senhor se localiza atualmente? — ela pergunta.

— Em Nevada. Na cidade de Reno.

— O senhor fez alguma compra grande na sexta-feira?

— Por isso eu estou ligando. Vocês cortaram meu crédito.

— Com quem eu falo?

Perco a paciência.

— Eu estou aqui, no meio de uma viagem de negócios, totalmente dependente do seu cartão, cumprindo de boa-fé minha parte no contrato...

A mulher também muda de tom e pede para eu me acalmar. Ela explica que, nos últimos dias, alguém andou indo de um estado a outro, fazendo grandes compras com meu cartão: 1.500 numa loja de equipamentos eletrônicos em Salt Lake City, 200 numa compra de flores por telefone. As compras não batiam com meu perfil de

consumidor e o banco bloqueou o cartão. A última compra foi no sábado. Quatrocentos dólares numa loja do Texas de artigos do Velho Oeste.

Essa compra realmente foi minha. As botas. Digo isso para a mulher.

— O senhor tem certeza de que está em Reno agora?

— Estou aqui.

— E não pode ter mandado flores quinta passada? Por telefone?

Estou na beira da piscina, confuso e assustado. Encomendar flores para o aniversário da minha mãe estava em minha lista de tarefas há uma semana. Eu até tinha escolhido um arranjo que vi num anúncio na Horizons de agosto. Mas será que mandei? Não me lembro.

— Para que estado essas flores foram mandadas?

— Nossas informações não chegam a esse nível de detalhe.

— Um ladrão sentimental.

— Aqui vemos de tudo, senhor.

Já li sobre isso: chamam de roubo de identidade. Eles pegam seus dados, seu histórico, seus arquivos. Fazem uma cópia do seu *self* econômico. Escaneiam sua assinatura e falsificam carteiras de identidade e caem no mundo com seu nome, para se fartar de aparelhos de DVD e casacos de pele. Os danos podem ser extensos, exigindo meses para que a vítima limpe o próprio nome e desfaça tudo. É preciso pegar o caminho contrário da fraude para restabelecer sua reputação e seu bom nome. Mas talvez eu esteja entrando em pânico. Talvez meu caso seja mais simples. Talvez um vigarista qualquer só tenha encontrado um velho recibo na lata de lixo de uma lanchonete de aeroporto.

— Tem uma coisa que não entendo — diz a mulher. — O senhor ainda está de posse do cartão?

— Estou. — Minha vida na defensiva começou. — Mas não estive em Utah semana passada.

— Onde o senhor esteve?

Penso. Olhar para a frente eu consigo lindamente, mas para trás me sinto preso. Não consigo nem lembrar quando foi que comecei a me esquecer das coisas.

— Quem mais tem acesso a sua agenda?

— Meu assistente. Meu agente de viagens.

— Ele é de confiança?

— Como vou saber? Vamos logo ao que interessa: quando vocês podem mandar um cartão de reposição?

— Agora mesmo. Para onde devemos enviar?

— Ontário, na Califórnia. Mande para o Homestead Suites.

— É um hotel?

— Onde você está?

— Em Grand Forks, Dakota do Norte.

— É uma rede de unidades para alojamento de executivos.

Ainda estou ao telefone com a mulher quando Art aparece, vestido à vontade com uma camiseta preta sem manga e uma legging de corrida que molda graficamente a sua grande bunda masculina. Ele parece um entortador de ferro circense cujos músculos definharam. Seu cabelo está maior do que me lembrava — devia estar preso na última vez que o vi. Bate abaixo dos ombros, numa espécie de leque cinza exuberante. Já vi esse estilo em roqueiros cristãos e isso sempre me intrigou, mas em Art, não.

Ele faz sinal para eu não me apressar e, com um equipamento de piscina que mais parece um telescópio, suga a sujeira da água e empurra as bolas de golfe para a parte rasa da piscina. Ali ele entra, se abaixa, recolhe as bolas e as atira de volta ao campo, por cima da cerca, como se estivesse arremessando granadas contra os nazistas.

Ele parece estar pouco à vontade na nova casa, só vendo as falhas e os defeitos. Pessoas com mais de 50 anos não deveriam se mudar. Meus pais nunca se recuperaram da casa dos sonhos deles, num bairro na zona leste da cidade, para onde se mudaram logo antes de

meu pai ter perdido os caminhões de gás. A Jacuzzi os deixava constrangidos, embora eles achassem que fossem curtir. Os quartos de hóspedes faziam meu pai ficar vermelho.

Ponho o celular no bolso e me junto a Art numa mesa protegida por um guarda-sol com o logotipo da Pepsi manchado de cinza. Ele andou saqueando os próprios restaurantes, o que é mau sinal. Uma pedra vulcânica preta segura uma revista de pesca molhada da chuva e uma pilha de anúncios de acompanhantes em Reno — o tipo de folheto que os velhos distribuem nas esquinas e que as pessoas carregam por um quarteirão antes de fazer uma bola e jogá-los no lixo.

— Você vai sentir falta de um toque feminino — ele diz. — Coquilla foi embora sábado de manhã. Quer uma bebida?

— Sinto muito. O rompimento foi definitivo?

— Bem... você não pode beber. Ela levou todos os copos e coisas desse tipo. Espero que seja definitivo.

— E por que você espera isso, Art? Você ama sua mulher.

— Foi ela, Ryan. Ela deixou um bilhete confessando. Era lá que eu estava até agora: no meu advogado entregando a prova. Estou doente. Está vendo essa mancha na minha camisa? É líquido de úlcera. Você pode acreditar numa coisa dessas? Dei tudo a ela. O Fiesta Brava era dela. Fazíamos as receitas dela. Será que a podridão sempre vem de dentro, ou então é o quê? Por favor, me ilumine. Será que isso é uma grande verdade histórica? Infestar hambúrgueres de bactérias e então dar para crianças com chapeuzinhos de papel?

— É um quadro perturbador. Você deve estar arrasado.

— O cocô que eu fiz hoje de manhã estava roxo. Roxo!

— Que tipo de motivo ela teria?

— Você é o especialista. Adivinhe.

Art está certo. Já sei por que sua querida esposa, com seu inglês formal de imigrante e seu olhar tímido, destruiu seu sonho. Eu sei porque andei observando Art.

Eu o estudei — na cozinha, treinando adolescentes arrogantes a fritar *tortillas* na gordura fervente; no restaurante, cantando músicas folclóricas étnicas para crianças de 2 anos gritando em cadeirinhas altas; no escritório, fazendo uma preleção aos garçons sobre a importância de relatar honestamente o valor das gorjetas. Todo negócio, no fundo, é um desejo, e o desejo de Art era o mundo se sentir seguro em seu abraço forte. Ele não mandava nas pessoas ou as intimidava; era paternal, mas a mensagem oculta em toda essa bondade era que o mundo era um perigo para si mesmo, fraco, errado e autoderrotista. Até a maneira como ele fazia seus clientes comerem, dando instruções aos garçons para encherem os pratos antes que alguém pedisse, sem querer diminuía os outros. As lanchonetes de Art eram boas e baratas, mas sufocantes, e embora todos os ambientes mostrassem um quadro de Coquilla em tamanho natural e totalmente a caráter oferecendo tigelas de arroz e feijão, o Fiesta Brava era mesmo dele — sua força e seu coração. A revolta da esposa foi inevitável. Um homem que confunde os negócios com a família, na minha experiência, se arrisca a perder os dois.

Mas Art não me espera responder.

— Ela fez isso porque não conseguia aguentar o cheiro, os odores da cozinha. Você pode chamar isso de uma “mudança de vida”? A pergunta é: devo entrar com um processo contra ela?

— Claro que não. Venda tudo e parta para outra. Curta seu campo de golfe. Mais cedo ou mais tarde, você terá uma nova ideia e então poderá me chamar e desenharemos um esboço. Mas não force as coisas. E deixe a hospitalidade de lado.

— Por quê?

— Porque você dá às pessoas mais do que elas querem. E com isso elas ficam sufocadas.

Art tamborila os dedos no tampo de metal da mesa e pequenas cinzas caem pela borda. Mudo de posição para indicar que já estou de saída. Eu não contava ter que intervir numa crise e Art não está

com o astral para encarar verdades duras, nem deveria. De qualquer maneira, ele nunca gostou mesmo das minhas ideias; ele me contratou a conselho do advogado, um célebre litigante que conheci no Mundo Aéreo e que, agora eu soube, foi expulso da Ordem por mexer nas contas dos clientes.

— Está com fome, Ryan?

— Comi no avião para cá. Eu realmente sinto muito pela Coquilla, Art. Imagino que ela esteja com as crianças.

— Elas podem ficar com a mãe. Ela já fez a cabeça dos filhos mesmo. Acham que, como eu não sou *bahai*, não valho nada.

— Coquilla é *bahai*? Eu não sabia.

— São difíceis de perceber. Eles se misturam no meio dos outros.

Eu me levanto e estendo a mão.

— Você já vai embora? Pensei que estava pagando a tarde inteira.

— Não vamos cobrar nada. Vou pedir à ISM para pegar leve com você. Você está falido.

Art cruza os braços grossos.

— Então é assim que vocês funcionam. O cara perde tudo e vocês se mandam. Bem, Ryan, preciso de companhia. Olhe só para mim. Ou você vai comigo até a cidade hoje à noite, e me acompanha em todas as bebidas que eu tomar, ou vou dizer ao cara que me ligou semana passada que o Bingham é um picareta que não termina os trabalhos que começa.

— Quem ligou para você, Art?

— Ele estava checando suas referências. Alguém para quem você quer trabalhar.

— E o que você disse a ele?

— Que minha mulher tinha me abandonado, mas que eu voltaria a ligar para ele assim que eu explodisse meus miolos. O All-Star Steaks está bom para você? Reservei uma mesa. Podemos ir no seu carro ou no meu, não tem importância.

— Essa pessoa que ligou pareceu honesta ou você sentiu algum golpe? Uma das pessoas com quem eu trabalho é um brincalhão.

— Quais você acha que seriam minhas chances de reabrir com outro nome? Mexicano não, algo mais saudável. Que tal alguma coisa que lembre o Oriente Médio?

— Não é uma diferença tão grande como você pensa. Se você insistir que o ponto forte seja a hospitalidade, as pessoas estão tendo sorte com os donuts agora.

Um grupo lá do sul está se tornando um empreendimento nacional, mas você precisaria rachar os custos de propaganda, e o preço de entrada é salgado.

— Eles ainda não entraram em Nevada?

— Duvido.

— Tentei vender donuts em 1969. Eles começaram a desaparecer nos anos 1970. O que mudou?

— Esses mistérios existem.

— Ninguém sabe? Vamos lá.

— Talvez eles saibam em Omaha. Vamos ver.

Na ciência, um experimento não tem sentido a não ser que o resultado possa ser repetido. Eu me sinto da mesma maneira em relação a comer em restaurantes. A não ser que um prato possa ser preparado de maneira a ter o mesmo gosto, independentemente de onde seja feito — em Los Angeles ou em Little Rock —, ele não me apetece. Gosto de fórmulas bem-sucedidas. Aprecio refeições que foram testadas e aperfeiçoadas, permitindo que eu peça e relaxe, sabendo que o chefe de cozinha não vai me usar como cobaia para seu novo molho de frutas ou seja lá o que for. Aliás, prefiro estabelecimentos que não precisem de chefes de cozinha, porque seus programas de treinamento são tão bons que qualquer pessoa da rua pode administrar a casa. Por isso estou feliz por Art ter escolhido o All-Star Steaks. É uma das cinco ou seis cadeias em que confio, cujos confortos sistemáticos sempre me satisfazem. Artigos

esportivos em mostruários de vidro estão em todas as paredes e as garçonetes circulam de short e camisa de futebol, como se tivessem acabado de se levantar da cama de um namorado atleta. Isso ainda vai acabar em processo, mas, enquanto não acontecer, estou com eles.

Escolhemos um *booth* de vinil laranja, estampada com vários escudos de times de futebol. Meu desafio é encontrar uma maneira de me livrar de Art sem pôr em risco minha referência para a MythTech. Daqui a três horas sai um voo para Ontário, onde o Homestead local está dando o dobro de milhas devido a uma obra que gera desconforto. Duas noites lá me ajudarão a recuperar um pouco do embalo que perdi.

Pedimos dois coquetéis típicos da rede All-Star: martinis gigantes com tomates cereja. Para poder fugir, preciso deixar Art embriagado sem que eu mesmo escorregue por esse caminho. Sou bom nisso. Uma técnica é encher a bochecha de álcool, fingir que engulo e então cuspir tudo num guardanapo durante um espirro falso. Além disso, se a bebida for transparente, posso secretamente jogar tudo no copo d'água e então descuidadamente derrubá-lo quando estiver cheio. Tenho um pouco de vergonha de não ser homem suficiente para declarar meus limites com a bebida, mas como nunca ninguém me pegou nos meus truques, é uma vergonha particular, fácil de negar, como as vezes em que deixo cuecas usadas no lixo dos hotéis para a arrumadeira recolher.

Art morde um *grissini*. Hoje ele está partindo meu coração. As pessoas arriscam tudo o que têm quando começam uma empresa, não só dinheiro. Veja o caso do meu pai.

Antes de começar a vender propano, ele consertava máquinas, atendendo às chamadas de um representante da John Deere. Às vezes, na época da colheita, ele trabalhava a noite inteira, levando suas ferramentas de fazenda em fazenda, dando um jeito em debulhadoras estragadas e prensas de feno congeladas. Ele tomava

comprimidos de cafeína para ficar acordado e vivia de chocolate quente. Então, uma manhã, ele disse que já não aguentava mais e passou uma semana na cama. Minha mãe soluçava. O que acabou o levando até a sala foi um telefonema o informando da aprovação do empréstimo para a empresa. Ele colocou uma gravata pela primeira vez desde seu casamento e foi até o centro assinar a papelada. Quando voltou, numa GMC nova movida a diesel, cujas portas traziam seu nome, ele era outra pessoa, mais distinta.

O efeito durou anos. Ele andava sob os próprios holofotes.

Os bifes estão demorando mais tempo que deveriam, considerando que pedimos ambos malpassados. Enquanto esperamos, Art dissecou as dificuldades que estou tendo com meu cartão de crédito, demonstrando um conhecimento sobre fraudes que não me surpreende. O que estou enfrentando, ele teoriza, não é um criminoso individual, mas uma gangue com várias ramificações.

— Do jeito que trabalham, eles roubam suas informações e só têm um dia ou dois para usar, por isso vão fazendo as compras aos poucos. Compras simultâneas em cidades diferentes fariam soar os alarmes, então eles separam as compras e fazem os computadores pensarem que você está viajando. As pessoas gastam mais quando viajam, então quando as contas começam a crescer, o software que deveria perceber esse padrão não pega imediatamente.

— Você sabe tudo isso...?

Art come um tomate cereja, tapando a boca com um guardanapo para evitar que o suco espirre.

— Tem coisas que você nunca soube sobre minhas lanchonetes. Corria uma grana à parte que não entrava na contabilidade. As trapanças de sempre. Todo mundo faz isso.

— Acho que deveria lamentar ouvir isso. Mas o fato é que o dinheiro corrompe.

— Eu queria fazer tudo honestamente. Tentei. Li todos aqueles livros, de pessoas iguais a você. Superando o não. Seja você mesmo e

fique rico.

- Não julgue o que é bom por esse lixo.
- Visualizações. Análise do tempo. Cubos de qualidade. Tentei todas essas merdas. Aquele troço em que você põe todos os seus funcionários numa sala e todo mundo fica sentado em silêncio por oito horas e então escreve o que pensou e coloca numa caixa para nunca mais abrir. Todos esses truques. E eu continuava perdendo dinheiro. Perdendo gente. Recebendo cartas registradas de comissários estaduais dizendo que fulano de tal fez uma reclamação de que você o despediu porque ele é gay, quando na verdade ele estava passando a mão na caixa registradora. Inspeções dia e noite, O banheiro para deficientes precisa de adaptações; multa de mil dólares.

Aquela mesa ali está bloqueando a porta, pague essa multa. Fiscais da saúde, fiscais de incêndio, fiscais de impostos. Um inferno total. Todo mundo te cutucando com o tridente.

- Em administração, chamamos isso de “custos paranormais”.
- Olho fixamente para a garçonete, para ela agilizar as coisas.
- Ryan, você não sabe de nada. Lamento dizer, mas você não sabe de nada. Você deve estar se perguntando por que nossa comida está demorando tanto, não é? Pois eu vou lhe dizer. Porque o vagabundo que supervisiona a cozinha deu uma escapada há uma hora para comprar pó e levou uma facada no braço atrás do Stockman's Club, obrigando o dono a chamar de volta algum imbecil que despediu na semana passada por tossir catarro verde no chucrute. Recursos humanos? Não, talvez refugos humanos.

Para acalmar Art, confesso que sempre fui um espectador que nunca realmente administrou uma empresa. Mas agora é tarde demais, Art já começou e mesmo a chegada de um prato cheio de *T-bone steak* ensopado de vinho e cercado de bolinhas de cebola não vai refrear sua amargura.

Se o humor dele continuar assim, não vou me atrever nem a sair — a primeira coisa que ele vai fazer amanhã de manhã é ligar para a MythTech e me difamar aos quatro ventos. Minha única esperança é que ele tenha um colapso na próxima meia hora ou algo assim. O truque do copo d'água, devido ao olhar atento de Art, está fora de cogitação, e já usei o do guardanapo. Vou pedir ao *barman* para arranjar um sifão e transformar minha água em água tônica.

— Estou com a bexiga cheia — digo.

— Eu também.

Isso me assusta — dois homens indo ao banheiro é uma coisa que simplesmente não existe. Art está cada vez mais solitário esta noite.

Os mictórios lado a lado são cheios de pedras de gelo, um toque que até agora ninguém nunca me explicou direito. Apoiando-se numa das mãos, Art empertiga a cabeça e sacode as madeixas de Sansão. Fico paralisado. Não consigo mijar.

— Vamos para o Mustang. É uma casa de segunda, mas eles trazem as garotas dos melhores *resorts* de praia. Meu bife está uma piada. É como mastigar a luva de um jogador de beisebol.

— O meu está bom. Vamos beber mais um drinque ou dois.

— Agora não posso. Já criei uma imagem na minha cabeça.

Art paga a conta com duas notas de 50 tiradas de um maço. Existem homens que usam maços de notas e homens que usam a carteira. Homens que usam maços dão gorjetas boas mesmo quando o serviço é ruim, só carregam notas estalando de novas e não terminam a noite até gastarem todo o dinheiro. Estou preso em Reno. A única maneira de chegar a Ontário esta noite seria voando até Los Angeles e pegando a estrada, mas não estou com vontade de enfrentar o trânsito de uma *freeway*.

As luzes da Strip nos cegam com suas barras de cores. Um caubói na porta de uma casa de penhores joga fora uma ponta de charuto acesa nos nossos pés, que rola para debaixo de uma limusine na rua, com placa personalizada: LTHL DOS. Piso num resto molhado de

chiclete no chão, desgrudo do sapato e logo piso em outro, que gruda mais. Um leão de chácara do cassino, vestido como um duende mas encorpado demais para aquela roupa cor de esmeralda, nos dá dois cupons para duas rodadas gratuitas naquilo que ele chama de A Roda dos Sonhos. Entramos.

— Uma hora. É só o que ainda posso trabalhar esta noite.

— Está bem — diz Art. — Eu provavelmente vou terminar na sala VIP, amarrado a um cano d'água com uma correia de lantejoulas.

Arrisco uma palavra focal que estava guardando. Ou você usa, ou você esquece.

— Seu velho sibarita.

O clube é preparado como um salão, sem palco, sem refletores, apenas um labirinto de mesas e sofás de couro colocados tão perto uns dos outros que as dançarinas e as garotas que servem as bebidas precisam passar de lado, roçando bundas e seios. Art vai abrindo caminho à minha frente em meio à fumaça azulada até um lugar nos fundos separado por árvores em vasos com folhas do tamanho e da forma de mãos humanas. Nos sentamos e eu me sinto como numa caçada, escondido mas com visão total do campo. Art tem razão, as mulheres são melhores que o normal; elas parecem sequinhas, saudáveis e inteligentes. Posso ver que Art fica ansioso quando uma delas se aproxima. Ele tira duas pastilhas de menta de um tubinho e as mastiga fortemente para liberar o ingrediente ativo.

Quanto a mim, não estou tentado. Quando era jovem, cometi o erro de conversar com uma stripper, longa e profundamente, sobre sua vida financeira. O que ela ganhava me deixou assombrado. Era o dobro do que eu recebia. Ela dizia que estava economizando para pagar a faculdade, mas apertando um pouco mais descobri que ela nem tinha conta bancária e que sustentava não apenas um, mas dois namorados delinquentes. Não senti pena dela e ainda fiquei ofendido. Ali estava eu, o tipo do cara limpo e com tudo para ser bem-sucedido, com quem aquela garota deveria pensar em se casar,

mas em vez disso ela estava ganhando um dinheirinho comigo para gastar com pessoas que eram darwinianamente inferiores a mim.

A garota se acomoda no colo de Art e começa seu trabalho, agarrando o encosto da cadeira dele para se segurar e arqueando sua linda e bem modulada coluna. No ombro, uma margarida tatuada abre suas pétalas. Olho para o outro lado, mas Art quer continuar conversando.

— Tenho uma ideia, caso largue o ramo dos restaurantes. É como um clube do livro ou de discos, só que com ferramentas eletrônicas. Em abril, você ganha uma furadora sem fio. Em maio, uma serra elétrica. Se não quiser, precisa devolver. As pessoas não vão perder tempo com isso. As ferramentas vão aumentando. O débito é automático e elas estão ferradas.

— Não sei. Talvez dê certo. Estou saindo da ISM, Art. É provável que eu não possa ajudar mais.

— Só me dê uma esperança. Com menos força aí, meu amorzinho, senão vai perfurar.

Tenho a obrigação de restaurar o otimismo de Art, mostrando novos horizontes. Tenho uma ideia. Na GoalQuest, na quinta, vou me encontrar com Tony Marlowe, um dos motivadores mais bem pagos do setor, que conheci por amigos comuns antes de ele se tornar um fenômeno. Ele apareceu graças a essa baboseira de leitura dinâmica na Califórnia, onde discursava para todas as comunidades de aposentados, mas saiu dali para construir uma equipe na região do vale do Silício. O cara é nitroglicerina pura, um sujeito que abandonou os estudos no ensino médio e se fez por si só, cujas consultas particulares fazem os CEOs virarem geleia. Algumas horas com Marlowe, por minha conta: é o que vou oferecer.

— Estou escrevendo uma coisa aqui num cartão, Art. Veja se não perde. É uma oportunidade única na vida.

Ponho o cartão debaixo do cinzeiro e então eu o vejo: o consultor financeiro da TV, que estava no avião, sendo trabalhado por uma

ruiva esquelética, a uns 6 metros da minha mesa. O cabelo dele está diferente, todo ondulado, mas reconheço aquela testa nobre. Engulo em seco e ouço um rangido enquanto a garota passa uma perna pelas costas do pervertido e o puxa pela cintura na direção do peito dela. A cabeça dele cai como se fosse um cadáver. Ele abre a boca. De relance vejo a língua cinza, as obturações. Fecho os olhos. Quando volto a abrir, está pior. Os dedos da garota estão enterrados nas espessas costeletas dele e ela está beijando e lambendo sua reluzente careca.

Uma de suas mãos cai mole atrás da bunda dela, segurando dinheiro suficiente para durar a noite inteira.

Eu a vejo fazer gato e sapato do homem. A sensação é de um giroscópio, com módulos roteadores. De minha parte há espanto e decepção, mas isso é o de menos. O que se perdeu foi minha confiança no Mundo Aéreo, minha fé no intercâmbio ético entre os passageiros. Se eu não tivesse vindo ao clube Mustang esta noite, minha lembrança de nosso momento no avião teria ficado intacta e imaculada. Seus olhos pios e suaves. Sua nobreza desafiada enquanto atendia ao meu humilde pedido e me dava um sermão sobre investir conscientemente. Quanta vergonha, quanta desmoralização! Do jeito que vivo, do jeito que me locomovo, nunca me dei ao luxo de confirmar o que vejo e ouço. Se um homem que diz ser médico me vê tossir e me recomenda tomar um antibiótico, vou e tomo um antibiótico. É claro que é isso o que vou fazer. No Mundo Aéreo, a honestidade não é punida e mentir não traz vantagens. Ou era isso que eu pensava.

Chase Manhattan, tão sólido quanto o rochedo de Gibraltar. Bispos luteranos. Maldita NBC. Isso vindo de um homem que paga adolescentes que fugiram de casa para fazer uma festinha no seu peruzinho murcho.

Me viro para a parceira de Art, que está saindo com o dinheiro dele.

— Aquele cara vem sempre aqui?

— Já o vi algumas vezes. Quer que eu lhe apresente?

Balanço a cabeça e ela desaparece na multidão.

— Você gosta da mulher que está com ele? — pergunta Art. O nariz dele está escorrendo. Ele ajeita as calças debaixo da mesa. — Parece que ela está comprometida.

— É o cara com quem ela está — digo. — Um figurão muito famoso de Wall Street. Viajamos juntos. Me deu a dica de uma ação para investir. Comprei a ação por telefone quando pousei. Seis mil pratas.

Art o observa por um momento.

— Ele é barra-pesada. A garota que está com ele é uma pervertida. Terry do Toalete. Ela usa os homens como se fossem hidrantes.

— Pode parar.

— Ela tem um apartamento perto do Hilton. Ganha uma grana preta. Lençóis de vinil, tudo. Se eles saírem pela lateral, é sinal de que ele a está levando para casa. Aposto como ele adora isso. Conheço uma dançarina aqui que lhe contaria tudo. Com dinheiro suficiente, ela entrega até a mãe.

Art pensa que eu quero informações sobre ele, mas sua vida secreta não me interessa. Não sou daqueles que gostam de sangue. É por isso que romances policiais não me atraem. Alguém cometeu um crime — isso é tudo o que preciso saber. Quem, como e por quê são apenas detalhes. Na minha cabeça, não há nada mais chato que um labirinto.

É apenas uma estrutura em que demoramos para encontrar o centro, mas se você se esforçar, vai encontrar. E daí? Os únicos mistérios que me interessam são: Vamos aterrissar na hora? Os pilotos vão entrar em greve? Existe incerteza suficiente só de andar nos céus.

Volto a olhar para o Sr. Wall Street, que agora está de lado na cadeira, a cabeça esparramada sobre um braço enquanto a garota o cavalga. Mais um pouco e ele vai olhar direto para mim, de cabeça para baixo.

— Que tipo de *donuts*? — Art me pergunta.

— Ainda não experimentei.

— Está a fim de ir para a sala ^{VIP}?

— Preciso dormir. Vá para a GoalQuest e conheça Marlowe. Você vai me agradecer, Art. E me dar uma bela referência se o tal cara ligar.

— Inventei essa história para arrastar você para cá. Eu ia me matar essa noite.

— Então foi só invenção?

— Já estou bêbado há vários dias. Acho que foi.

Agora, o Sr. Wall Street está me vendo. Ele parece franzir atesta; é difícil entender as feições de cabeça para baixo, com os lábios na posição onde deveriam estar as sobrancelhas. Nossos olhos se confundem por um momento. Será quê ele tem medo de uma chantagem? Eu poderia subornar o contato de Art para saber todos os podres, mas para quê isso? Um mistério declarado pode ser mais poderoso que um mistério resolvido, e independentemente do que ela me conte sobre o farsante, ele nunca mais vai ser tão visivelmente corrupto para mim. E Art também mentiu. Mas, pelo menos, ele precisava.

Afasto a cadeira e me levanto para sair, ainda olhando para o Sr. Wall Street pendurado como se fosse um gambá. Eu costumava achar que havia um código lá em cima.

Mas não é verdade. Bem, deixem que todos se divirtam. Já estou de saída. Vou olhar para as esteiras dos aeroportos e não vou sentir falta. Jamais. Embora fosse legal se algumas delas ficassem com saudades de mim.

cinco



O Homestead Suites tem três tipos de quarto, com as mesmas especificações do Maine até o Texas. Eu gosto de ficar nos quartos intermediários, em forma de L. Você pode me encher de morfina e tapar meus olhos, e eu ainda serei capaz de apagar as luzes, dar telefonemas e encontrar uma tomada para minha máquina de ruído ambiental.

Mas em Reno, não. O quarto é diferente. Quando vou pendurar meu paletó no armário, lento e inchado de tanto bife e tanta bebida, abro a porta e dou de cara com um banheiro apertado, abaixo da crítica, sem os tradicionais porta-papel higiênico duplos e com chuveiro, mas sem banheira. Pior ainda, em vez de uma lâmpada ao lado da cabeceira e das duas luzes de leitura ladeando a cama *king size*, há uma luz fluorescente, sem proteção, no teto, clara o suficiente para interrogar o chefe de uma quadrilha. É apenas um sabonetinho desodorante. Sabonete desodorante para o rosto! Brincadeira!

Ligo da cama para a recepção, mas ninguém atende. Estou mais perdido que zangado. Confuso. Até os colchões parecem estar tortos e fora de prumo, enquanto o cobertor é uma dessas espumas de náilon que oferecem um pouco de calor mas nenhuma segurança. Chego a pensar em tirar as cortinas de onde estão penduradas para me enrolar ainda mais, mas preciso delas para bloquear as luzes de

Reno, que ficam acesas a noite inteira. É uma loucura lá fora, e a cidade fica cada vez mais barulhenta a cada minuto que passa, à medida que os idosos dos Estados Unidos vão procurar costelas baratas e caça-níqueis com prêmios acima dos 100 mil dólares. Passo o ar-condicionado para “ventilação alta” e me cubro como um mendigo, com um jornal.

Ao pé da cama, a tela da TV tem uma luzinha azul. Ainda faminto por algum tipo de autopunição, zapeio um pouco e consigo pegar os últimos minutos do programa diário do Sr. Wall Street. Embora ele deva tê-lo gravado em Reno esta tarde, o cenário mostra os prédios iluminados de Nova York ao fundo. São essas pequenas trapças que ninguém percebe que um dia vão destruir tudo. Vamos olhar para um relógio e não acreditar no que dizem os ponteiros. A previsão do tempo dirá que vai fazer sol, mesmo assim colocaremos a capa de chuva na bagagem.

Sentindo uma necessidade de parar esse redemoinho e me recompor, ligo para o telefone grátis de milhagem da Great West para conferir os pontos que tenho acumulados no HandStar. Estou manobrando pelo extenso menu de opções quando meu celular toca na cabeceira.

É minha mãe.

— Onde você está, Ryan?

Ela acha isso importante. Minha mãe tem um senso de localização muito bem desenvolvido; tem um mapa mental do país composto de zonas e cores que variam de acordo com a ideia que ela faz do nível moral e da população em geral de cada região. Se eu estiver no Arizona, ela vai pensar que passei o dia entre pensionistas e rancheiros e que atravessei de carro o Grand Canyon pelo menos uma vez. Se estiver em Iowa, o agradável estado de Iowa, isso quer dizer que estou comendo bem, pensando claramente e fazendo amigos. Embora minha mãe viaje bastante em seu trailer e devesse ter uma visão mais sofisticada do arco-íris psicodélico dos Estados

Unidos, seu talento para transformar experiências novas numa prova que apoie seus antigos preconceitos se sobrepõe a todo o resto. Uma vez, abastecendo o carro no Alabama, um estado que ela considera pobre, racista e brutal, ela entabulou uma conversa com um advogado negro que dirigia uma Mercedes conversível.

O homem pagou a gasolina com uma nota de 100 dólares e foi obrigado a aceitar, de troco, um monte de moedas de 25 centavos e notas de 1 e 5 dólares. Em vez de ressaltar a riqueza do homem, minha mãe se concentrou na pilha de notas e moedas — que para ela foi um ato de humilhação da parte de um funcionário branco.

— Estou em Portland — digo. Nevada a deixaria preocupada. — E muito tarde. Está tudo bem?

Se não estiver, ela não vai me dizer — pelo menos, não no começo. Quanto pior for a notícia, mais ela vai tentar encobrir com historinhas alegres do Café das Abelhudas.

— Você soube da medalha do Burt? — E o Maravilhoso. — Nosso deputado finalmente conseguiu passar por todos os obstáculos e parece que a Marinha está vendo agora as coisas com nossos olhos. Eles devem fazer uma cerimônia no forte Snelling.

— Ótimo. — Vou até o frigobar em busca de alguma coisa que melhore meu humor, ligo o telefone, pego uma cerveja, abro e volto para a linha, confiante de que não perdi nada.

— Só demorou trinta anos — minha mãe vai dizendo. — Tudo se resume à definição do que é “combate”.

— E como vai o casamento? Está animada?

Um pigarro, um assoar de nariz. Acertei na mosca.

— Passamos o dia inteiro tirando os espinhos das rosas amarelas. Minhas mãos estão todas lanhadas. Vou precisar de luvas para a recepção. Julie desapareceu.

As rosas são maravilhosas... lindas.

Ela já falou e desligaria agora, se pudesse. Agora é minha vez de pressionar pelos detalhes. Para que ela possa sentir a dor mais uma

vez e eu possa temer que a culpa seja minha.

— Há quanto tempo ela sumiu?

— Umas dez, 11 horas.

— Ela e o Keith brigaram?

— Não.

— Você tem que falar, mãe. Você não está num tribunal. Fale.

— Keith está aqui. Quer que eu passe o telefone para ele?

— Por favor.

— A que horas você vai chegar na sexta-feira? Preciso do número do voo. Existe um número especial para o qual posso ligar para saber se você vai chegar na hora. Mas preciso do número do voo. O tempo tem andado bem maluco, com temporais e chuvas de granizo, por isso pode haver atraso.

— Depois eu vejo. Passe o telefone para Keith.

O sotaque de Minnesota do meu futuro cunhado — aquele de que tantos comediantes deboçam e que não ouço em mim mas as outras pessoas, sim — me impede de avaliar o quanto ele está preocupado.

— Ryan, vou direto ao ponto. Ela foi embora. Não, não brigamos. Foi o trabalho dela. Ela perdeu dois cachorros hoje de manhã, na fazenda de amparo aos animais. Eles pularam a cerca e comeram algum veneno de rato e simplesmente morreram nos braços dela. Parece que foi bem feio; eles cuspiram muito sangue. Ela desmoronou na van e ninguém mais soube dela.

— Ela não ligou para Kara? Ela geralmente liga para Kara.

— Nós achamos que alguém a viu em Rochester. Um policial.

— Ela tem se alimentado?

— Como um cavalo.

— Duvido.

— Foram os cachorros. Juro. Eles sofreram muito. Dois border collies com as coleiras enterradas no pescoço. Será que devo me

preocupar? Ela já fez isso antes, não é? Sua mãe está dizendo que isso é típico dela.

Ela está errada. Sim, minha irmã foge quando está infeliz, mas há um elemento novo: a ligação de Julie com os animais envenenados. Ela é uma pessoa que parte do princípio de que todas as ligações são temporárias, que se defende muito bem contra perdas. Seus divórcios não causaram dor; ela simplesmente pulou fora, sem exigir dinheiro, sem ficar com as chaves do carro, nada. No fim de semana depois do enterro do meu pai, ela cantou e ganhou um concurso de karaokê num clube. Ela conseguiu esse emprego na fazenda de amparo aos animais não por ter pena ou um coração mole, mas porque o veterinário responsável era um amigo da família que não se importava com seu histórico.

— Me ligue assim que tiver alguma notícia — falo.

— Kara está vindo de Utah esta noite. Ela acha que Julie provavelmente deu entrada num motel e está chorando até agora.

— Será que ela não está com medo desse casamento? A fazenda deve ter animais morrendo todo dia.

— Entendo o que você quer dizer. Mas sua irmã está mudando, Ryan. As coisas agora a atingem. Reze por ela, está bem?

— Nunca deixo de rezar por ela. Passe o telefone de volta para minha mãe.

Termino a cerveja enquanto espero. Tem gosto de mucilagem, aquela cola que se usa para pregar fotografias nos álbuns.

— Está chovendo aí? — pergunta minha mãe.

— Aqui nunca chove. Estou no deserto. Sobre essa história do cachorro: eu não acredito que seja isso, mãe.

— Portland não fica no deserto.

— Estou em Nevada. Esse casamento está sendo enfiado pela goela de Julie. É claro que ela tirou uma licença sem permissão. Será que vocês não conseguem ver isso? Essa casa que Kara escolheu para

ela, todo esse arranjo, é como se você estivesse exibindo Julie em algum museu.

— Você mentiu para mim. Onde você está, Ryan? Provavelmente, também não está em Nevada, está? Provavelmente está em Des Moines, a 150 quilômetros de distância, e não pode se dar o trabalho de vir até aqui nos ajudar.

— Você sabe que isso não é verdade, mãe. Sempre que estou a uma distância dessas, eu dou uma passada. O campo de força não para de funcionar. Será que sempre vamos ter que brigar?

— Kara disse que você foi despedido.

— Então ela sabe mais que eu. Essa foi você que inventou.

— Eu só queria ter certeza.

— É importante que ninguém apronte nada esta semana.

— Você me disse que estava no Oregon.

— Fogo contra fogo. Será que podemos voltar para a questão da Julie?

— É com você que estamos preocupados. Ela sabe do que está fugindo.

— Isso é tão profundo... Alguém andou lendo o livro de alguma grande romancista.

— Não gosto de ter que adivinhar onde você está. Isso me deixa em desvantagem, Ryan. Por mim, você pode estar no Japão e já ser outro dia. Te vejo na sexta.

Vamos desligar.

— Eu te amo, está bem? Não importa o que você acha. Dê meus parabéns ao Burt e mantenha-me informado sobre Julie.

— Quanto tempo você vai passar aqui? Só o fim de semana? Ou mais que isso?

— Vamos por partes. Daqui a pouco estou aí. Você está chorando?

— Um pouquinho.

— Eu também.

— Eu sei.

Encho um copo d'água, mas tem gosto de cloro, por isso pego algum trocado e vou até o hall para comprar um refrigerante. Menus com pedidos de café da manhã estão pendurados nas maçanetas dos quartos e eu leio alguns. Café, suco e bolinhos — sempre a mesma coisa. Se as portas de repente se tornassem transparentes, as pessoas por trás delas também seriam iguais: dormindo com o canal de notícias ligado, as bolsas ao lado das camas, a roupa do dia seguinte pendurada no encosto das cadeiras. Podemos até viajar sozinhos, mas juntos formamos um exército.

A máquina de Coca-Cola não está onde deveria, num canto perto da escada. Estou decepcionado com o Homestead — deixaram as coisas desandarem. A alma do negócio deles é a previsibilidade, e se eu fosse o consultor da rede arrancaria o nome de qualquer unidade que fosse pega brincando com a padronização.

Desço um andar e retomo minha busca. Normalmente evito tomar cafeína à noite, mas a notícia sobre Julie já vai me deixar acordado mesmo. Percebo que uma parte de mim torce para que ela não volte para casa. Onde quer que você esteja, minha irmãzinha, segure firme. Agarre seu travesseiro. Não atenda a porta. Esse Keith é gente boa, e Kara quer o melhor para você, mas não é a vida deles. Apenas ligue para mim, está bem? Você tem meu número? Ligue para mim, Julie.

Finalmente consigo encontrar uma máquina vermelha de Coca-Cola, toda iluminada, e começo a despejar as moedas. A lata cai no compartimento. Ouvi uma vez que se você jogar uma moeda de 1 centavo num refrigerante de cola, ela vai derreter. Estou precisando de uns bons solventes.

— Olhe só quem está aqui! — diz uma voz.

É Alex, que estava no avião. Meus dedos começam a abotoar a camisa aberta.

— Que surpresa — ela diz. — Uau! — Ela está de pijama de flanela cor-de-rosa, bem largo, com cheiro de lençóis secos. Ela é menor do que eu me lembrava, magra e doce, o cabelo enrolado num monte disforme. Depois do trailer no clube de strip-tease, meus nervos se enchem de tesão e recuo um passo para desconectar nossas auras.

Pergunto sobre o gato.

— Está num veterinário. Você tinha razão, eu não devia tê-lo trazido. Dei calmante demais a ele. Acho que vou devolver ao criador. Não levo jeito para dona de animais.

— Lamento. É um jeito difícil de aprender.

— E como foi sua reunião?

— Sem problemas. E seu evento?

— Conseguimos arrecadar 100 mil dólares. A idiota fez um discurso sobre assistência médica gratuita. Grande coisa. Mas calculei mal a comida. Sobrou quase meia vaca.

A luz da máquina de Coca-Cola deixa o rosto de Alex vermelho. No fim do corredor, uma porta se abre e a mão de alguém se estica para pendurar um menu. Baixamos nossas vozes. O prédio se afunda cada vez mais em seus sonhos, ao passo que meus olhos deslizam para os pés descalços de Alex, os dedos se mexendo de um lado para o outro enquanto conversamos. Ela passou esmalte, mas a cor já saiu, a não ser por umas pintinhas vermelhas ao redor das cutículas. É uma visão que me faz lembrar da minha escola, e eu gosto disso.

De repente parece óbvio o que vai acontecer entre nós; a única pergunta é como. Sair do corredor direto para um de nossos quartos seria esquecer que já somos adultos e não estamos mais na faculdade. Temos padrões, normas de conduta e regras gerais. Se quisermos manter nosso autorrespeito como sobreviventes de 30 anos, desconfiados e machucados, temos que ir a outro lugar e depois voltar para cá.

Nós montamos um plano que parece espontâneo mas que, na verdade, é tão estruturado quanto uma contagem regressiva da Nasa, armado para nos fazer aterrissar na cama à 1 hora, para que possamos pegar nossos voos de manhã cedo. Vamos nos vestir, nos encontrar no lobby e atravessar a rua para o cassino Gold Rush. Caminhamos pelos corredores até nossos respectivos quartos para fazer um rápido gargarejo e passar uma água no rosto. Eu quase posso ouvir os sedativos dos hóspedes fazendo efeito, enquanto passo pelas portas deles.

Calço minhas botas. Pela primeira vez, elas agem a meu favor. O ângulo dos calcanhares e das solas endireita minha coluna e firma meu peito e meus ombros. O problema são as calças. Perderam a forma. Eu sempre me apresso na hora de arrumar as malas e as roupas pagam o preço. Eu as transformo em cilindros, em vez de dobrá-las.

Alex se veste de uma maneira meio masculina e muito simples, com calças jeans e camiseta preta de gola aberta. E um relógio. Conheço o fabricante — fiz o processo de demissão de quatro pessoas lá — e tenho pena de ela ter gasto seu dinheiro. Tudo culpa da ISM. Para ajudar a empresa a vender seus produtos para um segmento mais alto do mercado, aconselhamos que ela licenciasse o uso do nome de prestígio de um designer europeu que havia morrido. As lamentáveis engrenagens dos relógios, vendidos ao lado de Rolexs e Guccis nas *free shops* dos aeroportos, não mudaram, mas o preço quadruplicou. E a coitada da Alex caiu feito um patinho.

Nos damos os braços. A rua ainda está movimentada, cheia de velhinhos esperançosos com baldes de moedas e bebendo em copos de plástico. O mais importante é se manter casual, descontraído. Estamos nos repetindo — já fizemos esta cena com outras pessoas e sempre com o mesmo resultado melancólico —, mas não precisamos chamar a atenção para esse fato, nem negar isso. Vai dar tudo certo. Paramos na calçada em frente ao cassino, contamos o que vamos

arriscar — 400 dólares em notas de 20 — e concordamos em apostar tudo.

As mesas de dados estão lotadas. Tentamos a roleta. Um grupo de músicos toca num canto — uma banda de *covers* especializada em rocks clássicos indigestos. Compro 200 dólares em fichas para cada um e percebo a maneira diferente como as arrumamos. Alex divide sua pilha em quatro e eu ergo uma torre.

— Vermelho?

— O que você quiser. Só não arrisque num número só — digo.

Dez minutos mais tarde, ela está mais rica, embora por pouco, e eu estou a ponto de dobrar meu cacife. Não se engane: a sorte é sempre muito importante e lucrar não substitui o ato de ganhar. Fizemos a escolha certa ao sair essa noite. A roleta confirma isso. Aumento um pouco minha aposta habitual e arrisco uma quadra que paga mais caro — e acerto.

Uma garçonete servindo coquetéis chega com bebidas gratuitas, duas cervejas light, e dou uma ficha de gorjeta. Isso sempre faz a gente se sentir bem, por alguma razão. O Cara.

— Tenho que confessar uma coisa.

— Você é casada.

— Eu te conheço. Já nos encontramos antes. Eu vi uma palestra sua.

Olho para ela, mantendo um olho na roleta. Para a bola cair onde ela deve, tenho que guiá-la.

— Há três anos. Num seminário no Texas. Você falou de desenvolvimento profissional, lembra? Acho que o evento se chamava Prepare-se para Ter Poder.

Preto — ganhei de novo.

— Fiz algumas palestras sobre isso. Elas me deixavam animado para minha verdadeira profissão. Defenestrar pessoas.

— Fui com uma amiga. Ela me arrastou para lá. Você foi ótimo. Eu estava um caco naquela época, totalmente extenuada. Tinha

acabado de me separar de um famoso empresário que deu um show em acabar com minha autoestima. Fiquei nos fundos do auditório porque sou tímida, mas senti como se você estivesse se dirigindo pessoalmente a mim. A frase de que mais me lembro é “mude-se, antes que eles mudem você”. Isso é autonomia, não é? Tudo é uma questão de autonomia.

Nunca faço a mesma palestra duas vezes, por isso não me lembro. Mesmo assim, estou lisonjeado. Meus dedos ficam mais quentes quando recolho as fichas.

— Você simplesmente foi participar de um seminário, um dia? Sem nenhum motivo? Só por curiosidade?

— Totalmente por acaso. Estamos ganhando, não estamos?

— Vou dobrar a aposta.

Toda a minha boa sorte começou a correr junto — encontrei uma admiradora e ganhei uma bolada —, o que provavelmente quer dizer que está na hora de sair. Esse negócio de probabilidades é uma coisa engraçada. Quando elas estão do meu lado, especialmente se não estiveram por algum tempo, finalmente penso que estou recebendo o que mereço e que a sorte não tem nada a ver com isso. É uma questão de justiça. Finalmente, o universo está me recompensando. Moralistas como minha mãe e minha irmã mais velha veriam isso como uma perigosa ilusão, mas sou parcialmente pagão — acredito em golpes de sorte, em rompantes de benevolência astrológica. As coisas sobem e descem, mas às vezes elas sobem e continuam subindo.

— Quando saltamos do avião hoje — ela continua — eu me perguntei por que não disse que o conhecia. É uma fraqueza de caráter. Gosto de me esconder e ficar observando. No Texas, você pareceu bem seguro de si, por isso acho que eu estava esperando que você fizesse tudo errado.

— Parece que você estava querendo me pegar.

— Na verdade, não. Só acho difícil admitir que esse estranho que deu uma palestra que me pareceu um tanto banal na época e de um nível intelectual inferior ao meu tenha me endireitado e me ajudado a crescer.

— Você está dando um valor muito grande a isso. Em Fort Worth, foi o que disse?

— Você não olhou para o público e me viu lá?

— Fico concentrado em minhas anotações quando falo em público. Prefiro não olhar para a cara do assassino.

— Assassino?

— Não fui totalmente sincero com você hoje. Meu trabalho principal são as Transições de Carreira. Você é inteligente, por isso pode interpretar o que significa.

Demissões.

— Sinto muito. Não sabia que isso era uma área. Quanto você já ganhou? Podemos parar?

— Só mais uma bola.

— Você gosta mesmo de um jogo, não é?

Não deveria? Para provar que posso ir embora, empurro todas as minhas fichas no vermelho. E dá vermelho. Alex vai comigo até a grade do caixa, onde o cassino transforma plástico em papel, para que depois ele possa se transformar de novo em plástico. O caixa conta dez notas de 100 dólares, fresquinhas da gráfica. Estamos ricos. Agora para onde? O bar.

Os frequentadores, em vez de olharem uns para os outros, olham para os monitores de videopôquer, cujas telas formam o apoio para as bebidas. Seus olhos piscam quando as cartas são lançadas. A banda toca *Radar Love*, rasqueando as guitarras com a mesma paixão de presidiários manejando cascalho com ferros nas pernas.

— Aquilo foi incrível — comenta Alex. — Parecia quase ilegal o que você fez lá dentro.

Agora ela está fora do seu equilíbrio. E esse foi o objetivo da grande aposta, que teria o mesmo efeito se eu tivesse perdido. Não temos controle, meu amor. É tudo palpite.

— Então, como exatamente eu a ajudei a crescer?

— Você me convenceu a abrir meu próprio negócio. E mais, você me colocou numa espécie de caminho. Tive uma infância esquisita, nada exatamente traumático, mas que me machucou, era muito incerta. Meu pai tinha duas famílias. Nós sabíamos disso. Ele dirigia um caminhão. Às vezes, acontece. Quando ele saía, minha mãe dava umas voltas, passava algum tempo em bares. Esse acordo funcionava para os dois. O problema era eu. Eles tinham quatro vidas entre eles, e eu estava sempre indo de um lado para o outro. Algumas vezes meu pai até me levava ao Missouri, onde os outros filhos dele moravam. A mãe deles era secretária, por isso eles tinham mais dinheiro que eu e ainda eram católicos. Tive que aprender a me misturar, a me adaptar.

— Parece que sim. Que bagunça!

— Mas eu consegui. Eu me dividia em quatro. Eu me adaptava. Então, de repente, eu me vi com 18 anos, sozinha, e meu talento especial era totalmente irrelevante.

Esperava que eu fosse consistente e eu não sou.

— Alguém usurpou minha identidade — digo.

— Perdão?

— Usurpou. Quer dizer “roubou”.

— Aí eu entrei para faculdade.

— Tenho uma pergunta: se eles lançam compras indevidas no meu cartão de crédito, quem fica com as milhas? Aposto que elas vão para o lixo.

— Eu estava lhe contando uma coisa e não tinha acabado.

— Foi só uma associação. Pode continuar.

Alex empurra a cerveja para longe.

— Agora estou com raiva.

— Pensei que estava amplificando o que você estava querendo dizer.

— Podemos ir embora? Tenho que pegar um avião às 6.

Reluto em sair de todo esse barulho e agitação. O cassino oferece tantas possibilidades — nunca se sabe, até minha irmã pode estar por aqui —, mas no quarto de Alex o roteiro oferece menos finais possíveis. Porque é verdade que, se ela me admira, não vai mais me admirar depois que terminarmos. Ou será que esse é o plano? Fazer com que eu tire a roupa e acabe com nossa diferença de altura. Não vejo como esse encontro possa ser proveitoso. Essa Alex é cheia de tramas, como já admitiu, mas pelo menos aqui estou feliz, pela primeira vez, com as fichas que ganhei.

Permito que ela me conduza. O quarto dela é menor que o meu, um nível mais baixo na escala de preços, e, embora ela só o tenha ocupado por algumas horas, já o transformou numa caverna cheia de climas. Ela pôs um cachecol violeta sobre a lâmpada da escrivaninha e colocou duas velas na penteadeira, que ela acende com fósforos. Duas chamas se iluminam. Um unicórnio de veludo, já bem gasto de tanto ter sido abraçado, está na cama ao lado de um livro aberto, e em cima do lençol ela esticou um tecido de cabra angorá. Fazer isso com um quarto de hotel jamais teria me ocorrido — eu os ocupo do jeito que eles estão, do jeito que Deus os fez.

— Tem uma fita num pequeno gravador no parapeito. Pode ligar, se quiser. Preciso lavar as mãos.

Faço o que ela me diz e de lá sai uma melodia mística e meio sem forma — piano, sinos e cordas — que parece ter sido gravada debaixo d'água. O cenário está pronto para uma sessão espírita, uma leitura de tarô, e, como sempre acontece quando eu devo relaxar, meus ombros se enrijecem. Não tenho certeza se estou à altura de tudo isso.

Alex chega num roupão. Seu rosto está diferente — mais forte, menos delicado. Ela é uma fazendeira que acabou de dar banho no

gado. Será que ela pôs mais maquiagem ou tirou um pouco?

— Você já deu seu toque no quarto — digo.

— Sempre tento aquecer um pouco as coisas. Sinto falta do meu próprio quarto, das minhas coisas. Acho que todos nós sentimos.

Não faço comentários. Deixo ela pensar que eu também sou humano.

— Tire essas botas ridículas. Sente-se.

A pergunta é até que ponto tirar a roupa e com que rapidez. Devem existir livros sobre esse assunto e com dicas inteligentes. Fico de camiseta e cuecas, depois tiro a camisa. Nenhuma reclamação, nenhum olhar mais longo.

— Deite na cama com a barriga para baixo. Vou lhe fazer uma massagem. Você está todo tenso.

Ela ajoelha, começa a massagear minhas pernas e acaricia meu pescoço. Aperta um ponto fraco com o nó dos dedos. “Os músculos têm memória”, ela diz. E está certa.

Carrego Julie, com 5 anos, para ela poder ver o que está acontecendo na Feira do Estado. Vou em direção à tenda onde estão mostrando o Homem de Gelo — uma maravilha que meu pai jura que é mentira, com um animal escondido lá dentro ou um macaco empalhado. Compro dois ingressos, subo alguns degraus baixinhos, fico atrás de uma cortina e olho para baixo. O bloco de gelo não permite ver os detalhes, mas é um corpo — escuro, enrugado, cabeludo, enroscado de lado como um cabrito que acabou de nascer. Muito convincente. A mão de Julie aperta meu crânio e sinto água pingar em mim. Ela está chorando. Viro-me para sair, mas ela me segura. Minha nuca está molhada. “É uma garota”, ela diz. “Uma menina. Eles mataram uma menininha.”

— Está melhorando?

— Está.

— Você está tremendo. Talvez essa não seja a nossa noite.

— Estou bem. Minha irmã caçula fez um treinamento de massagista.

— Não se mexa. Estou em cima de um ponto de pressão importante.

— Ela trabalhava no Minneapolis Athletic Club. Durou uma semana. Um homem tentou agarrá-la, o CFO de uma grande loja de sapatos. Os policiais jogaram fora a queixa dela.

— De onde vem tudo isso?

— Minha irmã fazia massagens. E estou sendo massageado. Será que tudo tem que vir de algum lugar?

— Não. — Ela pressiona o polegar sobre os espaços entre as minhas vértebras. Aqui não há memórias, apenas dor. Mil poltronas de avião. — Eu te segui, Ryan.

Você falou nesse hotel. Eu estava prestes a ligar para o seu quarto hoje à noite. Sou tarada, não é?

— Também já fiz esse tipo de coisa.

— O que eu mais esperava era que nós pudéssemos conversar. Só conversar. Senti que sua palestra no Texas deu início a alguma coisa, uma conversa. Mas você não ouviu o meu lado. Levei a sério o que você falou na palestra. Eu vivi isso, Ryan. Queria te contar o que aconteceu, o que aprendi. Não pensei que estaríamos tão cansados. Uma pena.

— Não era a nossa noite.

— Desculpe.

— Eu compreendo. Também passei muito tempo jogando.

— Um pouquinho. Mas está tudo bem. Você está com pressa.

Você é tenso. É natural.

— É um problema. Minha ex-mulher dizia que eu tinha um problema. — Deixo que ela me massageie. — Onde você vai estar na quinta?

— Em casa. Em Salt Lake.

Las Vegas. Ela podia voar para lá em uma hora. Eu teria que desmarcar meu compromisso do jantar de quinta, mas eu já estava pensando nisso mesmo. O nome dela é Milla Searle, uma agente de artistas. Trabalha com uma série de mágicos de cassino. Ficamos presos em Spokane na última primavera durante uma nevasca que caiu a noite inteira e nos obrigou a dormir no chão frio do Compass Club, ao lado da grande televisão. Foi um romance dos tempos de guerra — os refugiados abraçados, a água engarrafada fornecida pela companhia aérea, as luzes azuis dos removedores de neve pela janela. Quando nossos caminhos voltaram a se cruzar em Phoenix, um mês depois, passamos uma hora lembrando da tempestade e então ficamos em silêncio. Não tínhamos mais nada em comum.

— Quero que você me encontre em Las Vegas na quinta. Eu arranjo uma passagem para você. Não vamos jogar. Vamos ver um show. Vamos estar descansados e vamos conversar. Vou ter a noite inteira livre.

Alex me solta. Eu a quero de volta. Estico a mão e toco nela, afastando o robe. Ela conduz meus dedos até a cintura, e só.

— Vi seu trajeto em seu HandStar. Já vi o preço das passagens. Isso o assusta.

— Se você se senta perto de alguém de quem você gosta, precisa agir. As pessoas se movimentam constantemente. Não vão ficar perto de você para sempre.

Alex aperta minha mão e volta a colocá-la ao meu lado, então se inclina sobre a base da minha nuca com as mãos espalmadas.

— Quando você termina com alguém, isso o deixa deprimido, Ryan?

— Deprimente é se acostumar a isso.

— Você fica pensando nas pessoas depois?

— Você aprende a não pensar. Aprende a enganar a mente. Ela volta a apertar os polegares. Dói, mas deve ser bom para mim.

— Você aprende a dar saltos mentais.

— Relaxe.

seis



Estou na última fileira de bancos da capela do aeroporto de Reno, esperando passar um atraso de quarenta minutos no meu voo, com um frozen yogurt com cobertura de fruta e o *USA Today* da manhã de hoje, quando acontece de novo, pela segunda vez desde agosto: sou assaltado pela sensação de que alguém chamou meu nome. Não sei que nome era, mas tenho certeza de que era o meu. Alguém quer me ver. Alguém precisa de mim. Agora.

Dobro o jornal, coloco-o em minha pasta e espero o anúncio ser repetido. Poucas pessoas sabem que a maioria dos aeroportos tem um local para orações: eles costumam ser brancos, com pé-direito alto, limpos e à prova de som, imbuídos de uma espiritualidade tão ampla que até os ateus encontram refúgio neles. Na maior parte do tempo, quase não são usados, exceto em momentos de emergência e terror — depois de um acidente ou quando eclode uma guerra. São pequenos nichos sinistros, mas também relaxantes e perfeitos para pôr a papelada em ordem. Se alguém aparece para rezar ou meditar enquanto estou na capela, o que é raro, abaixo a cabeça e finjo estar numa profunda reflexão, enquanto preencho um relatório de despesas ou altero meu itinerário.

A voz era de mulher, é tudo o que sei. Metálica e em tom oficial — quase um robô. Examino o alto-falante escondido no teto e reflito sobre as poucas pessoas que conhecem minha agenda. Meu

assistente, um funcionário temporário que diz ser estudante de mestrado dando um tempo em sua tese, mas que pode ser qualquer um, porque duvido que a ISM tenha verificado suas informações quando o contratou. Meu chefe, Ron Boosler, que está pescando na América Central com o ex-CEO da General Mills e um juiz federal de Colorado que ele está ajudando a encaminhar para a Suprema Corte. E Alex, é claro, que já tinha ido embora quando acordei de bruços num travesseiro todo molhado em sua cama.

Era a MythTech. Foi o que eu pensei em Billings também, há três semanas, quando a mesma coisa aconteceu. Eu estava pedindo mingau de aveia no café do aeroporto e não dormia nem fazia a barba desde um minicurso de dois dias sobre Transição de Carreira em que um participante teve um colapso nervoso — pois ele não estava muito ansioso em voltar à Grande Caça ao Emprego e ligar para todas as pessoas de sua agenda com perguntas joviais sobre oportunidades de trabalho, enquanto repetia a afirmação “estou motivado, e não desesperado”. O pânico total geralmente precede a iluminação, e o ex-banqueiro saiu da sala roxo de ressentimento e hipertensão, indo até onde estava seu Buick LeSabre, antes de cair num estado catatônico que lhe paralisou as pernas, mas não a boca, que soltava gemidos rascantes e intermitentes com cheiro de (pois os gemidos tinham um cheiro) ácido gástrico misturado com fluido de isqueiro. Já estava amanhecendo quando consegui acalmar o cara, e meus olhos estavam tão secos que, quando pisquei, minhas pestanas colaram no globo ocular com o mesmo grau de adesão de um Post-it numa tela de computador. No táxi para o aeroporto, vomitei numa bolsa que uso para guardar cuecas e meias sujas. E aí, durante o café da manhã, diretamente acima da minha cabeça, ouvi chamarem meu nome. Meu sobrenome. Investiguei, verificando com a companhia aérea e com a segurança. Nada. Liguei para meu correio de voz e recebi uma mensagem, truncada e que mal dava para ouvir, deixando um número com o código de área de Nebraska. Liguei

para lá, esperando falar com Lucius Spack — que já havia mostrado interesse em minha carreira, ou pelo menos assim me alertou um colunista da *Modem Management*, que o tinha entrevistado para uma matéria. Em vez disso, a ligação foi dar numa loja de conveniência de Omaha, cuja funcionária insistiu que tinha acabado de chegar e que aquilo era um telefone público. Ela não podia ajudar. Passei o voo de volta para Denver confuso, convicto de que meus ouvidos haviam me enganado.

Mas ali também Spack e a MythTech eram operadores secretos, famosos por campanhas quase invisíveis de caça a executivos. Uma ligação de um telefone público não estaria fora de questão no caso deles, e me localizar num aeroporto, longe de meus colegas, onde ninguém poderia nos ouvir, se encaixaria perfeitamente em suas táticas.

Como o anúncio não é repetido, saio da capela, ajoelhando-me de leve no corredor, por instinto, embora o ambiente seja tão vazio que nem sei se existe um altar.

No meu portão, um carrinho elétrico que solta apitos passa e deixa ali uma velha senhora toda inchada que se arrasta pela esteira com muletas de metal, a última a embarcar. A funcionária prende com um elástico o maço de cartões de embarque e olha para mim.

— Vamos em frente, senhor.

— Acho que alguém chamou meu nome no alto-falante.

— O avião está decolando.

Mostro meu cartão do Compass Club.

— Apenas faça uma ligação para seu escritório. Meu nome é Ryan Bingham.

A funcionária usa um telefone atrás da bancada.

— A última pessoa que chamaram foi Brian Raines — ela me diz.

— O senhor deve ter se confundido.

Confundido. É tão simples, mas ainda levo um tempinho antes de a ficha cair. Estou chegando ao meu limite. Nada de Vocabulário

Competitivo. O que não aprendi até agora, não vou mais aprender.

Peço um travesseiro e um lençol extra e ponho a poltrona na posição mais reclinada possível. O cavalheiro atrás de mim geme. Ele poderia ajustar a própria poltrona para ter mais espaço, mas aparentemente prefere fazer o papel de vítima. Não o olhei de perto quando embarquei — ainda preocupado com o anúncio-fantasma — mas, ao me recostar, reconheço seu perfume como sendo uma daquelas fragrâncias agressivas, de madeira, utilizada por pessoas que suam muito. Principalmente vendedores.

Sinto uma coisa tomar conta de mim. Minhas orelhas estão ardendo. Fecho a saída de ar que joga um vento em minha testa e entorno um segundo copo de suco de grapefruit para aplacar a secura que pulsa em minha garganta. Os supervírus das viagens aéreas modernas, fortalecidos pela exposição a diversos sistemas imunológicos e praticamente injetados nos pulmões por sistemas de ventilação extremamente eficientes, podem ficar incubados por semanas, levando a múltiplos sintomas que aparentam ser das doenças mais sérias que existem. Com o tempo, me tornei resistente à maioria deles, mas de vez em quando um consegue passar por minhas glândulas. Tão logo eu aterrisse em Ontário, vou procurar uma farmácia e tomar bastante zinco e vitamina C. Preciso estar bem disposto para meu encontro com Pinter.

Nem quero saber quem é meu vizinho. Seus óculos refletem o brilho da tela do laptop enquanto ele digita o que parece ser uma carta ou um artigo. Ele está mascando um chiclete como se fosse um fumante tentando largar o vício, e eu diria por seu cabelo longo e bem tratado e pelo paletó informal que é um jornalista em atividade.

Estou impressionado. Qualquer pessoa que consiga entrar no pântano de informações e separar aquilo que vale a pena ser noticiado merece meu respeito.

Não consigo ficar à vontade em meu ninho. Meus pés incharam nas botas de caubói, mas tenho medo do cheiro que eles vão exalar

se eu as tirar. Um erro tão pequeno, essa compra, mas que me atrapalha tanto. Viajar é uma vida vivida a partir dos pés. Sapatos — mais uma coisa para eu comprar em Ontário.

Mas onde fica Ontário? Realmente não sei. Um aeroporto secundário nos arredores de Los Angeles, uma clareira nos subúrbios e em seus bairros? Dizem que esses lugares não têm rosto, mas não é verdade. Eles não têm é corpo, apenas ruas e luzes. Para falar a verdade, já fui de avião a Ontário. Peguei o ônibus de cortesia até o Homestead Suites, trabalhei uma ou duas horas em A garagem, tratei de alguns negócios no restaurante que fica no térreo e voltei de táxi até o terminal. Lembranças? Nenhuma. Talvez do cheiro do asfalto. A viagem não passou de mais que um aperto de mão no universo.

Abro um dos olhos para ler o que está na tela do meu vizinho — uma quebra de etiqueta no Mundo Aéreo. O que quer que ele esteja escrevendo, está bem no meio.

Mas para os moradores dessa pequena cidade universitária cheia de árvores, conhecida até aqui por seu hospital infantil de primeira linha, essa tragédia leva a questões mais complexas e profundas. Perguntas sobre a violência da mídia, de pais negligentes e da falta de objetivo dos adolescentes americanos. “Algumas de nós ficavam preocupadas com meninos e armas”, declara Janet Portis, 31, técnica odontológica que trabalha em meio expediente e mãe de dois filhos, “mas meninas e armas? Isso simplesmente não passava pela nossa cabeça.” Funcionários da cidade ecoam a mesma confusão e o mesmo susto: “Sempre tivemos essa sensação, de que essas coisas não poderiam acontecer aqui”, filosofa o chefe de polícia Brad McCann, um dos primeiros a chegar à cena da tragédia...

Tem alguma coisa errada aí. Já li essa matéria antes. Tento encontrar a fonte. Será que foi no *U.S. News* que estava semana passada na sala VIP, ou foi na semana anterior, numa *Time* que li a bordo? O tiroteio aconteceu no Oregon, num jogo de softball, ou

teria sido num jogo de futebol em Wisconsin? Espero o homem mudar a tela e aparecer a data, mas ele parou de escrever, sem saber como completar a frase: “Esse tipo de inocência...”

Posso terminar para ele de memória: “...demora a morrer.” Suas mãos pairam acima do teclado enquanto ele pensa. E lá vai ele: “... não se destrói facilmente.” A mesma diferença, eu sabia. Eu li essa matéria! E é aí que me lembro: *USA Today*, meia hora atrás.

Que tipo de universo é esse, que copia o trabalho dos outros? A julgar pelas sobranças arqueadas do sujeito, reescrever uma matéria que todo mundo já conhece é tão difícil como escrever uma do zero.

— Tem horas? — pergunto, fingindo acordar. Não posso deixá-lo perceber que o estava espionando.

— Em que fuso estamos?

— No Pacífico. É terça-feira, terceiro milênio, e de café da manhã temos bolinhos com sementes de papoula. É tudo o que eu sei.

— Então devem ser 7 horas. — Ele dá um clique em seu relógio digital, mas exagera, clica à frente, exagera de novo, para trás, e finalmente acerta.

— O senhor é escritor profissional?

— Procuro ser.

— Escreve para revistas?

— Para um vespertino de Chicago. Estou em cima do laço. O senhor pode me dar licença por uns minutos? Preciso mandar esse arquivo assim que pousarmos.

Ele volta a atenção a seu trabalho, que não é realmente seu, procurando transições e adjetivos que, quando encontra depois de muito franzir a testa, copiam exatamente o trabalho do outro jornalista, que provavelmente tirou tudo de uma agência de notícias. Eu poderia simplesmente lhe dar o jornal que tenho na pasta, mas o cara precisará se sentir importante, como todos nós.

Finalmente tiro as botas e flexiono os pés. O cheiro é inofensivo — quente, de couro úmido —, mas percebo que as meias não são da minha marca preferida. Eu só compro Gold Toes. Será que alguma lavanderia de hotel trocou as bolas? Acontece. Ainda acontece.

Ligo meu microgravador.

— Notas para o livro: o herói flutua para fora do tempo em A garagem. O avanço de seus projetos é tudo o que ele sabe. O autogerenciamento não significa nada a não ser isto: a gestão centrada em tarefas do próprio biorritmo. Se não fosse pelas informações financeiras trimestrais que lhe chegam pelo Portal de Comunicação, que ele rasga sem ler e depois joga no fogo, meu herói nem saberia em que ano estamos. O homem que faz a história é um calendário vivo, seu coração batendo sendo o único pêndulo. Quando a voz no portal diz para ele: “Ande mais rápido!” o herói responde com o Quarto Ditado: “A inovação se expande do centro para fora e não de fora de algum tipo arbitrário de...”

— Senhor?

Olho para o lado.

— Seu café.

Uma turbulência. Antes que eu possa fazer qualquer coisa, a xícara dá um pulo de lado e suja meu queixo e meu colarinho. Estou molhado, mas não me queimei — o café só estava morno. Passamos por mais um sobressalto. O gravador voa da poltrona, cai no chão e o apanho. Ele está pingando, todo molhado. Aperto o *rew* e os cabrestantes voltam, depois param. Ejeto a fita e a limpo em minha camisa. Trinta minutos de trabalho perdido que ainda não foram transcritos.

Dou uma olhada pela janela: o céu está limpo, a sombra de um avião desliza sobre uma planície de sal. As coisas se acalmam. A comissária de bordo volta, pede desculpas, então me dá uma caneta e um voucher da companhia aérea me oferecendo mil milhas em consideração por ter manchado minha roupa. Digo que isso não

basta, quero 5 mil, mas ela diz que o máximo que pode oferecer são mil. Assino. As milhas não compensam, nem chegam perto, mas pelo menos não fazem eu me atrasar.

O repórter salva a matéria, desliga o laptop, guarda-o dentro de uma bolsa de náilon com zíper e pede rum branco com Coca diet. Ainda estamos esperando o café da manhã, mas os comissários de bordo entendem que ninguém é responsável pelo relógio biológico.

Faço perguntas sobre o trabalho do sujeito e depois menciono que também já escrevi alguma coisa, o que parece alarmá-lo. Mais um amador esforçado. Dou o nome da minha editora para mostrar meu pedigree, mas ele diz que não conhece e começa a brincar com sua aliança, fazendo-a subir e descer no dedo, como que para ter certeza de que ainda dá para tirar. Volto à carga falando do meu verdadeiro trabalho e proponho que ele faça uma matéria sobre pessoas que trabalham com ATC, os sorridentes agentes funerários dos mortos-vivos. O repórter não tem a menor ideia do que estou falando, mas mesmo assim assente e depois volta a tirar o computador da bolsa.

Aparentemente, a inspiração lhe bateu. Talvez ele vá mudar a “cidade universitária cheia de árvores” para “cheia de sombras”.

Destravo o telefone aéreo do encosto da poltrona e me preparo para ligar para a ISM, para o homem de quem menos gosto no mundo, Craig Gregory, que entrou no mesmo mês que eu, há muito tempo. Recebemos o mesmo treinamento, as mesmas orientações e requisitamos ao mesmo tempo as mesmas cadeiras ergonômicas e os mesmos teclados anatômicos. Depois disso, nossos caminhos se bifurcaram. O meu foi reto e distante, mundo afora, enquanto Craig se esgueirou de volta para o prédio e foi subindo como um saca-rolha. Ele sabia o que eu não sabia — que o poder na empresa estava dentro daquelas paredes, com seus colegas e superiores, e não lá fora, com os clientes. Craig Gregory se transformou num intrigante virtuoso nos cantinhos das máquinas de refrigerantes, nas escadas,

nos elevadores e nos banheiros masculinos, saindo de trás das baias para assustar vice-presidentes em pleno papo furado, levando sua bandeja para longe dos trabalhadores temporários fofoqueiros, conseguindo drogas, lembrando-se de quem usava drogas e se livrando das drogas. Ele nunca ia para casa. Independentemente de quão cedo eu chegasse ao escritório, um Craig Gregory movido a café já teria chegado antes de mim, com as últimas piadas que circularam pelo e-mail e mostrando coisas interessantes que ele tinha tirado do lixo das pessoas. Desconfio que ele mantinha um pequeno colchonete nos dutos de ventilação, para onde também havia contrabandeado água e barras de chocolate. E de alguma maneira, com o tempo, ele conseguiu se impor sobre mim e sobre todos nós. Não podíamos derrubá-lo, o fantasma da sede, uma caixinha de surpresas pestilenta com hálito de balas Certs, e logo alguns de nós já recebíamos ordens suas e o organograma da ISM que se danasse.

Digo que estou num telefone aéreo quando ele atende — é uma maneira de limitar nosso tempo de conversa. A três dólares por minuto, preciso ser rápido.

— Como vai Krusk? Já falou com ele sobre os atrasados? Espero que você esteja voltando pelo menos com uma orelha cortada. Tenho um desses brinquedinhos de mesa, o das bolinhas de aço com cordas. O tilintar calmante oferecido pela física mais básica. Combina direitinho com meus macaquinhos.

— Art você pode cancelar. Ele quebrou. Ali acabou, Craig. Nem vou mandar um relatório de horas desse trabalho.

— Então mande a conta para aqueles caras do plano de saúde. Eles merecem. Proíbem aleijados de receberem muletas. Você está indo para lá?

O tema da minha conversa. Mas para quê dizer a ele? Não lhe devo nada.

— Estou na Califórnia hoje. Uma reuniãozinha.

— E quem vai lucrar? Espero que não seja nenhum trabalho freelance. Escute só uma coisa: eu estava no terraço, domingo à tarde, pegando um troço alugado que transportamos para aquela cara de não sei o quê, aquele mafioso rei do lixo sólido, e o meu cara nas Viagens Internas acendeu um Partagas e me disse: “Aquele seu amigo Bingham está fazendo a maior festa; está se aproveitando da gente, chefia. Vamos mandá-lo embora.” E eu disse... O que eu disse?

— Não faço ideia, Craig. Mas já estamos chegando perto dos 20 dólares, pelas tarifas da ligação.

— Aonde vai o Bingham, o dinheiro vai atrás. Deixe o cara plantar as sementes. Elas vão se tornar grandes carvalhos.

— Estou pensando em adiar o Texas.

— Não é muito inteligente. Aqueles caras estão jogando merda em toda a diretoria. Existe ouro nesse lago de sangue fervente.

— Vou pensar.

— Acabei de fazer minhas bolinhas balançarem. Isaac Newton, meus agradecimentos. Meu homem no Departamento de Viagens diz que você está almejando um grande número redondo por conta dele, por minha conta e até por conta do zelador da empresa, e eu disse “Deixe isso para lá; ele merece”. Ei, fiz cocô hoje. Pela primeira vez desde a operação.

— Que operação?

— Um probleminha de mulher, não é para ficar comentando. Os abusos que cometi com anabolizantes na adolescência fizeram com que eu desenvolvesse um útero.

Nada desse seu negócio de mel de abelhas. Mas foi uma coisa importante: caguei.

— Estou aqui, aplaudindo.

— Estou aqui, dando meu sangue.

— Isso está tendo um preço alto para a gente, Craig.

— Está tendo um preço alto para todos os Estados Unidos. Vai aparecer nos índices de produtividade do ano que vem.

— Você está ameaçando cortar minhas viagens?

— Perdemos essa oportunidade. Esse barco já saiu do porto há cinco anos. Vamos deixar você navegar, navegar e navegar. Mande um cartão-postal se chegar a seu destino.

— Preciso desligar.

— Ótimo. Gosto desse som.

O repórter olha para mim; aparentemente, ele também estava me espionando.

— Seu escritório?

— Por mais dois dias.

— Você disse que seu trabalho é demitir pessoas?

— Foi assim que terminou, não como começou. Também faço palestras sobre como descobrir sua riqueza interior. Ontem à noite encontrei uma fã. Ela acreditou em tudo o que eu disse.

— Talvez você tenha razão e isso dê uma matéria. Me perdoe se pareci grosseiro antes. Meu nome é Pete. Diga o que você ia me contar.

— Mais tarde.

— Essa é sua chance. Já vamos pousar.

— Desculpe, sou meio temperamental. Não estou com muita vontade de falar agora. Aconteceu mais um tiroteio? Dei uma olhadinha no seu computador.

— Parece que não estou conseguindo encontrar as palavras essa manhã. Estou meio preso.

Abro minha pasta e dou a Pete o jornal da manhã. Ele vai chegar ao mesmo resultado, só que mais rápido, e vai poder curtir mais seu coquetel. Todos nós gostamos de pensar que podemos dar aquele toque especial e talvez alguns de nós até possam, mas esse não é o caso de Pete, nem o meu. Peço uma bebida. A comissária de bordo se apressa. A manhã dela pode ser a minha noite.

sete



Nem todas as profissões têm a sorte de ter um pai fundador ainda vivo, e ainda por cima disponível para receber uma visita e fazer negócios. Na análise da administração — a parte boa —, este homem se chama Sandor “Sandy” Pinter, um húngaro que veio para os Estados Unidos na década de 1940 e aproveitou sua formação de filósofo para encampar as novas realidades dos negócios aqui. Seu primeiro livro completo, *Ideias e indústria*, defendia que a corporação moderna ganha sua legitimidade moral a partir da promessa de criar e sustentar uma classe média global. A obra foi ignorada, a não ser pelos intelectuais, mas o livro seguinte de Pinter, voltado para os empresários, criou a moderna ciência da administração praticamente sozinho. Fazendo o trabalho funcionar deu a Pinter fama e riqueza e formou a base para o Instituto Pinter, uma escola de Los Angeles para executivos em meio de carreira, onde Pinter lecionava, pessoalmente e via satélite, até se aposentar há três anos, aos de idade. De seu modesto bangalô, em Ontário, ele continua a escrever (um artigo por ano ou coisa assim, o último se chamou “Administrando por um significado”), mas raramente viaja. Você é que tem que ir até ele.

É o que estou fazendo. Tenho uma pequena proposta a oferecer. Se Pinter aceitar, a MythTech vai perceber.

O conceito é bem simples: permitir a uma empresa decorar seu ambiente, do teto ao chão, por todas as paredes, com a presença inspiradora do filósofo. Gravações das palestras de Pinter, como faz a Muzak, tocarão nos corredores, nos banheiros e nas salas de espera. Ticklers na parte de baixo das telas dos computadores vão exibir citações da obra de Pinter. O pacote do produto vai incluir tudo, inclusive calendários, canecas, canetas esferográficas e outros materiais de escritório “pinterizados”.

Até o carpete, se a empresa quiser, pode ser bordado com “dinogramas”, a marca registrada de Pinter, uma mistura do símbolo do infinito tocado por um raio (a Descoberta Perpétua) e uma estrela formada por cinco espadas cruzadas (Solidariedade de Equipe).

Obter a permissão de Pinter para licenciar um produto como esse deve tomar uma tarde inteira, se tudo correr bem. E acontece que eu sei que ele está em dificuldades financeiras. Seus livros profundos pararam de vender há alguns anos, expulsos das prateleiras por livros de leitura mais rápida, que seus próprios alunos criaram, e seus investimentos imprudentes em produtos que despertaram seu entusiasmo, como latas de bebida que gelam sozinhas e bronzeadores que não precisam de sol, dilapidaram seu patrimônio. Receio que o simples fato de ele ter concordado em me atender já seja um sinal de certo desespero, mas não estou aqui para tirar vantagem dele. Muito pelo contrário. Estou aqui para incensá-lo.

O único problema agora é minha saúde. Minhas juntas estão travadas e estou expelindo um catarro doce depois de uma manhã cheia de atribulações e distrações que eu credito ao declínio geral dos serviços de viagem norte-americanos. Eu estava saindo do estacionamento, em meu carro alugado, quando a luz laranja do óleo acendeu. Voltei para a garagem da Maestro e o mecânico de plantão me deu a opção de deixar um Volvo por um Pontiac menos prestigioso, ou de eu mesmo trocar o óleo e mandar a conta para a

empresa. O mecânico recomendou uma ProntoLube a uma quadra do Homestead Suites, onde disse que eu também encontraria uma farmácia.

Pus-me a caminho, mas a Ontário disforme, com suas ruas mal sinalizadas e seus pedestres mal-humorados, me engoliu inteiro. O medidor de gasolina não parava de cair.

Por três vezes passei diante de barraquinhas de burritos, até perceber que eram a mesma barraca. Por duas vezes quase atropeliei um dinamarquês solto, que corria atrás de uma coleira que ficara presa num velocípede de plástico. Nos cruzamentos onde não havia fiscalização, carros de alta potência e picapes cheias passavam por mim buzinando. Eu me senti como se estivesse dirigindo no Paraguai. Pelo menos na ideia que eu faço do Paraguai.

Sou igual à minha mãe. Crio estereótipos. É mais rápido.

Os aeroportos normalmente se localizam em terras de ninguém e eu passo por eles usando minha bússola de que tipo de negócio combina com o quê. Encontre uma Red Lobster e você dá de cara com um Holiday Inn. Mas o layout de Ontário não segue as regras. Seu Olive Gardens fica perto de lamentáveis revendedores de carros usados. Seus Office-Maxes ficam em frente a livrarias para adultos. Ligo o 0800 nacional do Homestead e peço à telefonista para me transferir para o recepcionista do hotel local, que vai me guiando, quadra a quadra, até a porta da frente. Quando chego ao lobby, não consigo encontrá-lo em lugar nenhum, embora só tivéssemos desligado um pouco antes. Aperto a campainha. Espero. Dez minutos se passam.

Uma moça abre uma porta com a placa “Piscina e Academia” e pergunta se pode me ajudar.

- Onde está o gerente?
- Eu sou a gerente.
- Eu estava com ele ao telefone.
- Comigo?

— Não, com um homem. Era voz de homem.

— Talvez fosse o rapaz da piscina.

Perguntei se meu cartão de crédito de reposição havia chegado naquela manhã, conforme o prometido, e chegara — a moça só não conseguia se lembrar de onde o havia colocado. Atravessei a rua e fui até a farmácia enquanto ela procurava. Pela porta fechada, pude ver uma equipe de adolescentes conferindo os estoques. Fiquei batendo na porta sem parar. Um gerente veio e acenou para eu ir embora. Depois, empurrou uma pilha de caixas para tapar a porta.

De volta ao Homestead, a moça me deu um fax que havia chegado. Perguntei pelo cartão.

— Continua desaparecido.

O fax, com uma anotação de “urgente”, estava tão apagado que mal dava para ler e consistia de cópias de recados anotados por meu assistente/estudante de mestrado.

Dois eram de Morris Dwight, da Advanta, um de Linda, no Compass Club de Denver, e o quarto dizia “favor ligar para sua irmã”, mas não dizia qual delas.

Fui ao meu quarto responder às ligações, mas o telefone não dava sinal. Usei o celular. Primeiro, liguei para a casa de Kara. O marido dela atendeu. Ela já foi para Minnesota, disse.

Será que ela tinha alguma notícia de Julie? Ele achava que não. Ele sabia que a Julie tinha saído de casa? Não, ele disse, mas tinha acabado de chegar, havia uma hora, de dois dias seguidos no hospital. Perguntei por que ele havia ido parar lá, o que foi um erro. Meu cunhado fala devagar, pronuncia bem as palavras, e faz parte da sua natureza de quem se preocupa com os outros que os outros também se preocupem da mesma maneira com ele. Nós nos preocupamos, mas não no mesmo nível.

Ele é singular.

— Eles estudaram meu sono. Puseram uns eletrodos. Grudaram um pequeno sensor em meu polegar para medir a composição

química de meu sangue. Ficou abaixo de 90 por cento, o que não é bom. Eu ronco. Tenho apneia. É muito comum, e não só em quem é obeso. Você pensa que está descansando, mas na verdade está gastando a mesma energia de um maratonista. Toda noite.

— Já me fizeram um diagnóstico de apneia uma vez.

— E que tipo de tratamento você escolheu?

— Por enquanto, nenhum. Escute, tem alguém batendo na porta. Preciso correr.

— Nós pensamos que sabemos como estamos dormindo, mas não sabemos. Eles me filmaram. Passei o tempo todo rolando no colchão.

— Esse é meu telefone, caso você tenha alguma notícia de Julie.

Na Advanta, falo com um subordinado de Dwight, que me diz que ele deve ter me ligado do celular mas se recusa a me dar o número. Reitero que o número que aparece no recado é o número para o qual eu estou ligando.

— Então acho que essa linha deve ter um siga-me — diz o subordinado. — Mas não tem, né? Que coisa!

Sugiro que ele ligue para Dwight, onde quer que ele esteja, e passe meu número no Homestead. Silêncio.

— Espere, acabei de encontrar outro recado aqui. Está pronto? Não posso comparecer ao café da manhã no aeroporto de Seattle. Desculpe. Vou estar em Phoenix na quarta. Você pode me encontrar lá? Quarta-feira é amanhã.

— Obrigado pela informação. Eu já disse que podia ir a Phoenix. Qual é o nome do hotel?

— Eu tinha, coloquei em algum lugar, e... Já peguei. Está aqui. Você é o cara que escreveu A garagem?

— Isso. Você está com o original?

— Eu li. Seu personagem do livro, o que exatamente ele inventa? Imagino que ele seja, vamos ver, um químico?

— Isso nunca é revelado.

— Legal. Bem artístico. Qual é o tamanho da garagem?

— Isso fica por sua conta. É uma metáfora. Uma imagem.

— Então você está dizendo que ela é pequena?

— Você não ouviu? Estou dizendo que as dimensões não são físicas. Qual é a opinião que seu chefe teve do livro?

— Ele ainda não leu. É um editor. Eu faço a primeira leitura e escrevo um resumo. E, de acordo com meu resumo, ele decide se vai ler também.

— Você está de brincadeira, não é?

— Não. É assim que funciona.

— Estou assombrado.

— Outra pergunta: aquele Segundo Ditado?

— Sim?

— É muito parecido com o Sexto. Acho que o Sexto não é necessário.

— Diga ao Dwight que estarei em Phoenix amanhã ao meio-dia e que tenho coisas muito preocupantes para discutir com ele.

Encontrou o nome do hotel?

- Estava com ele aqui, coloquei de lado...
- A Advanta dá lucro?
- Estamos no mercado literário. Os lucros são secundários.
- É o que me assusta.

Decido que minha última chamada, para Linda, pode esperar um pouco. O que você deve a alguém depois de prejudicá-lo? Tudo. Você esteve na pele deles. Tocou no útero deles. A única questão é se eles vão fazer você pagar, se vão mandar a conta. A maioria não manda, graças a Deus. Mas Linda, eu sempre temi que ela fosse cobrar o pagamento integral. Isso, obviamente, não significa que terei que pagar, só que vou ter que viver sem ter cumprido minha promessa. E eu posso viver assim. Já fiz isso com outras pessoas. É apenas uma questão de colocar sua dívida pessoal num grande pool

de dívida coletiva e social, que é problema dos governos e das igrejas.

Ou eu poderia fazer um refinanciamento, a ser amortizado através dos séculos.

Deito-me ainda de botas para tirar um cochilo. Meu sono não foi um sono, mas um transe paralisado. Asif estava errado: eu sei que não descanso. Sonhei com um desenho abstrato, de grades multicores se desdobrando no horizonte, um gigantesco tabuleiro de jogo. As peças eu já conhecia do Monopoly — o canhão, o sapato, o cachorrinho, o ferro —, mas elas boiavam no tabuleiro como destroços no mar. Volta e meia, um fino raio laser azul fazia um disparo do tabuleiro e transformava uma peça em cinzas.



Agora estou acordado e no banheiro, fazendo um gargarejo com Listerine. As membranas em minha boca parecem rasgadas e ressecadas. Toco na testa. Não está febril, nem fria; é aquela preocupante não temperatura de um papel. Preciso tomar vitaminas. Preciso de certas enzimas. A falta delas já está aparecendo em minha pele. Fico bronzeado até com o mínimo de sol, mas agora no espelho meu rosto mal consegue esboçar um reflexo.

A única boa notícia: meu cartão de crédito está aqui. Eles o passaram por baixo da porta enquanto eu cochilava. Suponho que o ladrão de identidade já tenha sido eliminado. Estou inteiro outra vez, sem outras pendências. Minha primeira compra vai ser um par de sapatos e tenho uma hora inteira para isso, uma raridade. De acordo com a autobiografia de Pinter, ele dorme em dois turnos de quatro horas, das 10 às 2, da manhã e da noite, e faz suas refeições às 3. Ele escreve no livro que era assim que os seres humanos viviam

antes de ter início a agricultura, mas não oferece nenhuma prova. Muito típico. Na administração, é a afirmação estimulante, e não a hipótese testada, que prende o público.

Ligo para a casa de Pinter para confirmar o compromisso e receber as instruções. Quem atende é Margaret, sua chamada codoméstica. O desprezo que Pinter sente pelo matrimônio se origina de sua crença na poligamia masculina, que ele só se abstém de praticar porque atualmente é ilegal, mas não descarta no futuro. Talvez quando ele tiver 100 anos os padrões tenham sido abrandados.

— Ele gostaria de ir buscá-lo — diz a Sra. Pinter. — Ele comprou um carro novo e está ansioso para mostrar.

— Está bem. Mal posso esperar para conhecer a maravilhosa casa de vocês.

— Infelizmente, ela está sendo reformada. Estamos reduzidos a dois cômodos habitáveis.

— Talvez vocês queiram comer fora hoje.

— É claro que não. Sandy gosta que a comida seja preparada do jeito dele. Ele não confia nesses restaurantes. Eles cozinham demais e destroem as cadeias de proteínas.

— Quando devo esperá-lo?

— Daqui a uns cinco ou dez minutos.

— Pensei que ele fizesse as refeições às 15 horas.

— Este ano é às 14. Sandy fez um ajuste para o horário de verão.

Esse negócio de gênio está começando a me irritar, e olhe que eu tenho uma grande tolerância para maluquice, mesmo quando é só uma máscara calculada para impressionar.

Um dos palestrantes que vi ano passado na GoalQuest, um alpinista de fama internacional que morreu no Everest (por apenas sete minutos; eles o ressuscitaram, mas só depois de ele ter tido uma visão de grande interesse para o mundo empresarial), usava sapatos de pele com um terno italiano e insistia em mascar chicletes durante

a palestra. Seus pés doloridos e congelados podiam explicar os sapatos, mas as bolas que ele fazia com o chiclete eram a mais pura afetação, apenas para mostrar que ele joga segundo as próprias regras. Ele sabe muito bem, como todos os homens inteligentes sabem, que nenhum ser humano é tão interessante que não possa se fazer ainda mais interessante se comportando como um retardado de vez em quando.

Tiro algumas roupas do caminho para me preparar para a visita de Pinter. Como um quarto de hotel pode ficar tão bagunçado de repente, mesmo quando mal desfiz as malas? A arrumação deles parece pedir para ser desmanchada da mesma maneira como um penteado novo implora por uma musse. Talvez seja a necessidade de dar uma cara ao lugar, enxotando a aura do ocupante anterior. Quando alguém desocupa uma poltrona de avião, deixa para trás uma perturbação nas moléculas. Este quarto, eu diria, foi ocupado anteriormente por uma família de brigões em férias.

Pinter só bate na porta uma vez. Eficiência. Eu o cumprimento de calça cáqui e camisa azul e segurando um bloco de notas com alguma coisa escrita, tentando me fazer passar por um homem que está sempre ocupado.

— Finalmente nos encontramos. Que privilégio. Desculpe por meu quarto — digo.

— Preciso usar seu banheiro.

— Claro. É logo ali.

Pinter não fecha a porta inteiramente, expondo-me a sons que eu preferia não ouvir de alguém com a reputação dele, cujos cursos frequentei. O rolo de papel higiênico faz barulho quando é desenrolado. Apesar de seu notório horror a excessos e desperdícios, Pinter usa meu papel higiênico prodigamente. Espero uma descarga e o barulho da pia, mas... nada. Quando ele volta a aparecer, eu o cumprimento e sua mão completamente seca confirma que ele não a lavou. Eu sei, por estudar seus livros, que não há uma regra,

costume ou tradição de higiene que Pinter não tenha desprezado ou desobedecido.

Ele se senta ao pé da minha cama, sem me encarar. É um homem pequeno, careca, mas com cabelo nos orifícios. Suas orelhas e suas narinas são cheias de pelos e também há uma barbicha no osso de seu queixo proeminente e manchado. Sua boca é grande, os lábios bem finos, como os de um desenho.

— Não vejo nenhum cinzeiro. Este quarto é para não fumantes?

— Não se preocupe. Os alarmes não são tão sensíveis.

— Tem alarme? Se tiver, não vale a pena.

— Eu fumo com o senhor.

Pinter pega uma latinha de tabaco e enrola dois robustos cigarros.

— Por que eles sempre têm que arruinar tudo? Um dia o sonho da Califórnia foi o sonho da liberdade. Agora somos governados por carneirinhos e fanáticos por saúde. Você conhece minha definição de saúde?

— Conheço.

— A mediocridade erigida a um ideal. A saúde é o motivo pelo qual ficamos doentes. Uma consciência de saúde.

Mesmo assim, ele não come em restaurantes porque vão destruir as proteínas.

Pinter não é um fumante social. Ele traga feito um indiano, reverente, de olhos fechados. Sua mão livre abre e fecha sobre o joelho como um peixe procurando respirar.

Um pouco de cinza cai em sua calça de veludo e ele esfrega com o polegar macio e cor-de-rosa de um recém-nascido.

— Estou comemorando, esta tarde — ele anuncia. — Assinei um contrato significativo ontem.

Uma notícia que me desagrade — pensei que ele tivesse se aposentado. Estava contando com sua situação financeira ruim para ajudar a vender minha proposta.

— Devia ser confidencial, mas segredos me aborrecem. Uma companhia aérea com sede em Phoenix me contratou.

— Não vá me dizer que é a Desert Air!

— Você já ouviu falar neles?

Eu faço que sim.

— Eles competem com a companhia aérea que eu costumo usar.

Pinter tosse. Bastante fumaça é expelida e continua a sair, como se todo o corpo dele estivesse cheio.

— É uma boa companhia?

— Você pode me dizer.

— Eles estão com um problema. Construíram todo o negócio com base no preço e só no preço, o que é uma maneira eficiente, mas muito arriscada. Já escrevi sobre isso. Uma mulher de vida fácil logo se tornará popular, mas terá muita dificuldade para atrair um parceiro leal. A longo prazo, é melhor ser boa do que barata. Dar descontos formidáveis é uma espiral para baixo, por isso instei que eles fizessem uma nova interpretação da identidade deles. Levar corpos quentes do ponto A para o ponto B não inspira ninguém. É como se fosse um caminhão. Mas promover a comunhão dos seres humanos acende a luz vital em todos os envolvidos, o trabalhador e o cliente. Concorda?

— É uma perspectiva de marketing.

— É mais profundo que isso. É um primeiro princípio. Tudo começa na alocação de lugares. Semelhante deve se sentar com semelhante. Pais de crianças pequenas com outros pais. Jovens solteiros com jovens solteiros. Nada de misturar. Aprendemos quem são os passageiros através de pesquisas detalhadas e damos ao computador a tarefa de distribuir adequadamente os assentos, da mesma maneira como uma boa anfitriã distribuiria os lugares num jantar.

— Uma manipulação desse tipo pode gerar ressentimento.

— As pessoas não vão saber que fazemos isso. Tudo o que elas saberão é que se sentem mais à vontade. Mais amigas, mais próximas umas das outras. Já fizemos algumas experiências.

Os dedos dos meus pés se contorcem nas botas. Sinto-me invadido, como se tivesse acabado de abrir as cortinas da minha sala e pego um vizinho me xeretando de binóculo.

Graças a Deus não viajei pela Desert Air este mês, embora, se eles estiverem fazendo isso mesmo, a Great West de Morse vá acabar seguindo pelo mesmo caminho. Devo admitir que, ultimamente, me sinto observado.

— Você ficaria surpreso como o esquema funcionou bem — continua Pinter. — Fizemos uma pesquisa logo em seguida e não poderíamos ter ficado mais satisfeitos com as respostas.

— O que mais você sugere que eles façam?

— Um circuito interno de TV nos portões, ligado a câmeras de vídeo nas cabines. Para abreviar aqueles minutos ansiosos de quando as pessoas desembarcam.

Você está esperando alguém, talvez esteja até com flores nas mãos, mas parece demorar um século até poder vê-la. Você teme que ela tenha perdido o voo. Você não sabe mais o que pensar. Dessa maneira, você a vê assim que ela tiver chegado.

Ele olha para mim, esperando uma reação, e eu consigo apenas piscar. As ideias dele são totalmente idiotas, frutos da arrogância. O cara mal anda de avião e no entanto está rabiscando uma receita médica para uma companhia aérea regional em ascensão. É uma estupidez. Isso é excesso de fama. Já estou pensando em esconder minha proposta e adaptá-la para um dos maiores críticos de Pinter — talvez para Arthur Cargill, do Grupo Keane, o pai do Relatório de Técnicas de Imitação.

— Ajude-me — solicita Pinter. — Você está cético. Pode falar.

— Meu senhor, com todo o devido respeito...

— Não se rebaixe. Você é maior que isso. Fiz algumas perguntas depois de você ter me ligado e descobri que tem uma boa reputação. Um emergente. Concordei em encontrá-lo porque esperava uma conversa entre iguais.

Não me atrevo a perguntar quem falou tão bem de mim. Será que foi alguém da MythTech? Já ouvi falar que ele tem contatos lá dentro. Há uma história de que ele compareceu a um casamento, um evento exclusivo em Sun Valley, Idaho, e deu de presente aos noivos uma faca de prata para queijos que lhe havia sido presenteada pelo príncipe da Arábia Saudita em apreço a seu trabalho de desobstruir as linhas de suprimento durante a Guerra do Golfo.

— Olho do ponto de vista do consumidor, do passageiro — digo.
— Aprecio sua intenção, mas, francamente, me parece que o senhor está brincando com a vida das pessoas. Um avião não é uma vitrine.

— O mundo é uma vitrine. É um axioma no nosso meio.

— E igrejas? Igrejas são vitrines?

Pinter me olha feio. Desrespeitei o código da nossa profissão, ao invocar algo sagrado. Passei dos limites.

— Você é religioso?

— Não da maneira tradicional.

— É claro que não. Ninguém faz mais nada da maneira tradicional. Mas você acredita que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança?

— Já entendi aonde o senhor quer chegar. Derrapei. Peço desculpas. Estou cercado de mórmons há dez anos.

— Está piorando. Você me ofendeu. Deu a entender que sou um corrupto. Um faustiano. Mas não é verdade. Ajudar essa pequena companhia aérea a criar uma vantagem numa indústria cada vez mais selvagem não viola um único mandamento, que eu saiba. Para falar a verdade, é um ato moral *par excellence*.

— Volto a pedir desculpas.

Pinter suspira e se levanta. A diferença de seu tamanho sentado e em pé é incrivelmente pequena. Ele é todo feito de tronco e sem pernas, embora seu paletó grande e largo disfarce bem isso. Ficamos olhando um para o outro. Ele fala para meu peito, como se tivéssemos a mesma altura, e, em minha fraqueza, entro no jogo — me agacho.

— Margaret e eu já preparamos a comida. Vou fazer um pedido: nada dessa conversa de Deus no jantar. E nada de negócios.

— O senhor entende por que vim até aqui, eu espero. A minha ideia?

— Mais tarde. Na mesa, nos restringimos a um “tópico”.

— E que tópico é esse?

— Isso é por sua conta. Você é o convidado.

— Fui seu aluno. Gostaria de agradecer pelo que ensinou. Assisti via satélite. O senhor não podia me ver.

— Essa é uma premissa que você não tem base para fazer.

— Sei como os satélites funcionam.

— Talvez os mais antigos.

Como a entrada lateral para a casa está bloqueada por paisagistas e montes de terra e como a varanda da frente foi retirada, deixando a porta suspensa na parede, Pinter estaciona seu novo sedã esportivo alemão numa ruela. Foi uma longa viagem. Ontário tem um trânsito uniformemente pesado em todas as direções, como um formigueiro em que alguém pisou, e Pinter jamais deveria dirigir aqui. Seu estilo mistura desconsideração com os outros e uma completa concentração em seu próprio carro. Mesmo em movimento, ele mexeu nos controles, subindo o volante, elevando o assento e ajustando as saídas do ar-condicionado. Ele vai morrer nesse carro e acho que já sabe disso, o que explica por que é tão ansioso em curtir seus apetrechos.

Margaret está num dos degraus da entrada dos fundos com um coquetel na mão, com uma cereja dentro, ao estilo antigo. Ela parece

uma jovem de 20 anos envelhecida por um maquiador amador de cinema que usou cola umedecida para fazer as rugas e talco de bebê para tornar seu cabelo grisalho. Ela me cumprimenta muito gentilmente, beijando-me nas duas bochechas, no entanto mal toma conhecimento de seu parceiro, que passa como um raio para a cozinha e serve duas bebidas. A cozinha é um dos dois cômodos habitáveis, o outro, o quarto, cuja porta está aberta e pela qual sou capaz de ver uma enorme cama com lençóis escoceses e cobertores de pele, do tipo que antigamente eram vistos nos colchões d'água. O acesso ao resto da casa é bloqueado por folhas de plástico sujas, presas às paredes. Atrás delas, a sombra de um carpinteiro dispara uma pistola de pregos pneumática. O barulho é de estourar os tímpanos.

— Sandy me contou que você mora no Colorado, na terra de ninguém.

— Eu costumava morar lá. Quer dizer, eu tinha um apartamento lá. Mas o entreguei.

— Onde está morando agora?

— Por aí.

— Literalmente?

— Algumas pessoas são assim. E não são poucas.

— Então é uma tendência?

— Ainda não. Mas logo vai ser.

Um copo de bebida é colocado em minha mão. É doce e forte e tem gosto da Hollywood dos anos 1940. Pinter acende outro cigarro e retoma seu peculiar transe enquanto a intrometida Margaret continua a fazer perguntas, distribuindo as palavras de maneira a não coincidir com os disparos da pistola de pregos. Atrás da cama real, posso ver um quadro: alguma cena mítica de uma virgem seminua sendo perseguida por faunos através de uma clareira.

A mesa está posta, mas não sinto nenhum cheiro vindo da cozinha. Pinter amarra um avental na cintura e abre uma velha

geladeira abarrotada de comida semipronta.

A fumaça do cigarro dele se mistura à nuvem de gelo, uma visão que considero extremamente desapetitosa.

— Vamos comer frios — diz Margaret. — A reforma puxa tanta energia que nosso fogão fica praticamente inútil. Sandy já falou do nosso projeto?

— Não. Mas parece que é bem grande.

Ela faz sinal para eu ir na frente, depois afasta a cortina de plástico. Dou uma olhada. As paredes da sala de estar ficaram no tijolo, e um buraco circular do tamanho de uma pequena piscina foi cortado no chão de madeira de lei.

— Nosso teatro de arena — mostra Margaret. — Ideia de Sandy. Viu onde foi parar o teto? É lá que vão instalar as luzes. Vamos rodear tudo com sofás confortáveis, almofadas, lances de escada. Um palco para nossos debates, nossos teatrinhos. Aliás, fizemos tudo na mesma proporção do Coliseu.

— Já tirei a pele do seu guacamole — diz Pinter.

— Esprema um pouco de limão em cima.

— Não consigo encontrar as batatas.

— Você comeu tudo ontem à noite. Use só os biscoitos salgados.

Margaret põe o plástico do corredor de volta no lugar. Tenho algumas perguntas, mas nem sei por onde começar; o coquetel muito doce fez meu cérebro ficar mais lento.

À parte o enigma do teatro de arena, o que aconteceu com a disciplina monástica de Pinter? Os produtos que ele começa a espalhar pela mesa — tubos de plástico de pastinha de cebola semipronta, enroladinhos de carne presos com palitos, um prato de cebolas fritas em conserva, um pote de azeitonas — me fazem lembrar de um dia comum num supermercado de cidade pequena ou da grande inauguração de uma concessionária Chevrolet. Eu me pergunto se essa quantidade de conservantes é o segredo da juventude enlatada de Margaret.

Pinter volta a encher os copos quando nos sentamos. A porcelana e a prataria são verdadeiras, os guardanapos são de linho. Pinter, desde que chegou em casa, ganhou em estatura, e quando erguemos um brinde — “À força da vida”, diz Margaret —, vejo que tanto a mesa como as bancadas ficam na altura de uma cadeira de rodas. Sou um gigante perto deles. Sinto-me um pai, um monumento. Margaret, que tem um tamanho normal, é a mãe, e Pinter, nosso filho.

— E então — ela me diz —, você escolheu um tópico?

Ela está pronta para começar a comer, mas, aparentemente, existem regras.

— Um tópico formal mesmo?

Eles assentem.

— Deu branco. Que tal política?

— Qualquer coisa — rosna Pinter. Ele está com fome. — Nosso último convidado...

— Não o conduza. Deixe que ele faça as associações.

Meu olhar se dirige à pintura no quarto.

— Perseguição.

Eles sorriem e mergulham os biscoitos nas pastinhas. Eu sou o máximo. Pego uma rodela de salsichão como prêmio.

— Acho importante começar com uma experiência. Quem aqui na mesa — pergunta Pinter — já foi realmente perseguido?

— Eu — conta Margaret.

— E você, Ryan?

— Romanticamente? Profissionalmente?

— Você escolheu o tópico. O que tem em mente?

— Omaha.

— Ah, eles. Mas não vamos falar de negócios.

— Mas você os conhece?

— Já nos encontramos. Mas não vamos falar de negócios.

Margaret tira o guacamole da boca.

— Sandy, você já ouviu essa história, então tente não interromper. Aconteceu em Londres, na Inglaterra, nos anos 1960. Sandy estava lá como convidado da British Railways.

— Racionalizando os horários deles.

— Eu já tinha lido sobre a Carnaby Street nas revistas e queria comprar uma roupa. Peguei um ônibus. Fui ao andar de cima, para ver a paisagem. Havia rapazes com penteados dos Beatles... o próprio Sandy já cortou o cabelo assim, um dia...

— Ah, vá à merda.

— Mas cortou mesmo.

Estico o braço para pegar uma azeitona. Meu copo está vazio. Por que Pinter está olhando para o meu saco?

— Enfim, dois cabeludos. Bebendo cerveja. De uma dessas latas extragrandes que os ingleses gostam. E eu, naquilo que diria ser minha inocência...

As sobrancelhas de Pinter se arqueiam. Suas narinas cospem fogo.

— ...me aproximo desses dois rapazes para perguntar sobre o estilo deles. Sabe como é, a “cena” deles. Será que eles poderiam me indicar uma loja, digamos...

um lugar meio fora de mão e não voltado para turistas? E eles dizem que podem me indicar, é claro, se eu pagar uma cerveja a eles. De acordo. E assim saltamos para a rua, aquelas ruas malucas, e antes que eu me dê conta... bem, eles estão me apalpando. Contra uma parede. Ao lado de uma lata de lixo. E levam meu dinheiro.

— O dinheiro que você deu a eles.

— Você está sendo inconveniente, Sandy. Já vai chegar sua vez.

— Ela estava em busca de experiências novas, e não de roupas novas. Você não existia nessa época, Ryan. Os anos do LSD. Minha Margaretezinha era uma espécie de viajante espacial. Me arrastou para conhecer Aldous Huxley, Timothy Leary, todo mundo. Banhos quentes na floresta vermelha. Shows de bonecos. Pensei que isso

pudesse quebrar meu bloqueio de escritor. Astrologia. Talvez tenha ajudado. As visões. As novas perspectivas. Talvez isso tenha contribuído para reerguer a DuPont. O que não ajudou, posso garantir solenemente, foram os suspeitos assaltos cinematográficos a Margaret em todas as capitais da Europa.

— Uma vez fui para a cama com Henry Miller — ela diz.

O celular toca em meu paletó, um som abafado. Pinter torce o nariz para mim, faz “Pfff...”. Estico o braço, ponho no modo silencioso e peço desculpas, ficando ainda mais vermelho do que já estava.

— Obrigado — fala Pinter. — Odeio esses brinquedinhos. Os pecados que o homem comete para manter contato.

— Normalmente não o trago para eventos sociais. Mas hoje estou meio perdido.

— O tópico — observa Margaret.

— Nós somos ridículos? — Pinter me pergunta. — Parecemos pessoas ridículas para você? Nossa insistência em querer manter a hora do jantar sagrada? Nosso gosto por discussão? Nossos passados eróticos e esquisitos?

— Não — digo, quase sem me fazer ouvir.

— Se parecemos, é porque não entramos nessa. Simplesmente não entramos nessa. Essa nossa colmeia cheia de fios sem fio. Um poço sem fundo. Ninguém pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e por que eles gostariam que isso acontecesse? É claro que vamos chegar bem perto. Vamos chegar a um fio de cabelo, depois à metade de um fio de cabelo, e depois à metade da metade. Mas nunca vamos cair na real. E o plano deles é exatamente esse, não percebe? Progresso sem perfeição. Uma tentação infinita, lentamente suplantando os prazeres do sexo.

— Há uma hora, você me dizia que o mundo era uma vitrine.

— Isso ainda é perseguição? — pergunta Margaret. — Ou mudamos de tema?

— Uma vitrine é uma simpática antiguidade, comparada ao que está à nossa espera. Minúsculas antenas plantadas em nossas glândulas. Leitores digitais em nossas unhas.

— Ligados sem nossa permissão?

— Mas nós vamos dar permissão. Eles vão prometer rádios FM de graça. Telefonemas de graça.

— Eles? Você não se sente parte disso?

— Claro que me sinto. Estou no térreo. Eu preferia que houvesse outros “eles” a quem me juntar, mas esses são os “eles” que a história está me oferecendo.

Um conselho: se você ouvir falar num “eles”, entre logo no trem, mesmo que seja só para ser proativo e se defender.

— Em seus seminários, você fala da importância de assumir responsabilidades. E isso soa mais como passividade.

— É sempre um mix. Os seminários exageram um dos elementos. Os seminários são para adolescentes atormentados, e não para seres humanos adultos, vigorosos e realizados, que sabem pôr as coisas em perspectiva.

— Lembre-me de nunca mais me inscrever num dos seus seminários.

— Sandy, você já foi perseguido uma vez. Por aquela empresa.

— Estamos falando de Omaha outra vez. São negócios, Margaret.

— Por favor — digo —, isso me interessa.

— Eles pediram para eu escrever meus sonhos para eles. Escrevi. Depois de três meses, começaram a mandar faxes para mim.

Previsões. Adivinhações. A coisa seguinte com a qual eu sonharia.

No auge, eles conseguiram 40 por cento de exatidão. É um tédio.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? Não é um tédio coisa nenhuma. Sonhos sobre o quê?

— O que eu iria comprar no dia seguinte. Sonhos sobre creme de barbear. Sonhos sobre carne congelada.

— Você está de brincadeira.

— Uma parte do trabalho deles é boa. Mas uma parte é ruim. Na maioria das vezes, eles só querem se mostrar. É tudo propaganda enganosa.

— Não foi isso o que ele pensou na época — comenta Margaret.
— Ele ficou impressionado. Passou um ano inteiro doente.

— Era fadiga crônica. Não tinha nada a ver com eles. Você trouxe os negócios para a mesa, querida. Fim de discussão.

Margaret nos abandona. Ela vai com a bebida para os degraus da porta dos fundos e senta ali, de frente para a ruela e as palmeiras descascando.

— Acho que a MythTech também está querendo me contratar.
— Você saberá na hora certa. Agora, deixe isso para lá.
— Precisamos falar sobre a Zona Pinter — digo. — Não entenda isso como uma pressão, mas eu dependo disso.
— Não tenho certeza se quero minhas obras reunidas em canecas. Não que a onipresença não tenha seus apelos. Preciso fazer uma ligação. Prove essas cebolas.

E por que não tira esse paletó? Parece estar com calor.

Usando a mesa como cobertura, pego meu celular e ativo a “última chamada”. Código de área de Salt Lake. Assim outra vez — deve ter notícias de Julie. Agora que ele sabe que há uma crise no ar, vai trabalhar sem descanso.

Margaret se virou e me viu da escadinha.

— Pode fazer sua ligação. Não deixe que ele intimide você. Pode ligar daqui de fora. É mais confortável.

— Obrigado.

— Meu marido queria que você dormisse aqui, mas posso ver que você não está pronto. Eu explico a ele.

Dou a volta por trás do carro de Pinter e ligo. Ela atende no primeiro toque. Minha irmã. Está bem.

A voz dela não está forte, embora eu duvide que a minha esteja. Posso ouvir o barulho da estrada, a cafeteria que atende aos

caminhoneiros, enquanto ela descreve a viagem diagonal que lhe tomou a noite inteira por Dakota do Sul e Wyoming, na van Plymouth. Ela furou um pneu ao passar por Rapid City e o consertou com uma lata de spray antifuro. Deu carona a um índio perto de Sheridan, que a presenteou com um amuleto de pata de urso para dar sorte. Ao atravessar o limite com Utah, em Flaming Gorge, ela parou por uma hora para examinar com a lanterna um morro repleto de fósseis de dinossauros. E não, ela insiste, não é do casamento que está fugindo, mas das mortes de Miles e TJ, os cachorros envenenados, que expiraram, como disse Keith, a seus pés, depois de uma interminável hemorragia interna. As mortes foram culpa dela. Aliás, tudo é sempre culpa dela.

- O que mais? — pergunto.
- Tudo. — Julie não está bem.
- Você se alimentou?
- Estou comendo uma coisinha agora.
- O quê?
- Um pouco de alcaçuz.
- Alcaçuz não é comida.

Ela não pede para eu ir buscá-la. Mas eu vou. Posso estar lá, se a Great West e os controladores de voo permitirem, em menos de quatro horas. Mas teria que sair imediatamente.

- Estou tomando um copo de leite.
- Tome até o fim. Leite faz bem.
- Já terminei.

Pinter sai pela porta dos fundos e para nos degraus, passando o braço em volta da cintura de menina de Margaret. Seu rosto perdeu aquela intensidade libidinosa e ele vira de lado para me dar privacidade. Peço a Julie para não ficar me esperando acordada, para dormir e passar o telefone a Asif — o que ela faz. O barulho de máquinas mostra que eles estão na cozinha, que é exatamente onde deveriam estar.

— Fique com as chaves do carro dela.
— Estão comigo.
— Deus o abençoe, Asif. — A dádiva de ter um cunhado rico e trabalhador que não nasceu nos Estados Unidos. Devemos muito a ele.

Pinter me dá um momento depois que desligo o telefone. Um homem estranho, mas intuitivo quando decide ser.

— Posso ver que alguma coisa aconteceu — ele diz. — É melhor você ir.

Margaret abaixa a cabeça e encosta no ombro dele.

— Um problema na família.
— Não se explique. Todos temos problemas. Esse nosso negócio, talvez possamos fazer alguma coisa. Vou estar na GoalQuest. Preciso viajar mais. Você vai dar uma palestra lá?

— Uma rápida. Para mudar de ares. Cá entre nós, estou saindo da ISM. Eles me relegaram a um nicho, e não é um nicho que me agrada. Além do mais, minhas extremidades inferiores estão adormecidas. Lamento muito. É sempre a mesma choradeira de sempre.

— Nem sempre.
— Você não poderia me levar ao hotel para eu pegar minha bagagem e meu carro?

— Eu poderia, mas talvez não chegássemos lá sãos e salvos.
Margaret?

— Claro. Deixe-me apenas encontrar meus óculos.

Pinter e eu nos cumprimentamos. Seu pequeno polegar bate com uma pulsação extremamente forte. Agradeço pela refeição e pela compreensão.

— Ótimo tópico — ele diz. — Sempre curtimos muito “perseguições”.

oito



Eu já fui um garoto do campo. Usava um boné que anunciava a Polk Center Gouda, “Os melhores salgadinhos do mundo”. As moças da cidade eram todas virgens, mas não sabiam disso porque achavam que ter o peito tocado já era sexo. Eram todas loiras, com exceção das estudantes de intercâmbio, que vinham de lugares como Itália ou Egito e nos assombravam com sua boa educação e seu inglês macio. Todos os meninos eram loiros também. Grupos de polca em turnê passavam por lá todo verão e as pessoas pagavam 2 dólares para dançar a noite inteira e beber chope de barril, que era quase que totalmente uma espuma sem gosto. O dinheiro ia para o corpo de bombeiros dos voluntários. Quando ouvíamos falar de homicídios nas outras cidades, achávamos que éramos sortudos. Quando ouvíamos falar dos escândalos de Washington, achávamos que tinham sua razão de ser. Os Estados Unidos eram esse país à nossa volta e nós achávamos que um dia chegaríamos lá, mas que podíamos esperar. Tínhamos muito orgulho de Polk Center. Seus agricultores forneciam comida para o mundo. Nossas placas sinalizadoras podiam até ter sido varadas por buracos de bala, mas nossos zelosos motoristas ainda as respeitavam.

Foi só quando voei pela primeira vez, num helicóptero de assistência médica para Minneapolis, que percebi o quanto eu havia sido confinado. Eu tinha 16 anos. Sofrera um acidente. Todo mês de

dezembro, quando os lagos congelavam, os garotos se aglomeravam nos carros e iam até os lagos para apostar corridas e dar piruetas de graus. Quem dirigia era eu. Levava dois passageiros, dois garotos mais velhos da cidade, cujos pais entregavam propano para meu pai. Eu girava o volante e batíamos com o corpo nas portas. Girava o volante para o outro lado e batíamos nas outras portas. Ríamos. Bebíamos vodca. Nossos pais sabiam onde nós estávamos. Haviam feito as mesmas coisas quando tinham nossa idade. Pura tradição.

E então o capô do carro se abriu e começamos a afundar. Simplesmente isso: começamos a afundar para trás, através do gelo, as moedas escapando dos bolsos e caindo nos bancos do carro. Vi o capô se levantar e tapar a Lua, e estiquei o braço para alcançar a porta, mas não consegui abri-la. A água batendo nas janelas era preta e fechada, e um filete começou a entrar pelo duto de aquecimento e me bateu no queixo.

Acordei no céu, numa maca, de máscara. O oxigênio tinha um gosto amargo e ressecava minha garganta e, por uma janela, eu podia ver a Ursa Menor. O homem de uniforme debruçado sobre mim explicou que meus dois passageiros tinham escapado, mas que eu ficara dentro do lago por 15 minutos, o que normalmente seria tempo suficiente para me matar. O que me salvara, ele disse, fora a água congelada, que fez meu corpo hibernar. Ele me perguntou se eu me considerava um homem de sorte. E eu pensei: ainda não.

Eles me deixaram sentar enquanto íamos de helicóptero para o hospital. Pude ver todos os arranha-céus de Minneapolis, alguns andares iluminados e outros não, assim como as antenas no teto que transmitiam as emissoras de rádio e os jogos de beisebol pela televisão. Pude ver o horizonte do oeste, de onde eu vinha, e um braço de rio congelado, atravessado por pontes pontilhadas pelo trânsito da madrugada. A paisagem parecia completa, de um jeito que eu nunca havia percebido; agora eu podia ver como ela se unia. Meus pais tinham mentido para mim. Eles haviam me ensinado que

nós morávamos no melhor lugar do mundo, mas agora eu podia ver que o mundo era um lugar só e que comparar suas partes não fazia sentido e que aquilo não trazia para nossa cidade qualquer vantagem sobre as outras.

Momentos mais tarde, aterrissamos. Minha maca voava. Enquanto esperávamos as pás do helicóptero diminuírem a velocidade, o médico disse que eu estaria em casa em alguns dias, sem entender que isso não trazia o conforto que traria se eu nunca tivesse saído do chão. Ele empurrou a maca pelo telhado, sob a Lua, que havia se erguido mais um pouco desde a última vez que eu a havia visto de dentro do carro. Suspendi um pouco a máscara de oxigênio para poder falar e perguntei por quanto tempo havíamos voado. Apenas trinta minutos — para chegar a uma cidade que eu sempre pensei que fosse longínqua, do outro lado do estado, uma capital estrangeira.

Contei ao homem que agora estava me sentindo com sorte.

Esta noite, em Salt Lake, voltei a me sentir com sorte e não é só porque escapei dos Pinter. Três horas e 35 minutos, de porta a porta, através da Grande Bacia até a mansão de minha irmã, no sopé da cordilheira Wasatch. Eu dormi, acordei, pedi um táxi e estou aqui. Não me diga que essa é uma época em que não acontecem milagres. Não venha me dizer que não podemos estar em toda parte ao mesmo tempo.

Saindo do táxi e subindo o caminho, aciono uma série de refletores sensíveis a movimento. O canteiro deixa de ficar escuro e vira uma estreia de Hollywood. Rodas de névoa circundam as cabeças dos regadores eletrônicos enterrados na grama recém-cortada, e as gotículas molham três placas de campanha para os republicanos locais.



Fora isso, está tudo em silêncio. As *mountain bikes* de meus sobrinhos estão encostadas na parede de uma garagem para três carros, feita de cedro. Estamos em Utah, o estado em que as pessoas vão dormir cedo, e Jake e Edward provavelmente estão dormindo a essa hora, sonhando com boas notas e feiras de ciência.

A luz que passa pela porta é de um azul-claro; alguém lá dentro está assistindo à televisão. Deve ser Julie. Asif despreza a cultura pop. Ele veio do Paquistão para trabalhar e acumular dinheiro, e sua pureza de vontade não diminuiu. Nossa família se sentiu um tanto envergonhada diante dele, no começo, intimidada por sua postura de padre e sua precisão de espírito equivalente à de um engenheiro, mas aquilo era a nossa própria falta de valor se revelando. Ele é muito duro consigo mesmo, mas mimar os filhos como se fossem príncipes, e, surpreendentemente, eles não se acham melhores do que ninguém. Se for para dizer alguma coisa, eles se sentem até constrangidos com a generosidade do pai e desejam provar que podem subir na vida sem ajuda, fazendo trabalhos extras de ciências na escola e se oferecendo para tarefas inglórias, como o coral da escola. Espero realmente que, quando eu estiver velho, esse ramo da família já seja uma pequena dinastia, e me sinto muito honrado por Asif ter misturado seu sangue com o nosso. A não ser por minha mãe, estamos todos honrados. Ela ainda tem suas dúvidas, pois não consegue acreditar que a fortuna dele é honesta, então junta títulos de poupança para os netos, só por precaução.

Eu abro a porta e ponho a bolsa no chão, no hall escuro. Sinto o cheiro de uma refeição recente, o que me conforta. Sendo

vegetariano ortodoxo em Utah, onde todos comem carne, Asif teve que aprender a cozinhar.

— Olá?

— Aqui embaixo — sussurra Julie. — Todo mundo saiu.

Ela tirou duas almofadas do sofá e está sentada nelas como uma praticante de ioga, as pernas cruzadas, a coluna ereta e assistindo a um antigo desenho do Papa-Léguas, num canal a cabo para crianças. Ao lado dela há um prato de pão, queijo e um copo grande com suco, mas parece enganação. Ela não comeu nada. Suas bochechas parecem dois cinzeiros sujos, com concavidades cinza, e o cabelo dela, macio, me mostra que estão limpos, mas não reflete a luz da TV como deveria. O pijama de seda que ela está usando deve ser de Kara. A parte de cima está toda amassada e mal abotoada, e a de baixo... parece simplesmente vazia.

Depois de dar-lhe um beijo, pergunto:

— Você dormiu?

— Tentei. Mas ainda estou zonza da viagem. Minha van é tão grande e sacode tanto... Devo ter recebido uns choques ou coisa assim. Bonito esse seu paletó.

Comprou por catálogo? Cai muito bem em você. Deve ser bom ter o mesmo corpo das pessoas que aparecem nos catálogos. No casamento só vai precisar de terno, nada mais formal que isso. Mamãe reclamou, mas os homens ficam esquisitos de *smoking*, pelo menos com os que se alugam em Minnesota. Aquelas faixas em volta da cintura parecem que estão amarrando um monte de feno, ou que estão segurando uma hérnia. Ryan?

— Sim?

— Tem um prato grande de biscoitos de passas na cozinha.

— O que você ia me dizer?

— Pare de me olhar com essa cara. Esse é o meu peso ideal.

Apenas me abraça, Ryan.

Essa é a parte que sempre esqueço, e de que as mulheres precisam. O corpo dela parece velho e duro através do pijama.

— Acho que seus ideais lhe causam muitos problemas — digo.

— É verdade.

É sempre aconselhável, na minha experiência, desligar todas as televisões e rádios por perto ao se tentar dissipar a tensão emocional. Esses aparelhos têm um jeito de emanar pensamentos ruins, de jogar ideias na sala como se fossem granadas. Quando me ajeito no sofá com os biscoitos, o Papa-Léguas cedeu seu lugar ao Gaguinho.

Será que Julie está simplesmente morrendo? Um fazendeiro brandindo um facão corre atrás do Gaguinho, e sobre sua cabeça paira um balão de pensamentos de pânico, cheio de fatias de presunto, bacon e carne de porco. Poderia haver coisa pior?

— Sinto muito pelos cachorros — digo.

— Não são eles. Sou eu. Eu sempre estrago tudo. Você já deu uma olhada dentro do meu carro? É um monte de contas telefônicas antigas e Coca-Colas do McDonald's espalhadas. Não consigo me segurar. Estou me afogando. Prometo fazer uma coisa simples, como levar aqueles cachorros para passear, então me lembro de outra promessa que fiz e depois mais outra e aí eu preparo uma lista com quadradinhos para marcar o que já fiz, mas, antes de terminar, minha caneta acabou, aí eu saio correndo para comprar outra caneta e então já está na hora de ir embora. Em pouco tempo as tarefas já se acumularam de tal maneira que tenho que dizer que estou doente para espairecer a cabeça e quando volto estão com raiva de mim, estão zangados, e, em vez de aguentar, eu saio correndo e me escondo. E não estou falando só de trabalho.

Estou falando de tudo. De como respiro, de como durmo, de como sinto. Isso faz algum sentido?

— Tudo é uma questão de como administrar o tempo.

— É mais que isso. — Ela tira uma passa de um dos biscoitos e a come, deixando o resto intacto. — Mas, lamento ter arrastado você

até aqui. Você estava fechando um negócio e eu estraguei tudo.

Onde você precisa estar amanhã?

— Em Phoenix. Vou me encontrar com meu editor. Espero.

— Kara me contou que você está escrevendo alguma coisa. Uau!

É um mistério?

— Uma parábola sobre o mundo dos negócios.

— É muito grande? Gosto de livros grandes. Para eu realmente poder me jogar, me envolver.

— Os leitores de negócios não se envolvem com livros.

Julie pousa a mão em meu joelho. Acaricio seu cabelo. Tenho vergonha de admitir que a magreza dela tem lá o seu charme, alongando e definindo sua garganta e seu pescoço.

— Seu presente de casamento foi o mais legal de todos — ela diz.

— Keith o abriu por engano. Você realmente se superou. Quem disse que era disso que eu precisava? A mamãe?

O presente não era meu. Minha irmã confundiu com o de outra pessoa. Foi só ontem que escolhi o conjunto de malas e estava esperando o cartão ser reativado antes de fazer o pedido. E não há jeito de ela saber sobre as ações. Por outro lado, pode ter sido tudo obra de Kara. A premissa permanente que ela tem de que eu sou um completo irresponsável em minhas obrigações sentimentais. Provavelmente, ela mandou alguma coisa prática em meu nome, um forno de micro-ondas ou um aspirador de pó, e simplesmente se esqueceu de me informar. É assim que ela me dá cobertura, falsificando minha assinatura em gestos de carinho.

Faço um teste.

— Você precisava mesmo?

— Bem, ninguém precisa realmente. Nossos avós puderam passar sem isso, é claro.

— Quem foi que disse que fui eu que mandei?

Ela levanta a cabeça e me olha de lado.

— Você está bem?

— Um pouquinho esfrangalhado. Por quê?
— Essa pergunta foi tão estranha. Quem mais teria mandado?
Você ainda toma aquele remédio?

— Isso foi há muitos anos.
— E não teve mais nenhum ataque?
— Nunca tive um ataque. Seria a mesma coisa que chamar qualquer pustulazinha de tumor.
— Então está bem. “Surtos”.
— É pior ainda.

Julie está mal informada, como sempre. Ela se refere a uns betabloqueadores que me foram prescritos depois de uma taquicardia se manifestar durante o exame médico anual da empresa, alguns meses após o enterro do meu pai. Eu estava muito cansado na época, vivendo de Coca diet, enquanto viajava sem parar entre Denver, Los Angeles e Houston, como parte de um esforço para facilitar a complicada fusão de duas agências de publicidade regionais de porte médio. Exausto por causa do luto e pela tristeza da tarefa, que consistia em identificar redundâncias e recomendar demissões, sofri uma espécie de colapso segmentado, caracterizado por acessos de um sono irresistível durante várias reuniões e almoços importantes. Devido à educação de meus sócios, que se recusavam a me lembrar dos meus pequenos cochilos depois de eu voltar a mim, e como nenhuma pessoa viu mais que um desses acessos, semanas se passaram até que eu me desse conta do que estava acontecendo. Eu imaginava ter apagado por apenas alguns segundos, quando na verdade tinha dormido por minutos. Finalmente descobri o que havia de errado quando, no aeroporto internacional de Los Angeles, dormi num orelhão no Compass Club e perdi o avião. Me concederam uma licença remunerada. Fiquei em terra por sete semanas (um recorde), fiz alguns cursos para melhorar o meu astral e tive uma recuperação adequada. Além de uma pequena arritmia, só uma complicação continuou. Aconteceu que,

durante um de meus rápidos apagões (num bar no centro de Denver), Craig Gregory e suas mãos leves me aplicaram um golpe, tirando minha carteira do bolso de trás e inserindo um cartão com algo escrito por uma tal de Melissa Hall, da Great West Airlines. “Foi fantástico conhecer você. Me liga!”, dizia a mensagem. Também havia muitos beijos e um coração. Encontrei o cartão enquanto organizava minhas fichas de Rolodex e fiquei intrigado por um dia ou dois, depois pensei “para o diabo” e arrisquei uma ligação. Pensando que a mulher fosse uma comissária de bordo, deixei um recado doce, ainda que hesitante, no correio de voz e recebi de volta uma ligação de uma delicada Melissa, que vinha a ser a secretária executiva de Soren Morse e, pelo que soube depois, amante ocasional dele.

Mas aí aconteceu a coisa mais estranha: depois de muito constrangimento e depois de termos identificado o engraçadinho — Craig Gregory conheceu Melissa por um primo —, ela me contou que tinha visto o meu nome enquanto preparava os convites para a festa de Natal que Morse daria para os maiores frequentadores da Great West. Concordamos em nos falar durante a festa, que era dali a um mês, mas o convite nunca chegou. Liguei para perguntar, mas Melissa não atendia ao telefone e só pude concluir que o próprio Morse havia retirado meu nome da lista de convidados. Ciúmes? Apresentei essa teoria a Craig, que deu uma gargalhada, mas sem dúvida alguma anotou no arquivo tipo “esta é a sua vida” que ele mantém de todo mundo.

Enfim, uma época meio tempestuosa para mim. Mas repito: nunca tive nenhum ataque. Minhas irmãs passam tempo demais ao telefone e geralmente erram ao preencher as lacunas da vida do irmão.

Esse é o problema de ter irmãs. Eu fiz o que pude. Quando Kara nasceu, depois de muitos anos de tentativas — em Minnesota, ninguém achava que era preciso tentar; os bebês simplesmente

surgiam, como as safras —, meus pais já se consideravam velhos. Minha chegada os deixou surpresos. Meu pai teve o prazer de qualquer homem em ter um filho, mas estava muito ocupado na época, com uma rede de clientes para o gás que aumentava e que ele precisava atender. Ao ajudá-lo, encontrei uma abertura para mim. Aos 5 anos, eu já era levado no caminhão de propano, aprendendo um negócio que, se tivesse sobrevivido, eu ainda estaria tocando, sem qualquer arrependimento.

O segredo era proporcionar um valor agregado para cada tanque preenchido — levar as notícias pelas fazendas, ajustar e reacender as lâmpadas-piloto, entregar pacotes para viúvas que não podiam sair de casa por causa da neve. Meu aprendizado me proporcionou um lugar na rotina diária de meu pai e na vida mais ampla da comunidade.

Isso tudo mudou com a chegada de Julie, um mês prematura, mas radiante e perfeita, sem nenhum traço que os recém-nascidos têm dos símios. Se eu fui uma surpresa, ela foi um espanto. A beleza dela parecia um julgamento sobre nossa mediocridade e todos nós passamos a competir para cair em suas graças. Meu pai, que já estava bem de vida nessa época, diminuiu as horas de trabalho para passar mais tempo em casa, enquanto Kara e minha mãe brigavam constantemente para ver quem deveria trocar as fraldas do bebê ou empurrar o carrinho pelos corredores do J.C. Penney do centro. Eu era o estranho no ninho outra vez. Sempre que conseguia ficar a sós com Julie, eu a mimava com brinquedos e docinhos e me esforçava para impressioná-la com minha masculinidade. Quando eu tinha 14 anos e ela 10, nocauteei um garoto mais velho na frente dela. Eu pegava seus deveres quando ela voltava da escola e devolvia de manhã, já terminados. Fui o primeiro amor da vida dela quando chegou aos 12 anos e, quando fui para a faculdade, mandava cartas exagerando meus sucessos e minhas realizações e dispensando as garotas que supostamente olhavam para mim. Nosso romance

chegou ao auge durante umas férias de verão, quando a fiz entrar escondida num filme proibido para menores e ela encostou a cabeça em meu ombro durante uma cena de amor. Um casal de vizinhos sentado algumas filas atrás teve uma palavrinha com minha mãe e o nosso caso terminou.

— O presente de casamento não foi meu — digo. — Kara deve ter mandado alguma coisa em meu nome. Mas qual foi o presente, afinal de contas?

— Um cortador de grama. Desses que seguem os fios que você enterra no gramado e funciona por controle remoto.

Minha boca fica seca. Não consigo nem engolir o biscoito.

— De onde mandaram?

— Salt Lake City. Daqui mesmo. Uma loja chamada Vann's Electronics. O cartão foi assinado por você. E agora você diz que não se lembra de ter comprado?

— Não estou dizendo nada. Estou indo para a cama.

Estou deitado no quarto de hóspedes escuro, ao lado de uma janela que emoldura a torre do Templo Mórmon, branco como uma aspirina e encimado por um anjo dourado.

Coloquei minha máquina do sono em folhas sendo sopradas e engoli um sedativo. Minha mão esquerda está no elástico da cueca e a outra segura o telefone.

— Fale com ela. Faça-a erguer-se de dentro para fora — diz Kara.

— Essa não é sua especialidade? Mas seja duro. Não vá dizer que ela vai ficar bem de qualquer maneira, ou que ela é um novelo infinito de criatividade. Não vá falar besteira para ela, Ryan. Mas tente fazê-la se sentir bem. Estamos lidando com uma crise de confiança.

O lado do meu rosto onde está o telefone dói. Passo para a outra orelha.

— Estou numa viagem de negócios.

— Ótimo. Então saia de perto dela e ela vai fugir de novo. Talvez no Natal tenhamos notícias. Que merda!

O ar está ficando pesado em meu peito, difícil de respirar. Viro de lado para facilitar as coisas.

— Você está dizendo para eu levá-la comigo por toda parte?

— E ficar sempre de olho nela.

— Uma pergunta. Quando Wendy me viu em Salt Lake semana passada...

— Sim?

— Ela tem certeza absoluta de que era eu?

Minha irmã suspira.

— Conte logo tudo. Me diga. Você já mentiu para mim antes.

— Acho que ela estava certa. Eu estive aqui. Mas fugiu da minha cabeça. As cidades não ficam mais marcadas na memória do jeito que ficavam antigamente.

— O quê?

— Existem registros de cartão de crédito. Comprei uma coisa.

Kara, não estou em minha melhor fase.

Silêncio. Dizem que quem mora na região sul tem uma tradição oral. E que quem mora em Minnesota tem uma tradição de ficar em silêncio. Não falar nada é nossa forma preferida de comunicação.

— E também não tem se alimentado, tem? — ela pergunta.

— Muito mal.

— Venha para casa. Agora mesmo. Venha para casa já. Eu sei o que você está fazendo. Já sei o que está acontecendo. É tudo uma questão de ganhar passagens de graça. Mas você precisa da sua família.

— Meu trabalho acaba na segunda. Estou indo embora antes de eles me despedirem. Tenho compromissos, entrevistas.

— Venha para casa.

— Não é mais minha casa.

— É onde está sua mãe.

— Exatamente por isso não é.

Com o fone na bochecha, deixo-a cuspir sua ladainha. Um de meus sobrinhos abre a porta do quarto e o ouço andar pelo corredor até o banheiro e usar a pia. Começamos tão pequenos e o espaço que nós tomamos quando crescemos se perde para sempre. Nem tudo é reciclado. O espaço que havia se perdeu.

— Preciso dormir — digo, depois que ela se acalma. — Vou tentar colocar um pouco de juízo na cabeça de Julie. Vou trazê-la comigo. Tenho uma reunião amanhã, mas ela pode vir. Não quero ela desaparecendo de novo naquela van.

— “Levá-la” comigo.

— Acho que é “trazê-la”.

— Vou voltar para aí. Eu mesma vou trazê-la para cá.

— Eu disse que faço isso. Vou levá-la até Phoenix. De manhã, eu a embarco num avião para casa.

— Por que eu sempre tenho que fazer tudo sozinha? Por que eu sempre tenho que ser a cola?

— Eu cuido disso.

— Você está querendo me dizer que você é a cola? Você não é a cola coisa nenhuma! Tem um casamento marcado para sábado!

— E você é a cola.

— Morra, Ryan. Só cuide para que dê tudo certo. Tchau.

Realmente estive em Salt Lake semana passada. Eu acordo me lembrando. Lembro que não havia nada para lembrar, a não ser que eu disse a um homem que tinha acabado de perder o emprego, que as carreiras no mundo de hoje não são mais escadas, e sim treliças, e então passei a explicar o que era uma treliça e dei um currículo modelo para ele estudar. Fiquei uma hora numa loja depois da reunião para passar o tempo e comprei o presente de Keith e Julie, que mandei entregar. Depois, voei para Bosie, acredito, onde fiz o mesmo discurso para outro homem. O discurso da treliça.

Pronto, agora me lembro. Não fui roubado. Acontece que nós estivemos juntos todo esse tempo, todos os Ryans. Só que ficamos

separados.

Isso já me aconteceu antes. Nunca contei a ninguém. me encontrei comigo indo para lá e para cá. É segredo. É só porque você tem me ouvido tão pacientemente, aí em sua poltrona com sua bebida, suas nozes, seu guardanapo, preparado para morrer nesse avião comigo, se chegarmos a esse ponto — por que, afinal de contas, esse não é o contrato entre nós, viajantes? —, que estou abrindo minhas entranhas e lhe contando tudo.

nove



Às 7 horas de quarta-feira, Asif nos leva até o aeroporto na Mercedes dele, uma belezinha preta que devia ter uma bandeira desfraldada na antena. O rádio veicula um talk show conservador, cujo apresentador, mais que insuflado, sacode papéis ao microfone e parece dominar a arte de falar sem parar para respirar. Nossa democracia morreu em 1960, ele diz, mas não apresenta fatos mais específicos, ao contrário do meu pai, cujos dias do juízo final sempre envolviam cronogramas e momentos cruciais bem definidos. O sol que se eleva atrás do Templo Mórmon lança uma luz singularmente fraca e filtrada, e uma brisa sopra pela superfície do Great Salt Lake, que hoje de manhã parece estar como água de banho velha. Até as gaivotas que deslizam sobre as águas parecem relutar em pousar e molhar a barriga.

— A que horas devo pegar vocês hoje à noite? — pergunta Asif. Posso dizer que ele tem uma opinião ruim sobre meu plano. Não só está convicto de que Julie precisa de descanso, como também a perspectiva de viajar a uma cidade distante sem lá passar a noite o afronta.

— Vamos chegar tarde — digo. — Pegamos um táxi.

— E como explico tudo isso a Kara, se ela telefonar?

— Diga que a irmãzinha e o irmãozinho dela precisam passar um tempo juntos.

No balcão da companhia aérea, pago o preço integral para nós dois e tento conseguir dois upgrades para a primeira classe. Julie fica um passo atrás, enquanto negocio com o funcionário, sem dúvida constrangida com minha assertividade. Em Minnesota, as pessoas são ensinadas a aceitar a primeira oferta graciosamente, mas no Mundo Aéreo você não vai a lugar algum se não barganhar. Ele me dá uma poltrona porque tenho um cupom, mas insiste em descontar 10 mil milhas pelo assento de Julie — 10 mil na ida e na volta. Reviro os olhos.

— Isso é uma maluquice! Puxe meu perfil no computador.

Julie estremece e olha para o outro lado. O funcionário corre os dedos pelo teclado, sua mente uma sinfonia de códigos e siglas. Embora eu nunca o tenha visto antes, já conheço sua história. É um funcionário de carreira, que vive em função de greves e licenças de saúde, e passa as noites acompanhando seu fundo de pensão pelo computador. É representante do sindicato, não pode ser demitido; dorme durante as avaliações anuais de desempenho e saboreia a frustração dos clientes, repassando alegremente as reclamações escritas a superiores que nada podem fazer. Ele vive em função de algum hobby estranho, que toma tempo e não tem sentido algum, como interpretar o rei Artur em feiras medievais ou colecionar motores de barco antigos — e acredita que, se não fosse por conta de alguns problemas de saúde gerados por seu estressante trabalho, poderia ter sido um homem muito importante.

— Estou com seus dados na minha frente — ele diz.

— Está bem, vamos — cochicha Julie.

Faço sinal para ela se calar.

— Quantas milhas você está vendo aí?

Ele abaixa os óculos ligados a um cordão, iguais aos de uma velha.

— 995.201.

— Pare com isso — implora Julie. O funcionário sorri para ela. Ele se diverte em jogar um contra o outro.

— E isso lhe diz alguma coisa sobre mim? Hein? — eu o desafio.

— Existe um aviso no sistema — diz o agente, apontando um dedo gordo para a tela. — O senhor perdeu uma bagagem na semana passada?

— Não.

Ele digita mais alguma coisa.

— Aqui diz que encontramos uma mala em Salt Lake City e mandamos para um endereço em Denver, que constava na etiqueta da bagagem: Gates Street, 1214, apartamento 16-B. Não havia ninguém em casa para receber. Esse endereço é seu?

— Era. Eu me mudei. — Isso não faz o menor sentido. Apesar de agora eu saber que realmente estive em Salt Lake na semana passada, nunca despacho bagagem, por isso não posso ter perdido nada lá.

— Qual é o seu novo endereço?

— Não tenho. Olhe só, não perdi mala alguma. Eu saberia se tivesse perdido. — Olho para trás, procurando Julie, mas ela não está mais aqui. — Você vai fazer um upgrade para minha acompanhante ou vamos precisar chamar seu supervisor?

O funcionário deve ter sentido que já brincou comigo tempo suficiente; ele imprime dois cartões de embarque e me entrega como se tudo o que eu tivesse que fazer fosse pedir com educação. Meu status de cliente platina não lhe dá escolha. Pergunto se ele viu para onde Julie foi, e ele indica a banca de revistas do outro lado do terminal depois me passa um cartão com o número da Great West para minha bagagem perdida.

Julie está folheando as revistas da seção de decoração, namorando as fotos de banheiras antigas e geladeiras embutidas de aço inoxidável, com compartimentos para água e gelo nas portas. Esse tipo de revista também me fascina, embora não porque eu esteja

prestes a entrar num casamento cujo maior conforto será uma linha de crédito na Ethan Allen — por cortesia dos pais de Keith, que administram uma loja. Essas fotografias me intrigam porque os ambientes que elas mostram parecem câmaras mortuárias incrementadas, basicamente desenhadas para exibir e preservar mortos-vivos. As flores, os móveis que parecem feitos de cera, tudo me dá calafrios. Lori, minha ex, costumava me arrastar para as liquidações, convicta de que tinha talento para enxergar beleza e valor debaixo de poeira e mofo. Quanto desperdício. Móveis de televisão com o verniz lascado. Penteadeiras com gavetas que não abriam e sem puxadores. Um dia todas essas coisas haviam sido novas, limpas e promissoras, e tudo o que eu podia ver era a depreciação. E também a depreciação dos proprietários.

Peço desculpas pela confusão no balcão da companhia, mas Julie continua a ler sem tomar conhecimento de mim. Nossa manhã não está progredindo como eu gostaria. Meu plano era passar pelo menos uma hora no aeroporto ampliando seus horizontes e a apresentando ao pulsante coração comercial dos Estados Unidos. Ela passou tempo demais em Polk Center, mas este é um lugar de muitas opções e possibilidades.

- Vamos à sala VIP. Preciso dar alguns telefonemas.
- Sala VIP?
- Eu lhe mostro. Lá as revistas são de graça.
- Ryan, preciso voltar para casa.
- Amanhã. Quinta-feira.
- Estou deixando um monte de gente na mão.
- Não se preocupe. Elas vão continuar lá quando você voltar.
- Isso nem sempre é verdade.
- Em Minnesota, é.

O atendente da sala VIP nos faz entrar com toda a graça de um porteiro real. Olho para o rosto de Julie: posso ver que ela está lisonjeada. O bufê também a impressiona ela faz uma pausa e

arregala os olhos. Os moradores do meio-oeste têm um fraco por comida de graça, aparentemente até as anoréxicas; parece falar ao nosso desejo inconsciente e coletivo de uma gorda safra. Eu me sirvo de um copo de suco de laranja de um dos jarros de vidro enterrados em baldes de gelo (por que será que eles sempre oferecem suco de tomate e de ameixa? Será que alguém ainda bebe essas coisas?) e vejo como Julie passa os olhos pela bandeja de pães e usa um pegador de aço ornamentado para escolher um folheado de limão bem calórico, coberto de açúcar de confeitiro. E isso ainda não é tudo. Ela esvazia uma caixinha contendo uma porção de flocos de milho num pote de papel, joga passas e uma colher de iogurte em cima, depois tira uma banana verde de um cacho, descasca-a e corta-a com uma faca de plástico.

— Arranje uma mesa perto daquela televisão grande. Ali você vai poder acompanhar como vai seu portfólio de CMB.

— O que é isso?

— Um pequeno banco global. Parte dele é seu. Já subiu 2 por cento. Você está ficando mais rica a cada minuto que passa.

Meto-me numa das estações de trabalho do *business center* e ligo para meu assistente em Denver. Pelo menos uma vez na vida ele está no lugar em que deveria. Ele tem um memorando sobre o Texas que precisa passar para mim, mas o Texas já acabou, já ficou para trás. Chutei o balde. Ele me dá o endereço do hotel de Dwight em Phoenix e repassa várias mensagens de rotina, inclusive mais uma de Linda no aeroporto de Denver. Confirma a reserva do meu hotel em Las Vegas, que eu peço que ele cancele porque o Cinema Grand enfrenta problemas trabalhistas, segundo li no *Wall Street Journal* da semana passada, e parte da minha nova persona não quer ser um canalha. Em vez disso, peço para reservar uma suíte no Mount Apollo, o hotel que tem um Pégaso circulante de cinco andares que abre suas asas de fibra de vidro a cada meia hora.

— Só mais uma coisa — digo. — Entre em contato com o departamento de bagagens da Great West no aeroporto de Denver e pergunte se eles têm uma mala para mim. Se tiverem, peça para mandar aí para o escritório e pode abrir.

— O senhor perdeu uma mala?

— É o que estão dizendo.

— Não sei se eu devia dizer isso — diz Kyle —, mas vi um memorando esquisito na sua mesa. O assistente de Craig Gregory deixou aqui por engano; voltou para pegar dez minutos depois. O título era “A Laranja Fiel”.

— Interessante.

— Suas iniciais também apareciam. “RB pronto.”

— Só isso?

— Tinha mais coisa, mas não deu tempo de ler. Arrancaram das minhas mãos como se fosse um segredo.

— Faça umas perguntas e veja o que descobre.

— O que é A Laranja Fiel?

— Não faço a menor ideia.

O ar na sala VIP tem cheiro de fibra de algodão e embalagens seladas a vácuo, e atrás de mim ouço o guru financeiro da TV a cabo prever uma grande queda nos títulos de dívida das empresas. Bem, afinal ele me deu a orientação certa na questão do Chase Manhattan. Sento-me um pouco na cadeira inclinada e olho uma chuva leve cair vinda do oeste, salpicando as pistas do aeroporto enquanto avança e mandando os trabalhadores de terra apanhar correndo suas capas cor de laranja. São tantas as pessoas necessárias para me manter no ar — zeladores noturnos passando enceradeiras, encanadores manejando desentupidores e chaves inglesas, meteorologistas, navegadores, cozinheiros — e hoje de manhã eu me sinto como se, de alguma maneira, eu os estivesse decepcionando. Meu esqueleto parece uma escada de canos de chumbo.

Reconheço que A Laranja Fiel é o código de um projeto, mas só posso tentar adivinhar a que se refere. Os fundadores da ISM vieram das forças armadas, um pessoal de cabelo escovinha, especialistas em logística que pegaram o que aprenderam ao fornecer bifés congelados, tendas e baionetas para a guerra no Vietnã e aplicaram isso, em seu primeiro grande contrato, à distribuição mundial de autopeças. A cultura corporativa que eles espalharam é rígida e à prova de vazamentos. Não se fofoca, não se bate papo furado. Celas dentro de celas. Por mim, a MythTech pode ser nossa subsidiária e a própria Great West ser administrada por nossos alunos, sendo Morse nossa marionete. A Laranja Fiel.

Laranja é a cor oficial da companhia, e, considerando-se que ela está em guerra com a Desert Air, não me admiraria se ela fosse nossa cliente.

Nunca confiei na ISM. Minha posição na empresa nunca ficou clara para mim e o caminho para uma promoção é sinuoso e obscuro. Algumas pessoas avançam saindo e retornando, e aquelas que não progridem... bem, essas simplesmente desaparecem. Dois anos depois, você ouve falar que elas abriram uma pensão ou que compraram uma franquia da Kinko em Keokuk. É o que se ouve falar, mas parece mesmo é que elas morreram.

RB pronto. Parece que estou fazendo parte de alguma coisa grande.

Julie, minha Nossa, já voltou ao bufê, colocando mais colheres de iogurte em sua granola. Ela já parece melhor, menos afundada em si mesma. A chuva aumentou e está batendo nas janelas panorâmicas, distorcendo o desenho da torre de controle. Verifico o monitor de embarque. Más notícias. Nosso voo, o 119, está atrasado vinte minutos, e vinte minutos é quase sempre mentira. Significa que eles vão dar outra resposta. Significa caia fora daqui.

— Aquele ali não é nosso amigo Ryan Bingham? Como ele vai?

Uma mão bate em meu ombro — e eu me viro em sua direção. O rosto é uma surpresa, estilhaçando o tempo e o espaço. Seu nariz branco e sem poros desce quase até os lábios e os olhos têm uma característica de pedra, como os olhos dos templos maçons e das notas de dólar.

E a fisionomia do marido de minha ex-mulher, meu substituto, com quem ela teve duas filhas logo de cara, provando que eu, e não ela, era o estéril. Ela passou a usar o sobrenome dele depois de se livrar do meu e, pelo que sei da vida deles, os mais altos conselhos dos céus aprovaram o matrimônio. Eu não passei de um *pit stop*, uma curva para o lugar errado no caminho da união deles, que estava escrita nas estrelas.

— Mark — eu digo. Aceito sua mão estendida e a aperto levemente. Sua outra mão segura a alça de uma pasta. Uma peça antiga de níquel natural, de primeira linha. Um dos maiores corretores de imóveis de Boulder, ainda em ascensão.

— Como vão as meninas?

— Estão ótimas. Duas bonequinhas. A pequena Amy tem uma pontaria e tanto, para a idade dela. Essa tem sido a obsessão da família, ultimamente: tiro esportivo.

— Até Lori? Pensei que ela odiasse armas.

— Deve ser o ar do campo. Não estamos mais na cidade. São 240 metros quadrados no sopé das montanhas. Loteei o antigo rancho do Lazy W e fiquei com uma bela fatia para mim. Você precisa ir lá nos visitar.

— Lori disparando uma arma. Não consigo imaginar.

— Você ainda aluga aquele quarto e sala?

— Não. Já entreguei.

— E agora está num imóvel próprio?

— Não.

— Mas está procurando...

— Para falar a verdade, não.

O rosto de Mark se contorce todo. Ele morde o lábio. O corretor reza pela cartilha da propriedade de imóveis e sente pena de mim. Ele divide o mundo em dois campos: os que têm bens e os que não têm, e sua vocação é juntar os dois. Uma alma nobre.

— Tem uma coisa que eu gostaria de lhe mostrar. Uma oportunidade. Você tem um minuto para sentar e me ouvir?

Eu tenho, e ele sabe disso. O aeroporto está parado, coberto por um teto de nuvens de ferro. Sentar no sofá de couro macio é como sentar num corpo, enquanto nos ajustamos na diagonal, o joelho dele próximo ao meu, e Mark abre sua pasta e nela enfia a mão macia e tratada com loção. Este é o homem que pegou do ponto em que eu parei e fez minha mulher atravessar um patamar biológico para o qual não tive a força necessária. A confiança dele é de tirar o fôlego. Se não o detestasse tanto, eu o contrataria para participar de banquetes em hotéis e ensinar seu sistema. Mas duvido que ele tenha um sistema. Mark é totalmente feito de instinto e genialidade genética, um fenômeno em questão de sucesso. Se fosse um alce, sua galhada passaria dos ombros. É meu superior natural.

Ele abre um fôlder.

— Essas casas vão chegar a quase 500 mil dólares em breve, mas até o condomínio terminar... e fique certo disso, é um condomínio e não apenas um loteamento... até lá vamos vender em torno de 350.

Ele me dá uns instantes para eu poder examinar as fotos; são fachadas de pilares banhadas pela luz de uma linda manhã de sol, cercadas por álamos e cercas duplas.

As casas têm uma angulação incomum em relação às outras, como se tivessem crescido sem planejamento, organicamente, e cada uma tem um padoque com um corcel marrom solitário que eu juraria que é o mesmo cavalo, copiado. Posso ver que muita coisa foi feita por computador, mas me sinto atraído e impressionado mesmo sem querer. Esses profissionais que vendem felicidade com certeza

sabem fazer um bom trabalho, e a arte deles é do tipo que eu mais admiro, porque é eficiente e faz as coisas acontecerem.

— O conceito é terceirizar tudo — diz Mark. — Você compra um contrato de manutenção junto com a casa. Você viaja cinco dias por semana? Não tem importância.

Nós tiramos as ervas do seu jardim, trocamos as lâmpadas da sua casa. Móvel? Você mesmo pode comprar ou escolher um pacote. A mesma coisa com internet de banda larga.

— E a garagem?

— É oculta. Um tradicionalismo irretocável, mas tem tudo o que há de mais moderno.

Estou interessado, embora não saiba se estou sendo sincero. Uma parte de mim pode estar querendo sinalizar a Lori, por meio de Mark, que eu não só me qualifico financeiramente para ser dono de um pedacinho do paraíso, como também que sou realmente capaz de ocupá-lo. Ela me conheceu exatamente quando eu estava começando a viajar e desenvolvendo meu sistema de vida compacta, de manter um acampamento portátil e arrumado. Lori me acusava de pensar pequeno e ser mesquinho. Não era justo. Se fosse para dizer alguma coisa, meu espírito era amplo demais. Eu vivia com tudo na mala porque a planície toda era minha.

— Você deve estar preocupado com as taxas de juros — ele comenta. — Todos nós estamos. Mas você não pode pensar a curto prazo. Isso é um investimento. Como vão suas ações?

— Pessimamente.

— Sinto muito. E você tem algum ativo tangível?

— Nada com que eu possa contar. Um Camry 96 estacionado numa garagem de longo prazo.

Agora estou tentando parecer um idiota, para testar até que ponto vai a pena de Mark. Ele sempre gostou de mim. Conheceu minha ex num corredor de supermercado um mês antes de nosso

divórcio ter sido concluído, mas, em vez de convidá-la para sair imediatamente, veio me pedir permissão. Nunca vi isso.

— O que você precisa fazer se estiver interessado é o seguinte: separe um pouco de dinheiro vivo, qualquer quantia, e eu seguro uma casa até você poder vir vê-la. Já tenho uma em mente. A paisagem é espetacular.

— Talvez eu me mude em breve. Para Omaha.

— Você segura a casa por seis meses e sai com lucro. Isso eu posso lhe garantir. Se não conseguir, eu a compro de você. Todos nós precisamos de um lugar para chamar de nosso, Ryan. Esses são os Estados Unidos da América. Foi o que nos prometeram. — Ele dobra o fôlder. — Você está bem?

— Alguma coisa estranha está acontecendo.

Mark se aproxima de mim. O hálito dele tem o frescor de um homem que corre, que prepara seu próprio suco e come as verduras que deve comer. Ele pode ser saudável demais para o que estou prestes a dizer.



Se você viaja muito e bate papo com um número suficientemente grande de estranhos, vai ouvir umas coisas meio doidas, mas que aumentam a sensação do que é possível.

Alguns exemplos: que um estudo foi feito há cerca de quarenta anos sobre a composição do solo nas grandes regiões produtoras de grãos dos Estados Unidos. Descobriu-se que, devido ao uso excessivo de fertilizantes, o solo apontava a falta de algumas partículas-chave e portanto era incapaz de gerar alimentos minimamente nutritivos; e ainda que existe uma ciência chamada “psicotrônica” que tenta influenciar o comportamento da massa

humana emitindo poderosas ondas de rádio a partir de uma rede de transmissores secretos localizados acima do Círculo Polar Ártico e que foram apontados para a Rússia durante a Guerra Fria; que a Associação Médica Americana, pouco depois de emitir um alerta sobre os efeitos do consumo de sódio na pressão alta, descobriu que não tinha provas suficientes do que falava, mas se recusou a se retratar por mera teimosia; que, ao contrário do que as pessoas pensam, a cocaína continuou sendo um ingrediente de refrigerantes de cola até boa parte da década de 1950; que as chances de ganhar no 21 em Las Vegas se inclinam levemente a favor dos jogadores durante sete semanas por ano, em média, e que existe uma *newsletter* muito cara que alerta jogadores de alto cacife a entrar na hora certa.

Agora está na minha vez de lançar uma teoria no escuro. Embora não tão obscura quanto a análise de sonhos de Pinter.

— Acho que tem alguém lá em cima brincando comigo.

— Quem?

— Pode ser a companhia aérea. Ou a ISM. Pode ser uma empresa de Omaha. Ou todo mundo junto.

Os olhos de Mark se arregalam docemente.

— Brincando de que maneira?

complicado demais. Porque quais seriam as variáveis-chave? Minha idade? Minha renda? Alguma característica psicológica misteriosa? Não, a única maneira de fazer pessoas iguais a mim, novos Ryan Binghams, é me monitorar e estudar, inteiramente, em tempo real, em meu “ambiente natural”, o verdadeiro Ryan Bingham. Certo?

— Certo.

— Você parece meio confuso. Dá para ver no seu rosto.

— Estou bem. Pode continuar.

— Eu sou tudo o que eles sonham num cliente, e isso faz com que o que quer que eu faça seja digno de estudo, inclusive quantas horas durmo, em que tipo de quarto me hospedo, o que como. E também

vale a pena me testar. Eles estão me testando. Estão construindo cenários à minha esquerda e à direita, para ver como eu reajo. Um funcionário no balcão rejeita um pedido meu. Será que eu fico zangado ou aceito? Uma comissária de bordo derrama café no meu paletó. Será que eu mudo, ou ameaço mudar, de companhia? É o tipo de coisa que eles pagariam muito para saber.

— E então o que você pretende fazer? Quer dizer, se tudo isso for verdade.

— Nada.

— Nada?

— O que eu posso fazer? Sou impotente.

— Mandar parar com isso.

— Mandar quem? Não é só uma pessoa. Não é como se eles tivessem tentando me controlar. Lembra-se do alce? Eles o monitoram com um sinal e o deixam rodando por aí. Os dados que estou fornecendo só têm valor enquanto eu agir naturalmente, livremente.

— Um sinal. Acho que é maluquice, Ryan. Desculpe.

— No meu caso, tudo o que eles provavelmente teriam que fazer seria colocar uma anotação no sistema de computadores. Ela aparece sempre que eu faço um *check-in* para um voo e instrui ao funcionário para me perguntar isso e aquilo e depois ligar para um determinado número. Um pesquisador atende, faz uma série de perguntas e depois manda as respostas para quem quer que esteja no comando.

— E quem você acha que está no comando?

— A presidência da empresa. A presidência, ou seja lá quem estiver aconselhando a presidência. Partindo-se do princípio de que isso esteja mesmo acontecendo.

— Quer dizer que você admite que pode estar imaginando tudo isso?

— Sim, posso.

Mark dá uma olhada no monitor.

— Meu voo.

Cometi um erro. Escolhi o confessor errado.

— Pode ir. Esqueça o que eu falei — digo. — Vou realmente pensar no seu condomínio.

— Quero que você me ligue, Ryan. Promete? Um telefonema social, deixe a casa para lá. Eu gostaria de conversar com você. Uma conversa entre homens. Sem falar de negócios. Li um livro uma vez que realmente mudou minha maneira de ver a vida, que me tirou de um buraco em que eu caí; talvez pudéssemos nos encontrar uma noite dessas e ler alguns capítulos.

O convite dos estudiosos da Bíblia. Por que eles não falam tudo às claras logo de uma vez?

Mark fecha a pasta e se levanta.

— Promete que vai me telefonar?

— Mmm.

— Estamos sempre pensando em você, sabia?

— Ela também?

— Constantemente. Escute, desculpe-me por eu estar meio apressado. Mas, quanto à casa, talvez seja exatamente o que você precisa. Uma casa pode ser uma verdadeira âncora nesse mundo. Dê uma boa olhada naquele prospecto.

— Vou olhar.

O cumprimento de Mark deixa uma marca úmida na palma da minha mão que eu esfrego nas calças enquanto o olho sair. Em mais duas horas ele vai estar em casa, nos braços dela, recebido por cachorros pulando e crianças gritando, e sua educação vai impedir que ele faça um relatório completo do que falei hoje de manhã. Essa noite eles vão dormir. As estrelas vão aparecer, surgindo do lugar em que se escondem, coroando de luzes a região em que eles moram nas montanhas, e uma dessas luzes, ligeiramente mais brilhante que as outras, vai ser da asa do meu avião, passando por cima deles, os abençoando.

Lacrado dentro de um tubo outra vez, indo a lugar algum. A chuva bate nas janelas como punhados de arroz seco, enquanto uma comissária de bordo guarda paletós e capas, e outra, que parece ser sua irmã gêmea, anota a bebida que Julie quer: Club Soda com uma rodela de limão, sem gelo. Os motores ainda não foram ligados e, com isso, o ar-condicionado também não. Esse é o truque que eles usam do qual eu menos gosto: sair do portão e fechar as portas na hora marcada para o embarque e continuar parado enquanto a cabine se aquece e as pessoas suam.

Julie não parece muito afetada. Ela está nos céus, aproveitando todo o espaço a que tem direito ao se agarrar aos dois braços da poltrona, esticando as pernas e recostando a cabeça como se estivesse tomando um banho de sol. Essa viagem já está fazendo maravilhas para ela. Ela soltou os sapatos, que pendem de seus pés descalços, e estica os joelhos aceitando o que quer que esteja por vir: a força G, a decolagem, o futuro. O coitado do Keith está ferrado. Sua noiva descobriu sua princesa interior.

Quanto a mim, estou em pânico. Eu não devia estar aqui. Esse voo parece ultrapassar meus limites. Minhas mãos estão banhadas de suor. Até hoje o embalo era todo meu, mas agora estou no topo da curva, perdendo ritmo, e meu cinto parece fraco e frágil na cintura. Eu bem podia dar uma respiradinha rápida pela máscara de oxigênio.

Uma cerveja.

— Solte o queixo — recomenda Julie. — Senão vai ficar com dor de cabeça.

— Estou muito nervoso. Hoje vou me encontrar com o editor. Partindo-se do princípio de que vamos conseguir decolar.

— Nós vamos.

— Não vamos, não. Tenho um instinto treinado para esse tipo de situação. Eles vão cancelar o voo. Nós vamos ficar aqui sentados, depois eles vão nos tirar do avião e cancelar o voo. Enquanto isso, o

homem com quem eu devo me encontrar é igual ao vento. Nunca mais vou conseguir vê-lo. Vou passar o resto da vida atrás dele.

Julie se recusa a deixar meu pessimismo contaminá-la. Seus olhos vagueiam pela cabine do mesmo jeito que acontecia nas longas viagens que fazíamos quando éramos crianças e passávamos horas usando as placas dos carros para nossos jogos. Meu pai era um motorista muito sisudo, absolutamente constante na velocidade e sem parar em lugar nenhum, exceto para colocar combustível. Ele anunciava uma hora de chegada assim que nós partíamos e dava tudo de si para atingir essa marca — inclusive nos deixar passando fome, sofrendo de desidratação ou torturando nossos intestinos e nossas bexigas. A única coisa que ele não fazia era acelerar o passo. Velocidade demais metia medo em meu pai; o fato de ele entregar substâncias inflamáveis fazia com que fosse contido. Havia um adesivo em seu para-choque: “Não dirija mais rápido que seu anjo da guarda é capaz de voar.”

Ligo meu HandStar e telefono para o serviço de atendimento ao consumidor da Great West, segundo o qual nosso voo ainda está no horário. Como eles conseguem mentir com tamanha desfaçatez nesse ramo? Devem usar algum software de trapaça, alguma série de programas que sincroniza as mentiras de todo o sistema. Não é à toa que passei a ficar desconfiado deles ultimamente — há anos não me falam a verdade. Quantas vezes já levantei a cabeça, me deparei com um céu totalmente claro e ouvi dizer que o voo estava atrasado devido às condições ruins do tempo?

Julie abre a revista *Horizons* na página em que Soren Morse, ou seja lá quem escreve os artigos para ele, publica sua carta mensal sobre a missão visionária de fazer da Great West “a solução para as suas viagens”. A foto dele no alto da página é quase presidencial, com globos, bandeiras e estantes de livros desfocados no fundo. Bem-vindos ao meu reino, sou eu que mando nisso aqui. O rosto dele parece o de um galã de novela. Lábios cheios. Testa sem vincos.

Uma cicatriz no queixo para lembrar a todos que ele é homem. Seu estilo de administração, pelo que ouvi, é sutil mas brutal. Entrevistado pela revista Fortune, ele se definiu como “voltado para o processo empresarial até a medula” e um “reengenheiro humano”, mas ouvi histórias de ataques nervosos e vinganças, de campanhas de intimidação contra vice-presidentes que terminaram deixando seus alvos em pedaços e precisando de tratamento médico.

O piloto tem um comunicado a fazer. Eu estava certo. Nosso avião vai voltar para o portão.

— Por favor, peçam as demais informações no saguão.

Julie pergunta:

— O que isso significa?

— Nada de bom.

As agressões de Morse contra mim já estão se tornando pessoais. E ele vai me pagar.

— O que vamos fazer? Voltar a Utah?

— Isso nunca adianta.

— O que não adianta?

— Voltar atrás.

dez



Eu trabalho rápido, fazendo uma nova reserva para Phoenix, com conexão em Denver. Os únicos lugares disponíveis são na classe econômica. O funcionário se compraz em dar essa notícia; eu já precisei lidar com ele uma vez e o sujeito é um porre. Vive doente, sempre espirrando e tossindo, e tenho certeza de que entregar cartões de embarque cheios de micróbios lhe dá uma emoção sádica. Se Morse soubesse como seus funcionários — lentos como os burocratas do século XIX e sem qualquer compreensão maior do que seja um processo ou a reputação de uma marca — prejudicam sua imagem de líder... Presidente da liga de beisebol? Absolutamente sem chance. Talvez presidente da liga de futebol juvenil.

O funcionário pega o telefone quando eu saio dali — será que ele está fazendo um relatório aos chefes? Não tenho como saber.

No caminho para o portão, compramos mochas e bolinhos de canela. Doze dólares. Julie acha um absurdo. Ela prova o café e diz que nem sequer está quente. O meu também não, mas, de minha parte, não tinha esperanças de que estivesse. Esse é o segredo para ficar satisfeito hoje em dia. Julie me pergunta sobre meu livro e eu respondo: — Mais tarde.

Eu devia estar conversando com ela. Mas não. Um grupo barulhento de fuzileiros navais uniformizados passa correndo por nós na esteira. Um carrinho desliza com um homem cego no banco

de trás, com a bengala saindo pelo lado e quase atingindo as pessoas.

O avião que sai de Denver é um 727 com estofamento desbotado e marcas de ferrugem por todos os lados. Ele voa e atravessa as nuvens fazendo um grande estardalhaço e entra por uma amplidão ensolarada e azul-celeste, marcada por redemoinhos desagradáveis de turbulência em pleno céu aberto. Julie estica a mão para pegar a minha, enquanto a outra acaricia um crucifixo de prata dentro da camisa dela, pendurado junto ao esterno. Desde quando ela é assim? Será que ela renasceu? Deus parece estar chamando todo mundo à minha volta. Será que eu também estou nessa lista, ou ele me pulou? Sofremos mais um sacolejo; Julie abaixa a cabeça e só volta a levantá-la quando o avião torna a estabilizar. O medo melhora a cor de sua pele.

— Não posso voltar. É claro que vou, mas não posso. Estou confusa — ela diz.

Há tensão em seu rosto. Agora ela está querendo falar. Aqui não é um bom lugar. Não há espaço para se mexer, nem para gesticular. A população mundial tem um teto máximo, que é a superfície total da Terra dividida pelas dimensões de uma cadeira de classe econômica. Se nascer mais um bebê, o canibalismo será instalado.

— Keith se preocupa demais comigo. Isso faz eu me sentir... responsável. Ele nunca toma o último gole de leite. Sempre diz que é meu. Quando acordo na cama, já tomei todo o meio dela e ele está caindo pela beira.

— Um relacionamento é um sistema dinâmico fechado.

— Posso lhe contar uma história? Nós fomos comprar um carro. Keith diz que eu preciso de alguma coisa segura, com muitos airbags, mas eu acho que o que eu preciso é de um caminhão, para transportar cachorros. Peço ao vendedor, que mostrou um monte de furgões para a gente, para mostrar umas picapes. Pergunto qual é o grau de segurança de uma picape comparado a um furgão. E o

vendedor diz que não é bom. Eu me viro para Keith e digo “a decisão é sua, amor”, mas ele não responde, só fica ali, parado, em pé. Começa a ficar constrangedor. É como se ele tivesse ficado catatônico, ou tivesse tido um derrame. No fim eu digo: “Eu fico com o furgão, está bem?” E nada. Um vazio. Eu literalmente tive que sacudi-lo.

Ela continua sua arenga e eu ouço sem escutar. As nuvens lá embaixo têm uma topografia esquisita, cheia de cavidades, reentrâncias, dobras e ondulações, com as pontas como se fossem asas estuárias (arrá! finalmente usei “estuárias”). Lá embaixo é quarta-feira, mas que dia é aqui em cima? Às vezes, de tarde, ao voar para o leste, posso ver a noite caindo sobre o continente, e a sensação é de uma onisciência sem poder. Saber o que está por vir e quando vai chegar e ver os lugares por onde já se passou é uma falsa sabedoria. Deveria ajudar, mas não ajuda.

Julie continua falando. Embora eu mal a esteja ouvindo, consigo ser seu irmão simplesmente sentando junto e lhe passando algum calor. Ela vai se casar, tenho certeza absoluta, mas só depois que tirar energia suficiente de mim, seu herói original, sua principal segurança. Falamos de nosso pai como se o amássemos, mas isso foi uma coisa que só descobrimos depois; enquanto ele estava vivo, o que mais sentíamos era preocupação. Ele tinha aceitado tanta coisa — a casa, os caminhões, os empréstimos, mamãe — e nós podíamos vê-lo afundando. O negócio dele era a nossa proteção, mas nada protegia o negócio dele e isso nos assustava. Reservávamos nosso amor uns para os outros, irmãos e irmãs, porque tudo o mais parecia servir de garantia de empréstimo, correndo risco.

— Ryan?

— Sim?

— Uma pergunta meio idiota: você é rico? Porque do jeito que você comprou minha passagem, sem nem sequer perguntar o preço...

— Eu poupei. Vivo confortavelmente.
— Você namora? Tem algum tipo de vida amorosa?
— Gosto de pensar que sim. Amanhã em Las Vegas vou me encontrar com uma mulher.
— Uma estranha. Você não tem medo de pegar uma doença?
— Estou na chuva. E quem está na chuva pode se molhar.
— Não sei se você sabe o quanto nos orgulhamos de você. Tudo que você conseguiu, esse livro que você escreveu, essas reuniões que você tem sempre que participar.

É impressionante. É como se você estivesse por aí tomando conta do território, arrumando tudo. Nosso embaixador. Lemos as revistas e esperamos encontrar você nelas, e embora você não esteja, sabemos que um dia vai estar. Que já deveria estar.

— Obrigado.
— Comigo está tudo bem. Vamos voltar para Minnesota.
— Você vai para lá amanhã. E eu vou na sexta. Ainda tenho que fazer mais umas escalas, para uns compromissos. É atribulado apenas para quem vê de fora. Mas acredite, existe um certo ritmo. Só que você tinha que estar aqui há mais tempo para entender.

Julie adormece.

Esta noite, não há luzes na garagem, a não ser pela vela se dissolvendo, que ilumina o último relatório trimestral dos contadores. De acordo com os números, o mundo é dele. Seus produtos e processos dominam os mercados. Seu nome se tornou sinônimo de qualidade e de um gênio de agregar valor com base na demanda. Ele pode deixar a empresa agora e ganhar a aclamação do público e ter a certeza de que conseguiu riqueza e influência permanentes. A garagem terá cumprido sua função como uma incubadora de sonhos que um dia foram amplamente rejeitados e totalmente ridicularizados, e com certeza ele deve preservá-la como um museu, exibindo permanentemente a viagem transformacional de uma mente plenamente à vontade com suas competências

básicas. Mas quando M se levanta da cadeira e sai para a rua, algo chama sua atenção: um bloco de papel branco, em cima do banco, ao lado dos instrumentos. A brancura do papel pede alguma marca, um esboço, um diagrama, algum rabisco sem muito pensar.

Pela porta, ele pode ouvir a massa de admiradores pedindo para que ele venha a público, mas embora ele sinta uma afeição sem limites por sua equipe, sem cujas informações altruístas ele estaria perdido, ele também entende que, depois de ouvir rapidamente o que diz seu instinto, sua obra continua incompleta. Ele pega o lápis...

A primeira coisa que faço em Denver é ligar para o celular de Dwight. Ele atende ao primeiro toque. Para mim, é uma desilusão. Eu o imaginava abraçado a um escritor doente, mas aparentemente ele está sozinho sem fazer coisa alguma. Atrás dele ouço gritos e o barulho de alguém caindo na água — os sons de uma piscina. Seu assistente disse que a viagem era uma emergência, mas parece mais um torneio de golfe.

— Estou a caminho. E minha irmã está comigo. É difícil de explicar. Cancelaram nosso voo e pegamos outra rota, mas devemos chegar na hora do jantar, facilmente.

— Em que hotel você está?

— Ainda não tenho certeza se vamos ficar num hotel. Tenho que mandá-la de volta a Minnesota e preciso estar em Las Vegas amanhã. Para a GoalQuest. Talvez eu pegue um voo amanhã de manhã.

— Seu livro é simplesmente brilhante.

— Você já recebeu? Já leu o livro e não só o resumo? Não acho que ele seja fácil de resumir. É como se fosse uma *gestalt*. A palavra é essa mesmo? *Gestalt*?

— Estou com um contrato bem na minha frente. Uma proposta. Podemos mudar alguns números, alguns termos, mas não muito. Já está bem próximo do melhor que posso oferecer. Só falta sua assinatura.

- Eu quero que você o publique.
- Depois da nossa reunião. O original ainda tem um ou dois pontos que não estão muito bons. Algumas coisas que você deveria encurtar. Umas coisinhas.
- O livro já não é pequeno demais?
- Muitos de nossos livros são lidos em resumo. Já ouviu falar do boletim Resumos para executivos? Eles tiram a gordura de seis ou sete livros e vendem como um pacote para assinantes que não têm tempo a perder com firulas.

Sinto uma pontada num olho. Meu molar sem obturação se contorce. Posso senti-lo apodrecendo.

- Quando você vai estar aqui, exatamente? — pergunta Dwight.
- Tecnicamente, já fiz o *check-out* e meu voo para Salt Lake sai às 19 horas.

— Você está indo para Salt Lake City? Não acredito. Estou vindo exatamente de lá. Saí há uma hora.

— Que pena. Poderíamos ter nos encontrado lá. Seria bom se eu soubesse. Espere um minuto. O garçom está chegando com meu chá.

O trenzinho que eu esperava ao lado de Julie chega fazendo barulho e para. As portas se abrem e uma onda de transeuntes passa por nós, em direção às escadas rolantes.

- Bingham?
- Se for para eu chegar aí, precisarei correr — digo. — Meu voo está a dois terminais daqui. Que loucura. E, a propósito, que negócio de última hora é esse que vai levá-lo a Utah?

— Um compromisso de tênis. Desculpe, mas não tive como evitar. Você diz que vai voltar para lá esta noite. Vamos pensar no que fazer.

— Não quero pensar. Quero ver seu rosto. Pronto, agora meu trem se foi. Beleza. Maravilha. — Viro os olhos para Julie, que sussurra “o que foi?” e segura com mais força a sacola de bichinhos de pelúcia variados que ela comprou, sem nenhuma razão, numa

loja no andar de cima. Estou vendo que minha irmã não se sente à vontade se passar mais de uma hora sem fazer compras. Mas eu gostaria que ela jogasse tudo isso fora, não gosto de coisas de pelúcia.

— Tenho uma solução — diz Dwight. — O Marriott de Salt Lake. Amanhã. Para um almoço bem cedo. Vamos nos sentar e dar uma olhada nessa sua ideia, e ver se não conseguimos chegar a um esboço que agrade a nós dois.

— Agora virou um esboço? É tudo o que você quer?

— Dez horas no Marriott. Francamente, acho muito melhor. Eles já estão praticamente me expulsando deste hotel. Tudo bem por você?

Vai ter que estar. Nosso voo para Phoenix já está embarcando. Não vai dar para chegar lá nunca. Julie, cujo apetite foi reavivado pelo Mundo Aéreo, morde um pedaço de *pretzel* caramelizado e me olha com o olhar doce de uma criança. O que vem agora? Eu gostaria de saber.

— Dez horas. Combinado?

— Perfeito. Eu o encontro lá. Mas não me agrada, se é assim que funciona sua profissão.

— Eu não represento a profissão e nunca afirmei isso. Eu vendo livros, Bingham. Sou apenas um vendedor de livros. Se você acha que nossa pequena fraternidade é informal demais, muito sujeita a erros, que já está ultrapassada...

— Não estou dizendo isso.

— Ótimo. Porque você tem uma ideia muito boa.

— Tão boa quanto Mudando de horizonte, o livro de Morse?

— Estranho você perguntar isso.

Eu ouço. Ele não diz nada.

— Por quê?

— É só estranho, só isso. Amanhã no almoço vou lhe contar uma historinha. Trate de vir com fome. O bufê deles é de primeira linha.

— Onde você realmente está? Ainda em La Jolla? Em Nova York?
Ou você apenas finge que viaja por todo lado? Que tipo de
compromisso de tênis é esse? O tênis é um jogo.

— Só para quem não sabe jogar direito.

— Quero que você me garanta que vai estar em Utah.

— Garanta a você? Como posso fazer uma coisa dessas?

onze



Dobre alguns trajetos ao meio e as duas metades parecem um espelho uma da outra. Já fiz viagens assim, iguais a um ioiô, ficando nos mesmos lugares na volta em que fiquei, um dia antes, na ida. No lugar mais distante da viagem, antes de começar a volta, há um momento de quietude, de uma energia potencial em suspenso. Para começar o regresso, tudo o que tenho a fazer é pegar meu troco e minha carteira da banca de revistas, pôr a camisa para dentro das calças e assinar a nota do cartão de crédito.

Mas e se eu não fizer nada disso? É sempre uma tentação. Uma rebelião. E se eu der um passo para o lado e deixar a corda voltar sem mim? Aí eu ficaria livre, não é mesmo?

O próximo voo de volta para Salt Lake sai em uma hora e existe outro duas horas depois. Julie quer que eu decida. Ela lambe uma casquinha de iogurte, salpicada com pedacinhos de balas vermelhas de canela, e se apoia no corrimão da escada rolante, vendo seu irmão escolher entre duas alternativas ruins. Começo a ficar desconfiado de que ela está grávida e não quer me contar. Seu rosto tem a maciez de uma dependência sem fim e o apetite que ela demonstra por *junk food* parece hormonal. Ela está engordando igual à Lua diante dos meus olhos.

- Você gostaria de conhecer o lugar onde eu trabalho?
- Claro. Mas achei que você já tinha pedido demissão.

— Isso ainda está em processo. Vamos alugar um carro e ir até lá. Preciso sair do aeroporto. De todos os aeroportos. Agora.

Meu cartão Maestro Diamante me faz passar por todas as formalidades e dez minutos depois estamos de cinto afivelado e a caminho, vendo os arranha-céus de Denver se erguerem no parabrisa e balançando no banco ao som de rock gospel. Julie sempre teve vontade de se meter em qualquer coisa — o que vem a ser a fonte de todos os seus problemas. Ela vai com os outros. Sua beleza aparece por ela estar sempre pronta e Keith, se ele realmente for o bobalhão em que ela o transformou, nunca vai beber dessa fonte. Por mim, tudo bem. Existem partes dela a que acho melhor os estranhos não terem acesso.

Eu sou um morto na ISM, mas isso eles ainda não sabem; o guarda do estacionamento me faz um sinal de positivo e levanta o portão. Descemos para uma catacumba de Cadillacs e eu estaciono na minha vaga vazia, ainda manchada do líquido de ar-condicionado do meu Toyota muito malconservado. Quando saltamos, um homem que conheço do saguão e dos corredores da empresa, e que sempre pensei que tivesse o mesmo nível hierárquico que eu — se bem que... como é que eu ia saber? —, estaca e fica me olhando com o rosto pálido. Ele ergue a mão num aceno tímido, depois remexe um pouco a gravata, se vira e vai embora. Vejo o brilho dos sapatos engraxados e o eco de seus passos apressados. A distância, tranco a porta do carro com a chave inteligente, e levo Julie para dentro do elevador e para cima.

— Tem certeza de que podemos estar aqui? — ela pergunta. — Não vai ficar ruim para você?

— Por quê?

— Seus ombros. Ponha-os para trás. Agora solte o ar. Devagar.

— A escola de massagistas.

— Está sempre em mim. E me treinou o olho. Você viu lá no aeroporto, a contração das colunas das pessoas? É como se todas

estivessem com 15 centímetros a menos do que deveriam.

— E você acha que elas deveriam se empertigar mais no aeroporto.

— São todos caranguejos.

O objetivo deste passeio ainda está para se revelar. Saltamos no andar e nada mudou, a não ser as obras de arte. Artemis Bond, o apóstolo do conselho, doou uma parte de suas pinturas de vida selvagem, que dizem estar avaliada em milhões de dólares, embora eu ficaria surpreso se isso fosse verdade. O grande alce correndo e os pumas nas árvores e a codorna exuberante foram distribuídos pelo andar. Posso ver que é setembro por causa das aves aquáticas. Aqui, a arte é nossa única ligação com os ciclos da natureza. Um filme que se colocou na janela para economizar energia corta o brilho do espectro de luz e transforma a pele das pessoas na cor de moedas de 5 centavos oxidadas. Já os papéis ficam explosivos, brancos demais para se olhar, e muitas secretárias já foram embora por forçar demais a vista. Uma chegou até a processar a empresa e é capaz de ter ganho. Mas esse tipo de vitória não vale a pena. Meus clientes do ATC, que eu sei que foram parar nos tribunais alegando demissão indevida, acabaram virando seres espaciais nos dias de hoje, em órbita, no exílio, sabendo que vão ser mal recebidos na Terra.

Julie me segue por uma série de baias brilhando com a ambição de pequenos executivos até um conjunto separado de salas maiores, o que significa que estamos nos aproximando do coração operacional das coisas. O ar vira e mexe com todas as velhas polaridades — o medo da toca do leão no final do corredor, a esperança de um descanso sem interrupções no lugar da copiadora e do aparelho de fax, as seduições de um café descafeinado na copa. Meu assistente tira os olhos do computador e me vê — eu tropecei num fio — e reformula sua apresentação devidamente, tirando o cabelo da frente dos olhos.

— É você.

Mostro minha sala a Julie; tem uma namorada. Na verdade, um pequeno sofá. Que eu saiba, ela nunca foi usada para cortejar ninguém.

Meu secretário rola a cadeira um pouco para trás. Devo ser uma aparição para ele.

— Algum recado?

— Só um ou dois. Já tratei do seu hotel em Las Vegas, o Mount Olympus. Eles estão lotados, por isso reservei uma suíte. Disseram que tem uma *jukebox* e uma mesa de sinuca.

— Ótimo.

— O senhor acha? Para falar a verdade, isso me deu calafrios. O Sr. Bingham sozinho num quarto de hotel, treinando suas tacadas e tocando discos.

— Mais alguém? Uma mulher chamada Alex me ligou?

— Acho que não. Só aquela mulher da companhia aérea, cuja voz parece a da Mulher-Gato. Ela liga de duas em duas horas. Quer o número do seu celular. Andei protegendo sua privacidade.

— Linda. O que ela quer?

— Não me disse de jeito nenhum. Ela inventou aquela voz?

— Nunca percebi. Pode dar meu número na próxima vez. Nada sobre aquela reunião em Omaha?

— Não, mas sua pasta chegou com a bagagem da Great West. Coloquei ao lado da sua mesa. E sua gravata está torta.

Eu só tenho uma pasta e ela está na minha mão. Entro no escritório, fecho a porta com barulho e olho para uma mala *burgundy* com detalhes dourados que pode ter sido meu estilo até alguns anos atrás, mas não depois que comecei a ler a *GQ*. A etiqueta com endereço em volta da alça foi preenchida com minha caligrafia, numa tinta azul já apagada.

— Esse aqui nessa foto é você? — Julie está na namorada, com uma revista no colo, Consultor Corporativo.

— Sou eu, sim. O que estão carregando nos ombros.

- Por que você está sem camisa? Por que todas essas cordas?
- Nós estávamos escalando no Bryce Canyon. É um treinamento. Responsabilidade na Selva. Comemos capim. Fabricamos flechas.
- Um desses lugares em que você se deixa cair e todo mundo o pega?
- Nesse caso, ninguém o pega. Eles o deixam cair. E depois ainda pisam em você.

Levanto a maleta. Está leve, mas parece cheia. Dou uma sacudida. Papéis. A combinação mostra 4-6-7. Eu costumava andar com um canivete caro, presente de uma empresa de serviços de petróleo de Waco, em agradecimento pelo corte concordado de 11 gerentes de segundo escalão, três deles a um ano de ganhar um plano de pensão que desde então faliu — mas foi tomado de mim por guardas de aeroporto que mediram o tamanho da lâmina e disseram que era ilegal. Eu podia usar uma coisa dessas para arrombar a mala. Abro minha gaveta do meio e dou uma mexida nas coisas lá dentro (um monte de brindes distribuídos em convenções), procurando algo forte, fino e pontudo, mas o máximo que consigo é um marcador de livros folheado a prata que ganhei da KPMG na GoalQuest do ano passado. O negócio nem chega a ser de metal, é uma lâmina frágil, e quando o enfio na fechadura se quebra.

— De volta do vale das lamentações. Ryan B. Sua triste dignidade manchada por traços de café insuficientemente esfregados de seu colarinho amassado.

Não vale a pena erguer os olhos para ver este homem, uma conclusão a que cheguei há muito tempo, mas ele pode ter um canivete nas calças, por isso olho para ele.

É o mesmo velho assalto aos sentidos. Um focinho canino excitado, farejando trilhas de sangue perto do bebedouro. As sobranceiras dos irmãos Marx, permanentemente erguidas e com escamas de pele morta nos lados, que parecem voar quando ele ri, o

que ele só faz com ambas as mãos no bolso, como se houvesse um interruptor no escroto que ele tivesse que apertar. Craig Gregory, Chefe de Equipe do Grupo de Assuntos Humanos, que veio a mim há muitos anos na sala de musculação da empresa, colocou no lugar o haltere com o qual eu vinha me digladiando, olhou dentro dos meus olhos claros e jovens e disse:

— É uma recessão e isso é oficial. Cabeças estão sendo cortadas. É muita merda. Muito medo de uma praga. Sei que você quer voltar para o grupo de marketing algum dia, mas agora o exército do rei precisa de alguns empreendedores para limpar a sujeira. Você não disse que gostaria? Abracadabra. Vou lhe dar um seguro saúde melhor, inclusive com cobertura oftalmológica. Vá com Deus.

Craig sorri para mim agora, só com uma das mãos no bolso. A outra vai para o outro bolso assim que eu pedir alguma coisa.

— Você foi duro com nosso cliente no Texas. Tudo bem. A vida anda tão devagar no estado da Estrela Solitária, debaixo daqueles arranha-céus tão portentosos, daquele sol vermelho, que eu aposto que você vai voltar lá daqui a um ano e aqueles idiotas lerdos vão estar na mesma rotina. Eles também andaram preenchendo uns cheques voadores ultimamente, por isso que se danem. Pode pendurá-los numa forca bem alta.

Olho de relance para Julie, que não precisava testemunhar isso. Ela se levanta. A velha telepatia da família ainda funciona.

— O banheiro das mulheres. Precisa de chave ou coisa assim?

Agora as duas mãos estão nos bolsos. Craig Gregory começa a se abastecer. É típico dele ignorar a presença de um estranho até poder ativamente anulá-la.

— Só uma senha: “Abra-te, Sésamo. Preciso mijar agora.”

— Peça a meu assistente — digo a ela. — Craig, esta é Julie, minha irmã. Prova de que saí de dentro de uma mulher, e não de uma semente, como você.

Os dois roçam levemente as mãos e Julie foge. Garanto que ela vai ficar bastante tempo no banheiro.

— Estou falando sério, Ryan. Você tinha toda a razão no Texas. Aquela turma não está fazendo cortes, está naufragando. Não aceitamos dinheiro de mentira na ISM. Nem todo o crédito do Banco Estadual Parker Brothers vai colocar manteiga no nosso *bagel*. É uma antiga política nossa. Não fazemos trabalhos gratuitos até Jesus Cristo ordenar que façamos.

— Boosler ainda vai voltar de viagem no dia 21?

— Positivo. Pegou muito atum. Brincou com muitas donzelas. Já chupou muitos paus para garantir uma sinergia. A minha pergunta é: quando você vai voltar?

— Eu estou aqui.

— Pelo mínimo de tempo possível. Percebo que é uma visita rápida. Vou caminhar até sua namoradeira e vou sacrificar minha altura, que é maior que a sua, em troca de uma conversinha entre colegas. Estou caminhando, estou sentando e estou falando com você. Que merda você quer, hein, seu débil mental? Você sabe que eles telefonaram?

— Perdoe-me se não me junto a você nessa cadeira tão confortável. O ar aqui em cima é muito mais fresco. Quem telefonou?

— Eles. Os Cérebros do Mundo. Operação Raio Gama. Os Sete. O que quer que se chamem atualmente para mascarar o absurdo de seus métodos sujos. Os Iluminados de Omaha.

— A MythTech?

— Eles mamaram bastante do nosso leite esta semana, os Corona-Coms. Lá se vai a piscina que estávamos construindo no nono andar. Lá se vai o solário dos Broncos com seu bar molhado e seus brindes de caixas de charuto.

— Melhor para eles.

— Melhor para você, se se juntar a eles. “E esse Bingham?”, me perguntaram. Assim mesmo, abertamente, como se estivessem trocando figurinhas de um álbum de beisebol. “Como ele pode nos ajudar? Está em ascensão? Que nota você daria, numa escala de 1 a 10, em matéria de equilíbrio emocional? E em matéria de orgasmos bilaterais? E, a propósito, como estamos falando muito francamente, ele aceitaria numa boa receber ordens de mulheres negras?”

— Quem telefonou? Não é assim que eles trabalham.

— Eu sou a força e o silêncio. Eu sou Khan.

— Lucius Spack?

— Esse é o pederasta que faz todas as perguntas? O menininho rosa e gay com o boné com hélice?

— Por acaso você não tem aí um canivete?

Craig Gregory umedece os lábios. Secam muito rápido.

— Ninguém ligou.

Ponho a maleta no chão.

— Eu estou pescando, Ryan, estou protegendo meus flancos. Eles foram à caça na Deloitte. Estão caçando todo mundo. Atualmente ando esses corredores para cima e para baixo à procura de desertores em potencial. Não pense que você seja especial. Somos uma empresa do jeito antigo e temos orgulho disso, mas reconhecemos o fato de que as novidades sempre têm o canto das sereias.

— Você está mentindo. Aposto como eles telefonaram.

Mãos nos bolsos, de novo. Gregory ri.

— Isso é muito engraçado. Esse meu emprego é muito engraçado. A Arte de Foder as Mentes. Você vai estar na GoalQuest, obviamente.

— Vou dar uma palestra lá — lembro-lhe. — Por favor, venha assistir.

— Antes ou depois de Anthony Robbins? Na mesma hora? Desculpe, não vou poder comparecer. Preciso tocar nas roupas do

meu guru. Preciso lavar os pés de Tony em agradecimento por ter transformado o vermezinho que eu era numa cobra real.

Cruzo meus braços.

— O que é A Laranja Fiel? Conte-me.

Craig Gregory põe as mãos nos joelhos e se ergue da poltrona lentamente e em etapas, como se fosse uma lagosta.

— Atrás de você — ele diz — está sua irmã. Esperando pacientemente. Intimidada pelos feromônios almiscarados de Gregory.

Eu me viro. Todos parecemos cinza aqui dentro. Viro outra vez.

— A Laranja Fiel. Acho que é uma marca de refrigerante.

— A Equipe de Marketing está prestando consultoria para a Great West Air?

— Eu gostaria de pensar que prestamos serviços a todas as empresas de Denver. Gostaria mesmo. Ouça, você parece muito mal. Botas muito bonitas, mas daí para cima você parece um guatemalteco. Se eu fosse veado, iria até aí e daria um jeito no seu cabelo. E não venha com esse papo de “sou ocupado demais para passar fio dental”. Isso pode funcionar lá com os índios navajos, mas estamos na América branca. O país do sorriso Colgate.

— E se eu estiver gravando essa conversa e mandar uma transcrição para a seção de oportunidades iguais dos Direitos Humanos? Você vai fazer com que a ISM

seja processada. É melhor calar a boca.

— Eu? A primeira pessoa a se formar no treinamento das diversidades? Estou coberto, irmão. Tenho um diploma emoldurado. Quer me ajudar a patrocinar a caminhada da Aids?

Eu devia pedir demissão agora. Pegar a carta da mesa de Boosler e ler em voz alta na minha cadeira. Chamar todos os assistentes. A equipe de limpeza. A carta tem vários floreios dos quais me orgulho muito e que caíam muito bem numa apresentação oral. Se eu já tivesse meu milhão de milhas, faria isso. Mas é o dinheiro da ISM que

vai me fazer ultrapassar essa marca, e não posso me dar ao luxo de perder a autorização que eles me dão para viajar. Recito a carta na cabeça.

— Até a GoalQuest. Daqui a pouquinho. Nossa reunião tribal no deserto.

Craig Gregory está indo embora. Andando, por enquanto. Andando e balançando o rabo, por enquanto. Houve um dia em que ele gostou de mim. Ele me mandava grandes cestas de festas como agradecimento, cheias de queijos azuis e vinagres raros. Uma vez ele até foi meu parceiro no torneio de tênis da empresa, levando-me às finais. Atitudes assim me deixavam comovido. Talvez meu pai não fosse lá tão bondoso, afinal de contas. Talvez existam vários vazios que eu procure preencher.

— Aquele era o seu chefe?

— Isso nunca ficou muito claro. Usamos uns títulos novos e meio confusos para os cargos aqui.

Devo ter vindo por causa da maleta, e agora que a tenho na mão estou pronto para ir embora e nunca mais voltar. Olho para minha mesa e faço uma radiografia mental do conteúdo que estou deixando para trás. Fotos de família? Não sou do tipo que traria uma coisa dessas para o escritório — prefiro que eles não vejam o rosto das pessoas que eu amo. Seriam um alvo potencial para uma sessão de vodu. Em algum lugar de uma gaveta, certa vez guardei um pacotinho de maconha, que usava junto com minha máquina de pegar no sono em viagens particularmente tumultuadas. Agora com certeza já é um fóssil. Nenhum viciado iria querer isso. O que mais havia nas gavetas? Um grampeador. Velhos inalantes Vick. Um creme que eu comprei uma vez, quando não estava conseguindo sentir as pernas, e que deveria ativar a circulação. Deu coceira. No entanto, além disso, só cartões de visita, fitas, microcassetes, chaveiros com o logotipo da ISM e um feixe de cliques de papel que misteriosamente se juntaram para formar aquele tipo de quebra-

cabeça que as crianças inteligentes curtem. Alguma coisa que valha a pena guardar? Post-it?

Eles lhe dão muitas coisas quando o contratam, e você acha que vai usar tudo, mas o fato é que não usa.

Se ganhar milhas fosse minha maior consideração, seria melhor eu dirigir o Volvo alugado ganhando 500 pontos de bônus por dia até Salt Lake City. Aliás, essa é minha maior consideração, principalmente às 15 horas de hoje, com todas as outras sementes que plantei adormecidas na lama. Dwight está dando para trás com A garagem; a ideia da Zona Pinter continua viva, mas ainda está muito no ar; a MythTech paira sinistramente atrás de uma cortina de nuvens; e Alex ainda não ligou para falar sobre nosso encontro em Las Vegas, do qual já comecei a me arrepender. Se minhas pernas frias e um tanto lentas indicarem alguma coisa, duvido que eu vá conseguir juntar todo o sangue necessário para terminar a noite em minha suíte especial. Meu secretário tinha razão. É um cenário solitário, mesmo se houver uma mulher presente. A *jukebox* toca Frank Sinatra. As bolas da sinuca vão caindo. Você diz para sua acompanhante “bela tacada”. A água quente da banheira borbulha. E enquanto isso, em todas as direções acima de sua cabeça, pessoas que você conheceu ou que poderia ter conhecido mas nunca mais vai reencontrar vão tratar de negócios até tarde da noite — negócios para os quais você não é convidado e nunca mais será. Porque você duvidou e expôs suas dúvidas em voz alta e está cansado. Cansado e com os dedos dos pés gelados, dormentes.

Agora mesmo, pela primeira vez em anos — ou será que pela primeira vez na vida? —, eu preferia não embarcar num avião. Está ouvindo, Morse? Seu carneirinho fugiu do curral. Ele está dirigindo. Está utilizando estradas públicas. E ainda ganhando seus pontinhos, ainda cobrando de você, pela Maestro. Além das milhas que vou doar a instituições de caridade na esperança de que alguma criança doente chegue com vigor à idade adulta e o esfaqueie na rua em

troca de um dinheirinho, acho que vou simplesmente guardar o resto. Para que você continue sempre me devendo.

Julie também prefere que eu dirija, em vez de ir de avião. Ela passou por boa parte dessa estrada ontem, mas no escuro, e está se perguntando o que perdeu. Ela estima que a viagem deve durar oito horas e vai ser igual aos tempos do Chevy do papai, com a diferença de que dessa vez nós vamos comer.

O espírito de Kara ainda paira sobre nós. Os dois sinos da Bolsa de Valores de Nova York já soaram. O aeroporto de O'Hare já mandou uma dúzia de voos para a Ásia e a FedEx, em Memphis, já despachou 1 milhão de documentos legais e presentes de aniversário tardios, e ainda não fizemos nenhum informe da situação para minha irmã mais velha. Tenho certeza de que ela acha isso absolutamente imperdoável. Acho inebriante. Quanto mais nós a evitarmos, mais alto ela vai falar. Chego a ouvir sua voz enquanto os pneus deslizam no asfalto.

A mala, ainda fechada, está no porta-malas. Em alguma parada de caminhões pelo caminho vamos encontrar uma chave de fenda. Minha nova teoria é de que a mala é mesmo minha, que eu devo tê-la esquecido num avião há alguns anos durante um daqueles rompantes de amnésia que se seguem a rotinas muito intensas do trabalho de ATC, e que a mala ficou voando desde então na dimensão paralela das bagagens da Great West. Não vislumbro que nenhuma epifania (Vocabulário Competitivo, fita nº

9, "Linguagem da Arte e da Literatura") vá acontecer quando eu a abrir. Espero encontrar meias e cuecas e uma camisa e talvez uma série de folhas soltas do livro de atividades do seminário *master* de Sandy Pinter, em que os participantes usavam chapéus coloridos representando os Seis Estilos Cognitivos e eram instados por um treinador a atravessar o salão de festas do hotel sem encostar os pés no chão. Era uma tarefa portentosa para quem não fosse acrobata e fonte de muita frustração e dúvidas, até que o treinador nos mostrou

que nossos pés estavam separados do chão pelos nossos sapatos, uma obviedade que ninguém tinha notado e que provava o princípio de Pinter de que tentar resolver um problema alucinadamente prova geralmente que não há problema algum.

Ou isso ou a maleta contém um instrumento de monitoramento de Morse e eu posso enlouquecer de verdade depois de quebrar e retirar o aparelho do revestimento. Encontrar um grampo — que glória isso deve ser para quem já conseguiu. Ter seus próprios medos fisicamente comprovados. Segurar o bichinho numa das mãos e vê-lo zumbir ou tiquetaquear ou seja lá o que ele faz quando está ligado, e então esbravejar nos ouvidos dos espões em tempo real! Eu gostaria de conversar com alguém que tenha tido essa chance. Acho que seu espírito deve ter se fortalecido muito. Eu poderia me oferecer para agenciar suas palestras.

Deixo Julie dirigir. Estou acostumado a me levarem. Seguimos para o norte, em direção a Cheyenne, onde vamos pegar a 1-80 para o oeste e atravessar as montanhas até a Grande Bacia, seguindo a trilha dos colonos mórmons. Dizem que se pode andar no rastro deixado pelas rodas das carroças deles. Vamos passar pelos túmulos de crianças e pelos acampamentos sombrios onde Brigham esticou seu colchão. Nunca dirigi por essa trilha, mas já a sobrevoei e tenho uma noção bastante grande do contorno e dos perigos. O Oeste já deu muitos problemas a seus moradores, principalmente porque eles não conseguiam ver além das montanhas, mas agora isso é possível e o Oeste é só mais um lugar no mundo.

Esse deve ser o melhor carro que Julie já dirigiu na vida — ela o está tratando com um respeito fora do comum. Ambas as mãos na direção, uma postura sisuda, como se fosse um soldado, muita atenção nos espelhos e nas placas de curva. Ela está com medo. Esse é um equipamento importado de primeira linha e a está intimidando, especialmente para quem não está acostumada a alugar um carro e acha que sua posse do automóvel é ilícita, parte de

um esquema ou um favor muito especial. Quanto a mim, meto o pé nesses carros, sem remorso, ciente de que eles já foram pagos umas dez vezes e ainda vão ser vendidos com lucro. Mas é um amor ver esse comportamento mais doce e natural. Que isso nunca morra, porque é um amortecedor para o resto de nós.

— O que vai acontecer se, quando chegarmos ao Wyoming — ela fala —, dobrarmos para a direita e não para a esquerda? Vamos parar em Minnesota? De repente, isso parece ser muito fácil. É só virar a direção para lá e o resto cuida de si mesmo. O casamento. Keith. Ele já está enterrando os fios para o cortador de grama.

— Aquele monstro que você viu em meu escritório já botou ideias em sua cabeça. E os tratores vermelhos e campos de milho já começaram a ficar mais bonitos.

— Não é mais assim. Agora já temos *espresso*, e dos bons. Minha mãe adora. E Burt também.

— O Maravilhoso em ascensão. Como ele fica? Ainda mais amável e mais rápido, ou ele uiva para as pessoas?

— Burt agora é parte da família. Você deveria conhecê-lo, Ryan. Ele tem um monte de histórias legais. Teve uma vida longa e plena. Dirigia um caminhão blindado em Mason City antes de ser enfermeiro e alguém, outro motorista, o encheu de drogas e o amarrou com uma corda e levou o caminhão para a floresta e tentou assaltá-lo; só que ele precisava da chave de Burt para abrir, mas quando ele se abaixou para pegar, Burt arrancou a orelha dele com os dentes. Essas coisas selvagens, típicas dos filmes, realmente aconteciam. Burt já viveu tanto que você ficaria espantado.

— Ele é bom para a mamãe e é o que me importa. Também ouço muitas histórias verdadeiras.

— Burt não mente. Ele não inventa as coisas. Ele me contou que um dia fez um pacto de sangue moral. Ele abriu uma pequena veia num dos dedos e tirou uma colher de chá de sangue e bebeu, depois

leu os dez mandamentos com os lábios cobertos de sangue, de frente para o espelho.

— Essa é boa.

— Isso porque ele contou uma mentira a um homem, e, por causa dela, ele morreu num acidente um dia depois. E foi assim que Burt acertou as contas com Deus.

Ele é assim.

— Desajustado e cheio de rituais?

— Ele gosta de pactos, só isso. E honra a parte dele, o que é impressionante. Ele jurou nunca mais comer doce (eu estava lá para ver, fui testemunha) e desde então nunca mais o vi comer um único doce, nem mesmo açúcar no café. Foi como se os doces tivessem desaparecido. Ele agora não os vê. Ele educou sua mente.

— Chega de magia negra. Como está mamãe?

— Você sabe como ela é. Sempre uma mãezona. Você vai ver.

— É bom estar aqui embaixo, não é? No velho nível do mar.

— Essa não é uma grande mudança para mim. Você sabia que estou grávida?

Isso me assusta.

— Não. — Eu já tinha adivinhado, mas mesmo assim fico em alerta.

— Então me conte, qual é o seu trabalho, exatamente?

— Você disse que estava grávida. Vamos continuar nesse assunto.

— Vamos dar uma volta e chegar a ele. Sempre me fascino com o que as pessoas fazem, sabia? Quantos negócios diferentes existem. Foi por isso que naquele ano em Chicago eu enlouqueci. Ninguém que eu conhecia fazia a mesma coisa. Aquele cara negocia ouro, no futuro. Aquele mulher processa médicos, mas só cardiologistas.

Aquele outro sujeito viaja pelo país inteiro, dizendo aos zoológicos como eles devem desenhar as jaulas dos diferentes

animais. Será que alguém ainda faz alguma coisa normal? Quem costura as camisas? Quem recolhe os ovos?

— Eu sei e não sei o que você quer dizer.

— Kara, mamãe e eu conversamos a seu respeito, mas o fato é que só adivinhamos, criamos um personagem para você. Nós sabemos que você faz alguma coisa, talvez você até já tenha dito o que é, mas é uma coisa tão complicada que não fica na memória. Será que é isso o que vai acontecer com meu filho?

Meu celular toca dentro do meu paletó, no modo silencioso, fazendo cócegas nas costelas, bem debaixo do coração. Deixo para lá — um assunto muito importante está sendo discutido aqui, pelo menos para um de nós dois.

— Será que meu filho vai virar um... fragmento? O que aconteceu aos caubóis, aos mineiros?

— Acho que você deveria se casar. Pelo menos, deveria tentar.

— Olhe só quem fala.

— Ela foi embora. Me devolveu a aliança. Vou lhe mostrar.

Carrego sempre comigo. Está na minha pasta.

— Você é pior. Fica falando do Burt.

— Em que estágio está?

— Do tamanho de uma ameixa. Há duas semanas, era do tamanho de um amendoim.

O celular, outra vez. Para meu pai, todas as chamadas que não fossem gritos de socorro tinham o valor de um ruído impessoal, como a televisão, e portanto não eram assunto dele. As coisas mudam.

— Alô?

A ligação é muito fraca. Muita estática no ar.

— É Linda. Finalmente. Onde você está agora?

As mulheres sempre fazem essa pergunta. Os homens, não. Eles acham que já é o bastante você estar vivo e em algum lugar. Sabem que o resto são detalhes.

— Estou num táxi, saindo do aeroporto de Seattle.

Julie olha para mim. Que se dane. Não acho que esteja mentindo. Se essa viagem estivesse saindo do jeito que planejei, seria exatamente onde eu estaria agora, saindo do aeroporto de Seattle para o centro da cidade, e, francamente, eu preferia ter me mantido dentro do plano. O plano. O plano tinha uma beleza que espero honrar.

Talvez, em algum nível, ele esteja funcionando sem minha interferência, aquilo que Sandy Pinter chamava de “Artefatos da Consciência”. Seu exemplo eram as fórmulas perdidas dos alquimistas, que num de seus livros ele indica ter recuperado num sonho.

— Isso é estranho. Porque alguém o viu aqui, no aeroporto de Denver.

— Eu saí de Denver.

— E não passou aqui para me visitar?

— Estou com muito pouco tempo disponível essa semana. O que aconteceu?

Linda diz alguma coisa para alguém. Está trabalhando, o que quer dizer que a notícia deve ser importante. Ela leva seu trabalho a sério. Considera uma grande coisa cuidar do Compass Club.

— Sou eu de novo. Não fique com raiva, mas ouça até o fim, está bem? Entrei no computador tentando encontrá-lo, por isso sei que você não está em Seattle.

Não precisa se explicar. Antes de eu lhe dizer por que verifiquei seus voos, você precisa saber de uma coisa que vi na sua conta.

— Só um instante. — Peço a Julie para encostar o carro. Não quero que ela dirija para fora da área de cobertura do celular. E quero estar parado ao ouvir o que ela tem a dizer. — Pode falar. Estou ouvindo.

— Você sabe o quanto deseja o seu milhão. Aliás, você fala nisso quase o tempo todo, por isso sei o quanto é importante para você. É

como se fosse um símbolo.

Fico decepcionado de vê-la colocar as coisas dessa maneira. É uma falta de sensibilidade e de exatidão. Ela me diminui. A curva da Nike é um símbolo. Minhas milhas, não. Essas milhas são vida e a vida é a minha, e esta mulher que diz que se preocupa comigo deveria entender isso.

— Eu sabia. Estão tentando me detonar — digo. Descobri que estou sendo mesmo monitorado. Isso me deixa exaltado, zangado e com razão. — Linda, espere aí.

Não desligue. — Viro-me para Julie, que olha para fora da janela, ainda com as mãos no volante, apesar de ter desligado o motor. Ela está no lugar para onde sempre vai dentro de si mesma quando um homem está dizendo o que fazer sem consultá-la, ou nem sequer se preocupando com que tudo faça sentido. Acho que estou olhando para a alma dela.

— Julie? Julie? Está acontecendo uma coisa importante. Faça o retorno. Temos que voltar para o aeroporto.

Ela balança a cabeça.

— Sei que hoje foi um dia exaustivo. Apenas dê a volta com o carro.

— Não.

No momento, desisto. Volto para Linda. Ao rastreador.

— O que estão fazendo comigo? Ponha tudo na mesa.

— Trocas de milhas. Pode não ser nada, só uma confusão, mas alguém anda trocando suas milhas por passagens. E eu sei como você é, por isso sabia que não podia ser você.

— É claro que não sou eu.

— Havaí, Alasca e Orlando. Tudo de primeira classe. Três passagens em três dias, todas na semana passada.

— Para datas futuras? Espero que ninguém esteja me dizendo que essas passagens já foram usadas. Você está me dizendo que esses pontos estão perdidos?

— Calma.

— Tenho nojo disso. É mais que nojo. É coisa de gente doente o que estão fazendo. Isso é uma bosta.

Julie abre a porta um pouco. Para pegar ar?

— Ninguém usou ainda. Você pode cancelar. Acalme-se. Você só vai ter que mudar seu número de identificação, ou coisa parecida. Talvez um hacker tenha invadido o site. Esses hackers!

— Isso vem lá de cima. Essa bosta vem lá de cima. Não tem erro, Linda. Essas pessoas são tristes e doentes. Essas pessoas estão pondo a perder uma grande empresa de transporte aéreo americana, orgulhosa, bem estabelecida, em favor de seus desejos de curto prazo e suas teorias mal elaboradas, e por isso estão tristes, doentes e desesperadas. Sei que você trabalha aí. Você não pode ouvir uma coisa dessas calada. Lamento seu dilema. Mas essa é a verdade.

A verdade nua e impreterivelmente crua.

— Pronto, já entrei no sistema. Estou cancelando.

— Você está cancelando os efeitos nefastos, mas não a intenção que existe por trás deles. Isso ainda vai continuar.

— O que eu estranhei foram as datas. As viagens eram para daqui a um ano, quase exatamente um ano do dia da reserva. Será que alguém esperava ir a todos esses três lugares em três dias seguidos? Pareceu muita doideira. Ou talvez eles estivessem mantendo as opções em aberto.

— Não tente adivinhar o que há por trás de uma mente patológica. É uma armadilha. Um poço sem fundo. Nem vale a pena começar.

A porta do lado do motorista é fechada e Julie saiu e está andando, estrada acima, pé ante pé, tratando a linha do acostamento como se fosse um bastão de equilíbrio.

Os caminhões passam por ela e levantam seus lindos cabelos.

— Será que devo lhe dizer por que eu estava espiando suas reservas?

— Morse costuma caminhar entre a plebe, passear pelo aeroporto cumprimentando as pessoas e dando tapinhas nas costas dos funcionários? É o tipo de coisa que ele faz? Esse negócio de papa disfarçado entre seus filhos?

— Você está perguntando se já vi Soren Morse? Já. Por quê?

— Ele é do tipo que toca nos outros, ou é mais reservado? Isso se chama jogar a isca para as viúvas disponíveis. Ele algum dia já almoçou na praça de alimentação? Agiu simplesmente? Aposto que ele foi para aquela pizzaria com sede na Califórnia, aquela que não usa molho de tomate, só pesto. É mais a pedida dele. As nozes dos pinheiros. A massa fina e crocante. Não é aquela pizza a que estamos acostumados, a poderosa. Ou será que ele fica fazendo hora no Burger King?

— Você está com uma voz horrível, Ryan. Você está tomando aqueles comprimidos para deixar a pessoa acordada? Eu costumava tomar esses troços quando trabalhava no corujão. Eles me deixavam exatamente como você está agora.

Minha irmã está diminuindo. Aqui é tudo muito amplo e horizontal e demora muito para uma pessoa desaparecer, mas é o que está acontecendo e logo terei que ir atrás dela. Existem regras sobre o que fazer quando uma mulher abandona seu carro e vai embora. O homem deve deixá-la ficar pequena, mas não além do ponto em que, se ela se virar, o carro não passe de um pontinho na visão delas. Isso as deixa enraivecidas.

— Olhe só, estou na minha mesa — fala Linda. — Os passageiros mostram os passes e não estou vendo. Podem até já ter vencido. O que eu queria lhe dizer é que você disse que estaria em Las Vegas outro dia e acontece que a companhia vai me mandar para lá amanhã. Queria saber se vamos nos encontrar. Aparentemente, sim. Em que hotel você vai ficar? Vou para o Treasure Island. Acho que é uma suíte.

— Quase todos os hotéis de Las Vegas são de apartamentos. Prometa pouco e entregue mais do que eles esperam. Igual às empresas de venda por catálogo. Elas dizem que a encomenda vai chegar em cinco dias e chega em dois, e você se sente tão importante quanto o príncipe do Marrocos. É um truque.

— Eu não sabia.

Julie agora está muito pequenininha. Ela colocou o polegar para fora? Já passamos da marca do pontinho. Os outros vão dizer que um dia a larguei no norte do Colorado ou no sul de Wyoming e isso vai passar a integrar o arsenal moral de Kara. Na história, a temperatura vai estar acima dos 40 graus ou muito abaixo da temperatura de congelar e Julie só vai estar de meia e, à medida que os anos se passarem e eu me esquecer dos detalhes, Kara vai tirar as meias também e não vou mais corrigi-la e os mitos vão se solidificar. Ela vai contar essa história em plena noite de Natal, com todas as outras. Numa casa cheia de mulheres. Meu pai também sofreu muito.

— Ryan?

— Estou aqui pensando. Acho que vou ter que desligar.

— Prometa que vai ligar para mim no Treasure Island, às 17 horas?

— Por que a companhia a levaria até Las Vegas?

— É um seminário. Um troço para avançar na carreira.

— Preciso desligar. Preciso desligar mesmo.

Passo para trás da direção e dirijo até chegar a ela, com duas rodas no acostamento para indicar que os outros carros devem passar. Agora ela está andando normalmente, sem bastão de equilíbrio e com passos rápidos. Encosto ao lado dela com a janela abaixada e peço-lhe desculpas, que eu devo ter parecido meio esquisito lá atrás, mas que estou me recuperando e, por favor, entre aqui. Vamos estar em Salt Lake City antes do amanhecer. Vamos

dirigir pela Trilha dos Mórmons, nos rastros das velhas carruagens.
Vamos estar em comunhão com os fantasmas da fronteira.

Ela volta a caminhar devagar. Mais uma vez, pé ante pé.

— Pense no seu filho.

Mas nada adianta.

doze



Enquanto sua meta for chegar a uma cidade que tenha aeroporto, você pode ir de qualquer lugar para qualquer lugar sem ter esse negócio de fazer uma curva para o lado errado. Por isso não me considerei fora de curso ontem à noite enquanto dirigia para o norte, a pedido de Julie, para deixá-la o mais próximo possível de Minnesota, antes de voltar para Utah e depois para Nevada. Ela pareceu surpresa quando aceitei o percurso, talvez por ter uma visão muito fundamentalista de tempo, espaço e movimento. Estou convicto de que ela acreditava que a pura inércia iria me levar direto a Minnesota, onde, segundo ela me disse comendo patas de caranguejo no Cásper Red Lobster, “pelo menos é seguro”. (Seus lábios enfatizaram a palavra “seguro”; meus ouvidos deram ênfase ao “menos”). Ela não levou em consideração o meu mapa mental. Em Billings, Montana, eu havia encontrado um portal para o Mundo Aéreo e podia estar em Salt Lake às 9 horas, partindo para Las Vegas ao meio-dia.

É assim que o país está estruturado: não em linhas, mas em raios que convergem para o centro de uma roda. Basta encontrar um hub.

Trabalhei na palestra que vou fazer na GoalQuest enquanto estava no carro e procurei não pensar se havia céu ou inferno, o que haveria dentro da mala no porta-malas e o que Soren Morse esperava conseguir com sua guerrinha psicológica mesquinha contra

seu melhor cliente, estatisticamente falando. Essas eram preocupações que eu tinha no Mundo Aéreo e agora eu estava me deslocando em terra — mais ainda por estarmos em Wyoming.

Quando vistos de cima, os limites de alguns estados fazem sentido — eles seguem o curso de rios, mudanças de altitude e cordilheiras de montanhas —, mas as linhas retas que definem Wyoming são meramente idealizadas e basicamente delimitam uma caixa de areia gigante. Wyoming é simplesmente a terra que ninguém queria, presenteada com uma assembleia estadual para deixar todos felizes. Mas o nome é tão bonito. O mais bonito de todos.

Antes que minha irmã pudesse avaliar minha palestra, eu precisava explicar para ela, em profundidade, o que era o ATC. Isso nunca é fácil, com quem quer que seja.

A maioria das pessoas acha que nós somos chamados para demitir os outros, ou que encontramos novos empregos para quem despedimos. Não é nada disso. Nosso trabalho é fazer a sarjeta ficar mais aceitável, transportar almas feridas através de um rio de tristeza, humilhação e dúvidas sobre o próprio valor, até o ponto em que possa divisar novas esperanças na margem, ainda que muito levemente, e então mandar o barco parar e dizê-los que eles podem ir nadando, enquanto navegamos de volta ao palácio de onde foram banidos para apresentar a conta aos nobres senhores. Não oferecemos nenhuma garantia aos nadadores, nenhuma promessa, apenas gritos de incentivo.

“Vá em frente! Muito bem!” Nós chegamos ao nosso atracadouro antes de eles chegarem ao seu e não ficamos olhando para trás a fim de ver como eles estão indo, embora eles olhem para nós repetidas vezes.

Essa é uma parábola daquilo que fazemos. Em termos práticos, nós damos a nossos “casos” um “conjunto de técnicas”. Nós os ensinamos a procurar emprego sem parecer assustadoramente

famintos ou submissos demais. Nós os ensinamos a ter paciência, paciência e paciência. Existe uma regra geral de que para cada 10 mil dólares de salário anual desejado, quem procura emprego deve esperar passar um mês telefonando para os amigos empregados e *headhunters* e tirando centenas de cópias de cartas e currículos enquanto espera alguém ligar. Como muitos de nossos casos têm um sólido histórico de renda anual acima de 100 mil, suas buscas por um emprego podem durar anos e demorar bem mais que a duração de seus pacotes de demissão. Nós ensinamos que encontrar trabalho dá trabalho e não trabalhar também é sinônimo de trabalhar, por isso, não se deprima. Se você ficar deprimido, perdoe a si mesmo. Você é humano. E também é um super-homem. Porque você tem um potencial que ainda não descobriu — e ele é infinito.

— Portanto, em outras palavras, você fala um monte de asneiras — comenta Julie, enquanto nos leva pelo Wyoming. — Estou surpresa com você. Estou surpresa de você se submeter a um trabalho desses.

— Estou dizendo o que aprendi, não o que eu queria que acontecesse. Você está tendo uma visão geral pelo retrovisor.

Do jeito que me foi apresentado pela primeira vez na ISM, o ATC não era nem um pouco como eu acabei de descrever, mas representava uma revolução ética nas práticas de negócios norte-americanas. É verdade que ele servia ao empregador que demitia, ao minimizar o risco de um processo litigioso das pessoas demitidas, e é verdade que ele podia ser visto como uma leve penitência que consolava principalmente a empresa cliente, mas isso era errado? Machucava alguém? A alguns, ele ajudava. Ajudava muito poucos.

E havia estudos para provar isso.



Minha primeira grande tarefa me levou a Davenport, Iowa, a cidade sede da Osceola Corp., fabricante de máquinas pesadas, durante uma praga no Cinturão dos Grãos.

Os tratores e as debulhadoras estavam se amontoando nas revendedoras, vendidos com descontos enormes, mas mesmo assim encalhando. As ações das empresas foram rebaixadas a mero lixo. As demissões seriam inevitáveis, e elas vieram.

Concederam-me uma pequena sala pintada de cor pálida e já com sinais de desgaste, nos fundos da sede de tijolos da empresa, na beira do lago; recebi também a tarefa de lidar com sete executivos que foram demitidos em sequência, um por dia, e mandados a mim antes que suas lágrimas pudessem secar. Todos eram homens de meia-idade com família para sustentar e cinco deles me perguntaram o que haviam feito de errado, ao que eu respondi: “Nada. A culpa é das taxas de juros. A culpa é dos baixos preços das commodities. O problema é global.” Um sujeito mais corpulento, com a cara parecendo uma torta e o terno cheio de pregas sob medida para esconder a banha, pensou que eu fosse um padre e fez com que eu me ajoelhasse com ele enquanto rezava lendo um cartãozinho que trazia na carteira. Outro pediu para eu ligar para a mulher dele e repetir o que havia falado sobre as taxas de juros.

Aconselhei esses homens por duas semanas. A empresa lhes deu salas perto da minha, onde eles podiam fazer suas ligações telefônicas e rascunhar pedidos de ajuda e preencher inúmeros testes e exercícios com o intuito de identificar suas forças e fraquezas, seus objetivos e desejos, hábitos de pensar e de sentir. Tabulei as pesquisas, interpretei os resultados e forneci a cada executivo uma

“autoavaliação *master*” de cinco páginas digitadas em espaço simples. Um dos homens tacou fogo na sua bem diante dos meus olhos, mas a maioria se agarrou a elas e estudou o documento com a devoção de egiptólogos se debruçando sobre os hieróglifos de uma tumba.

Para três homens, o resultado pareceu funcionar. Eles passaram da culpa para a raiva, para o desespero e para algo que era quase aceitação, para não dizer esperança.

Meus formandos de olhos brilhantes, meus pequenos soldados. O quarto parou na fase da raiva e, meses depois, foi preso por agentes do serviço secreto por arremeter um trator a óleo diesel da Osceola contra a multidão reunida numa escala do candidato a presidente em campanha. Os outros três homens eram indecifráveis. Eles simplesmente se fecharam. Estranhamente, esses três foram os primeiros a conseguir novos empregos, enquanto duas das minhas histórias de sucesso ainda não tinham conseguido quando parei de monitorá-los, um ano depois.

Com o tempo, aprendi a não monitorar mais meus antigos clientes, como os mais experientes nesse ramo me aconselharam. Infelizmente, não foi por força de vontade que atingi esse esquecimento necessário, mas devido a uma perda de memória progressiva e reflexiva. Aprendi a viver somente do presente em direção ao futuro, e não me arrependo. É uma necessidade nos dias de hoje se alguém quiser se manter no mercado, e atualmente tudo é mercado. Tente vender ações para quem comprou no ano passado. Impossível. Tente vender tratores para os ancestrais dos seus clientes.

Pesando tudo, na hora em que meu avião decolou de Davenport (minha primeira viagem numa espaçosa poltrona na frente), eu estava bem certo de que tinha feito algum bem e certamente não havia feito mal algum. Um começo sólido e que deu a tônica do meu trabalho por anos a fio. Houve alguns momentos feios,

naturalmente, mas a ISM me dava tarefas suficientemente interessantes para treinar executivos — Art Krusk, entre outros — que me ajudavam a atravessar esse pântano. Meus problemas de memória cada vez maiores não causavam muito transtorno, porque não havia nada de muito notável para eu me lembrar a essa altura da vida, e também porque eu tinha desenvolvido alguns hábitos regulares. Arrume bem uma mala, com todas as suas necessidades, e entre no Mundo Aéreo, com todos os seus serviços, e as funções mentais mais sofisticadas se tornam irrelevantes. Essa é a natureza bondosa deste lugar e a parte de que vou sentir saudades.

— Essa é a sua palestra? — pergunta Julie. Já havíamos chegado a Gillette, uma cidade rica em gás natural, onde o fogo queima em montes altos e os veados cruzam a estrada em grupos de seis ou sete.

— É só o começo. A introdução.

— Está muito grande. Dê apenas uma visão geral e pronto.

— Vou falar para profissionais experientes. Tenho que quebrar a armadura deles, placa por placa.

E eu pretendo quebrar falando da Vigorade. Alguns dos meus ouvintes terão histórias semelhantes de sua própria experiência, mas essa é minha e eu espero contar bem, sem muitos floreios do Vocabulário Competitivo ou abstrações de MBA.

Não estou pedindo que eles chorem. Melhor que riam. Eu é que estou demissionário. Não preciso de seguidores. Só preciso sangrar um pouco em público. De preferência sobre a camisa de Craig Gregory.

A Vigorade tinha sede em San Diego e vendia uma bebida esportiva cuja fórmula secreta adquiriu, com o tempo, uma reputação curiosa nos campi das faculdades e outros locais frequentados pelos jovens por gerar efeitos leves de euforia, quase narcotizantes, quando bebida em grande quantidade ou misturada com álcool. A empresa era pequena, os produtos muito especializados, mas o fanatismo dos jovens consumidores gerava

margens absurdas. Isso por um tempo. Até que um desastre aconteceu; foi quando um grupo de pais que faziam campanha contra dirigir embriagado obteve um memorando da direção de marketing, desenhando estratégias para atingir adolescentes com o mito do coquetel de vodca com Vigorade. Os processos começaram a surgir. Ações populares foram impetradas. No começo, as vendas dispararam por causa do furor, mas logo estagnaram e então começaram a cair. Executivos que viviam extremamente bem, enfeitando a poção mágica com uma lenda urbana, foram chamados ao andar de cima e ordenados a esvaziarem suas mesas na mesma hora em que guardas instruídos a procurar documentos que pudessem cair nas mãos dos inimigos legais as esvaziavam para eles.

Prestei aconselhamento a três executivos sênior nas áreas de marketing e vendas da empresa. Uma mulher e dois homens. Todos estavam furiosos. Todos choravam. Mas dessa vez, no entanto, eu não tinha a menor simpatia. Os problemas da Vigorade haviam sido criados exclusivamente por ela e essas eram as pessoas que alinhavaram o plano. Com batalhas judiciais já explodindo e os ânimos acirrados, minha tarefa era neutralizar as ameaças desses três *insiders* que podiam muito bem armar uma retaliação e talvez até detonar a empresa inteira. Não havia nenhuma dúvida sentimental sobre a verdadeira identidade do meu cliente.

Eu estava trabalhando para a diretoria da empresa. Eu era o Soldado Bingham.

E eles me municiaram muito bem. Além dos meus textos inspiradores, Craig Gregory mandou um pacote de testes psicológicos formulados em algum lugar nas profundezas do departamento de pesquisa da ISM. Eu não conhecia aqueles testes, o que era estranho. E algumas perguntas pareciam fora do padrão e me atormentaram. Por exemplo: “Você é um astronauta numa missão de três tripulantes para Marte e descobre, sozinho, durante o voo, que só existe oxigênio suficiente para duas pessoas. Você: (A)

informa os outros tripulantes e participa de uma solução negociada? (B) conspiraria com um segundo tripulante para matar o terceiro? (C) não diz nada e deixa o destino decidir quem sobrevive? (D) comete suicídio e deixa os outros sobreviverem?”

Como instruído, distribuí os testes, tabulei os resultados usando todas as variáveis relevantes e consultei vários manuais para me certificar da validade dos resultados.

As descobertas me deixaram estupefato. Aparentemente, todos os examinados sofriam de profundos distúrbios de personalidade que prediziam um mau — ou péssimo — desempenho profissional. Essas pessoas eram deficientes. Débeis mentais. Exemplos de gente atormentada. Será que eu estava errado? Será que os manuais estavam errados? Mandeí toda a documentação para a ISM, que fez uma reanálise e certificou que minhas conclusões estavam certas e que a empresa pediu para manter em segredo para não atizar ou irritar os ex-executivos. Sinceramente, fiquei aliviado. Continuei sendo o conselheiro deles, enfatizando o lado bom do desemprego, e então fiz a mala de sempre e viajei para meu trabalho seguinte. Mas uma coisa continuava me incomodando.

Se os examinados eram realmente tão perturbados quanto os testes sugeriam, ninguém teria a obrigação de lhes oferecer ajuda especializada?

Como falei, eu já havia parado de acompanhar meus casos antigos a essa altura, mas esses três não paravam de me intrigar. Eles eram especiais. Únicos. Perguntei como eles estavam depois de três meses, seis meses e um ano. Com três meses, um dos executivos havia morrido. A mulher. Suicídio, tapando o cano de descarga numa garagem fechada. Seu bilhete jogava toda a culpa em seu marido violento e, numa busca realizada em velhos arquivos policiais, ficou demonstrado que ele já a vinha maltratando há anos e havia sido preso várias vezes, mas era sempre solto pois ela se recusava a fazer uma acusação formal e o levava para casa.

Depois de seis meses, um dos homens estava sendo julgado por posse de substância da Classe Três — heroína e Percodan roubado — com o intuito de distribuir. Acompanhei o julgamento e no tribunal foi demonstrado que o homem era um consumidor voraz dessas drogas desde a faculdade e que a vendia para o filho e os amigos dos filhos.

Foi condenado.

Depois de um ano, o terceiro examinado, que sempre me pareceu ser o mais estúpido de todos, se tornava o mais recente bilionário americano no mercado de ações, tendo aberto o capital de uma empresa de tecnologia cujo produto principal nenhum dos jornais de negócios era capaz de descrever exatamente, observando apenas que envolvia lasers microscópicos e o elemento seabórgio, criado pelo homem.

Que conclusões eu devo tirar de tudo isso? Não sou tão inteligente assim. E isso é o que ainda me deixa perturbado: o pouco que eu sabia sobre essas pessoas e o quanto elas já deviam estar próximas de seus destinos trágicos na primeira vez em que as vi. Será que o auxílio especializado que eu sentia que a empresa devia a eles teria ajudado? Talvez para a suicida. Para o bilionário, não. E viciados são sempre viciados. E o quanto esses testes eram realmente reveladores? Será que alguma coisa do que aconteceu poderia ter sido prevista? Não por mim e não pela ISM. E, de qualquer maneira, o aconselhamento é sempre o mesmo, independentemente de os clientes serem cidadãos de alto nível, masoquistas, traficantes de drogas ou gênios da ciência.

O Aconselhamento para a Transição de Carreira não é só ruim porque tenta vender uma falsa esperança — a maioria dos produtos e serviços também faz isso, num grau maior ou menor, inclusive muitos com que meus clientes demitidos ganharam muito dinheiro, por algum tempo. Ele é ruim porque é uniforme. É sempre a mesma coisa.

As pessoas vão para a cadeia e ganham fortunas e pagam a fiança de maridos violentos e vendem drogas a adolescentes e o ATC fica ali sentado, chupando o dedo. Haja o que houver. O dia inteiro, o ano inteiro. Ele se subdivide e é maçante e gira em círculos e parece, para quem trabalha com isso, um esquema de animação suspensa muito engenhosa, com o propósito de injetar um líquido para embalsamar você, enquanto lhe permite respirar e falar.

A bebida Vigorade ainda existe. Eles adicionaram ervas, criaram um novo conceito para a embalagem e a reposicionaram como um auxílio à resistência de pessoas mais velhas e de quem gosta da vida ao ar livre. Eu não bebo. É meio salgado e um pouco doce, e tem o gosto que eu imagino que lágrimas teriam se eu juntasse o suficiente para encher um jarro.

— Está muito arrastada — comenta Julie depois que passamos por Gillette e aceleramos para Billings e suas várias rotas. — Existem algumas surpresas no final, mas está muito arrastada.

— Mesmo assim você acha que ela *coere*?

— Não tenho certeza se já ouvi essa palavra.

— *Coere*? Do verbo *coerir*. De ser coerente. Isso é básico, Julie.

A essa altura, a quinta-feira já vinha raiando e era hora de nos despedirmos. Hora de devolver o carro à Maestro, de comprar nossas passagens, de eu voltar para o céu e de ela se casar.

treze



O primeiro trecho é de Billings para Bozeman, ao leste, num avião Bombardier a hélice, um bagulho voador que mal consegue passar das nuvens quando levanta voo e fica na pista estrábico e torto, parecendo que perdeu pelo menos um pneu e gerando uma troca de olhares por toda a cabine que diz: eu não o conheço, estranho, mas eu te amo, por isso segure firme, porque nós vamos para o paraíso. Do terminal, ligo para Alex do meu celular e atende uma secretária eletrônica com uma música de Glória e derrota mas que não tem voz, um estilo de mensagem que sempre achei prepotente — mais parece um jogo de poder sutil, fazendo quem telefona se perguntar se conseguiu encontrá-lo. Deixo as informações sobre meu hotel de Las Vegas, meio que esperando que Alex não vá, o que só me deixaria Pinter, Art Krusk e Linda para lidar e me permitiria dar um descanso ao cérebro antes da minha palestra. Se Alex vier, precisarei me livrar de Linda em algum cassino, embora a melhor parte de dispensar uma mulher na Strip é que as chances de ela encontrá-lo outra vez são menores que acertar o pleno na roleta. A cidade é a capital dos parceiros de dança perdidos, e alguns nem chegam a ir para casa, como a ex-comissária de bordo da Desert Air que ganhou 90 mil dólares apostando 75 centavos durante uma ressaca e saiu correndo, comprou um apartamento, um Lexus e um aquário gigante de peixes tropicais, esses últimos foram as únicas

coisas que ela não havia destruído quatro meses depois. Ela os deu para um abrigo de peixes. Lugares assim existem mesmo e é exatamente esse tipo de esquisitice que faz o Mundo Aéreo não só divertido, como também educativo e capaz de preparar alguém para ganhar apostas em bares a vida inteira.

O voo de BZNBZN para SLC decola na hora e fornece mais quinhentas milhas, que eu espero que fiquem bem a salvo de Morse e dos ladrões de identidade. Encontrei alguns ladrõezinhos em minhas viagens, homens surpreendentemente jovens cuja existência eles se sentiam impelidos a revelar, da mesma maneira das pessoas que enterram coisas — *serial killers*, maníacos por armas, manuseadores de lixo tóxico — e depois não conseguem parar de pensar, dia e noite, no que fizeram. Mas estou começando a entender a mentalidade deles. Um vento gelado e eletrônico vai soprar algum dia e não haverá backups ou cópias capazes de guardar os números que nós pensamos que marcam nossa riqueza. Os despossuídos que mantiveram registros escritos vão vagar pelo mundo com retalhos de papel suados que podem ou não ser reconhecidos pela elite de poder que detém os metais preciosos. Esse não é um estrago a que eu deva sobreviver ou mesmo a que eu deseje sobreviver. Todas as minhas milhas estariam perdidas e com elas, imagino, minha garra e meu espírito.

Para despistar quem me monitora eu peço chá com leite, uma bebida nova para mim. De agora em diante, vou agir aleatoriamente quando estiver voando, tornando-me inútil como objeto de pesquisa. Meu vizinho está com o par de tênis e o blusão clássicos que os agentes secretos pensam que os deixam invisíveis, mas que, para qualquer um que remotamente saiba das coisas, salta tanto aos olhos quanto o uniforme de um almirante inglês. Ele está lendo Dean Koontz com uma intensidade que simplesmente ninguém precisa para ler Koontz e é obviamente falsa.

— Sua casa fica em Salt Lake City? — ele finalmente me pergunta, casual demais.

Minto, fazendo que sim. Embora talvez não seja exatamente uma mentira. Talvez minha casa fique no país inteiro, todas as rotas do mapa.

— Meu nome é Allen.

— Dirk.

— Não é um nome muito comum hoje em dia.

— Nunca foi. Nunca esteve na moda.

O agente fecha o livro marcando com o dedo, mas não no lugar onde parou de ler. Um amador. Pergunto qual é o seu ramo de negócios e me preparo para a maior mentira.

— Lembranças. Anéis de formatura — ele diz.

— Não vá me dizer que é para a Hestons?

— Foi a única empresa que sobrou. — Ele parece autêntico. Só que se veste como uma assombração.

— Então você conhece meu velho amigo Danny Sorenson.

— Lamento — ele diz. — Ou talvez você ainda não saiba. Danny se foi.

Sempre demoro um tempo até registrar esses eufemismos, alguns segundos antes de eu perceber que eles significam que alguém morreu.

— Meu Deus! Eu estive com ele no domingo à noite.

Ele estava em Denver, na suíte de algum hotel, e ainda não tinha feito o *check-out* às 15 horas, quando um funcionário foi até lá e tentou gritar para ele acordar. Quando não conseguiu, saiu e não fez mais nada, só registrou mais uma diária e o deixou deitado ali. É assim que funciona nosso setor de hotelaria, atualmente.

— A mulher dele está bem? Você tem o telefone dela?

— Danny era gay.

— Mas ele falou que era casado.

— Tenho certeza que sim. A empresa é conservadora. Como o conheceu?

— Num avião. Como você.

— Então, basicamente, você só o conheceu de passagem.

— Talvez nem tanto. Não sei. Talvez. Mas ele era totalmente gay?

Allen parece ofendido e abre o livro numa página em que vejo pela primeira vez alguém sublinhar algo que Koontz escreveu.

— Foi um erro eu dizer isso — justifico. — Só estou muito surpreso. Geralmente percebo quando o cara é gay. Desculpe, isso está errado também. Estou totalmente desequilibrado. Eu adorava aquele cara.

— Em que sentido? Alguma proximidade ocasional?

Como se fosse pouco. Como se existisse algo mais. Esses padrões impossíveis que quem não viaja de avião determina! O que ele queria que nós fizéssemos? Transar na última fileira? Dar amendoim na boquinha um do outro?

— Não acho que eu precise justificar minha tristeza — digo.

Existem poltronas vagas do outro lado do corredor.

— Ele era totalmente gay — responde Allen. — Ao contrário de mim, que sou bi. Sextas e sábados, só em cidades grandes. Nada de coito anal. Só sexo oral. Mas Danny, não. Ele pedia o menu inteiro. Completo.

Saio dali.

Toda grande empresa faz uma coisa muito bem, e, no caso da Marriott, é ajudar os hóspedes a desaparecer. A arquitetura sem distinção, o serviço mediano, a temperatura do quarto. Você não existe mais, já se misturou aos desenhos do carpete que ajudam a disfarçar as manchas, aos quadros que o acalmam mesmo que você esteja de costas para eles. E você nem sente falta de si mesmo, essa é a grande descoberta da Marriott. Ser invisível, as férias ideais. Não há mais ansiedade por seu papel e por seu lugar. Fique aqui, em seu

disfarce. Não se mova, só estamos tirando o seu rosto. Você não vai precisar dele até sair daqui, tome o recibo para pegá-lo depois.

Se nós perdermos, não se preocupe.

Mesmo assim, fico surpreso por Dwight se hospedar aqui. Ele parece ser o tipo de pessoa que aprecia a própria personalidade. Chego 15 minutos antes da hora marcada para o almoço, as malas armazenadas no Compass Club esperando o voo para Las Vegas, e me sento numa cadeira de frente para os elevadores lendo rapidamente um *USA Today* gratuito e tentando não imaginar a noite de Danny como um cadáver pagante no Homestead Suites, as diárias ainda sendo mandadas para sua alma morta do jeito que dizem que as unhas dos mortos continuam crescendo. Será que ele deixou a TV ligada? Ele estava debaixo de quantos lençóis? O jornal é escrito de uma maneira que eu posso pensar essas coisas enquanto entendo a tônica das matérias. Coisa de gênio, quase igual ao Marriott. Quantas vezes o telefone dele tocou? Descanse em paz, senhor. Que eu saiba, fui o melhor amigo que já teve.

Avalio minha estratégia para o almoço com Dwight. Nada de escotismo, nada de bancar o carneirinho. Como dizemos no trabalho de ATC, dê-se o valor que você espera que o mercado vá lhe conferir, e se as ofertas forem muito baixas faça o devido desconto, mas pense nisso como uma liquidação única e não como uma reavaliação final.

Às 10 horas, abandono o jornal e olho para os elevadores, convicto de que há uma vantagem em ver o homem com quem você está negociando antes que ele veja você. Os negócios são uma mistura de sabedorias populares, nascidas nas cavernas, obscuras e maçônicas, e os melhores consultores são nada mais que xamãs que espalham a ciência como se estivessem jogando um pó encantado. Use o nome do cliente três vezes nos primeiros cinco minutos. Três, e não quatro. Eles não precisam ver seus sapatos engraxados para notar sua presença.

Cada vez que as portas do elevador se abrem, mostram alguém que não tem utilidade alguma para mim, e depois de dez minutos observando como um predador, viro a cabeça para o balcão da recepção, perguntando-me se Dwight realmente está hospedado aqui, e obviamente este é o exato instante em que ele aparece e me bate no ombro, um feiticeiro melhor que eu.

— Finalmente nos encontramos — ele diz. Ele me pegou sentado e eu preciso me levantar numa câmera lenta humilhante para apertar sua mão toda feita de aura, sem carne, que não deixa a menor sensação quando é retirada.

— Pensei que nós fôssemos almoçar no Carvery — ele diz —, a não ser que você goste de garçonetes e toalhas de mesa.

Esse é o campo dele, a bola dele. Resista agora ou se submeta.

— Não, mas eu gostaria de pensar que elas estavam incluídas em nosso encontro.

— O Carvery tem uma luz melhor. E um chá gelado de primeira classe.

— Ótimo.

— Você decide. Tem também o McNally's Bistro. Eles fazem o chá gelado com pó. E têm um hambúrguer mais ou menos, mas isso pode ser consertado no bar.

— O Carvery. — É uma desonra ao meu nome.

Dwight me conduz. O que no início parece uma perna mancando acaba se mostrando um descompasso fundamental entre os dois hemisférios de seu corpo oval. Toda a massa e vitalidade de Dwight vêm do lado esquerdo; seu lado direito só vai de carona, um peso morto, como se ele tivesse incorporado e digerido um irmão siamês. Seu cabelo tem uma granulação complicada e artificial, que sugere um transplante camuflado, e ainda assim o efeito geral é masculino, ecos de um tempo em que os homens começavam a se desfazer aos 30 e só podiam recorrer a truques de vestuário e de penteado. Já cheguei a pensar que ele tivesse minha idade, mas agora não estou

tão certo. É muito trabalho de reconstrução para eu poder dizer qualquer coisa.

O Carvery tem o cenário de um pub, no estilo de Utah. Muita madeira e ferro e cacarecos, mas nada de cerveja. Atrás de uma grande parede enviesada de vidro leitoso, três homens de 50 anos cujas carreiras são enigmas para mim — será que já não deveriam ser chefes de cozinha a essa altura, ou será que foram congelados por um plano de benefícios que premia a lealdade mas mata a ambição? — passam facas com lâminas superafiadas por presuntos e grelhados, cujas crostas exibem as marcas escuras do corte do açougueiro. Dwight estende o prato e recebe três pedaços de lombinho de porco, grossos demais para serem chamados de fatias e finos demais para se chamar de bifes. O controle das porções é uma obsessão no Marriott. Dwight pede um quarto pedaço e a reação do sujeito mostra que ele é escolado e se qualifica como um verdadeiro profissional, no fim das contas; ele corta uma mísera fatia com sua enorme lâmina, mas com muitos floreios. Para dar o troco, Dwight enche o prato com acompanhamentos, que é exatamente o que o Marriott quer que ele faça.

Pagando alguns centavos pela salada de batatas e pela salada de macarrão gordurosa, é ele que está bancando o pato, embora saia dali como se tivesse saqueado um túmulo real. Aí está: uma fraqueza para usar mais tarde. O cara não sabe quando está se fartando com centavos.

Mas onde está o contrato? Não há nenhum volume em seu blazer.

Ele escolhe uma mesa para dois numa plataforma e se senta de costas para a parede. Da perspectiva dele, eu vou me misturar ao pessoal que almoça atrás de mim, mas, para mim, ele vai ser tudo o que vejo, uma pessoa poderosa. Tudo bem, vou lutar jiu jitsu. Ajeito minha cadeira de forma que ele me veja de perfil, apenas um dos olhos. O que o outro olho vê, ele vai precisar adivinhar.

O que eu mais quero agora, além de fechar o negócio, é a história sobre Morse que Dwight me prometeu, mas não posso prever que tipo de emoções ela vai causar, então é melhor deixar isso para a sobremesa.

— Seu livro me fez ficar acordado a noite inteira — diz Dwight.
— Podemos passar por cima de todo o papo furado sobre a comida e como está a carne?

— Perfeitamente.
— A garagem é... um prisma, não é mesmo? É um livro multidimensional, não só um quadro plano.

Um prisma. Parece algo que ele vive dizendo.

— Ou um palimpsesto, talvez seja mais acertado dizer.
Fita 2 — vim armado. Meu único olho exhibe compreensão e Dwight fica impressionado.

— O sótão. O estúdio. E agora a garagem. Uma atualização bem norte-americana. E o próprio livro foi concebido numa garagem, porque não é daí que vem a arte, por assim dizer?

— É verdade — respondo. — Que parte fez você ficar acordado?
— Tudo. Todas as partes. Essa sensação de que o conceito é mais velho que nós dois. Que não foi bem o trabalho de um autor, mas uma canalização. Coma.

— Eu gosto de cortar tudo em pedacinhos primeiro.
— Já tive essa sensação com outros originais, de que eu já tinha lido aquilo antes, talvez numa vida passada. Para ser sincero, senti cheiro de plágio.

Rio de um lugar dentro de mim que não costuma rir. Um lugar que é mais associado a soluços profundos.

— Isso acontece — ele diz. — Uma cópia deslavada. A mais pura fraude. Nem sempre é crime, às vezes é doença. O escritor sabe que aquele livro já foi escrito, mas sente que o autor original foi o plagiário e roubou sua ideia, por telepatia. Mas nesse caso, não. Aqui foi um roubo em plena luz do dia. O autor, que vem do Centro-

Oeste como você, de um daqueles estados que parecem o Missouri, mas não são o Missouri, aquele que fica perto...

— Do Arkansas?

— Considero o Arkansas no sul. Um estado onde já houve escravidão.

— O Missouri também. Leia *As aventuras de Huckleberry Finn*.

— Por favor. Pareço alguém que não leu *As aventuras de Huckleberry Finn*? Por favor.

— As pessoas leem e depois esquecem. Foi o que eu quis dizer.

— Você se refere a si mesmo, nesse ponto?

— Não. A todo mundo.

— Enfim. Fui atrás do autor original, mostrei seu livro lado a lado com o dele e mesmo assim ele achou graça. Muito diferente do seu caso.

— Meu livro não foi roubado.

— Claro. Você ainda precisa terminar. Como poderia ser roubado?

— Estou muito perto de terminar.

— Ele sai da garagem? Não posso imaginar como. Nós pensamos nas garagens como lugares que os homens abandonam quando se tornam bem-sucedidos. A cabana de madeira de Lincoln. Mas essa é a sua diferença, claro: para você, a garagem é sagrada e autossuficiente.

— Interessante. Até agora, minha ideia era de que ele fosse sair, algum dia, mas só depois que percebesse que o mundo inteiro... Interessante.

— Eu o estou vendo. Você é sincero. Está perturbado com tudo isso, o que me alegra. Aquece meu coração. Você não é um ladrão. O que aconteceu aqui é puro Huck Finn.

— Perdão?

— Ler e esquecer. E, a propósito, você tem toda razão. Nunca toquei no livro de Twain.

— Você está dizendo que a ideia não é minha?

— Nem o título, nem o personagem, nem qualquer outra coisa.

Você tem uma memória subconsciente de primeira classe. Uma memória fotográfica. Mas você não sabe que ela existe.

Impressionante.

Ponho o garfo na mesa. O incrível no palpite de Dwight é o quanto o que ele fala pode ser verdade, considerando-se o que aprendi sobre o funcionamento do meu cérebro.

Se eu não soubesse, poderia levantar dúvidas, mas o fato é que agora posso me lembrar claramente de como, quando e onde a ideia surgiu pela primeira vez. O nome dele era Paul Ricks e eu tinha acabado de ajudar a demiti-lo dos cartões de visita Crownmark, em Minneapolis. Quando mostrei a ele sua autoavaliação *master*, com notas muito altas para talento artístico e empreendedorismo, ele rasgou o documento em tiras e disse: “Você está me gozando, não é? Você acha que eu posso sair de vinte anos escrevendo anúncios, arregaçar as mangas, me enfiar na minha garagem e inventar toda uma nova existência?” Ao que eu respondi: “Se eu não achasse, não teria escrito isso.” E Paul: “Prove.” E eu: “Me diga como.”

— Você é inocente, mas também é culpado — afirma Dwight. — Lamento profundamente, Ryan. — Ele põe sal no lombinho.

— Suspeita não é culpa. Você errou por muito. Meu livro era bom demais para um estreante, então você sonhou com tudo isso.

— Tive uma dica. Ontem você falou de um de meus escritores. Soren Morse, o aviador.

— Aviador?

— Estou trabalhando no segundo livro dele. Nós conversamos com bastante frequência.

Estou estupefato. Existem várias camadas em tudo isso.

— Então falei de seu livro para ele, porque tenho orgulho dele, e Morse disse que era como O porão. Pesquisei na internet e apareceu uma sinopse, o melhor que consegui arranjar já que o livro está

esgotado. Uma coincidência impressionante depois da outra. Liguei para a editora, descobri o editor e consegui uma descrição maior. Por exemplo: o protagonista do porão também não tem nome.

— Dois personagens que não têm nome não são o mesmo nome.

— Essa saiu pelo outro ouvido. Que tal essa? Uma frase que aparece 19 vezes no seu livro e que é o subtítulo de O porão: “inovação perpétua”.

— Ninguém é dono de “inovação perpétua”. É a mesma coisa que dizer que alguém é dono de... sei lá... “melhoras”. Foi Morse que o pôs nessa caçada interminável?

— Tinha que ser alguém.

— Ele está sempre de marcação comigo. É sempre assim.

— De que maneira vocês se conhecem, exatamente?

— Intimamente, mas a distância. Estou cansado de explicar como conheço as pessoas. Ninguém respeita minhas respostas... Eu simplesmente conheço as pessoas. Centenas delas. Milhares. De um oceano brilhante ao outro. E, não, não acho que essa frase seja minha. Está vendo esse guardanapo?

— Em detalhes.

— Estou vendo o mesmo guardanapo. Você e eu, ambos pessoas em suas completas faculdades mentais. O aqui e agora.

— Deixe-me completar — continua Dwight. — Eu ainda não perdi toda a minha fé. Existe uma mente coletiva, muito real. Não consigo citar nenhuma, mas sei que existem grandes invenções que apareceram com poucos dias de diferença em continentes diferentes. E com seu livro, espero, também é assim. Eu sabia que você viajava, que ficava exposto ao éter mais que a maioria de nós, ao ciclotron cultural, às partículas. Você é bombardeado por partículas. Então liguei para o autor. Às 9 horas da manhã de hoje.

— Uma pausa prolongada. Coisa de melodrama barato. Fale logo.

— Ele conhece você. Vocês já se encontraram uma vez, segundo ele. Ele também se lembra perfeitamente da conversa em que revelou sua intenção de escrever O porão. Conhece o nome Ricks? De Minnesota? Vocês são todos do Centro-Oeste.

Afasto meu prato e olho para uma parede cheia de brasões com o mesmo molde. Heranças inventadas, heráldica aleatória. Meu pai uma vez comprou um pela televisão, o verdadeiro brasão da família Bingham, autenticado. Cervos e leões e águias e achas; éramos matadores de dragões há muitos e muitos séculos e meu pai comprou tudo, coitado. Ele morava sozinho nessa época, perseguido por Rockefellers particulares, mas o brasão deixou suas passadas mais fortes e alinhou sua coluna. Ele guardou a bandeja sobre a qual comia televisão e começou a fazer as refeições na cidade. Vivia contando detalhes de seu principado. Tudo o que estava no brasão. Duas semanas de nobreza que fico feliz de ele ter vivido, mas então ele foi cortar o cabelo com o velho Ike Schmidt e lá havia um brasão igual, sobre o gel azul chamado Barbicide. Gentil como ele era, deixou que Schmidt continuasse sonhando com banquetes da tábua redonda e cervejas bebidas em chifres. Ele continuou em paz e deixou-se ser barbeado.

Mas eu não estou à sua altura. Tenho que fazer barulho e lutar.

— O conceito foi nosso. Foi simultâneo.

— Essa foi fraca. Dois objetos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.

— Ideias não são objetos. Quer dizer que foi ele que escreveu o tal livro? Ele deixou a impressão muito forte de que esse era o meu trabalho.

— Então o que elas são?

— As ideias? Será que vamos ter que fazer esse tipo de jogo aqui? Acabei de passar um ano investindo no meu futuro, ditando anotações daqui até Amarillo e todos os pontos entre essas cidades e agora você vem me dizer que Ricks, esse desempregado perdedor,

que caiu no vigésimo percentil de confiabilidade e continuidade (fatos que escondi dele porque sou uma pessoa educada), caminhou de volta até sua triste casinha e me passou a perna desse jeito?

Afinal, quando esse plágio foi publicado?

— Há quatro anos.

— Ele trabalhou rápido. Vendeu alguma coisa?

— Muito pouco, mas não foi adequadamente promovido.

Um marketing muito disperso. A foto do autor era amadora.

Uma editora de livros de golfe que se deu mal.

— Pelo menos são boas notícias.

— Meu trabalho vai ser muito melhor. Esse é o ponto forte da Advanta. Vamos cuidar bem dele.

— Incrível. Você é um gordinho muito vigoroso. Isso é tecido ou uma bucha? Pele de castor? Orlom?

— Ricks me disse que você o demitiu.

— Ricks distorce os fatos.

— Seu trabalho é demitir gente. Isso dá um livro. Você precisaria adotar uma postura sombria e reflexiva, o velho truque de tentar se recuperar, mas aí já seria um livro de memórias. A Advanta tem *ghost-writers* excelentes, verdadeiros decifradores de mentes. Você vai pensar que cada vírgula é sua. Como se fosse seu cabelo natural.

— Vocês têm uma cara de pau tão grande! Estou fora. Pague essa conta. E esse chá gelado também era em pó.

Saindo do Carvery, balanço os braços nas paredes, uns dez ou 12, e ninguém me interrompe, porque eles sabem que não estou brincando. Bingham, o matador de dragões.

Há muitos séculos.

quatorze



Uma comoção provocada por um VIP no portão complica e prolonga os trâmites de embarque. Um comboio de carrinhos elétricos passa cheio de seguranças uniformizados e dois trogloditas, com ombros da largura de um touro, falando como princesas em rádios vermelhos da moda. O fluxo dos transeuntes pela esteira empaca e forma um redemoinho e, no meio da turbulência, eu o vejo: o ex-comandante supremo das forças armadas, general Norman Schwarzkopf, dando autógrafos para adultos que estão mentindo se disserem que o autógrafo é para os filhos. Já vi essas recordações e sei para onde elas vão: para baixo de tampos de vidro nas mesas de trabalho, na frente e no centro, para uma injeção de ânimo durante uma *conference call* de alto risco. Eles tirariam os últimos fios de cabelo da cabeça careca do general, mas provavelmente ele já deve estar vendendo os cabelos através de uma rede secreta de agentes terceirizados pelos terceirizados, numa caixa de acrílico, como pesos para papéis. As relíquias que saem desses super-homens são impressionantes. Vi todos os chicletes que Mickey Mantle mascou num ou noutro canto de escritório, assim como todo isqueiro que o general Patton acendeu.

Schwarzkopf é um gênio motivacional, do mesmo nível de Fran Tarkenton, Anthony Robbins, Mike Ditka, O.J. Simpson antes do julgamento e Famous Amos, por isso não é surpresa alguma

encontrá-lo aqui, preparando-se para a GoalQuest perto de nós, as formigas. Já o ouvi palestrar quatro vezes em seis anos e ele realmente faz o que promete. É uma dose de vitamina B direto no músculo do coração. Você se levanta da cadeira pronto para massacrar alguém, basta dizer qual é a causa, e embora isso passe e deixe uma sede assustadora que nem mesmo litros de Vigorade podem acalmar, o fato é que foi depositado um resíduo virtuoso, que fica pulsando nas veias quando você se sente fraco e o deixa empertigado quando você está cansado ao volante. A mágica funciona mesmo, quase sempre, e até certo ponto, e é isso o que os céticos acham tão intolerável. Basta dar uma olhada nos cheques que os gurus recebem. O mercado sabe o quanto eles valem.

Como vou embarcar para Omaha às 23 horas, dessa vez vou ter que perder o comandante supremo, e bem que ele poderia ser útil para mim. Ele finalmente embarca no meio da cortina humana, mas o lugar que ocupou permanece vazio por mais um minuto; se você pisar ali, algo de ruim vai acontecer. Até as pessoas que passam pelo corredor, que não sabiam que ele estava ali, evitam o lugar. Bem, deixe-me ser o primeiro, com as duas botas. Shazan! Dá para sentir.

Não é piada. É verdade. Quarenta mil por quarenta minutos e nunca ninguém pediu o dinheiro de volta. Escrevi um livro que alguém escreveu primeiro e me sinto como Tom Swift em seu foguete de lata chegando à lua antes de Neil Armstrong.

El Supremo está sentado à minha frente, à direita, e a distração que ele causa no pessoal de bordo aumenta a sensação de eu estar sendo observado. Meu correio de voz traz um recado de Julie, sã e salva em Minnesota, e Kara cobrando mais uma vez o salmão defumado que ela me instruiu para sentir, provar e olhar. Mais uma razão para temer a reencarnação, que, se como dizem meus companheiros indianos, se trata de retomar assuntos não resolvidos, vai acabar se constituindo em recolher e selar muitas centenas de cartões de aniversário não enviados e mandar muitos doces de um

dia para o outro, de uma costa à outra, para o leste da Grande Planície. Se Deus ou Shiva ou quem quer que esteja de plantão nesse dia for de Minnesota, como me ensinaram, o ATC vai ser considerado o menor dos meus pecados — o cara fez o que o mandaram fazer, e ele tinha que comer — comparado aos muitos *coolers* de camarões grandes não enviados por FedEx que minha mãe morreu esperando na porta de casa.

Folheio o programa da GoalQuest. “Dividir, fazer sucesso e sair: a terceira geração do varejo na internet. Grupo informal de debates orientados. Lanche.” “Existe vida após o ouro? uma viagem pela depressão com o ex-técnico de hóquei dos Estados Unidos, Brett Maynard, cofundador do Acampamento de Qualidade para Crianças.” “Pragmatismo nas orações, por Charles ‘Chuck’ Colson.” “A peteca parte daqui: fazendo os clientes serem seus chefes.” “Pinter fala sobre Pinter.” Este foi bem elegante. E este aqui, às 21 horas, em confronto direto com “Eu e você igual a ???, por um grande CEO a ser anunciado”: “Um novo começo serve para todos, por Ryan M. Bingham. Café Continental Light.”

Por quê? Não são todos light? Não é o que significa “Continental”?

Há um desequilíbrio na pressão emocional da cabine quando El Supremo vai para o corredor e humildemente se encaminha para o banheiro. Nós compreendemos, senhor; aqui somos todos filhos de Deus. Mesmo assim, quando a visita dele se estende, sinto uma mudança quando paramos de pensar em nós mesmos e nos perguntamos por que aquela porta fechada continua tão fechada. Ele lava muito as mãos? Será a diarreia normal de um passageiro? É doloroso ver o Grande Cara tão confinado. Aquela privada de aço frio. A pequena abertura para os absorventes. Como a maioria dos viajantes frequentes com os quais conversei, eu às vezes me delicio com cenas ultradetalhadas de acidentes e, em minha cena favorita, estou exatamente onde ele está quando começa o mergulho para a

morte. Eu me equilíbrio segurando nas laterais e escrevo uma mensagem rápida com uma barra de sabão no espelho: “Eu amava vocês, todos vocês. Desculpe, mãe.” É uma fantasia variável; meus testamentos mudam. Numa das vezes, eu só desenhava um coração. Que lindo. Ultimamente, tem sido seis zeros e o número 1. O que El Supremo escreveria?

“Te vejo no inferno, Saddam”? Ou “Grrr”? Gosto desse. Num desastre de verdade, é claro, os cristãos entre nós provavelmente só desenhariam uma cruz. Poupa tempo, é fácil de fazer de qualquer ângulo e é capaz até de abrir algumas portas.

O Mount Olympus me faz lembrar o pouco que conheço dos deuses. A jovem ruiva na recepção veste uma toga leve de camurça cortada, de modo a se parecer com uma pele de cervo ou antílope, e sobre o ombro há um arco e flecha. Enquanto ela caça minha reserva na tela do computador, um mensageiro de capacete alado vem correndo e se oferece para levar minhas malas, a que ainda estava fechada e minha pasta de mão, estranhamente mais leve. (Será que minhas roupas encolheram?) Passo tudo para ele e peço um canivete, um pedido que, aparentemente, ele não estranha. Seus sapatos também são alados. Será que ele é Mercúrio? Quem é Mercúrio? Bom ou mau? Ou será que esses deuses antigos eram as duas coisas?

— Parece que sua companheira já deu entrada. Alex Brophy. A conta continua no MasterCard dela?

— Vocês ainda estão com aquela promoção cruzada com a GreatWest?

Ela faz que sim.

— A conta é minha. A propósito, quem é você, afinal? Essa sua personagem?

— A caçadora.

— Seu nome e seus poderes.

— Laurie. Faço esqui aquático. O senhor tem dois recados.

— Pode ler.

— De Art Krusk: “Estou no Hard Rock. Quer jantar? Esse Marlowe é foda. Obrigado por ter marcado.” E um tal de Sr. Pinter: “Estou bem ocupado esta noite, mas vou ver sua palestra.” Ele está no hotel.

— Nenhum recado de Linda?

— Lamento.

— É melhor assim. Simplifica as coisas. Minha companhiara já está no quarto? Acho que você não sabe. Você deve ser Circe?

— É só uma fantasia, não um curso universitário. Pergunte no Excalibur qual deles é Lancelot. Essa realmente não é uma boa cidade para estudar história.

— Por isso ela não para de crescer, crescer e crescer.

O interesse de Pinter em minha palestra faz eu me sentir nas nuvens no elevador, dando asas também a meus pés. E Krusk gostou de Marlowe. Arranjei um excelente casamento.

A ideia de Alex, uma *jukebox* e uma mesa de sinuca de repente se transforma em várias possibilidades interessantes. Adeus, A garagem. Esse é um mundo de carne e osso, e não de papel e tinta, e, desse momento em diante, só darei mordidas grandes.

Uma suíte, no meu modo de entender, é composta de dois ou mais cômodos, mas, como parte da deterioração de todos os padrões existentes e a aceitação do que antes era inaceitável, um quarto simples com uma alcova, um cantinho a mais ou qualquer espécie mínima de divisória agora se qualifica como uma suíte. Aqui, a característica é um pequeno recanto exibindo uma mesa de sinuca em miniatura, mas mesmo assim pequena demais, num primeiro momento, para alguém até mesmo entrar ali. Quanto à *jukebox*, esta sim é autêntica: uma antiga Wurlitzer exibindo tubos de vidro curvados e com uma gelatina iluminada, que geram bolhas longas e vagarosas quando aquecidas. Os botões podem ser alcançados da cama *king size*, na qual dois sapatos pretos estão juntos de duas rosas vermelhas cruzadas, tudo isso sobre uma coberta de cetim.

Encontro outros indícios de que alguém passou por aqui, enquanto ando pelo quarto e espero minha bagagem e a chave de fenda. Alex fuçou tudo, igual a um alce. Há grupos de velas votivas brancas nas mesas de cabeceira e, na mesa principal, duas pequenas velas pretas meio tortas em cima dos copos do hotel. O truque da echarpe sobre a lâmpada. Cones de incenso num prato. Sinto o cheiro. Jasmim? Mas jasmim tem cheiro de quê? Perde-se tanta sabedoria sensual com homens como eu.

Para mim, incenso é sinônimo de drogas, uma maneira de mascarar o cheiro da maconha. Vamos ficar chapados hoje? Até que pode ser bom. Ou horrível. Minhas últimas experiências com drogas me deixaram más lembranças. Uma fileira de cocaína com o falastrão do vice-presidente de recursos humanos da Pine Ridge Gas aspirada num TGI Friday's de Houston. Meu coração bateu pessimamente mal por várias horas. Chorei. E, no mês passado, uma bolinha de haxixe vermelho dividida com uma comissária de bordo, em Portland. Consumimos sentados com a água vulcânica de uma piscininha quente do Homestead Suites batendo em nossos peitos nus, e quando a droga se misturou com o cloro, a fumaça entrou por minhas narinas e encheu minha vista de vaga-lumes que engordavam e brilhavam e se contorciam toda vez que eu piscava. Saí correndo para o vestiário para uma compressa fria e, quando cambaleei de volta não sei quantos minutos depois, a garota e um universitário todo engomadinho apertavam suas partes íntimas junto às bolhas e brindavam um ao outro com vinho rosé.

Vou lavar meu rosto e na bancada da pia está uma bolsa de musselina para badulaques diversos e um kit de toalete de couro. Não me atrevo a olhar, ou melhor, me atrevo, sim, e o que encontro: comprimidos. Dez ou 12 frascos marrons, a maioria com a famosa advertência cor de laranja que eu conheço muito bem dos meus tempos de ensino médio, como bom ladrão que eu era dos armários de remédios. Aquele adesivo quer dizer narcótico, comprimidos que

valem a pena ser roubados, portanto o que temos aqui? Xanax. Darvocet Vicodin. Bupropiona. Todos receitados por médicos diferentes em cidades diferentes. Em alguma fase da vida, já tomei todos eles, mas separadamente. Ambien. Dexedrina. Lorazepan. Nomes que conotam muito e cujo som é um indicador: letras Z e X para animar e letra M para acalmar.

Será que foi para esses laboratórios que todos os poetas se dirigiram? Para a Merck e a Pfizer?

O mensageiro interrompe meu levantamento. Ele põe as malas no armário e então exhibe um desses instrumentos multifuncionais de bolso que vão reconstruir nossa civilização se alguém um dia jogar a bomba atômica.

— Meu supervisor precisa que eu devolva — ele diz. — Vou esperar aqui até o senhor usar, se não se incomodar.

— Você ajudou a mulher que estava nesse quarto?

— Claro.

— Como ela estava? O comportamento dela.

Seu rosto esfria e endurece. Ele não responde. Tenho certeza de que ela pediu coisas ilícitas.

— Ela estava bem.

— Ela pediu alguma coisa especial?

Uma pausa. Dois primatas machos, estudando um ao outro. Tiro do bolso minha carteira, repleta de cartões de visita que nunca olho e que algum dia deveria colar num álbum.

— Não quero estragar nada — ele diz. — Nenhuma surpresa.

— Não gosto de surpresas. Eu já me surpreendo bastante só de andar por aí.

Ele pega meus 20 dólares e some com eles, um Houdini dos tostões.

— Não é seu aniversário, é?

— Nem me lembro mais.

— Bem, ela encomendou mais velas, para começar, e muito mais flores. E outros objetos sentimentais. Tudo muito bonito. Acho que ela está armando uma festa.

Mas nada de mais. E uma massagem nos ombros.

— E você faz isso nos clientes? Espero que ela não tenha ficado de topless durante a massagem.

Ele faz uma careta.

— Ela não é minha mulher. Pode me contar.

— Eu preciso desse canivete. É como o braço direito do meu chefe.

Eu me tranco no banheiro com a mala fechada, coloco-a na pia e começo a forçar, primeiro na fechadura e depois, para uma melhor alavanca, na dobradiça. Alguma coisa se quebra e abre. Pouso a maleta no chão, meto a mão na abertura que surgiu e agarro a tampa com as duas mãos. Dou um puxão e ela cede.

Deixo a mala aberta, o conteúdo exposto, dispenso o mensageiro, fecho os olhos para pensar e depois assalto o frigobar em busca de três garrafinhas de Johnnie Walker Black que esvazio num copo que está na pia. Alegrementemente, e de novo com o pé, empurro a coisa para fora da caixa, em direção ao chão, e o viro de barriga para cima.

É Hugs.

Joguei esse ursinho fora há muitos anos. E agora ele voltou. Sua testa está furada e de sobre uma das orelhas sai um chumaço de algodão branco por onde a bala deve ter saído, no dia em que ele foi assassinado.

No trabalho de ATC, eles são chamados de apoios para a tristeza, mas a gíria é bem melhor: bonequinhos antiestresse.

Como em “a pobre senhora estava histérica, arrancando as gavetas do arquivo e gritando, então lhe dei um bonequinho antiestresse e ela se acalmou”. Nem sempre são ursinhos de pelúcia, ou sequer macios. Brock Stoddard, da Intersource, que demite figurões do mundo financeiro, usa uma pedra de gesso do tamanho

de uma bola de tênis a qual incita ex-corretores emotivos a espremer e esfarinhar até virar pó. Becky Gursak, da K.K. Carrera, dá massinha de modelar. Alguns conselheiros não usam bonecos antiestresse, mas os que usam geralmente preferem bichinhos de pelúcia: um lindo bonequinho marrom que fica quieto no sofá, parte do cenário até a manhã em que uma ex-gerente na menopausa que deixou de ter filhos para que pudesse se dedicar inteiramente à guerra santa da International Hexbolt pelo *market share* do mercado sul-americano começa, de repente — e isso eu vi acontecer pessoalmente, como num filme de terror —, a expelir uma gosma vermelha pela narina esquerda antes mesmo que seu sorriso corajoso tenha deixado seu rosto. O estresse mata, é o que dizem, e eu acredito. Já vi esses ataques. Já passei lenços de papel nesses fluidos.

Ele avança 90 por cento do caminho no silêncio mais invisível, até que, nos últimos 10 por cento, ele explode. E ruge.

Eu me lembro do dia em que o ursinho entrou na minha vida e me lembro do cliente: Cosméticos Deschamps, quase todo formado por senhoras em idade avançada. Eu estava saindo para o aeroporto num Lincoln da empresa, quando Craig Gregory se inclinou pela janela do carro e disse: — Para esse trabalho, Ryan, você deveria levar um bonequinho antiestresse. Eu lhe apresento Hugs e seu lindo nariz de botão.

Não gostei — parecia coisa de criança, pensei —, mas Craig Gregory insistiu e ele tinha razão. As senhoras da Deschamps deformaram o coitadinho. Ele ficou mutilado.

Hugs virou uma fixação no meu trabalho. Ele rasgava aqui e ali, mas eu sempre remendava. Quanto mais utilidade ele demonstrava ter, com mais força as pessoas o abraçavam e menos vontade elas tinham de jogá-lo em cima de mim. Então chegou um ponto em que eu não podia mais olhar para ele. Dois anos de maus-tratos haviam gerado uma alma nele, um rosto expressivo e totalmente pessoal.

“Triste” não é o bastante para ilustrar. Ajude-me, Vocabulário Competitivo. Martirizado. Mortificado. Inconsolável.

Enlutado. O Menino Jesus abandonado na chuva.

Prefiro não tocar nele agora. Tiro as botas. Pego a maleta quebrada e procuro um lugar para me livrar dela. Eu a enfio entre a *jukebox* e a parede, depois percebo que deveria procurar algum tipo de bilhete, tiro-a dali e não encontro nada. Examino a etiqueta outra vez. Será que a caligrafia é minha? As letras de imprensa podem ser de qualquer um. Possíveis suspeitos? Praticamente todo mundo.

O uísque não está adiantando. Olho para a bolsa de toalete. Como alguém medicaria esse medo em especial? Ponho todas as caixas de comprimidos em fila e banco o cientista maluco. Xanax e Vicodin para um rápido alívio da dor, contrabalançado pela bupropiona para animar? Muito sutil. Preciso de algo mais forte. Tipo Ambien, aquela gotinha de rápida absorção que derruba qualquer um e que é a preferida dos viajantes intercontinentais? Ou o tiro de canhão que é Lorazepan? Não quero deixar meus sentimentos em coma, apenas subjugar-los. Assustar o vampiro com a luz do dia.

Dexedrina. Tomei por alguns meses depois do meu diagnóstico de narcolepsia; é tão poderosa quanto um *speed* de rua, mas sem travar a língua e muito mais fácil de ser calibrado. Em pequenas doses, me deu confiança e garra. Em doses mais altas, já me deixava bastante convicto de que a Bíblia do rei Jaime podia ser aperfeiçoada e que eu era a pessoa certa para isso. Então minha tolerância aumentou e eu não senti mais nada. Se atenuar o Xanax com Johnnie Walker, eu vou ficar na maior onda, no centro do paraquedas, sem reprimir meu horror por Hugs II: o retorno, mas navegando bem na proa. Como dizemos no ATC, os sentimentos existem e você pode cavalgar com eles ou deixar que o atropelem. Bem a propósito, meu caro ursinho, acho que hoje devo seguir meus próprios conselhos.

A garrafa está abarrotada de comprimidos cor de laranja e uma queda de 20 por cento na quantidade não deve ser perceptível. Se Alex é tão viciada a ponto de contar os comprimidos, não vou respeitar a opinião que ela fizer de mim. Engulo três comprimidos, guardo sete no bolso e preparo uma dose cavalgar de Ambien, para uma maravilhosa noite de sono antes da minha palestra. E dois Vicodins, no caso de eu cair da cama e quebrar alguma coisa e ter que me arrastar até o pronto-socorro.

Dou um banho de uísque em Hugs para esterilizá-lo — por que estou tão certo de que ele está cheio de pulgas? — e o atiro atrás da lata de lixo debaixo da pia, então pego o telefone instalado ao lado da privada. Você nunca vê esse tipo de coisa nas residências particulares, mas virou um item presente sistematicamente em todos os bons hotéis. Eu o associo a gente deficiente gritando por socorro, mas sei que não é por isso que esses telefones existem. É um enigma tão indecifrável quanto os cubos de gelo nos mictórios.

— O quarto de Art Krusk, por favor. — Preciso passar um tempo com um homem de verdade. Alguém que já levou suas bordoadas.

— Bingham?

— Vou descer para jogar cartas.

— Acabei de ir dormir pela noite de ontem.

— Tenho os apetrechos certos para cuidar disso. Estou no Mount O.

— Aquele Marlowe me deu energia para durar a vida inteira. Eu não sabia que precisávamos interpretar papéis. Mas obrigado. Estou afiado. Voltei a colocar minhas garras de fora. Ele fez essa primeira sessão como um favor a você, mas quanto vai custar quando ele começar a cobrar?

— Vai depender da profundidade a que você quiser chegar.

— É muito emocionante a maneira como você diz isso. Parece que há coisas boas para acontecer.

— Você entrou na toca do dragão, Art. Vou estar no 21 em dez minutos. Use seus medalhões. Ponha o Vitalis.

— Você vai estar com uma mulher essa noite?

— Um ursinho de pelúcia.

— Ótimo. Eu também. Aquela bailarina que vimos em Reno com aquele velho, eu a trouxe para cá, mas acho que ela está fazendo uns frilas. A essa altura ela já deve ser parte da gente local. Ela tem um pager, mas não consigo encontrá-la. Marlowe disse para eu esquecê-la. É como se ele tivesse me hipnotizado.

Art é um idiota, um pateta, mas nos damos bem. Eu devia lhe dar um convite para o Schwarzkopf. Ele ficaria encantado e esse favor poderia me gerar alguns créditos na minha próxima vida. Você não acha, Hugs? Ele acha. O que quer que você sinta, seu bonequinho antiestresse também sente.

Tem tantas coisas que eles querem tirar de nós, além do dinheiro. Art não concorda. Ele acha que a ganância pura. Volto minha atenção para os olhos da crupiê, suas pequeninas pupilas negras, a pele enrugada, e então pergunto a Art se ele já foi à Disneylândia, porque se ele já foi, então temos diante de nós uma bonequinha biomórfica animada, cujas baterias — que são costuradas na cabeça, e se nós raspássemos seu cabelo encontraríamos os botõezinhos redondos — têm se abastecido do calor de nossos corpos há uma hora, tirando nossa força para sair de um jogo em que perdemos quatro em cada cinco mãos e tentar a sorte nos caça-níqueis iluminados dispostos em forma de ferradura, em torno do Dodge Viper vermelho que, na verdade, é um bolo de chocolate muito benfeito em volta da esmeralda natural mais perfeita da terra.

— Desculpe, mas não consigo acompanhá-lo — diz Art. — Os comprimidos ainda não fizeram efeito.

— Entre na onda.

— Preciso de um 6, Shawn.

Art sempre lê o nome nos crachás delas, sem perceber que são meros nomes de guerra, embora as cidades de onde elas vêm sejam verdadeiras. Quem quer que ela seja, essa destróier encapada de látex, ela realmente nasceu em Troy, no estado de Nova York, onde também fazem máquinas giratórias e motores a gás que, pelo que dizem, são os melhores do mercado. Ouve-se isso por toda parte.

— Você olha em volta como se estivesse esperando alguém.

Só pode ser Alex. Deixei um recado para ela, legível mas meio apertado — eu tinha tantas informações para passar no bilhete... Minhas alergias, as comprovadas e as suspeitas. O que gosto e o que não gosto. O que eu penso sobre a guerra. É o efeito inicial da Dexedrina num estômago vazio.

— Olhe lá, Art. Olhe com seus próprios olhos. Hillary Clinton, tentando ganhar o Viper. Esse lugar está cheio de deuses e lendas.

— Aliás, você sabe quem está aqui? — ele pergunta. — Margaret Thatcher.

— A ex-líder dos conservadores ingleses? Ela mora aqui, Art. Ela se estabeleceu aqui.

— Vai dar uma palestra. Encontrei um mensageiro fumando nos fundos do Hard Rock Café que disse que consegue me botar lá dentro por 50 dólares. Talvez valha a pena. Ainda estou pensando.

— Sabe o que eu quero, Art? Minha família toda num lugar. Um lugar até mais longe de onde eles estão agora, mas onde não vão sentir minha falta, porque terão o mar. Amanhã à noite vou completar 1 milhão de milhas e, apesar de eu ter achado que ia ficar com a maioria, nesse momento elas estão todas se transformando numa viagem só de ida para a costa da Irlanda para qualquer um que prove que é meu parente.

— Você não devia brincar com seus laços de sangue.

— Por esses vinte segundos, e só por esses, eu não estava brincando. Eu estava ousando ser um homem melhor. Trezentas mil milhas, é tudo o que vou querer manter.

— Você não é mau. Só está meio acabado.

— Alex!

Ela se vira. De costas, parecia Alex — de frente, é não sei quem da televisão. A que dorme com senadores. Ela diz que quer uma penca de crianças, mas isso não vai acontecer. Minha ex também falava da mesma maneira, mas não engravidou até parar de falar e começar a transar com mórmons sem nenhuma expectativa na cabeça. Nenhuma.

Exceto que os homens adorariam os dedos perfeitos de seus pés.

— Estou sentindo o efeito agora — diz Art. — Você realmente sentou ao lado dele?

Uma mentirinha que contei sobre Schwarzkopf. Eu sabia que ele iria se lembrar.

— Conversamos sobre o meu futuro. O cara é uma simpatia. Uma simpatia total. É como se ele fosse São Francisco com uma arma na cintura.

— Ryan!

É ela. Não Alex, mas Linda, a agente de Morse. Está com uma camisa laranja da companhia aérea que ela deve achar que serve como roupa descolada de cassino, se vier com um pino de rinoceronte como acessório.

De qualquer maneira, nos beijamos. Então, essa parte já superamos.

Agora, a próxima, o que quer que ela sugira.

— Oi, eu sou Art Krusk — diz Art Krusk. Conhece-te a ti mesmo. Ele oferece a Linda sua grande mão, tão escura na palma como nas costas.

— Prazer em conhecer — ela diz.

— O prazer é todo meu.

Esses dois estão definitivamente na pista essa noite.

— Estou tão feliz por tê-lo encontrado, Ryan. Essa cidade é um jardim zoológico. Adivinhe quem eu tenho quase certeza que vi no

Bally's saindo de um elevador exclusivo?

Um, dois, três, quatro. A, B, C, D. Ela vai acabar falando e eu posso esperar.

— Marlon Brando. Acho que ele vai dar uma palestra.

— Todo mundo aqui dá palestras.

— Será que poderíamos falar um minutinho? Logo ali. Com licença, Art.

— Dê-nos licença, Art — falo. É uma técnica. Chamam de reflexo neurolinguístico. Faça como os grandes fazem e você também será grande. Copie o jeito como eles andam, como eles falam, tudo. Fez muito sucesso nos anos 1970, voltou com força nos anos 1990, diminuiu um pouco agora, mas tenho certeza de que já vai voltar.

Nós vamos “logo ali”, que parece ser o mesmo lugar e não vale, para mim, todo esse transtorno, emocional e físico. Linda parece estar mais feliz e fico contente por ela. Com dois dedos, conto os comprimidos em meu bolso e fico decepcionado com o resultado.

— Eu estava certa quanto àqueles hackers, Ryan. Não devemos falar isso aos consumidores, então por favor não espalhe, mas alguém na Espanha entrou nos nossos computadores, parece que um garoto, pelo que diz o FBI, e raspou todas as informações das contas, os números dos cartões de crédito...

— Um adolescente anônimo na Espanha. Muito pouco plausível.

— Ele mandou e-mails com as informações aos amigos, que passaram mais e-mails a mais amigos e agora já correu o mundo inteiro e ainda não parou. Estamos recebendo ligações da China. Estou falando sério.

— Nosso globo global.

— Não estou brincando. Cancele tudo.

— É o que tenho feito há uma semana.

— Ryan?

— Senhora?

— Você está chapado. Dói olhar para você. Posso tirar uma coisa da sua testa que está me incomodando?

Ela vai em frente. Nunca vou saber o que era.

— Eu ia dizer que devíamos comer. Você provavelmente precisa. Mas esse aí não é você. Não é o meu amigo. Vou ao meu quarto para estudar para o seminário de amanhã.

— Não estude. Fique fria, é muito fácil. Queime todos os cadernos. Apague as fitas e grave suas músicas por cima.

Ela beija meu rosto e isso queima como as cabeças de fósforos quentes que minha mãe usava para fazer os carrapatos largarem seus filhos.

— Adeus, Ryan. Não acho que vamos sair de novo. Esse seminário me fez pensar em entrar para a escola de enfermagem, por isso também não devo ficar mais muito tempo na sala VIP. Acho que sempre quis ser enfermeira, mas me desviei um pouco. Como você sempre disse que se desviou.

— O que eu disse que queria ser?

— Um violonista folk.

Isso me assusta. É específico demais.

— E quando foi isso?

— Em junho. Há três meses.

— Espere um minuto, Linda. Já vou melhorar. É só tomar um pouco de água gelada para diluir tudo isso e voltarei ao que eu era. Quero voltar a falar desse negócio de violonista folk. Nós estávamos no seu apartamento? Volte. Não me dê adeus. Você sabe quando achamos que não sentimos nada por alguém, mas talvez seja porque você tenha poder demais? Eu sempre te amei, Linda.

Bem... ela teve a chance dela. Agora somos todos freelancers. Lembre-se, é uma treliça, uma continuidade, então não é como se fosse definitivo. Muito pelo contrário.

É um ganha-ganha, uma sinergia. Leia o que Pinter escreveu sobre *Não Hierarquias Granulares Quânticas*. Ou então, caramba, leia

nas entrelinhas do Ursinho Pooh, aquele avatar carinhoso do taoismo. Milne sabia, ele só não podia ser mais claro naquela época — à sombra do vitorianismo, ou coisa parecida. Mas aqui estamos nós no século XXI e em Nevada. Sinta-se livre para gritar. Nada é definitivo. É tudo uma roda. Nós passamos por uma reengenharia. Igual à PepsiCo.

De volta a Art e às mesas. Ele se comporta do jeito como eu estava me comportando, provocando uma nova crupiê de Lima, Ohio, por causa de seus piercings nas sobrancelhas e vendo o rosto da Virgem nas cartas. Ou ele perdeu tudo enquanto eu saí e tentou subir a aposta com um cacife de 5 mil dólares ou ele está supersônico, no meio de um turbilhão estatístico. Se você vê alguém já cansado de tanto jogar, as duas situações parecem quase idênticas. Se for para dizer alguma coisa, são os grandes vencedores que parecem deprimidos, porque sorrir dá azar e a sorte não pode durar e os vencedores sorriem, porque vão poder ir para casa mais cedo.

Desapareço na multidão. Os participantes da GoalQuest dominam a cena. Recebo um grande aceno de Dick Geertz, da Andersen, que conquistou sua marca de 1 milhão na United há um ano, mas só porque viaja com frequência para Tóquio, por isso não dá para realmente comparar nós dois. Percebo uma bebida nas mãos de alguns colegas, de várias camadas de roxo e violeta e palitos com um pedaço de melão, por isso faço sinal a uma garçonete e peço um apontando. Pergunto qual é o nome daquilo e ela diz que não sabe, que todas as outras pessoas também só apontaram. Quando digo a ela que alguém começou tudo isso, ela simplesmente não acredita. É uma criacionista.

E também é, pelo que vejo, uma pessoa bem mais feliz que eu.

— Ei, Bingham, quero que você conheça uma pessoa. Venha cá.

É Craig Gregory me chamando. Eu me arrasto em direção ao meu castigo. A garçonete vai ter que me encontrar. Precisarás utilizar toda a sua rede de contatos.

— Bingham, esta é Lisa Jeffries Kimmel. Lisa, Ryan.

— Oi.

— Já ouvi falar de você.

— E eu de você.

Que mentirosos diabólicos somos nós!

— Lisa está vindo para a ISM mês que vem, depois de um período muito interessante em Omaha. Sei que você pensa que aquela turma o está perseguindo, por isso acho que você deveria explorar um pouco esse cérebro lindo.

Lisa olha para baixo. Ela é pequena, de pele escura, bonita e com a estranha forma de uma árvore bonsai se comparada a uma árvore de tamanho natural.

— Não que Omaha tenha ligado para ele — diz Craig Gregory —, nem mandado um fax ou coisa parecida. É só uma coisa em que ele pensa. Uma coisa que ele fica remoendo à noite.

Alguém me entregou. Sem dúvida, meu assistente. Uma agência qualquer o manda para mim, você pensa que não passa de algum sonso inofensivo, que no inverno já vai ter ido embora, mas na verdade eles penetram na sua mente, instruídos por um lugar central, e repassam as informações. É um modelo de negócios, mesmo se não for verdade.

— Vou deixar vocês dois aqui. Tenho uma noite cheia à minha frente no centro de convenções, seguido pela apresentação anual de despedida de Barbra Streisand no MGM.

Eu o pego pelo cotovelo e me afasto um pouco de Lisa.

— Alguém me mandou aquele ursinho que você me deu, Craig. Aleijado. E eu considero você o responsável. Foi para você que o dei quando ele se aposentou.

Craig coça o queixo e abre um corte que fez ao se barbear, que molha de sangue a ponta de seu polegar, que ele beija. A pequena Lisa durona acende uma cigarrilha e sai para olhar os jogos de dados que estão por toda a nossa volta.

— Aquele brinquedo teve dois grandes Natais. Duvido que você esteja na posse do original. E, aliás, seu AmEx corporativo foi confiscado. Ninguém vai faturar mais ternos sob medida feitos em Hong Kong.

— Isso é crime por computador. Não fui eu — digo. — Se isso entrar para o meu histórico, vou processar.

— Você ouviu isso, Lisa? Algo a declarar?

— Não é nada de mais. Já aconteceu comigo duas vezes, só esse ano.

Craig Gregory junta as mãos. Ele se curva e se volta para mim.

— Vou estar presente no seu sermão de café da manhã. O título da palestra assustou um pouco as pessoas. A mim não. Sei como você se acovarda. Vou ficar lá na frente. Lisa, esse homem está nas últimas, portanto console-o bem. Já ouvi dizer que você é boa de consolo.

— Vá morrer no inferno, seu pau cheio de gonorreia.

— Ouviu, Bingham? Ouviu o que essa puta acabou de dizer? É assim que gente saudável me responde. Tome nota.

Você ainda é jovem o bastante para aprender.

A bebida roxa continua me paquerando quando vou me sentar no bar com Lisa e peço mais uma, apontando para uma bebida igual a duas cadeiras de mim. O *barman*, com folhas no cabelo e com um robe branco solto, pergunta a Lisa se ela também quer um — uma mera formalidade — e ela diz que não. É uma negativa assustadora e infecciosa.

Cancelo meu pedido, como se nunca tivesse desejado aquilo. A moda vai passar em dez minutos.

Eu quero essa Lisa. Peço licença, me viro na cadeira, tomo mais dois comprimidos e ligo para o quarto. Tenho um plano. Se ela estiver lá, desligo. Se não estiver, vou me atrever a torcer para que ela tenha se juntado à garota de Art no meio do furacão. Sem resposta. Mas será que é seguro voltar para o quarto? O que eu

deveria fazer era reservar outro e abandonar meus pertences pessoais, que, para todos os efeitos, não são tão pessoais assim, mas objetos padronizados que posso encontrar em qualquer lugar. Vou sentir falta da minha máquina de dormir, cuja faixa de “vento do campo” é única, tanto quanto posso dizer, mas nada mais.

É melhor que as fitas de A garagem fiquem perdidas. Pelo menos desse jeito há uma possibilidade de que, daqui a dez ou vinte anos, numa liquidação, um estagiário da *Business Week* pague alguns centavos por elas, escute só para saber que o tem lá e telefone para o chefe. A autoria dos pergaminhos será disputada — Tarkenton? Salinger? Billy Graham, o Jovem? — e uma série de farsantes aparecerá sacudindo testes de polígrafo falsos. Quanto a mim, estarei em casa, no meu refúgio em Idaho, feliz com meus cachorros, minha fé mórmon e minhas esposas.

Ou, se tudo der certo com Lisa, com meu único e verdadeiro amor.

— Como é a MythTech? — Não há outro jeito de começar. — Pensei que ninguém saísse de lá. Ouvi dizer que, se você for despedido, continua sendo pago pelo resto da vida, ou quase isso.

Ela arranca o filtro de um Marlboro. Seus pequenos charutos acabaram e ela precisa de um substituto.

— É claro que as pessoas saem da empresa. Só não ficam falando nisso.

— Saem com medo?

— Eu diria que saem com algumas reservas. Talvez ainda perplexas. Não é uma consultoria normal. Veja, por exemplo, o que eu fazia: Ecologia de Mercado. O estudo das interações não óbvias entre diversas entidades comerciais.

— Ótimo. E também não há nenhum departamento de ATC, não é?

— Não há departamento algum. O modelo é um plasma. Campos de plasma nucleares. Tudo muito pretensioso.

— Maravilhoso. Brincando nos campos do Senhor. Apenas pense, apenas flutue. E já ouvi dizer que não se viaja e que a sede não é mais que um osso. Você pode trabalhar em casa, ou de qualquer lugar. É tudo eletrônico, humanista e fractal.

— O que você tomou? Eu também quero. Estou acabada.

De alguma maneira, arranjo três comprimidos para ela e para mim. Meu bolso direito da frente parece ter passado pelo milagre da multiplicação dos pães. Ou será que menti para mim mesmo sobre quantos comprimidos roubei?

— Muito bem, Lisa. Eu. A ecologista de mercado. Um dia chega um projeto de Spack e Sarrazin. Aliás, não é verdade que eles sejam amantes. Sarrazin é doido pela esposa e Spack é assexuado. Nasceu assim. Ele mesmo vai lhe dizer.

— Nunca ouvi isso. Um amigo meu que disse que ele era casado morreu esta semana e agora soube que ele era gay, por isso simplesmente deixei de dar atenção a esse assunto. As próprias pessoas não entendem suas inclinações, essa é a conclusão a que cheguei. Estou ficando mais sábio aos trancos.

— O problema era tripartite — diz Lisa. — Fibra óptica, carne vermelha e gás propano.

Agarro no ar a mão que ela usava para gesticular.

— Meu pai vendia gás propano.

— Comecei com o que era mais simples. Gás mais carne vermelha é igual a grelhados e pátios e problemas cardíacos e o seguro de vida que cobria isso e todas as suas ramificações. Mas e a fibra óptica? Quem sabe uma grelha a gás cujas informações sejam mandadas diretamente a um centro de reparos, cujos trabalhadores mal pagos só almocem no Wendy's ou no McDonald's, não só porque o trabalho é ruim e eles estão sem dinheiro, mas porque podem ser chamados a qualquer momento para diagnosticar defeitos e não podem sair de perto do computador por mais de 15 minutos?

— Isso foi uma pergunta?

— Ou quem sabe são pequenos ranchos automatizados, que recebem relatórios de commodities em tempo real que levam a lucros mais altos por animal e assim aumentam suas contribuições para campanhas publicitárias em parceria, promovendo o uso da carne do boi, em vez da de frango? Eu não conseguia pensar direito!

— Quem era o cliente? Uma cadeia de supermercados?

— Nem tenho certeza se existia mesmo um cliente, Ray.

— Ryan. Tudo bem. Está escuro aqui.

— Não tem nada a ver. Mas sei o que você quer dizer. Eu mesma estou tonta, pelo que tomei mais cedo. O que é a “garrafa azul”? Era assim que o garoto estava chamando.

— Não ando bem informado, ultimamente. Não sei.

— Para mim, parecia só Pesquisa & Desenvolvimento. Nenhum prazo, nenhuma reunião, apenas pense nesse pequeno problema e mande o que você pensar à medida que for pensando, até o fluxo de pensamentos parar ou você estar satisfeita. São instruções casuais e mesmo assim você sente essa raiva potencial incrível e formidável só esperando para pegar e acabar com a sua vida, no exato instante em que você afrouxar ou somar errado alguns números, ou cometer outro tipo de erro que você nem vai perceber, porque ninguém lhe disse como deve medir seu progresso, eles só dizem “faça o melhor que puder” ou “nós sabemos que você tem essa capacidade, Lisa.

Tente”.

— E a remuneração?

— Você na verdade nem pensa nisso. No começo parece excelente, mas então os custos de se manter para conseguir trabalhar... a terapia, a bicicleta ergométrica, as viagens de fim de semana para arejar a cabeça, o isolamento acústico para o escritório que você tem em casa, para ninguém ouvir você arremessando o grampeador ou cantando com uma voz estridente...

— Aumentam. Eu precisava dizer isso para poder respirar. Só tenho mais uma pergunta: qual é o produto? Ou serviço?

— Eu ia chegar lá. Você já ouviu falar daquele projeto genoma? O mapeamento dos genes humanos? É exatamente o que eles procuram na MythTech, só que em relação ao comércio. Todos os ângulos possíveis. Todas as combinações possíveis. E eles sabem que não vai ser um “eureka”. Não vai cair do céu num belo dia. Será preciso montar peça por peça e analisar todos os dados em todas as frentes. Não vai demorar uma eternidade, mas também não vai ser rápido. É por isso que eles não se preocupam com os lucros. Deixe outra pessoa ir atrás do dinheiro no curto prazo; de todo jeito, no longo prazo vai ser tudo da MythTech. Porque no momento em que a MythTech pegar esse mapa, no momento em que eles trancarem os arquivos num cofre, todas as outras pessoas vão virar peões da fazenda deles. O fato é que o dinheiro que achamos que estamos fazendo agora, o dinheiro que achamos que a IBM ganha, a Ford, a Purina, o KFC, o Ben & Jerry's, o *LA Times* ganham, na verdade é só um empréstimo da MythTech que estamos recebendo antecipadamente no presente, até eles terem decifrado tudo e nos engolirem. Todos nós somos perus de Ação de Graças no canteiro deles e amanhã é 1º de novembro.

— Mesmo assim, eles sempre vão precisar de caixa para a operação. Quem investiria numa coisa dessas?

— Quem não investiria, Ryan? Um investidor que ache que uma coisa dessas pode dar certo sabe que não vai ganhar nada se não estiver do lado vencedor.

— Não vejo como você poderia sair de um lugar como esse.

— Olhe para mim e ouça o que eu estou dizendo. Sinta minhas mãos. Tenho cara de quem foi embora? Claro, você pode ir trabalhar para outra empresa... aliás, é isso o que eles querem; eles precisam que você trabalhe para outra empresa... Mas para quem você está realmente trabalhando? Veja se consegue entender.

- E se você vazar os segredos deles, eles não vão atrás de você?
- Posso ver que você ainda não entendeu qual é o produto deles.
- O código. Esse mapa perfeito e completo.

Lisa arranca o filtro de outro cigarro e acende. Ela se recosta no banco do bar, as pernas cruzadas. Ela me olha. E suspira.

— Estou vendendo para você agora. Você vai comprar, meu amor? Não, você já comprou. Está bem nos seus olhos.

— Eu estava pensando que devíamos subir para o quarto. Já conversamos muito e são só 18 horas.

— É o medo do código. O medo de que esse código exista e que outra pessoa possa decifrá-lo, por isso é melhor colocar toda a sua energia nesse instante, ou para nós, ou para uma de nossas subsidiárias. Ou, caso você seja rico, mande um cheque. É tudo uma vigarice. É extorsão, Ryan. Pura extorsão. O código é um blefe.

É igual ao Cuidado com o Cachorro. É a voz alta e grossa do Papai.

- Posso lhe contar um segredo?
- Não, mas vá em frente.
- Vou viajar para lá amanhã.
- Para quê viajar? Você já está lá.
- Craig estava certo. É só intuição. Não há nenhuma oferta na mesa. São pistas. São sinais. São sinais de fumaça. Sei de tudo isso. Mas quero ver com meus próprios olhos. O que eu tenho a perder? Nada.

— Depois de tudo o que acabei de dizer, você ainda quer que eles desejem você. Você ainda quer brilhar em alguma entrevista — ela diz. — Isso não é nada sexy, Ryan. Não é nem um pouco sexy, Ryan.

— O que você disse me faz pensar que o que eu fizer não faz diferença. Se eu for ou não for.

- O que é que não faz? Nesse caso, vou voltar para o meu hotel.
- O resultado.

— Isso é tudo o que lhe interessa? Resultados? Cara, eles agarraram mesmo o seu cérebro, hein?

Lisa desliza do banco, pega sua bolsa e tira um batonzinho para dar uma retocada. Ela olha para o meu rosto como se fosse um espelho, preenche um canto e faz uma careta. Pronto. Acabou. Ela guarda o batom, fecha a bolsa, se endireita em seu traiçoeiro salto alto e vai embora. Ela era realmente a mulher da minha vida e está indo embora. E mesmo assim eu ainda tenho um encontro para essa noite, por isso dane-se. E dane-se Linda, também. Ryan Bingham pensa no que vem pela frente.

quinze



Alex diz que quer “acontecer” em Las Vegas. Deve ter andado lendo guias de turismo, aparentemente. Que horror. Ou talvez ela esteja pensando que eu sou tão sabido, tão vivido e tão ligado na cidade que, enquanto ela está no salão de beleza se embelezando e eu estou aqui encaçapando bolas difíceis na mesa de sinuca, eu já esteja passando os olhos pelos cinco menus principais e ranqueando mentalmente em ordem de importância no grande esquema de cultura descartável os dez maiores espetáculos de magia, extravagâncias com leões, circos artísticos europeus e edições mais simples, para exportação, de monólogos artísticos que já estão em cartaz há três anos em Nova York.

— Onde você esteve o dia inteiro? — grito para o banheiro, enquanto olho pelo taco torto. Vou fazer a bola branca pular a laranja e bater na vermelha, e a vermelha vai causar uma versão em miniatura do Big Bang de sóis simetricamente divergentes.

— Vendo gente. A cara das pessoas daqui. É impressionante.

— Você vive de organizar eventos e grandes festas e nunca veio a Las Vegas? Você é bem-sucedida?

— O quê?

— Não foi para você. Estou resmungando.

— Pode me dar um tempo, por favor? Uns cinco minutos?

— O quê?

— Pode...?

— Eu estava brincando, Alex. Brincando. Queria que você estivesse aqui para ver o que eu acabei de fazer.

Ela fecha a porta e para mim isso é muito bom, porque posso parar de olhar para o ponto em que consigo ver as pernas de Hugs atrás da lata de lixo. Penduro o taco e saio da sala de bilhar. Essa última tacada foi o ponto alto da noite, um milagre sobre o feltro que não vai acontecer uma segunda vez. Deito de costas na cama e vejo um replay no campo bem maior que é o teto bege, com um tecido tão pesado, espiralado e granulado que espero que ele despenque ou comece a gotejar. Amanhã é o grande dia, hoje é apenas sobrevivência, e saber disso deveria fazer com que tudo fosse um bônus. Se eu comer um bom camarão. Se eu tomar mais uma Dexedrina.

Se eu vir as costas de Lisa na multidão e falar com ela, ou se Craig Gregory perder apenas 25 centavos... eu posso tratar essas próximas horas como uma grande festa e Alex como Betsabá ressuscitada, e, se eu não fizer isso, estarei me coibindo à toa. É por isso que uma pessoa deve estabelecer metas claras, porque na contagem regressiva para a autorrealização, especialmente se essa realização parecer inevitável, ela pode brincar o quanto quiser, porque todos os riscos, a não ser os mais arriscados, agora não oferecem mais risco.

Estou pedindo uma limusine para esta noite. Gostaria de ver um impressionista. E vou ver. Fiz uma busca na farmácia particular de Alex em plena luz do dia, e se ela me pegar, vou dar aquele sorriso travesso que desarma e que acabei de praticar, antes mesmo de ter imaginado um contexto para ele. Quero saber quem está vendendo a “garrafa azul” e comprar um pacote de seis, se é assim que elas vêm, e colocar uma dose na bebida de Alex sem ela saber e carregá-la de volta até aqui, rindo e soltando gritinhos e pronta para fazer as

posições das últimas páginas da revista *Hustler*, lambuzada de creme de barbear mentolado.

Mesmo assim, me preocupa o fato de ela não ser bem-sucedida. Porque isso vai acabar aparecendo em algum momento e pode ser difícil para alguém tão impulsivo e efervescente como essa nova pessoa que eu sou. Ela já falou que trabalhou como relações públicas — ela viu na *jukebox* uma banda que representava —, mas não explicou como largou esse trabalho, o que significa que sua saída provavelmente foi involuntária. Vamos ter que evitar esse episódio especificamente e qualquer pedaço de nossas vidas a que palavras como episódio possam ser aplicadas. Para mim vai ser fácil, uma vez que sou um mestre, mas para ela pode ser difícil, à medida que ela for ficando cada vez mais bêbada e começar a confundir minha radiância com calor.

A julgar pelo tempo que passou no banheiro, ela vai me surpreender na próxima vez em que a porta se abrir, por isso é melhor que uma música esteja tocando. Eu me arrasto pelo colchão e olho para o interior iluminado da *jukebox*. Procuro alguma coisa leve, antiga e melodiosa, sem associações muito fortes para nós. Apenas uma música para duas pessoas comuns das planícies, que viram as grandes cidades das oportunidades mas ainda se lembram das coxinhas frias de galinha na pequena piscina e daquela música que papai dançava quando bebia genebra demais, mesmo que as coisas não tenham acontecido exatamente dessa maneira. Existe alguma música assim? Que evoque memórias, mas não mexa com a pessoa? Que faça alguém voltar no tempo sem querer voltar para lá? Se houver, é a minha canção. Vai se tornar minha próxima máquina de sono.

Mas não vai ser nessa Wurlitzer. Estou perplexo. Não tem Frank Sinatra, não tem Broadway, nem Motown, nem música jovem, apenas toneladas de terríveis rocks alternativos de escola e um country AM excessivamente produzido e — um vexame — muitas

porcarias de protesto saudosistas e estridentes da década de 1960. Eu poderia perfeitamente escolher uma tecla a esmo; um pensamento perigoso, já que é o que estou fazendo, como se minhas ideias começassem nos dedos e depois viajassem até o cérebro. Lá vai o braço e o disco sai do lugar e lá vem, num volume que não consigo abaixar porque não vejo botões em parte alguma, *If I Had a Hammer*, de Peter, Paul and Mary.

É exatamente a música que eu não queria ouvir e obviamente é a deixa para Alex abrir a porta, abrir os braços e perguntar “você gosta?”.

Ela desfila pela passarela. Está com um laquê preto que ainda parece molhado e amarrou o cabelo num rabo de cavalo que balança num círculo completo enquanto ela abaixa a cabeça, e eu não entendo exatamente por quê. Os sapatos são do tipo que você não percebe, só vê as pernas, e o efeito é de uma mulher sem sofisticação, igual àquelas silhuetas peitudas nos para-choques dos caminhoneiros.

— Dê uma nota. Seja maldoso e cruel.

— Dez é desumano e nunca parece sincero, por isso vou dar 9,7 ou 9,8.

Um giro abrupto como o de uma Bond Girl, mão na cintura. Agora para o outro lado.

— Essa música é horrível.

— Tente outra. Não tem muita coisa.

— Essa noite não vou tomar nenhuma decisão. Serei totalmente a sua boneca Barbie. Finja que elas nunca queimaram o sutiã e você nunca ouviu a expressão “*empowerment*”. É meio difícil em sua área de atuação, mas tente fingir.

— Na última vez você queria conversar e agora vem com isso.

Ela ergue uma das ancas, passa os dedos num dos lados. Ah, isso me dá uma comichão... Ah, mas faz tão bem... Ela faz beicinho, fecha um pouquinho os olhos e acaricia o rosto.

— Agora eu venho com isso. Só tenho um pedido: um carro bem grande e preto. Como um carro que você veria num enterro na Mansão Playboy.

— O catálogo já está aberto nessa página.

Passeamos de carro e conversamos sobre o destino quando me ocorre que o que arruinaria tudo para sempre seria se Ryan começasse a exibir seu cartão de crédito — aquele que acumula milhas e o único que não foi alvo dos hackers, porque ele já era e foi substituído — e ultrapassasse antecipadamente a linha de chegada aqui no Las Vegas Boulevard com uma mulher vestida como uma escrava sexual do Bahrein e ele tão cheio de tudo o que pode ser prescrito que nem vai se lembrar do grande momento.

Essa não foi a imagem que eu criei e não pode jamais acontecer. A imagem é muito específica e muito querida para mim. Primeiro, estou sozinho ou com um total estranho, como de praxe. Dois, existe um campo lá embaixo, mesmo que eu não consiga vê-lo.

E tem mais, uma série de exigências bem específicas que torturaram meu cérebro no decorrer dos anos, mas ultimamente diminuí as prévias para não estragar o verdadeiro espetáculo.

— Motorista — digo, não porque eu goste, mas porque o rapaz insistiu em ser chamado dessa maneira, talvez por ser viciado em desempenhar esse papel —, preciso parar num banco. Preciso de um caixa eletrônico. Só vou usar notas verdes fresquinhas essa noite.

— Todos os cassinos têm caixas automáticos, senhor.

— Não posso explicar por quê, mas gostaria que elas saíssem de um banco.

O cavalheiro já sabe que somos dois doidos no banco de trás. Os comprimidos escapuliram e alguns rolaram para baixo do banco e para ele deve parecer, pelo espelho retrovisor, que andamos catando maçãs nesses últimos minutos. Nas portas da limusine, existem recipientes fechados com refrigerantes e cerveja e cubos de gelo em forma de lua, e também bagunçamos com eles. Bebemos de uma lata

e decidimos que não é um sabor de que gostamos e a enfiamos de volta nas pedras de gelo e ela derrama e nós abrimos outra e gostamos ainda menos do que da primeira e ela cai de lado e começa a entornar também e nós já estamos com os dedos todos grudentos e surgem guardanapos multicoloridos que temos preguiça de usar um só e, além do mais, estamos pagando por tudo isso, então por que deveríamos nos importar?

— Você quer fazer um joguinho, Alex?

— Como sempre.

— Então por que você deixou o ramo de relações públicas? — Eu temia esse assunto, mas, como é do meu feitio, estou indo em direção a ele porque não o quero correndo atrás de mim.

— Fui dispensada.

— Por justa causa? Lamento.

— Contenção. Um dia não havia mais cadeiras para todos, mas tentaram ser bonzinhos. Você sabe... nos ajudando.

— Por que você disse “você sabe” dessa maneira?

— Porque você sabe.

Eu me viro em direção ao motorista como se tivesse levado um chute e faço o que ele disse que eu deveria fazer: pedir qualquer coisa. Disso saem dois ingressos e um preço fechado — só precisamos apresentar na bilheteria um papel que o motorista está escrevendo num bloco a seu lado, enquanto Alex presta atenção na rua porque ele não está prestando, e posso ver que ela acha que isso realmente ajuda — para um tal de Danny Jansen na sala de shows de algum cassino. São 90 pratas por cabeça.

Encontramos o banco. A máquina fica numa parede externa e desocupados famintos se esgueiram de todas as esquinas enquanto faço o saque, mas desaparecem depois que termino.

Seguindo o joguinho, digo:

— Não sei. Me conte. — Mais uma vez, direto.

Ela não responde até estarmos sentados e Danny entrar com a arrogância de Schwarzkopf — típico — e não haver mais saída. Só as de emergência.

— Honestamente, você não se lembra de mim? De nossas sessões? Não foi um seminário, Ryan. Você cuidou da minha demissão. Eu estava esperando você confessar — ela diz. — Eu achava que você estava fazendo um joguinho comigo, se fazendo de desentendido. Então percebi que você não estava e não sabia mais o que pensar. Mas você realmente se esqueceu de mim, não esqueceu? Isso dói.

— Isso começou em Reno?

— Começou no avião. Pensei que você estivesse com medo de mim.

Danny demonstra ser um monstro raro, corpulento como um porco, ágil como um lêmure, mas também com alguma coisa de um gatinho sendo arremessado pelo rabo pelas escadas do porão. Três minutos depois de ele fazer sua imitação saltitante, escorregadia, presa, pansexual, de todas as pessoas, de A a Z, de Stálin a Shirley Temple — e ele também imita duas pessoas ao mesmo tempo, sentadas num banco de praça, comendo algodão-doce, ou com as cabeças lado a lado em duas guilhotinas —, estou tão assoberbado por ter recebido muito mais do que paguei que quase mijo nas calças de tanta alegria. Chego a sentir um pequeno filete saindo, que logo trato de prender, ou pelo menos impedir de me inundar. Pergunto a Alex se ela pode me dar licença por um minuto. Mas ela não dá. Ela se recusa a me dar licença. Ela segura minha mão e rompe um ligamento enquanto Danny perambula pelo Louvre como Picasso e a Mona Lisa, e depois de trinta segundos de uma resistência tensa, decido que há uma maneira, melhor: eu vou mancar e venha o que vier, e espero que algum bom médico possa me salvar depois.

— Pare com isso — ela sussurra. — Não fique se contorcendo. Já está quase acabando.

Decidi mancar, mas não consegui. Dessa vez, vai dar. Imagino uma corda velha apodrecendo num atracadouro do Lago Superior.

Nos últimos dez minutos de show, imagino diversos tipos de morte nas mãos finas de Alex. No entanto, não sinto sua raiva. Isso me deixa ainda mais preocupado. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde ia acabar esbarrando com alguém que demiti, mas pensei que fosse ser um golpe forte e rápido. Já estou cansado de ficar esperando.

Quero que aconteça agora.

O motorista está a postos quando renascemos da necrópole fervilhante e nos perdemos nas luzes da madrugada de Vegas. Vá em direção à luz — é tudo o que uma alma precisa saber, mesmo quando a luz vem dos olhos vermelhos de uma esfinge gigante de imitação, com duas patas do tamanho de superpetroleiros.

— Bem, agora as cartas estão na mesa — diz Alex, reclinando no banco de couro artificial de nossa missa negra norte-americana sobre rodas. O motorista está nos levando a um lugar de que ele acha que vamos gostar, mas que ele quer que seja uma surpresa. Típico de um motorista.

— Lamento muito — digo, sem convencer. Por que me preocupar com culpa quando há uma mulher querendo me enforcar? Logo logo vai ser a vez dela de se sentir culpada.

— Passe para o lado de cá e tente me recompensar. Beije minhas pernas ou algo assim. Agora.

Obedeço, nas palavras e no espírito. O álcool do perfume dela pinica minha língua. Ela deve ter tomado um banho daquilo.

— Eu chegava cedo e ficava até tarde. Trabalhava nos finais de semana. Nos feriados. Eu tinha um irmãozinho doente, sem plano de saúde, uma mãe que dividia meu pai com mais alguém e que gostava dessas coisas bonitinhas de menina que ele não podia dar para ela. Mas principalmente era por mim. Meus carros eram Miatas. Eu fazia *leasings* por um ano para testar diversas cores. Sabe para

quem trabalhei uma vez? Barbara Bush. Uma coisa fabulosa. Ganhei uns presentinhos. Quando ela mandou fazer cinco cópias de um colar que ela não podia correr o risco de perder, adivinhe quem ganhou o sexto, com um lindo cartão? Foi assim que eles se tornaram os Kennedy do Texas: cartões para todo mundo; passavam dia e noite escrevendo.

— Ela se recosta ainda mais. — Está indo muito bem. Pode continuar, meu cachorrinho.

— Senhora? — É a voz do motorista.

— Ainda sou senhorita. Uma jovem senhorita.

— Já chegamos.

— Dê uma volta, por favor.

Lanço meu olhar para a soberana. Ela me dá um tapinha. Se essas forem todas as minhas obrigações, vou continuar fazendo a mesma coisa, feliz, até o amanhecer. Até o início da primavera. Ou será que paguei minha dívida espiritual vendo Danny se transformar por uma hora e agora estou na faixa dos créditos extras?

— Dormi com meu chefe. Não me senti explorada. Me senti como se ele estivesse me dando um seguro. Ele não transava com qualquer menina nova e aquelas com quem ele transava tinham um alto poder de chantagem. E eram 17, contando comigo. Meu Deus, eu adorava meu trabalho de relações públicas. O privilégio que era mostrar ao mundo que a Texaco e a Exxon só perfuravam, vendiam e refinavam como uma maneira de manter sua verdadeira paixão: salvar os botos e promover a ópera do interior, na cidade que eles vão reconstruir algum dia e sequer lançar como despesa. É um presente. Ter a responsabilidade de contar histórias tão impressionantes faz você ir parar no trono de prata da princesa. Mais, quero mais. Você começa a pedir histórias mais difíceis. Deixe-me posicionar penitenciárias particulares como Montessoris muradas para infelizes que só despertaram mais tarde para a vida. Seu apetite para enganar os outros aumenta e cresce e, exatamente quando você pensa que ele

não pode aumentar mais, alguém lhe dá uma pasta com a etiqueta: “Contaminação por Inseticida: Monsanto.” É a glória. Não precisa mastigar tão forte, Ryan. Concentre-se. Concentre-se.

— Desculpe, senhorita, mas estou sentindo que o pneu traseiro esquerdo está furado. Há vidro quebrado pela avenida inteira.

Precisarei parar mais à frente e usar o macaco.

— Você pode nos trancar aqui dentro?

— Claro.

— Então não tem problema.

— Sim, senhorita. Obrigado.

Ouçõ a porta ser fechada, um som abafado por tanta pele.

— Então perdemos alguns clientes grandes — conta Alex — e um dos nossos magos que andavam sobre as águas morreu. E aí veio o efeito dominó. Eu realmente acho que fizeram um sorteio para decidir quem iria sair. Você ainda não está se lembrando de mim? Daqueles terninhos que eu usava? Estou falando da nossa primeira reunião.

Quanto mais ela tenta abrir essa porta, mais ela se fecha. Momentos atrás, eu achava que ela estava se abrindo — tive uma visão de um prédio de escritórios em Dallas, de vidros azuis, uma área de recepção decorada artisticamente com cadeiras que pareciam letras do alfabeto para crianças, vistas panorâmicas de garagens com marcas de heliporto pintadas nos terraços —, mas agora tudo voltou a escurecer e se fechou; como se Chernobyl tivesse sido enterrada num sarcófago de concreto liso. As barricadas se ergueram na rua da memória.

Meu banco parece estar se inclinando. Será que é o macaco sendo usado?

— Você não se lembra do exercício? — ela pergunta. — Aquele workshop em que você fez o papel de um grande *headhunter* e eu devia lhe vender minhas habilidades sem usar os verbos precisar, querer e esperar? Você quebrava pistache para mostrar desinteresse,

disse que precisávamos estar preparados para isso, e quando desabotoei os dois botões de cima do meu casaquinho de caxemira, você disse: “Isso parece desespero; você quer um emprego novo, não um papaizinho.” Não lembrou ainda? — Ela ergue meu rosto com as duas mãos e me obriga a olhá-la.

Peço desculpas e mais desculpas. Os bancos se inclinam. Temo que se eu me mexer, vou passar do ponto de equilíbrio da limusine e esmagar o motorista debaixo de um eixo.

— Você demonstrou preocupação — fala Alex. Ela fecha as pernas com o vestido no meio delas. Agora tenho uma folga; posso retirar o pescoço. — Você também não queria estar ali, queria? Tínhamos esse ponto em comum. Nós dois queríamos gritar. Você estava nervoso, suas unhas estavam no sabugo. Pensei que eu é que devia estar consolando você. Eu sabia que meu emprego não ia durar muito mesmo. Não tinha sido feito para durar. A Exxon, a família Bush. Os festivais sempre terminam.

Mas você pensava que era o responsável.

Tão sincero. Eu queria fazer uma torta de pêssego enorme para você.

E então tudo volta ao nível normal e pegamos a estrada outra vez. A limusine fica presa numa faixa de pedestres tomada de gente, e desordeiros de cabelo comprido batem nas janelas, gritando. Uma lata de alguma coisa bate na capota e sai rolando, então o motorista acelera e no chão eu sinto quando as rodas passam por cima de um objeto macio que sempre vou pensar que era um corpo, mesmo que fosse apenas um saco de correio ou de lixo. Quero tomar um daqueles Ambiens. Encontro cápsulas estranhas, que ainda não tinha visto, brilhando num rasgo do estofamento. Engulo. Alex ainda está em suas reminiscências.

— Você se preocupou — ela repete. É o mantra desse monólogo.

E então estávamos dançando em algum lugar. Estávamos num lugar fechado outra vez. Ou será que isso também é ao ar livre? As

bebidas roxas voltaram — tinham ficado apenas adormecidas —, só que agora elas são feitas de sorvete congelado que você pode pegar da pista se cair e colocar de volta em seu copo como se fosse uma bola de neve molhada, enfiar um canudo e continuar sorvendo. As outras pessoas dançando ficam me empurrando. Uma Alex cubista, cheia de planos que se sobrepõem e seis cabeças diferentes, me cerca e ao mesmo tempo foge de mim, dançando em todas as direções com todos nós. Ela me pega pela cintura, sussurra uma coisa em meus ouvidos — nos dois, ao mesmo tempo. Ela me ama, me ama, me ama. Seu rabo de cavalo faz um Z na fumaça verde, a Marca do Zorro. Ela está pendurada no meu pescoço.

Escapo por uma abertura em sua presença ciclorâmica e consigo chegar ao bar, onde peço um copo de leite. Num canto, Art Krusk consulta Tony Marlowe, ainda tramando seu retorno como o rei da comida étnica. A *newsletter*. Os vídeos. No ATC, tudo o que eu queria era uma saída tranquila, mas o jogo de Marlowe é diferente. Ele fica perto de você, querendo ser seu papa, seu cônjuge, e logo você vai estar pagando a ele para certificá-lo como treinador da franquia do seu culto. Adeus, Art Krusk.

A grade do esgoto já foi levantada. Agora você está debaixo da terra, saindo pelo cano principal. Ambos se levantam da mesa com as casquinhas de neve e saem dali como um presidente e um primeiro-ministro conversando sobre a paz em alguma trilha de coelho em Camp David.

— Seu merdinha, me deu um perdido — diz Alex. Sua garganta aquecida está igual à de um papa-figo e sua voz aguda de passarinho perpassa as batidas da música do DJ. Percussão.

— Eu precisava de um leite frio. Onde estamos? Esse clube fica onde?

— Debaixo do Mount O. — Ela aponta para minhas têmporas. Uma corrente estala entre os díodos. — Sou eu.

Por favor, nós podíamos terminar logo com isso. Eu gosto de leite. Não é o sabor, é a textura, a maneira como ele reveste a garganta.

— Você sabia que um dia isso iria acontecer, não sabia? Alguém ia ver você debaixo do seu capuz preto e perceber que o Ceifeiro Cruel não passava de um menino.

Essa é nossa chance de curarmos um ao outro, Ryan.

De onde está vindo toda essa eloquência? Ela misturou os comprimidos melhor que eu.

— Você está com um bigodinho.

Ela lambe o leite do meu lábio superior e eu lambo a umidade que sua língua deixou.

— Você ensaiou aquelas coisas que disse para mim?

— O dia inteiro desde Reno. Algumas frases cheguei a anotar. Como aquela da Barbara Bush.

— Você é ótima. Aliás, chega a dar arrepios de tão boa que é.

— Quero subir com você. Dê-me apenas meia hora. Para preparar o clima. — Ela me dá seu sorvete roxo para eu segurar, me beija e dá uma meia-volta de Bond Girl. Ela liga seu jatinho portátil e desaparece pelo teto. Na esteira fica um cheiro de propano.

Será que alguém pagou o motorista? Concentro-me nisso, em vez de nas Grandes Perguntas, como o quanto eu devo temer uma jovem mulher que anseia redimir seu perseguidor de aluguel. Conto minhas notas no bar e percebo que também não paguei nada pelos ingressos para o show de Danny. Quanto mais me esforço para pagar minhas contas, a mais gente eu devo. Mas eu nunca vou encontrar a limusine. As pessoas que não insistem que você pague adiantado não estão fazendo nenhum favor. São verdadeiros Shylocks espirituais.

Decido considerar como meu o dinheiro da casa e encontrar uma mesa tranquila para utilizá-lo.

Os estirões de sorte que você é obrigado a deixar pelo meio continuam indefinidamente em seus sonhos, até que a soma do que você poderia ter ganho se tivesse continuado transforma numa miséria aquilo que você efetivamente ganhou. Deixo a mesa de 21 depois de trinta minutos, tendo ganho uns 800 dólares, mas cedo meu refúgio de aposentadoria nas Bahamas e meus anos dourados de filantropia anônima a um velho rato do deserto que se senta em minha cadeira antes mesmo que o assento de vinil consiga recuperar a forma. Esse deve ter sido o maior favor que já prestei a alguém, mas ele não pode me agradecer por isso, nem eu posso levar crédito.

O elevador para em todos os andares, aparentemente, mas apenas em duas ocasiões saltam alguns passageiros. Ficamos olhando uns para os outros enquanto subimos, nos perguntando qual de nós é o moleque ou o débil mental. A maioria das viagens de Las Vegas do cassino de volta para o quarto gera cortesia, compaixão — todo mundo foi roubado pelo mesmo trapaceiro —, mas essa tripulação está fervendo e trocando acusações. As quatro pessoas que deixo no elevador quando salto estão preparadas para uma luta sangrenta naquela gaiola.

Insiro meu cartão na porta. As luzes piscam e dão vermelho. Ponho o cartão do outro lado. Continua dando vermelho. Eu poderia bater na porta ou chamar, mas não quero estragar a decoração de Alex obrigando-a a sair de sua posição. Ela vive para montar esses cenários. Isso é realmente tudo o que sei sobre ela. Então, o que ela está aprontando? Uma masmorra gótica? Um quarto nupcial? Uma sala de interrogatório do Departamento de Polícia de Los Angeles?

Percebo que agi certo em não bater — esse não é o meu quarto. Confundi o número porque essa também é minha senha para meu cartão de débito do Wells Fargo. Olho para os dois lados. As filas de portas parecem falsas, como se estivessem escondendo paredes de tijolos ou tubos de ventilação empoeirados. Vou caminhando, mas

nenhum número chama minha atenção. Até que sinto cheiro de incenso. Enfio o cartão. Verde.

Lá dentro, um momento de blecaute total cede lugar aos fantasmas impressos da boate e então a uma catedral ortodoxa russa de sombras e luzes de velas. O quarto tem o formato de uma falsa suíte, e sua entrada simbólica bloqueia a posição central da cama *king size* e qualquer pose que minha namorada tenha escolhido — melindrosa de champanhe, Marilyn e seu casaco de mink, Cleópatra e suas serpentes. No entanto, posso ver as flores. Lírios brancos carnívoros na mesa de sinuca e mais alguns na penteadeira. Não há música. Nenhum menestrel beatnik. A Wurlitzer nos decepcionou. Três passos e me viro.

Estou em casa, para realizar uma merecida obsessão.

É como um conto de fadas. Na cama, só ficaram os lençóis. As braçadas de rosas. A pele maquiada e muitas, mas muitas velas. Todas diáfanas e medievais e certamente calculadas para se dirigir à antiga criança dentro de mim, mesmo que ela rejeite o jovem adulto. Pelo menos, essa parecia sua intenção. Encantar e corrigir ao mesmo tempo. Mas sua violência e suas tentativas incertas estragaram as coisas. Ela está de lado, meio estática, com os joelhos dobrados, enredada nos lençóis. As rosas estão uma bagunça. Apenas o xadrez de frascos de comprimidos na mesa de cabeceira ao lado da minha máquina de sono — tocando a trilha da “floresta tropical”, dá para ouvir a chuva cair — atesta o perfeccionismo da mulher.

Recebo tudo isso como um ato de bondade. Ela poderia ter se enforcado.

Para pegar o telefone, preciso passar a mão pelo fogo, e sofro uma queimadura que só vou sentir horas depois. O telefone está fora do gancho — prova de segundas intenções? Eu o sacudo com uma das mãos e espero dar linha. Depois, vejo o plug desligado da parede. Procuro rápido meu celular. Devo ligar para 911? Ou me conectar com a recepção para chamar a equipe médica que qualquer

hotel desse tamanho deve ter a postos? A decisão fica no ar. Eu não deveria ter que decidir. Eu mesmo me enganei imaginando os médicos.

A telefonista da emergência quer saber o número do quarto, que desconheço; simplesmente segui o cheiro de jasmim. A mulher fala arrastado. Seu jeitão da região Oeste me ofende. Corro até a entrada, leio o número na porta e volto para a lista de venenos, de remédios. Entro pelo lado errado da cama e, em vez de dar a volta, tenho que pular por cima dela. Roço em sua pele, ao atravessar. Poderia estar mais fria. Ainda dá tempo de massagear seu estômago, de lhe dar alguma coisa. As letras miúdas dos frascos já esmaeceram, o contraste é pequeno. Fecho os olhos e conto tudo. Ela pede que eu fale mais claramente.

A seguir, as instruções. Verificar se as vias aéreas estão obstruídas; a vítima pode ter aspirado vômito. Não entendo.

— Use seus dedos — grunhe a telefonista. Fico surpreso por ela não ter me chamado de “meu bem”. Peço a ela para ser mais específica e dar indicações operacionais.

Quais dedos? Quantos? Na garganta? De alguma maneira, o telefone cai da minha mão e se perde no meio de todas as rosas e lençóis. Ele volta a tocar segundos depois, uma chamada de retorno automática, mas primeiro faço o que é mais importante. Eu a ponho de costas na cama — tenho certeza de que estou fazendo alguma coisa errada; a vítima precisa ficar de lado, para que possa babar; para que a garganta possa expelir qualquer material estranho — e eu abro sua boca molhada e faço um teste, com os dedos indicador e médio, agora estou me lembrando.

A mandíbula se fecha e os dentes me mordem — ela acordou. Então ela sacode a cabeça, como se fosse um cachorro. Me morde.

— Mas que diabo...?

Ela tem os olhos grandes, como os de Lázaro.

— Meu Deus do céu, Alex.

— Mas que merda! Você estava me sufocando. — Ela suspende os joelhos e fica numa posição fetal, virada para a cabeceira da cama. Curvada, acuada, como se eu tivesse uma faca. O telefone ainda toca.

— Você não veio e eu dormi — ela diz. — Onde você estava?

— Você está bem? Você disse que era para eu esperar.

— Mas não por duas horas. — Vejo que o telefone está ao seu lado. Ela dá um tapa e ele fica quieto.

— Eu... — digo. — Eu... — continuo. — Eu... — tento. Faço uma pausa.

— ... estava jogando cartas? Só mais uma mão? — ela pergunta. Ela junta os lençóis e cobre tudo o que é bom. O telefone volta a tocar. Ela atende, ouve e diz “eu estou bem” e repete isso até eu mesmo estar convencido, seu rosto demonstrando compreensão por meu erro, pelos erros de todas as pessoas, e depois nojo.

— Obrigada, eu sei, mas não foi isso — ela diz. — Ele se dá muita importância, por isso achou que era. Ele sabia que eu usava sedativos, mas aparentemente... eu sei, eu sei. — Essas mulheres estão mesmo se entendendo. — Ele demorou muito no cassino e entrou aqui na ponta dos pés, com a consciência pesada, e viu o que queria ver, ou o que desejava ver, ou algo assim. A pobrezinha da Julieta. Se quiser mandar alguém aqui para confirmar, fique à vontade... Certo. Está bem. Ela quer falar com você.

Explico que, no fim das contas, não houve emergência alguma, desligo o celular e olho para minha namorada. Se ela acendeu mesmo todas essas velas quando subiu, e elas estavam novas e já queimaram tudo isso, estou surpreso de só ter perdido duas horas lá embaixo.

— Vi que você recebeu seu ursinho de volta — ela diz. — De Paula, minha amiga. De quem você também não se lembra. Alta. Costumava usar um terninho de flanela. Gostava de se vestir como homem.

— Paula... Que parecia uma estátua... — digo. — Paula...

— Quando eu disse que o encontrei no voo de Reno, ela falou “ora essa” e me pediu seus dados. Você também a dispensou. Ela é sensível, mas também não é fácil.

Ela disse que ia fazer alguma coisa, mas não disse o quê, embora deva ter sido ela porque um dia ela distribuiu ursinhos como esse de Natal, exatamente no ano em que fomos despedidas. Ela voltou a trabalhar com relações públicas, em Miami. No ramo da moda.

— Acho que devo arranjar outro quarto para mim.

— Arranje um para mim. Esse aqui está uma bagunça. Quero lençóis novos. Gastei muito dinheiro com todo esse cenário.

— Ou talvez devamos pedir outro quarto para nós dois.

— Você deve pensar que eu sou uma senhorita muito solitária. E meio maluca, também. Pode dizer.

— Não.

— Esse foi seu momento de grandeza, não foi? Sua virgem morta e desconsolada. Sei que seu grande encontro está marcado para as 21 horas, mas, se eu fosse você, ligava e cancelava. Você sabe que ainda não fez por merecer seu prêmio. Você se dá muita importância e já está ficando cansativo. Tente arranjar outra suíte para mim. Ou qualquer outra coisa. Não precisa nem ser aqui no Mount O.

Aproveito a deixa quando volto a estar sozinho e tento dar mais umas tacadas extravagantes, mas estou fora de ritmo e poucas bolas caem. Bolas de sinuca só batendo umas nas outras, sem cair na caçapa, são uma coisa triste. Um pouco de diversão? Eu deveria adorar esta Wurlitzer. Tem tudo o que eu gosto. Haggard, Baez, Hank.

A Música Country como Literatura. Me disseram que eu tinha a ambição de ser um cantor de música country, e eu não duvido, mas agora é tarde demais para aprender um instrumento. Passo minha máquina de sono para “vento do campo” e engulo um comprimido que encontrei debaixo da pia e um Ambien do meu bolso, para equilibrar o jogo.

Ligo para Alex em seu novo quarto, três andares acima do meu, para ver se ela está bem instalada e também para ter certeza de que ela não vai me assassinar quando eu estiver dormindo. Ela está falando do banheiro, posso ouvir a descarga quando ela atende. Estou ligando do mesmo lugar — será que encontramos uma sintonia? —, embora eu já tenha dado a descarga. Dou mais uma, como se fosse um canto de acasalamento, e Alex me diz que está se preparando para sair de novo e eu respondo, competitivo, que também estou.

— Vestido de quê? — ela pergunta. Essa é a questão que eu teria feito a ela, já que é ela que sempre se caracteriza como uma personagem.

— De Danny — eu digo, e pelo menos dessa vez consigo arrancar uma gargalhada dela. Por que não começamos as coisas dessa maneira, de uma privada para a outra, num recanto simples, do jeito que os mórmons fazem a corte?

Pergunto-lhe por que ela toma tantos comprimidos, fazendo com que minha preocupação pareça autêntica, e ela diz que não toma — que os remédios são uma coleção, uma maneira de se adaptar à vida nos aviões e ao trabalho como autônoma, algo com que ela nunca conseguiu se acostumar. Consultar um médico em cada cidade que vai é como redesenhar a iluminação em seus quartos de hotel, ajuda-a a se sentir conectada e à vontade; e ela só pede receita aos médicos porque é do Wyoming, onde teve uma vida pobre, e acredita no valor do dinheiro. Ela só abriu os frascos hoje, porque viu que eu tinha roubado muitos comprimidos e por isso concluiu que as cápsulas eram minha paixão, ou talvez só um passatempo, e ela queria entrar na minha onda e não ser uma desmancha-prazeres. Digo que compreendo tudo isso, embora poucas pessoas iriam aceitar, porque sei o que ela enfrenta na vida, tendo que criar tudo de novo cada vez que aterrissa, e eu também faço isso, torcendo para os times locais, e lhe conto a história dos Bulls e dos Timberwolves.

— Então, vamos nos encontrar na Poseidon's Groove em 15 minutos? Fantasie-se como quiser — digo, e depois acrescento: — Finalmente me lembrei de você. — E é verdade. Há um minuto, quando percebi que não haveria nenhuma pena, vi num flash a manhã em que representei o papel de *headhunter* para uma tímida Alex em busca de um emprego, embora o que eu estivesse comendo fosse amendoim, e não pistache.

— Tivemos uma boa química, não tivemos?

— Eu não iria tão longe. Gostei da sua roupa. Mas naquela época eu não era capaz de ter uma boa química.

— Você acha que nossa limusine ainda está aí em frente?

— Tenho certeza que sim.

— Podíamos ir até aquela base aérea secreta onde fazem autópsias nos seres extraterrestres e sentar numa pedra com uma caixinha de leite frio e olhar para o céu e tentar ver os testes experimentais.

Agora, sim, essa é a minha ideia de acontecer em Las Vegas.

— Ótimo.

— Por que você não foi assim antes?

Não tenho resposta para isso.

— Ou talvez — ela diz — nós devamos esperar uma semana ou duas e ver se ainda estamos interessados.

— Ah...

— Acho que seria mais inteligente.

Sozinho na cama, eu me lembrei de que só precisava sobreviver a essa noite, por isso me dei bem. Tudo o mais foi um bônus. E talvez eu tenha encontrado minha alma gêmea esta noite, embora eu não tenha certeza de quem foi, entre todas as mulheres.

dezesseis



Esse negócio de viajantes perdidos, que acordam e não sabem onde estão, sempre pareceu falso para mim, uma forma de se mostrar, como alguém me dizendo num almoço que há muitos anos não come uma comida de verdade. Quanto mais eu viajo, mais consigo me orientar a partir de umas poucas pistas, e mais difícil é eu me perder.

Estou sempre mapeando e triangulando, atento aos sotaques, cortes de cabelo, formação das nuvens e os buquês químicos da água potável. Ser nômade é sinônimo de ser vigilante, e acordar espantado e naufragando sem âncora é um privilégio dos sedentários, assim me parece — do fazendeiro que passou a vida inteira na mesma casa branca, acordando ao som do mesmo galo.

A luz da manhã em meu quarto em Las Vegas não se compara a qualquer outra nos Estados Unidos — um tiro direto na alma. Ela ilumina os pistilos e os estames dos lírios e as cinzas do incenso usado. Meu celular está tocando pela segunda vez, e como só pode ser alguém de quem não gosto, hesito antes de atender. Daria tudo por um instante de deslocamento, uma abençoada zona neutra.

— Estou aqui embaixo com um carro a caminho — diz Craig Gregory. — Achei que você talvez quisesse uma carona para o centro de convenções. Você vai querer checar a acústica, os pontos de força.

Você vai usar uma lanterna e fazer um sermão ou vai ser uma espécie de talk show? Estamos curiosos.

— Ainda não tomei banho.

— Use isso como efeito. Preocupado demais com a consciência para tomar banho. Vou esperar na frente, perto daquele grande Dionísio cor-de-rosa de granito.

Faço o melhor que posso com o barbeador, o sabão e a escova de dentes, mas é como tentar limpar uma maçã bichada. A motivação está baixa. As trombetas da virtude não se fazem ouvir. Ensaio algumas frases valentes da minha palestra, mas o rosto no espelho embaçado não se move. O objetivo da palestra era me ver no palco, apresentando-a, mas isso eu já fiz umas cem vezes, e claramente meu melhor momento já ficou para trás. Um verdadeiro ato de coragem nessa manhã seria cancelar tudo e viver com a sabedoria que Craig Gregory espalha por todo o escritório: “Eu avisei.” É a única penitência que me restou e eu tenho que agarrá-la.

Ponho tudo na minha bolsa de mão, mas o zíper não fecha. Deixo-a na cama. Minha pasta também. De qualquer maneira, bagagem, para mim, sempre foi uma afetação, uma forma de assegurar a estranhos e às recepcionistas de hotel que eu não acabei de sair da prisão e que eu pago minhas contas. Também jogo fora a máquina branca geradora de ruídos. Ela me enfraqueceu. Se uma pessoa não pode perder a consciência sozinha, se pensar é tão importante para ela, então deixe-a ficar em sua cama de pregos.

Ela vai saber lidar com isso.

A única coisa indispensável é o HandStar, mesmo que só por mais umas nove horas. Os horários dos voos, as tabelas de milhas e os memorandos das atividades vão me dizer quando cruzei o meridiano. Depois disso, lixo. Meus cartões de crédito também. Quanto menos portais numéricos para os meus assuntos, menos intrusos eu terei. Posso ficar com um Visa para abastecer o carro sem ter que olhar para a cara de ninguém, mas vou jogar todo o resto na

minha lixeira de números indesejáveis. 787 59643 85732, você não vai mais poder ser meu agente. Acesso negado. Vou manter meu celular, caso eu seja testemunha de um acidente de carro e possa ajudar em alguma coisa. As botas também ficam comigo. Para me ajudar a caminhar na superfície da terra e parecer um bobo, que é exatamente como eu me sinto. Espero que não eternamente, mas no começo, sim, certamente.

Faço o *check-out* pela televisão e desço pelo elevador até o cassino, onde percebo alguns jogadores da noite passada ainda debruçados sobre mesas e máquinas, mas não o cara que ficou com minha cadeira no 21; ele agora deve estar comprando um iate, assombrado por uma leve sensação de falta de legitimidade que ele tem que beber muito para disfarçar.

Estou quase indo embora para a MythTech, saindo pela porta dos fundos para dar um bolo em Craig Gregory, quando meus olhos se fixam numa silhueta conhecida num canto de uma minimesa de bacará. Estou arrasado. Eles o pegaram. O arredio Pinter. Lá está ele, todo duro, arriscando sua sorte como um monge que se aventurou a sair de sua cela apenas uma vez na vida e foi cair direto no esconderijo de Lúcifer. É meu dever tentar arrancá-lo dali.

Ele demora um instante para me ver depois que eu me sento. Esse jogo que não requer técnica alguma, e somente uma decisão binária — Jogador ou Banca; até um embrião poderia jogar — fossilizou seus nervos. O branco de seus olhos está da cor de dentes velhos e seus dentes velhos têm essa cor.

— Eu já ia me preparar para ouvir sua palestra — ele diz, otimista.

— Puseram-me na mesma hora de um CEO que ainda vai ser anunciado. Caí fora. Como está indo?

— Cada vez melhor. Estou quase empatando. — Ele molha os lábios cinzentos e aposta duas fichas na Banca, então tem uma visão e muda para o Jogador. Se ele ganhar, vai achar que está inspirado.

Se perder, vai achar que estava inspirado mas que duvidou de si mesmo. Vai decidir não ter mais dúvidas e continuar a jogar.

— Você pensou naquele negócio da Zona Pinter?

Ele apaga um cigarro enrolado à mão.

— Lamento, mas decidi licenciar para Tony Marlowe. Eu queria dar a notícia na palestra.

— Posso saber por quê? — Como se eu não soubesse, e como se isso agora fosse importante. Marlowe é sorridente. Ele afaga. Fica na cola. A filosofia perene.

— Você até pode, mas minha resposta só vai fazer você se sentir mal.

É justo, mas de qualquer maneira ele me apunhala.

— Você se formou em meus seminários. O Marlowe não. O cérebro dele não está cheio de gosma. Ele me vê pelo que sou, outro empresário, e não como um messias.

Isso tira a pressão de cima de mim. Você, eu teria decepcionado.

Ele está errado. Vê-lo se matar para estar “quase empatando” (em que outro lugar, a não ser Las Vegas, considera-se que chegar a zero é uma realização?) já causou isso.

— Você vai ver o general esta tarde? Aquele homem ganhou uma guerra gigantesca no deserto. Imagine a confiança que ele deve incutir.

— Já ouvi uma palestra dele. Já peguei tudo o que ele tem a dizer. Estou indo para Omaha. Spack e Sarrazin.

— Dê lembranças a eles em meu nome.

Ele escolhe a Banca. E perde. O eldorado do empate fica um pouco mais longe e surge um novo graal: a falência com dignidade. Compro algumas fichas. Vou me juntar a ele em sua ruína.

— Não tenho nem certeza se vou querer trabalhar com eles. Talvez eu viva da minha poupança por um ano. Vou ler os clássicos.

— Os clássicos só vão lhe deixar deprimido. Fugi de um país cuja educação se baseava nos clássicos e todo mundo lá bebia ou tinha

ideias suicidas. Mantenha-se ocupado. Trabalhe. Ganhe dinheiro. Ajude outras pessoas a ganhar dinheiro. Seu maior ativo é ser um total ignorante a respeito dos clássicos. Se a MythTech mostrar interesse em você, aceite. Nem pense em Dante.

Ganho duas rodadas com rapidez e posso ver o relógio de bolso que me pôs em transe na noite passada. Recolho minhas fichas e recuo o banco. Me levanto.

— Fique mais um pouco. Está dando sorte — diz Pinter. — Só mais cinco mãos. Estou a uma curta distância de onde eu estava quando achei que estava começando a empatar.

Muito triste, essa observação. Mas devo a esse velho, mesmo que agora ele esteja com Marlowe. Um dia ele fez algo por mim. Fez muita coisa. Os mais sofisticados podem torcer o nariz, mas é tudo verdade: no curso de certas vidas na América do Norte, lá em cima onde se voa entre as duas costas, é possível chegar — por uma desilusão amorosa, pelo choque duradouro e desconcertante de ver os pais envelhecerem, por uma formação moral inadequada, por problemas financeiros — a um estágio, uma bifurcação ou um caminho (dispense as palavras de efeito, por sua conta e risco) em que nos vemos sozinhos numa cidade estranha onde ninguém vive mais do que precisa e todos os nossos vizinhos são de outro lugar, e, droga, as coisas simplesmente não estão funcionando em nossa vida e já tentamos de tudo, dieta, academia, empregos, igrejas, mas até agora não isto — isto que nós lemos num folheto elegante que puseram no nosso para-brisa: um curso novo e inovador de Autogerenciamento Dinâmico, desenvolvido ao longo de décadas de experiência treinando os Principais Líderes Empresariais Americanos; NÓS GARANTIMOS LEVAR VOCÊ AONDE VOCÊ QUER CHEGAR!

E nós vamos. E nos sentimos melhor. Porque realmente existe uma sabedoria ali, mais do que aprendemos em nossas horrorosas faculdades, e, o que é mais importante, existe o rosto de um homem velho, transmitido via satélite da Califórnia, que parece estar

olhando só para nós, fracotes de 50 quilos, e não está rindo! Um milagre. Nem sequer demonstrando afetação! Está ali, nos contemplando!

— Ganhei de novo. Está vendo? — fala Pinter. — Não se mova nem um centímetro. Estou triplicando a aposta.

Só por ele eu faria isso: ficar ali como se estivesse dando sorte, quando tenho que pegar um avião.

— Consegui! Empatei!

— Talvez você devesse parar agora — eu digo.

Pinter assente.

— A não ser que você possa adiar Omaha.

— Não posso.

Ele recolhe as fichas com as quais se sentou como se fosse um saque de ouro tirado de um navio que naufragou. Ele se afasta da mesa. Veja: estou sem algemas.

— Peço desculpas sobre Marlowe. Não posso desfazer o que já assinei. No entanto, posso subir até o meu quarto e ligar para o Sr. Sarrazin e dar uma boa referência a seu respeito e sugerir que ele mande um carro buscá-lo no aeroporto. A que horas você vai chegar?

Eu digo a ele.

— Você me deu uma nova vida! — Ele me cumprimenta e não solta minha mão; embora sonhemos em algum dia sermos cumprimentados por um velho mentor, ninguém quer que ele fique agarrado a nós dessa maneira. É doloroso. Meu favor foi tão pequeno. Fiz tão pouco.

Embora eu imagine que isso vá depender do quanto ele estava mal.



Sempre há troca de avião em Denver. É inevitável. Uma ida ao banheiro no Oeste é sinônimo de trocar de avião em Denver. Se você já fez isso, já viu o melhor da cidade.

Não que o resto de Denver seja ruim (já me disseram que a cidade tem um “cenário artístico pujante”, seja lá o que isso queria dizer; pessoalmente, acho que os artistas deveriam ser mais discretos e trabalhar, em vez de ficar dançando em parques), mas porque o aeroporto é uma maravilha. Junto com Hartsfield e O'Hare, o aeroporto internacional de Denver é uma das grandes capitais do Mundo Aéreo. É a melhor casa que alguém em trânsito pode desejar.

Mas hoje é dia de dizer adeus. Vou fazer conexão em Denver algum dia — vou continuar voando, imagino, embora com menos frequência e principalmente por prazer —, mas o aeroporto de Denver não vai ser mais a mesma coisa, onde eu conheço todo mundo e a maioria do pessoal se comporta como se me conhecesse. A mulher que faz massagens de dez minutos numa cadeira acabou de ter gêmeos. Os engraxates Baron, Gideon e Phil. O soldado aposentado que aparece todo dia útil às 6 horas para cumprir seus 15 quilômetros de caminhada, protegido do mau tempo pelas altas coberturas cônicas que dizem invocar as tendas das aldeias indígenas, embora para mim elas mais pareçam velas.

E Linda, é claro, com quem acabei dormindo, pervertendo assim o relacionamento imaculado entre a recepcionista gentil e competente e o homem ocupado que adora ser bem recebido.

Olho para todos quando caminho entre os portões. Se pego alguém olhando para mim, faço um revólver com os dedos e dou um tiro de “como vai?” ou “continue assim”.

Alguns atiram de volta, mas apenas uma pessoa efetivamente fala: Sharon, a mulher das massagens rápidas.

— Pescoço de ganso, venha cá! Você precisa de mim!

Subo em sua cadeira esquisita e repouso a cabeça, olhando para a frente e para baixo, entre dois suportes. Vejo o chão passar. Nada fica no lugar. Tudo passa. Só que o chão corre mais devagar que as outras coisas.

— Está ouvindo esse som de crocância? É sua fásia estalando. — Ela sempre fala da minha fásia. Tem pena dela. Ela acredita que, se as pessoas, especialmente as que estão no poder, “ouvissem seus próprios corpos”, não teríamos mais guerras e a poluição iria diminuir. E enquanto eu estou em suas mãos besuntadas de óleo, eu acredito nisso também. Imagine se a resposta fosse assim tão simples. E até pode ser.

Eu poderia dizer “até mais”, mas não quero confundi-la. É claro que estou de partida, estou num aeroporto.

Ando até a mesa do Compass Club e peço à funcionária que está substituindo Linda para passar um bilhete para ela que escrevi no voo para cá. Não é um grande recado: “Continue sorrindo, está bem? Peço desculpas por ontem à noite. Vou passar um tempo afastado. Diga aos garotos para esperarem grandes presentes de aniversário, e é verdade, você seria uma enfermeira excelente. Corra atrás disso.”

— O senhor é o Ryan? — pergunta a substituta. — Aquele de quem ela sempre fala? Confere exatamente com a descrição. Só pode ser o senhor.

— Descreva essa descrição.

— Cabelo curto médio. Vocabulário enorme. Voz nivelada mas agradável.

— E foi assim que você me descobriu?

— A Great West colocou sua foto no jornalzinho dos funcionários. Eles vêm nos atualizando com seu progresso. O senhor vai ser o número 10.

Estou atônito.

— Então quer dizer que todo mundo conhece meu rosto? No país inteiro? O tom da notícia foi positivo?

— Que tal dizer adulator?

— É mesmo? Sem brincadeira?

— Ordens lá de cima — ela diz. — Tratem este homem como se fosse um príncipe. Não foi o que disseram literalmente, mas foi o tom.

— Continue!

— Você não percebeu os sorrisinhos por todo lado? Os polegares para cima de seus companheiros de equipe?

Balanço a cabeça.

— O boletim diz que sou seu companheiro de equipe? Você ainda tem um?

— Você realmente não percebeu? Você é o nosso Mais Procurado.

— Estou achando tudo isso muito confuso. Morse disse que era para me bajular? O futuro chefe da liga de beisebol mandou me bajular? E não me metralhar?

— Esse negócio de beisebol não existe mais. Ouvimos dizer que ele ficou arrasado. Ele falou ontem no café da manhã de uma igreja em Boulder e dizem que ele estava aos prantos. Ficou totalmente perdido por um minuto. Com o preço das ações estagnado e os grandes cortes de tarifas da Desert Air e a nova campanha publicitária “vamos voar juntos”, o que o sindicato diz é que ele vai sair do posto em seis semanas. Talvez agora, depois desse colapso, em até menos tempo.

— Isso é fofoca confiável dos altos escalões? Ou vem mais de baixo?

— Notícia do sindicato. E, acredite em mim, não vamos sentir falta dele. Ele é o Sr. Má Fé. Cede um centímetro, depois toma de volta, depois devolve mais tarde como se fosse Papai Noel ou um

maravilhoso tio rico. Ele vai se dar bem. Vão lhe dar um cheque de 1 milhão de dólares, e ele vai embora rindo.

— Não vai, não. Não é assim que as pessoas se sentem.

— Não importa.

— Ele vai passar algumas noites muito ruins, se for verdade.

Existe uma maneira de entrar em contato direto com ele? Como consigo o telefone dele? O que ele atende?

— Deus do céu. Vamos lá, você também o odeia. Todos os passageiros o odeiam. Ele acabou com a empresa.

— Mas você continua trabalhando aqui.

— E você continua comprando as passagens.

— Alivie um pouco os que têm mais sorte. Tudo está encadeado. Você também está nisso.

— Vou dar o bilhete a ela, Sr. Vocabulário.

Espero que Pinter tenha soltado as amarras que o prendiam ao bacadê por tempo suficiente para andar até um telefone e pedir um bom desembarque para mim em Omaha.

Um motorista no portão segurando uma placa com meu nome escrito levemente errado iria dar um toque especial a essa cena. Faria minha chegada parecer mais uma chegada e não apenas mais um desembarque de rotina.

Peço meu leite integral e, sim, é verdade: o sorriso da comissária de bordo parece exceder o sorriso parabólico milimétrico diagramado pela Great West em seu manual de treinamento. Ela não é um ser humano livre como você e eu, e quando o comportamento dela muda é porque existe um propósito. Os regulamentos federais mandam em sua vida, ditando a duração dos turnos e os períodos de descanso e os momentos em que ela pode consumir álcool e remédios sob prescrição médica; o contrato que ela tem com a companhia aérea cuida do resto. Até o laço do seu sapato foi otimizado. Duas voltas e pronto. Isso se ela usasse sapatos com

cadarço. Mas é proibido; ela poderia tropeçar ao evacuar a cabine ou ao ajudar um vendedor de anéis de formatura no final do corredor.

Como confundi os sorrisos e tapinhas nas costas de meus companheiros de equipe com galhofa e perseguição, ainda não sei. É como se eu tivesse confundido um jantar em minha homenagem com a última refeição de um condenado. Os dois eventos podem ser parecidos — atenção excessiva de pessoas que antes me ignoravam, telegramas, repórteres, lenços. Talvez eu não seja culpado afinal.

Omaha começa a aumentar na janela, mas esse crescimento vem das minhas expectativas e não da sua grandeza. Em viagens passadas, a cidade me pareceu melancólica, um projeto que foi além dos objetivos para os quais foi fundado e permaneceu apenas devido a grandes contribuições, inércia e um ou dois bilionários com espírito cívico. Dessa vez pode muito bem ter sido a ressurreição de Atlantis. Os prédios baixos e velhos param nas nuvens. O trânsito do fim da manhã parece mal conduzido.

Omaha, cidade do mistério, sede da MythTech, que guia nossas mãos pelos freezers dos supermercados até as pizzas crocantes e os pães com mozzarella que parecem caros demais, mas ora, que diabo, é o nosso dinheiro. Nós gastamos como bem entendemos.

E eu quero entrar nessa empresa, o que quer que ela seja. Para estar seguro deles, é preciso ser um deles. Aterrissamos, e eu fico na fila. O que procuro não é um trabalho, é uma cidadania, um lugar dentro do Templo. Grandes módulos da cobertura ainda estão nos guindastes e nem todos os dutos estão instalados e lacrados, mas a menos que eu entre antes que a estrutura seja entregue, não serei mais que um espectador. Uma marca. Mesmo que se a MythTech não passe de sete garotos de 25 anos jogando basquete com a cesta de lixo e mastigando barras de proteína, eu ainda quero trabalhar lá, se é para lá que o mundo está indo. Até as coisas importantes começam na Garagem.

Sam permite que eu o chame pelo nome. Vou na frente com ele. Não é um veterano, como o motorista de Las Vegas, mas tenta ser, e desconfio que ele cobra dos clientes com cartão de débito e não dá entradas para shows por cortesia. Ele está na faculdade, sem dúvida alguma, e esse é apenas um emprego secundário; aquele clássico da editora Penguin, *A casa abandonada*, não é fácil, e metade das páginas tem marcações e clipes de papel. Sam indica os pontos turísticos. Uma famosa joalheria que tem entre seus clientes a realeza inglesa e os titãs do software que conhecem sua cor, corte e claridade. O primeiro escritório de Warren Buffet — está vendo aquela janela quebrada? É a que vem imediatamente acima, onde estão os pombos.

Alguém deve estar querendo que eu me sinta em casa em Omaha, e, só para o caso de Sam se reportar a ele, demonstro interesse em monumentos salvos, alamedas bem concebidas e bairros de *lofts* de tijolos vermelhos na zona descolada da cidade. No entanto, estou ansioso. Estamos saindo do centro e passando ao longo do lento rio Missouri.

Cassinos em barcos, estoques de madeira, a sede do T-bone de 9 dólares, de 8 dólares, de 7. Grandes sonhos e aluguéis baratos podem formar uma bela canção, mas os jantares de filés dão lugar às Budweisers baratas e começo a refletir. Será que a MythTech não tem orgulho?

— Onde fica a sede mundial?

— De quem? — pergunta Sam. — Eles me deram um endereço, não um dossiê secreto.

Mal pago, trabalha muito. Não levo a resposta brusca para o lado pessoal.

Ele olha de um lado para o outro e então para o céu, o rosto sobre o volante. Está perdido. Olhar para o céu enquanto se dirige é como chutar a bola rebatida que acabou com o jogo.

— Eles marcaram alguma hora para chegarmos? — pergunto.

— No porta-luvas tem um telefone.

Sam disca um número e continua dirigindo. Perco a confiança nele. Quando você se expõe tanto, a perseverança deixa de ser uma virtude. Agora passamos por lojas de roupas de inverno. Igrejas que não pertencem a nenhuma religião. Uma rival da Dairy Queen do início dos anos 1970 com um cone descolorido que não gira. A MythTech contratou este carro, e pelas pessoas que uma empresa contrata você deduz sua alma.

— Nós já passamos. Eu sabia!

O retorno ilegal de Sam vai terminar num pequeno armazém que, admito, tem um claro potencial de capitalismo moderninho, mas bem poderia ter umas antenas de satélite no telhado para eu ficar mais convencido. Abro a porta; gostaria de ter ficado com minha pasta. Sam me diz que precisa pagar uma conta atrasada, mas promete voltar em uma hora.

O painel do interfone ao lado da porta mais parece o de um cofre é promissoramente rico em botões iluminados, mas nenhum deles tem etiqueta ou mesmo um número. Aperto quatro botões ao mesmo tempo; em resposta, soa uma campainha e uma tranca se abre. Agarro-me à maçaneta do portão, sem saber exatamente quanto tempo esses trincos ficam abertos. É sempre um momento de pânico para nós, os nervosinhos.

O espaço é bem iluminado graças a uma série de antigas claraboias trespassadas por arames de reforço e incrivelmente livres de sujeira e fezes de pássaros. Há uma antiga galeria ou mezanino de salas de vidro fosco, servida por escadas de ferro que dão uma volta ao redor daquilo que deve ter sido o chão de uma grande fábrica na era de ouro de Omaha como centro de que indústria mesmo, caldeiras?, que continua a existir nos nomes dos times de futebol das escolas. Mas não há ninguém à vista e nenhuma recepção visível onde se possa perguntar para onde foi todo mundo. O rústico chão de tábuas está vazio como um ringue de patinação e não foi

restaurado para voltar ao seu habitual brilho retrô ou delineado para proporcionar aos jovens gênios aqueles cruciais jogos de *brainstorm* durante o basquete da hora do almoço, sem os quais não haveria a internet nem o HandStar.

O único objeto que faz lembrar um trabalho ou um objetivo é um cubo de placas de aço pintado de verde-oliva, do tamanho de um ar-condicionado industrial. Ele não tem forma, nem painéis, ventiladores ou rebites, mas o brilho que emana sugere que ele seja bem mantido. É uma prova de minha insistência na lenda da MythTech que, apesar de uma experiência na indústria de alta tecnologia que me ensinou como é um supercomputador — nada de mais, não são maiores que uma máquina de lavar —, eu insisto em ver aquele cubo como um grande cérebro cibernético capaz de prever quando e como o amor recém-redescoberto entre os americanos e os furgões vai acabar.

Essa coisa é uma máquina verde-oliva monolítica de pensar.

— Olá, aí embaixo. Posso ajudá-lo?

— Eu sou Ryan Bingham!

O homem no parapeito do mezanino se recolhe para o conjunto de salas de vidro e logo surge um novo rosto, jovem, mas muito pálido. O garoto usa uma camisa havaiana laranja, que provavelmente é uma releitura cara das antigas camisas havaianas, já que é mais clara, mais estridente e mais estampada do que qualquer uma que eu tenha visto meu pai usar nos piqueniques anuais da empresa, no Lion's Park. O garoto também está usando sandálias de dedo. Muito estimulante. Este é o estilo da nova classe dos barões ladrões.

— Posso ajudá-lo? — A mesma pergunta, mas falada com mais autoridade, até com um leve tom de participação nos lucros. O garoto considera que esse estranho domínio é dele.

— Aqui é a MythTech, não é?

— É claro que é. Mas eu lamento, não precisamos de nenhum funcionário avulso. Já terminamos de empacotar e carregar tudo há dois dias. O senhor é da Manpower?

— E eu lá estou vestido como se fosse da Manpower? Spack ou Sarrazin estão aí? Sou Ryan Bingham.

— Já estão em Calgary — ele responde. Por que não desce as escadas e faz isso de uma maneira civilizada? — Aqui só estamos os quatro estagiários, os dois seguranças e eu, até conseguirmos içar aquele negócio para dentro de um caminhão. Depois vamos embora. Foi para você que eu mandei o carro?

— Alguém mandou. Foi você?

— Recebi uma ligação de um de nossos antigos patrocinadores — o jovem grita para baixo. — Ele disse para mandar um carro esperar um avião, e quando perguntei por que e para quem, ele ficou irritado e disse que eu era muito pequeno para lhe fazer essas perguntas. Tive que lembrar ao velho esnobe que aqui não temos hierarquia. Somos horizontais.

— Sandy Pinter?

— Um desses caras que estão cheios de velhos conceitos equivocados, que acabaram com a General Motors.

— Pinter é um antigo patrocinador da MythTech?

— Desde os velhos tempos. Ele entrou no terceiro trimestre de 1998. Mas você ainda não disse como posso ajudá-lo. Foi Adam que o chamou aqui?

— Indiretamente.

— De uma maneira mais obscura, então?

— Isso.

— Tudo está acontecendo de uma maneira mais obscura, ultimamente. Entraram em contato por radar ou por micro-ondas? Ou foi pela rádio AM?

Esse não é um grande momento da minha vida. Estou sendo provocado por um inferior mental que acha que os Estados Unidos

não decolaram antes de 1999, ou quando quer que ele tenha contratado seu primeiro plano de aposentadoria privado. Mas eu mereço. O que devo dizer? Que me chamaram pelos alto-falantes do aeroporto usando um orelhão de supermercado?

— O que haverá de tão bom em Calgary?

— Isenções fiscais. Normas contábeis menos rigorosas. Quem vai saber? Leis que dão mais garantia de sigilo bancário. Imigrantes bem-educados. Isso não quer dizer que já tenhamos extraído todas as pedras de Nebraska. Nós podemos administrar a empresa de Jacarta. — Ele estala os dedos e o eco se faz ouvir por todo lado.

— Mas a não ser que você possa dizer como posso ajudá-lo, tenho uma sala inundada de fios e cabos que só vão ser desembaraçados com muita dificuldade.

— O nome Ryan Bingham não significa nada para você?

— Neste momento significa frustração. Uma hora atrás, eu pensaria que era o senador em quem votei. Estou falando sério: tenho uma fiação enorme para botar em ordem, e uma cafeteira comercial gigantesca para limpar. Também tenho dois brutamontes que tomam remédio contra psicoses. Alegação de insanidade? Já decoraram tudo.

— Qual é o seu nome?

— Posso lhe dar o meu login, é assim que funciona — ele diz. — 2BZ2CU.¹

Mudo o meu centro de gravidade em direção à porta, mas tecnicamente mantenho meu lugar. Olho para o tal cubo; acabou de pulsar, me escaneou. Tenho mitocôndrias sensíveis, que ficam expostas quando passam por raios X. Sei quando fui escaneado.

— Eu vim ver aquilo — digo, apontando. — Aquilo ali. Foi meu secretário que atendeu a ligação de Sarrazin. Ele errou a data. Trabalhei no protótipo daquele negócio, no Colorado.

O jovem empertiga o corpo, cético, e dobra os magros braços brancos. Ele é um blefe, um blefe total, outro MBA saído do Starbucks: um frangote moderninho num Fusca que provavelmente declara admirar o Dalai Lama mas por dentro é cheio de opções de ações, cheio de *day-trades*. Já sinto o peso desses menininhos de jardim de infância em minhas costas há mais de dez anos e eles me assustam. Está na hora de enfrentar isso. Esse menino não sabe porra nenhuma. Desconfio até que ele não esteja indo para Calgary; aliás, posso apostar que não está. Esses sujeitinhos não atravessam a fronteira para países que não têm dólares que eles possam arrancar com seu lixo indolente.

Essa missão não precisa ser só humilhação. Posso perfeitamente me impor como macho alfa sobre esse maníaco por computador e ir embora com minhas grandes botas pretas. Quer dizer que ninguém aqui estava me esperando? Isso acontece. Já me acostumei com isso. Mas eu pelo menos posso ver o cubo e sair de cabeça erguida para meu voo do pôr do sol e de 1 milhão de milhas.

— Uma visita de cortesia profissional — digo. — Desça até aqui. Faça um *tour* comigo ou Pinter vai ligar para Spack, e Spack vai pagar seu pacote de demissão em rublos.

2BZ mostra a Ryan seu pescoço esperto. Ele desce as escadas e seus chinelos o trazem rapidinho até onde estou. As claraboias se escurecem com as nuvens que passam sobre elas, mas o cubo continua majestoso na penumbra. É homeostático. 2BZ fica a certa distância da coisa e não quer encará-la diretamente; só oferece seu perfil a ela. Ele age como se quisesse um avental de chumbo.

— Está ligado?

— Está sempre “ligado”.

— Ligado entre aspas?

— Eu realmente não sou um especialista — diz 2BZ. — Nós trabalhamos somente com informações indispensáveis. É horizontal, mas em camadas horizontais. Eu cuido da infraestrutura. Envio e

recebo. Posso dizer que está no seguro, que é frágil e que viaja num caminhão-plataforma especial que já devia ter chegado há meia hora.

Posso dizer que eles já entraram em contato com a Alfândega e que não foi o menor telefonema das nossas vidas. Acho até que eles ligaram duas vezes.

— E então, qual é o apelido disso no escritório central?

— Este aqui é só um *back office*. As pessoas trabalham em casa. Esse edifício era principalmente para apoio e almoxarifado.

Não tenho certeza se vou continuar empregado depois que estiver tudo limpo. Para quem você trabalha?

— Para mim mesmo, assim como todo mundo. Então, basicamente, você é um funcionário de apoio que não tem a menor ideia do que faz?

— Me disseram que eu era fundamental na empresa. Você fuma? Se importa que eu fume?

2BZ enrola um cigarro com um cheiro forte demais para ser só tabaco. Cravo ou maconha? Esses garotos fumam todo tipo de mistura e eles devem saber o que estão fazendo.

Peço um também, mas não vou tragar, só ficar meio tonto. Também já usei camisas havaianas.

— Eu tenho algumas ideias sobre isso. É tudo muito básico aqui, não temos muita companhia, só da FedEx e da UPS, então às vezes fico meio doido. Antigamente, o lugar tinha uma fiação completa de som. Amplificadores sequenciais. Saí da Net sem autorização e explodi tudo. Queria ver se eu conseguia quebrar aquelas claraboias.

Ou então ser despedido. Você sabe como todos os psicólogos andam dizendo que as crianças estão chorando para ter disciplina e valores bem definidos? Acho que isso é verdade. Eu sempre tive avaliações positivas, mas o que eu queria mesmo era que alguém entrasse nisso aqui, mandasse desligar a música e começasse a dar ordens.

— Que ideias? — Estou tragando um pouco. Você acha que não vai tragar, mas na prática é muito difícil. Faltam só mais trezentas milhas, portanto eu mereço. Treze mil metros acima do trigo e ninguém vai me encarar. Não que eu saiba.

— Essa máquina detém o recorde mundial de telefonemas aleatórios. Ela também retira frações de centavos das cadernetas de poupança e manda tudo para um banco qualquer nas Ilhas Cayman. E é onde vão parar os correios de voz que são apagados.

— Não brinca.

— Não estou brincando.

— Eles têm máquinas assim. Em bases aéreas desativadas. Nunca acredite quando disserem que uma base aérea foi desativada. O mais provável é que ela tenha sido “recondicionada”.

— É metade do estado. Dirija um pouco pelo Nebraska. É tudo da antiga Força Aérea. Metade da Grande Planície é excedente militar.

Fumamos e contemplamos o cubo. Pensamos nossos pensamentos. Será que é aqui que eles armazenam as milhas antes de nos pagarem?

Um barulho que estremece tudo nos faz virar e olhar um grande portão automático de garagem que sobe pelo trilho, segmento a segmento, e abre metade de uma parede, revelando o Missouri e o oeste de Iowa. Ouvimos os bips de um veículo dando marcha a ré e então vemos o caminhão-plataforma. Ele está tomado por cerca de 12 triângulos laranja e um adesivo de “Inflamável”, talvez de um trabalho anterior. Três operários vêm andando e guiando o motorista com gestos manuais direcionados aos dois espelhos retrovisores, e todos vestem macacões cor de esmeralda com capuzes de cordão e calças arregaçadas bem presas nas botas. Argolas de cabos trançados estão penduradas no caminhão e agora ele está tão perto que temos que dar um passo para o lado. Posso ver pela postura curvada e frágil de 2BZ que ele está testemunhando sua própria obsolescência,

e eu gostaria de conhecer alguém que pudesse dar uma referência a ele. Mas infelizmente minhas recomendações de emprego não têm poder algum; as pessoas sabem que eu trabalho com ATC e que estou sempre tentando vender algum exilado como O Próximo Grande Gênio.

A grua do caminhão-plataforma é movida para cima do cubo e dois outros operários saem do veículo, um deles com um *walkie-talkie*. Pode muito bem haver um helicóptero por ali, mas não consigo ouvir nenhum sinal disso.

Peço o cartão de 2BZ e lhe dou o meu, embora eu tema que ambos estejam desatualizados a essa altura. O cargo dele é — ou era — “Associado”. Agradeço.

— A localização em Calgary é num campus. Estão chamando de campus. Sei que é enorme. Um velho seminário desativado nas redondezas da cidade. Agora não são mais *home-offices*. Estão consolidando tudo.

— Se eu não estiver em nenhum desses números do cartão, tente a central de informações de Polk Center, em Minnesota. Quer que eu escreva para você?

— Vou me lembrar.

— É o que você diz. Vou escrever em outro cartão. Fique com esse.

— Sabe o que eu acho que isso é? Acho que já adivinhei. Ele vai ficar do lado de fora do campus, para receber os visitantes.

Os operários formam um grupo e dois deles erguem um terceiro para o alto, onde ele se estica todo e se curva. Todos manobram algum cabo ou gancho e irradiam um profissionalismo com muito zelo pela segurança. Essa gracinha vai chegar ao Canadá intacta.

— Acho que é uma obra de arte — diz 2BZ. — Arte corporativa. Uma coisa para se colocar bem na frente.

¹ Por extenso, é o mesmo fonema de *Too busy to see you* (Estou muito ocupado para falar com você). (N. do T.)

dezessete



— Embarcando em Omaha — respondo, e com exatidão. Elas me cansaram. É melhor dar a estas mulheres o que elas querem quando me perguntam onde estou.

— Julie raspou todo o cabelo — diz Kara. — Ela vai subir ao altar careca. Pensei que você tivesse dado um jeito nela.

— Meus poderes estão desaparecendo. — É difícil me concentrar. Meu público está se juntando na primeira classe e pretendo me lembrar de todos os seus rostos.

— Como o salmão não chegava nunca — ela continua —, mamãe teve a ideia de defumar um peru colocando uma panela com lascas de madeira molhada no forno, mas na verdade ela queria tocar fogo na casa. Ninguém está me ajudando. Estou numa verdadeira peça de Shakespeare. Felizmente, o extintor de incêndio ainda tinha alguma pressão depois de quatro anos sem manutenção.

— Tammy chegou bem? A madrinha?

— Ela também é shakespeariana. Levou um cano em Detroit, pensando que teria uma passagem de graça, e agora temos que esperar até a meia-noite para ela aparecer com seu rostinho hostil. Tudo para chamar a atenção. Infantil. A melhor amiga dela já está no terceiro marido, ou algo assim, e ela ainda é solteira, não porque seja uma louca devpedra, imagine, que dispensa todo psicólogo que arranjamos quando encontra um fio de cabelo perdido no sofá e por

isso quer usar um spray antibactericida que ela carrega para tudo quanto é lado mas o médico a proíbe, não é porque os pais não puseram um aparelho nela. Ela põe a culpa toda nos dentes, como se os meus fossem melhores. Mas eu sou casada.

Algum dia, quando eu não estiver pagando pela ligação, vou perguntar como foi exatamente que ela conseguiu isso.

— Você ainda está aí?

— Se você quiser me receber no aeroporto, precisa sair de casa agora. E já está atrasada.

— Sua voz — ela diz. — Você está chapado. E eu preciso de você, Ryan. Estou carregando essa cerimônia inteira nas costas e estou fazendo tudo sozinha. Não beba. Acaba com você. Você fica todo esquisito.

— Hoje é um grande dia para mim — digo. Eu os vejo entrar e passar as sacolas de roupa, mexer nos bagageiros e se sentar, mas o público é menor do que eu imaginava e o grupo, menos representativo e mais velho. Eu diria que só um terço está viajando a negócios e vai apreciar inteiramente o meu feito, e que a maioria dos outros é formada por tios e avós que estão viajando para ajudar nos vídeos de nascimento ou para soprar as velinhas, ou então acabaram de fazer tudo isso e estão voltando para casa.

— E amanhã vai ser um dia maior ainda — diz Kara. — Se as pessoas pudessem apenas olhar para dentro de si mesmas por vinte segundos e controlar suas pequenas engrenagens em movimento... Ei, a mamãe quer saber se precisa preparar um quarto para você ou se uma bicama é o suficiente.

— Quero um quarto.

— Eu sabia. Você mandou sua correspondência para cá.

Então é para lá que está indo. As nuvens continuam se dispersando e logo vou poder ver a trajetória inteira, tanto quanto a curvatura da Terra permite. Essa curvatura é uma verdadeira bênção, esse hemisfério oculto — se nós pudéssemos ver tudo de

uma vez, por que se mover? —, e deve ser a razão pela qual uma viagem de ida tem o mesmo preço de uma de ida e volta. Todas acabam sendo de ida e volta, só que algumas são fatiadas em pedaços menores.

— Compre alguma coisa para mamãe, um souvenir. Acho que ela sabe a verdade; que todo esse seu trabalho é uma maneira de evitá-la. Uma fuga.

— Uma pessoa que já foi derrotada duas vezes vai tentar dar certo pela terceira vez amanhã. Dê férias para essa sua sabedoria. E o que aconteceu com o seu “apenas venha para cá?”

— O seguro do presente. Caso você não consiga vir.

— Estamos prontos para taxiar e você precisa sair de casa.

— Já entendi, irmão. Estamos no carro e a caminho. Está ouvindo esses roncos e esses chiados? A família inteira já saiu e deixou a direção para Kara, como sempre. Então, não beba nem uma gota. Não comece a comemorar cedo demais.

— Já estou bebendo. A quilometragem vai mudar em breve.

— Ah, sei.

Ela é a mestra das palavras pequenas, por isso eu fico com as grandes.

— Chegue bem. O tempo aqui está meio ruim. O céu está preto ao sul e um monte de capim e outras coisas estão começando a voar com muita força, na estrada.

Ponho em ordem o meu material enquanto decolamos e subimos. No assento vazio à minha esquerda deixo meu HandStar, que mostra nosso itinerário de voo como uma linha tracejada em sua telinha âmbar do tamanho de um cartão de crédito e programada de um jeito que eu possa avançar o ícone de um jato empurrando um pininho. Fort Dodge, em Iowa, é a marca, como sempre foi — eu gosto desse nome —, e embora seja apenas uma estimativa, é claro, e eu já possa até ter ultrapassado a marca, sempre fiquei muito à vontade com imprecisão quando a serviço da consciência suprema.

Se formos contar os anos bissextos e as oscilações do cosmos, o dia do nosso aniversário não é o dia do nosso aniversário, e sim o de outra pessoa, e os três reis magos passariam direto por Belém se saíssem de casa hoje e se guiassem pelas velhas estrelas.

Depois, tiro do bolso a câmera descartável que comprei numa lojinha no aeroporto McCarran hoje de manhã. Ela não tem flash e eu me pergunto se preciso, afinal, como um lugar pode ser mais iluminado que esse aqui? Vou deixar que outra pessoa bata a foto, não sei exatamente quem, embora vá ser um dos empresários, naturalmente, de maneira que o fotógrafo saiba o que está comemorando, o tamanho, o peso e o volume e vá se certificar de fazer o enquadramento certo e segurar firme e não deixar a ponta do polegar aparecer na lente. Vou querer pelo menos cinco fotos de ângulos diferentes, uma delas exatamente por trás de mim, do meu cabelo, que é a maneira pela qual a maioria dos outros passageiros geralmente me vê, e como os vejo. Se o sol estiver forte demais, abaixo a janela — se bem que agora, quando o ícone do avião passa pelo limite estadual e as verdadeiras nuvens escuras começam a se juntar, vejo que não terei problemas com o sol, que não é nada a não ser uma coroa sobre uma massa de nuvens escuras.

E é claro que eu também separo o conto meloso que escrevi depois que ele morreu e antes do meu triste período sabático, estudando o verdadeiro significado das músicas de trem. Depois que os outros estudantes terminaram de estraçalhar o conto, eu o coloquei no bolso do meu paletó de viagem, onde ele ficou amarelando e amolecendo desde então. Agora nem lembro mais como é a história, só sei que a escrevi na noite em que compreendi que remar os incompreendidos e indesejados através das águas profundas não era o que meu coração queria e que precisava de um limite, um sinal de pare. A noite em que arquitetei todo esse plano, seja lá onde foi, na hidromassagem de algum Homestead Suites, com um copo de cerveja gelada na banheira que caiu e quebrou quando

peguei nele com a mão ensaboada. Tive que sair e me enxugar e esvaziar a banheira e tatear os cacos, porque o vidro era transparente.

— Desculpe, eu estava lá atrás, na poltrona errada. Essa aqui, cheia de coisas, é a minha, imagino.

É uma voz que só ouvi em meus sonhos, e neles ela era uma oitava mais baixa e se parecia muito com a voz que meu pai tinha aos 50 anos, quando ele se candidatou a deputado pela primeira vez e passou a não lidar mais diretamente com a distribuição do gás propano, o que estimulou um competidor implacável com sede na distante St. Paul, mas que estava se expandido para o oeste. Já o rosto, o conheço dos retratos de sua revista. Agora posso ver que a pele jovem banhada pelo sol de quem joga golfe e tênis, que eu gostava de pensar que fosse retocada na câmara escura, é ainda mais atraente pessoalmente. As rugas de preocupação em volta dos olhos, porém, são novas e existe um toque um tanto azedo em seu hálito — de fracasso, de abatimento e de trabalhar para si mesmo.

Recolho minhas coisas e coloco tudo na bolsa da poltrona e começo a me levantar, mas ele me pede para não sair do lugar.

— Hoje, você é o cara. Está no seu trono. Não se mexa. Sou Soren. Eu me sinto como se já nos conhecêssemos, Ryan. Christine, uma garrafa de vinho branco.

Nada dessas miniaturas mesquinhas.

— Sim, senhor.

— Gelado, e não morno.

— Não temos desse tipo, senhor. — Uma piada entre os dois.

Todo mundo sabe que o serviço caiu e ninguém, nem mesmo o chefe, sabe o que fazer. Ele ganha mais dinheiro e tem um chuveiro em sua sala, mas de resto, está no mesmo barco que todos nós.

Morse se ajeita ao meu lado e nos cumprimentamos e depois nos esticamos um pouco e nossos cotovelos se tocam. Ele tira o braço primeiro e deixa o meu descansar.

O avião passa por cima do que parece um cascalho nas nuvens e estremece um pouco, e copos caem nas bandejas.

— Pela forma como nossos maiores gênios matemáticos calcularam — ele diz —, a partir de hoje você é o número 10. Meus parabéns. Percebo que você esperava um almoço particular, mas essa vai ter que ser nossa comemoração, aqui e agora. O conselho da empresa e eu chegamos a um acordo semana passada e eu saio no dia 6 de outubro. Dessa maneira, é mais significativo.

Compartilhando o momento em si.

— É. — Estou de volta à maneira como começou, com monossílabos. Mas eles traduzem exatamente o que quero dizer.

— Engraçado. Nós erramos na contagem antes... — Christine chega com uma garrafa, copos, guardanapos, e, enquanto destravamos as mesinhas, ocorrem novos sacolejos e depois um vácuo atmosférico traiçoeiro que demora apenas um segundo mas desequilibra a bela Christine e a obriga a se agarrar no canto da poltrona de Morse. Os copos tilintam em sua mão e um guardanapo sai voando e pousa na perna do patrão.

— Pensávamos que a grande viagem seria entre Billings e Denver — ele diz. — Tínhamos uma festa montada na sala da tripulação. Mandamos um recado, mas acho que os alto-falantes não estavam muito bons. Só que como nossa estimativa estava errada, isso não foi problema.

Esse homem agora está desempregado. O próximo passo dele não vai ser para cima. Tudo acaba na hora em que lhe comunicam, e não na hora em que você sai.

— Aconteceu a mesma coisa em Reno, esta semana — eu digo. Christine está toda torta, mas não devia estar em pé, não com a luz do cinto de segurança acesa.

Acabou de acender.

— Eu não sei...

Dessa vez, vem um grande sacolejo pela lateral, como um tubarão sacudindo carne na mandíbula. Nossas taças cheias escorregam na minha direção, mas conseguimos detê-las de um jeito ou de outro. Um Chablis quente derrama em cima da minha manga e Morse e Christine trocam um olhar que não reflete a relação entre senhor e empregada, mas de igual para igual. De alguma maneira, essa visão me deixa mais alarmado que qualquer outra coisa. Christine se move para a frente agarrando os encostos das poltronas, não para seu assento dobrável, mas para a cabine do piloto, fechando a porta a tempo de mais um sacolejo lateral, embora esse dê uma arfada maior e mais forte. A água corre na diagonal pela janela oval, que depois fica toda branca e embaçada, enquanto as rajadas de vento lançam gotas direto no plástico. Para trás, para baixo e para a frente, o que se vê são luzes verdes e brancas, sem raios, mas com tudo enevoadado. Morse afivela o cinto de segurança e eu também. A visão de um homem da sua estatura, ou da sua antiga estatura, amarrado pelas pernas e tentando aumentar o cinto pela fivela, me desorienta mais que a turbulência.

O capitão fala alguma coisa e, como de hábito, minimiza a situação, e eu posso ver os pulsos de Morse molhados e o desejo tolhido de gritar com alguém e exigir resultados imediatamente, mas o olhar amuado e espantado parece até infantil nessas circunstâncias, e Morse sabe disso, aparentemente, e não me olha nos olhos, mas mentalmente se fecha em seu escritório, se recusando a atender ao telefone. Levamos outro baque e aí começamos a descer aos trancos por uma escada que precisa terminar em algum lugar, mas insiste em continuar descendo e então passamos a uma nova subida, ainda mais íngreme, e minha taça de vinho solta uma coluna de líquido sólido que permanece no ar bem diante dos meus olhos e inclusive mostra suas partículas internas.

Nosso leme se equilibra, mas é só um truque em que ninguém acredita. No entanto, o equilíbrio permanece, só para nos torturar,

embora nivelamento seja nivelamento, venho a perceber depois, e normal é a situação mais comum, então por que duvidar do que é normal? Foi o normal que nos trouxe até aqui. Também há mais luz agora, tanto embaixo como à frente, e a luz de alguma maneira fala de um jeito mais confiável do que o nivelamento sobre as perspectivas de continuar assim.

Morse desafiava o cinto para nos mostrar que está completamente de volta à liderança e se sentindo confortável, porque em circunstâncias normais suas ordens têm que ser obedecidas e seu humor é que marca o passo. O episódio já passou, declara o seu rosto, e ele já está revisando a gravidade do que aconteceu e contando a si mesmo uma história de que seu controle jamais foi interrompido.

Sua companhia aérea não só mente para os consumidores como também para si mesma. Estamos estabilizados agora, como sempre estivemos.

— Christine, mais dois copos. Esses aqui derramaram tudo — ele diz. — Leve-os, por favor.

Já está escondendo as provas. A continuidade já o colocaria de volta no leme, mas ele não quer isso, embora logo vá ter que dar mais duro para ficar sozinho, quando estiver refrescando a cabeça num escritório no Distrito de Columbia como mais um lobista do setor pela aviação, ou sempre que um jogo de beisebol for transmitido pela televisão, enquanto ele estiver em casa com sua amante mais nova e jovial depois de um longo dia na fila dos caminhões ou no distribuidor regional de comida congelada. Eu não. Eu sei quando atravessamos um período difícil, em que orações silenciosas foram declamadas prometendo grandes mudanças — as mesmas mudanças que todo mundo estava prometendo, estando totalmente cientes de que vamos descumpri-las no momento em que pousarmos em segurança.

Agora já dá para ver o solo entre os discos brancos de nuvens que fazem a forma que quatro pratos de jantar fariam se empurrados uns contra os outros numa mesa.

O padrão se repete e se repete, e, pelas aberturas que têm a forma de diamantes perfeitos com os lados curvados para dentro, percebo que não estamos mais sobrevoando o Oeste. Já posso ver os campos verdes e as plantações de bordo quebrando o vento. Existe, definitivamente, uma longitude norte-americana que divide os algodoeiros e as ásperas árvores do deserto do bordo molhado lançando suas sombras — e nós acabamos de passar por ela.

Olho no relógio para confirmar, mas não é necessário. O ícone do avião já passou há muito por Fort Dodge e em mais alguns minutos vamos estar em cima de Kara, lançando uma sombra sobre seu carro, rumo ao leste. O que significa que eu perdi o momento exato, como estava fadado a perder. Mas cruzei a linha. Passo a Morse a câmera barata e o instruo a me fotografar de frente, de trás e dos lados, embora evidentemente ele não possa ficar sobre a asa e me fotografar daquele lado. Como minha família é gentil de ir me buscar. Será que eles vão ser capazes de ler no meu rosto? Morse parece um idiota clicando aquele botãozinho. Valeu a pena ver isso.

— De baixo — eu digo. Vou caminhar pelos corredores do aeroporto com minhas botas e vê-los todos no portão, onde ficaram me esperando, ainda que eu me pergunte por quê. Será que vamos nos aguentar uma semana juntos? Nós bem poderíamos. Todo mundo está exausto e a exaustão acalma. De qualquer maneira, agora é só uma fábula.

Gastamos toda a nossa substância verdadeira. Numa fábula, você encontra novos recursos, novos poderes. Você pega um animal e assume a forma dele.

Morse acaba com o filme e me pede licença: ele precisa dar uma olhada na cabine do piloto e exercer o que ainda restou da sua autoridade. Mais duas semanas e os pilotos vão encerrar as

atividades desta empresa. Ele está saindo na hora certa, e eu também.

— Minhas milhas vão para os hospitais infantis — eu digo.

— Isso é ótimo. Que belo gesto. Deveríamos noticiar isso. Vou contatar a assessoria de imprensa quando pousarmos. Está falando sério?

— Não cite meu nome. Nada de nomes. E não é um gesto. Mal se pode chamar de caridade. Eu mesmo estou doente, e não vou poder usá-las. E além do mais, já estive em todos os lugares para onde vocês voam.

É claro que eu tive ataques. Por que ocultar isso por mais tempo? Um depois do outro, alguns leves, outros não, mas nada que alguém comente se estiver empregado — e eu não arranjei o emprego perfeito? Perfeito demais. Minha família sabe, mas aprendemos a não discutir esse assunto. Começou quando o carro estava no lago. Tentamos usar remédios, e alguns funcionaram melhor do que outros, mas o melhor foi reduzir o nível daquilo que não era considerado um ataque. E esquecer. Eu não estou aqui quando tenho um ataque, então, realmente, o que devo dizer? Como posso lhe contar um segredo do qual nada sei? Entretanto, os intervalos entre eles estão diminuindo.

Todos os sinais revelam isso. As lacunas mentais estão aumentando. Marquei minhas visitas à clínica Mayo antes da viagem, e lá tem equipamentos excelentes, então vamos ver... Vou de carro sozinho até a Mayo, caso as notícias não sejam boas.

Só tem mais uma coisinha para tudo estar completo. Passo meu cartão de crédito pela abertura do aerofone. Sinto que a conta está sendo sangrada em diversos continentes, mas logo dá linha tudo de que preciso. Disco meu próprio número e ligo para o correio de voz, e então aperto mais botões para chegar à pequena mensagem que gravei...

quando foi mesmo? Há três semanas? Ou será que foram quatro? Foi depois que vi o especialista de Houston, o que eu nunca citei, já que ninguém nunca me perguntou.

— Você conseguiu — diz a mensagem, para depois gravar minha resposta.

— Nós conseguimos — eu digo. Só isso. Nada mais. — Nós conseguimos.



FIM